

A decorative border with intricate floral and scrollwork patterns in a dark green color, framing the entire page.

Na Toca do Leão

Ken Follett

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Na Toca do Leão

Ken Follett

Thriller clássico de

Ken Follett



NA TOCA DO LEÃO

Do autor de
**A Chave de
Rebecca**

 **leLivros**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site:

[LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

KEN FOLLETT

(1949)

Na Toca do Leão

Título original americano

LIE DOWN WITH LIONS

1985

Tradução

A.B. PINHEIRO DE LEMOS

Record

KEN FOLLETT

Na Toca do Leão

Tradução de A.B. PINHEIRO DE LEMOS

EDITORA RECORD

Título original americano

LIE DOWN WITH LIONS Copy right

© 1986 by Holland Copy right Corporation B.V.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 □ 20921 Rio de Janeiro, RJ □ Tel: 580-3668

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Im presso no Brasil

Sinopse

Há um vale no Afeganistão rodeado de montanhas agrestes. Seu nome é Vale dos Cinco Leões, lugar de que falam as mais antigas lendas, onde homens e costumes permanecem inalteráveis desde tempos imemoriais. É aí que Ken Follett apresenta este seu novo e espetacular romance, com uma história exótica de espionagem, intriga internacional e momentos perigosos.

Um jovem inglesa, um médico francês e um viajante americano têm, cada um deles, motivos próprios para irem ao Afeganistão, onde os nativos das montanhas vivem uma guerra de guerrilhas contra os invasores russos. Jean-Pierre traz cuidados médicos aos afegãos, sua mulher Jane, que está grávida, presta ajuda e oferece conselhos às mulheres carentes da região, e Ellis, o americano, traz uma mensagem destinada a Masud. Mas primeiro ele precisa chegar a Masud, o lendário líder dos guerrilheiros afegãos, porque os russos também querem achá-lo. Vivo ou morto.

A morte se esconde em ninhos camuflados, enquanto um frio comandante russo planeja usar sua própria arma secreta. Enquanto isso, no Vale dos Cinco Leões, uma bonita e corajosa mulher se vê casualmente frente a frente com uma traição, que a obriga a tomar uma decisão terrível.

Follett apresenta as situações mais caçadoras com o só ele poderia fazer, narrando uma caçada humana em que o alvo é um casal com uma criança de colo, em fuga através de uma montanha intransponível, equilibrando-se em penhascos cobertos de gelo, perseguidos por helicópteros inimigos, vivendo momentos que evocam todos os nossos pesadelos.

O autor

Ken Follett nasceu em Cardiff, País de Gales, em 1949. Fez seus estudos superiores no University College, em Londres, e começou sua vida profissional com o repórter do South Wales Echo, transferindo-se mais tarde para o Evening News, de Londres. Seu primeiro sucesso internacional se deu com o romance O Buraco da Agulha, que lhe valeu o cobiçado Prêmio Edgar, concedido em 8 pelos Escritores de Mistério da América, livro transformado em versão cinematográfica de sucesso. São também de sua autoria os romances A Chave de

Rebeca, O

Hom em de São Petersburgo, Triângulo e O voo da Águia. Em co-
autoria com três j ornalistas franceses, que se esconderam sob o *nom*
de plume Rene Louis Maurice, Ken Follett escreveu igualm ente O
Roubo Perfeito, a história extraordinária do m aior roubo de banco de
todos os tem pos. A Record tem sido a editora exclusiva de seus livros
no Brasil. Depois de residir em Grasse, na França, Ken Follett vive hoj
e, com a m ulher e os filhos do casal, na capital inglesa.

Nota

Há várias organizações reais que enviam m édicos voluntários ao
Afeganistão, m as Médecins pour la Liberté é fictícia. Todos os locais
descritos neste livro são reais, à exceção das aldeias de Banda e Darg,
que são fictícias. Todos os personagens são fictícios, à exceção de
Masud.

Em bora eu tenha tentado fazer o am biente autêntico, esta é um a
obra da im aginação e não deve ser encarada com o um a fonte de
inform ações infalíveis sobre o Afeganistão ou qualquer outra coisa.
Os leitores que deseje rem saber m ais encontrarão um a relação de
obras indicadas ao final do livro.

K. F.

Para Barbara

*** Parte Um ***

Capítulo 1

Os hom ens que queriam m atar Ahm ed Yilm az eram sérios.
Estudantes turcos exilados, vivendo em Paris, j á haviam assassinado
um adido da em baixada turca e j ogado um a bom ba na casa de um
alto executivo da Turkish Airlines. Escolheram Yilm az com o o
próxim o alvo porque ele era um rico partidário da ditadura m ilitar e
porque, convenientem ente, residia em Paris.

Sua casa e escritório eram bem guardados, a lim usine Mercedes
blindada, m as os estudantes estavam convencidos de que todo hom
em tem um ponto fraco, que geralm ente é o sexo. E no caso de Yilm
az eles estavam certos. Duas sem anas de vigilância revelaram que
Yilm az saía de casa duas ou três noites por sem ana, guiando a cam
inhonete Renault que os em pregados usavam para fazer com pras, e
seguia para um a rua secundária no 15º Distrito, a fim de visitar um a

linda e j ovem turca, que estava apaixonada por ele.

Os estudantes resolveram pôr um a bom ba no Renault enquanto Yilm az estava trepando.

Eles sabiam onde obter os explosivos: de Pepe Gozzi, um dos muitos filhos do chef ao curso Mem e Gozzi. Pepe era um traficante de armas. Vendia a qualquer um, mas preferia os clientes políticos, reconhecendo alegremente que "os idealistas pagam preços mais altos". E já ajudara os turcos em seus dois atentados anteriores.

Havia um obstáculo ao plano de instalar a bomba no carro. Geralmente Yilm az saía sozinho do apartamento da mãe... mas nem sempre. Às vezes ele a levava para jantar fora. E

muitas vezes ela pegava o carro e voltava meia hora depois, com pão, frutas, queijos e vinho, obviamente para um banquete íntimo. Em outras ocasiões, Yilm az voltava para casa de táxi e deixava o carro com a mãe por um ou dois dias. Os estudantes eram românticos, com todos os terroristas, e relutavam em correr o risco de matar uma bela mulher cujo único crime, facilmente perdoável, era o de amar um homem indigno de sua paixão.

Eles discutiram o problema de uma maneira democrática. Tomavam todas as decisões por voto e não aceitavam líderes; mesmo assim, havia um cujo a personalidade forte o tornava dominante. Era Rahmi Coskun, jovem bonito e impetuoso, com um enorme bigode e um brilho nos olhos de quem estava fadado à glória. Foram sua energia e determinação que levaram à execução dos dois projetos anteriores, apesar dos problemas e riscos. Rahmi propôs a consulta a um perito em bombas.

Os outros a princípio não gostaram da ideia. Em quem poderiam confiar, indagaram.

Rahmi sugeriu Ellis Thaler. Era um americano que se intitulava poeta, mas que na verdade ganhava a vida dando aulas de inglês e que aprendera tudo sobre explosivos com o recrutado no Vietnã. Rahmi o conhecia há cerca de um ano; os dois trabalharam juntos num jornal revolucionário de vida curta, chamado Chãos, assim como também organizaram juntos uma noite de poesia com a finalidade de levantar fundos para a Organização de Libertação da Palestina. Ele parecia compreender a raiva de Rahmi pelo que se estava fazendo com a Turquia e seu ódio pelos bárbaros responsáveis.

Alguns dos outros estudantes também conheciam Ellis ligeiramente,

pois ele participara de diversas manifestações. Supunham -no um estudante de pós-graduação ou um jovem professor. Ainda assim , relutaram em admitir na conspiração alguém que não era turco; mas Rahmi insistiu e por fim os outros consentiram .

Ellis ofereceu prontamente uma solução para o problema: a bomba teria um artefato de

controle por rádio. Rahmi ficaria numa janela em frente ao prédio da escola ou num carro estacionado, observando o Renault. Teria um pequeno transmissor de rádio, do tamanho de um maço de cigarros, do tipo usado para se abrir portas automáticas de garagem sem precisar sair do carro. Se Yilmaz entrasse sozinho no carro, com o quase sem pre acontecia, Rahmi apertaria o botão do transmissor, ativando um interruptor na bomba, que seria então armada e explodiria no instante em que o motor fosse ligado. Mas se a escola entrasse no carro, então Rahmi não apertaria o botão e ela poderia partir na ditosa ignorância. A bomba não ofereceria qualquer perigo enquanto não fosse armada.

□ Sem botão não há explosão □ disse Ellis.

Rahmi gostou da ideia e perguntou se Ellis colaboraria com Pepe Gozzi na fabricação da bomba. Claro, respondeu Ellis.

Havia porém mais um problema.

Tenho um amigo que quer conhecer vocês dois, Ellis e Pepe, disse Rahmi. Para ser franco, ele tem de conhecer vocês, caso contrário a operação está cancelada; pois é esse amigo que nos dá o dinheiro para explosivos e carros, subornos e armas, para tudo enfim . Por que ele quer nos conhecer?, indagaram Ellis e Pepe.

Ele precisa ter certeza de que a bomba vai funcionar e quer saber se pode confiar em vocês, explicou Rahmi, em tom de desculpa. Só precisam mostrar a bomba a ele, explicar como funciona, apertar sua mão, deixar que fite os dois nos olhos. É pedir demais, para o homem que está tornando tudo possível? Por mim está bem , disse Ellis.

Pepe hesitou. Queria o dinheiro que ganharia na operação □ sem pre queria dinheiro, com o porco sem pre quer o cocho, mas detestava conhecer novas pessoas.

Ellis arguiu então. Esses grupos de estudantes desabrocham e morrem com o mim osas na primavera, não demora muito para que Rahmi

saía de cena. Mas se você conhecer o "am igo", então poderá continuar a fazer negócios com ele m esm o depois de Rahm i sum ir.

Tem razão, concordou Pepe, que não era um gênio, m as podia absorver os princípios gerais dos negócios, se fossem explicados com sim plicidade.

Ellis com unicou a Rahm i que Pepe aceitara. Rahm i m arcou um encontro para o dom ingo seguinte. Ellis acordou naquela m anã na cam a de Jane. E acordou abruptam ente, sentindo-se assustado, com o se saísse de um pesadelo. Lem brou-se um m om ento depois do m otivo pelo qual estava tão tenso.

Olhou para o relógio. Ainda era cedo. Repassou m entalm ente o plano. Se tudo corresse bem , hoj e seria a conclusão triunfante de m ais um ano de trabalho paciente e cuidadoso. E

poderia partilhar o triunfo com Jane, se ainda estivesse vivo ao fim do dia.

Ellis virou a cabeça para contem plá-la, m exendo-se devagar para não despertá-la. Seu coração se acelerou, com o sem pre acontecia quando lhe via o rosto. Ela estava deitada de costas, o nariz arrebitado apontando para o teto, os cabelos escuros espalhados pelo travesseiro, com o as asas estendidas de um pássaro. Ellis contem plou a boca larga, os lábios cheios, que o beij avam com tanta frequência e com tanto ardor. O sol da prim avera revelava a penugem loura em suas faces □ sua barba, dizia ele, quando queria provocá-la. Era um prazer excepcional vê-la assim , em repouso, o rosto relaxado e sem qualquer expressão. Norm alm ente ela era anim ada □ rindo, franzindo o rosto, fazendo um a careta, dem onstrando surpresa, ceticism o ou com paixão. A expressão m ais com um era um sorriso m alicioso, com o o de um garotinho travesso que acaba de

com eter um a brincadeira particularm ente levada.

Só quando dorm ia ou se concentrava em algum pensam ento é que Jane ficava assim ; contudo, era com o ele m ais a am ava, pois agora, quando ela se m ostrava indefesa e desinibida, sua aparência insinuava a sensualidade lânguida que ardia logo abaixo da superfície, com o um fogo subterrâneo, lento e quente. Quando a via assim , suas m ãos ansiavam em tocá-la.

O que o surpreendera. Quando a conhecera, pouco depois de chegar a Paris, Jane lhe parecera a ativista típica que sem pre se encontrava entre os j ovens e os radicais nas grandes cidades, presidindo com itês

e organizando cam panhas contra o apartheid e pelo desarm am ento nuclear, liderando m archas de protestos por El Salvador e a poluição das águas, levantando dinheiro para a população fam inta do Chade e tentando prom over um j ovem e talentoso cineasta.

As pessoas sentiam -se atraídas por sua aparência, cativadas por seu charm e e energizadas por seu entusiasmo. Ellis saíra com ela um as poucas vezes, apenas pelo prazer de observar um a m oça bonita estraçalhar um bife suculento; e depois □ ele não podia lem brar exatam ente com o

□ descobrira que dentro daquela garota excitada havia um a m ulher ardente, e se apaixonara por ela.

Correu os olhos pelo pequeno apartam ento. Contem plou com satisfação os obj etos pessoais fam iliares que davam ao lugar a m arca de Jane: um lindo abaj ur, feito de um pequeno vaso chinês; um a estante com livros sobre econom ia e a pobreza no m undo; um sofá grande e m acio, em que se podia afundar; um a fotografia do pai, um hom em bonito, num paletó j aquetão, provavelm ente tirada no início dos anos 60; um a pequena taça de prata que ela conquistara com seu pônei Dandelion, há dez anos.

Ela estava então com 13 anos, pensou Ellis, enquanto eu tinha 23; e quando ela ganhava com petições com seu pônei em Ham pshire, eu estava no Laos, instalando m inas na Trilha Ho Chi Minh.

Quando ele conheceu o apartam ento, quase um ano antes, Jane acabara de se m udar para lá, vinda dos subúrbios. Era então bem despoj ado: um pequeno quarto de sótão, um a quitinete, um chuveiro num boxe, um lavabo no fundo do corredor. Gradativam ente, ela transform ara um a m ansarda som bria num ninho aconchegante. Ganhava um bom salário com o intérprete, traduzindo francês e russo para o inglês. Mas o aluguel tam bém era alto □ o apartam ento ficava perto do Boulevard St. Michel e por isso ela com prara com cuidado, poupando o dinheiro para a m esa de m ogno certa, a cam a antiga e o tapete Tabriz. Era o que o pai de Ellis cham aria de um a dam a de classe. Vai gostar dela, papai, pensou Ellis. Vai ficar m aluco por ela.

Virou de lado, ficando de frente para ela, e o m ovim ento despertou-a, com o sabia que aconteceria. Os enorm es olhos azuis de Jane contem plaram o teto por um a fração de segundo, depois ela fitou-o, sorriu e aninhou-se em seus braços.

□ Oi □ m urm urou Jane.

Ellis beijou-a e sentiu uma ereção no mesmo instante. Continuaram assim, com o estavam, enlaçados, mesmo adormecidos, beijando-se de vez em quando; depois, Jane passou uma perna pelos quadris de Ellis e começaram a fazer amor, languidamente, sem falar.

Ao se tornarem antes e começaram a fazer amor de manhã e à noite, muitas vezes no mesmo dia da tarde também, Ellis presumiu que tanto tempo não duraria muito e que depois de alguns dias, talvez um ou duas semanas, a novidade se desgastaria e passariam para a média

estatística de duas vezes e meia por semana ou qualquer coisa assim. Mas se enganara. Um ano depois, ainda trepavam com o se estivessem em lua-de-mel.

Ela estendeu-se por cima de Ellis, deixando que todo o seu peso repousasse sobre o corpo dele. Sua pele úmida aderiu a dele. Ellis passou os braços por seu corpo pequeno e com primívia, enquanto ela penetrava ainda mais fundo. Ela sentiu que o orgasmo de Ellis estava chegando, levantou a cabeça e fitou-o, depois beijou-o com a boca aberta, enquanto ele gozava dentro dela.

No instante seguinte ela soltou um gemido baixo e estridente, e Ellis sentiu-a gozar, um orgasmo prolongado, gentil e ondulado de manhã de domingo. Ela continuou por cima dele, ainda mesmo adormecida. Ellis afagou-lhe os cabelos. Depois de algum tempo, ela mexeu-se e murmurou: □

Sabe que dia é hoje? □ Domingo.

□ É o seu domingo de fazer o almoço.

□ Eu não tinha esquecido.

□ Ótimo. □ Houve uma pausa. □ O que vai fazer para mim? □ Bife, batatas, ervilhas, queijo de cabra, morangos com creme e chantilly. Jane levantou a cabeça, rindo.

□ Mas é o que você sempre faz! □ Não é não. Na última vez tivemos os petiscos.

□ E na vez anterior você esqueceu, e por isso saímos para comer fora. Que tal algum tipo de variedade em sua cozinha? □ Ei, espere um pouco. O combinado foi que cada um faria o almoço em domingos alternados. Ninguém disse coisa alguma sobre fazer um almoço diferente a cada vez.

Ela tornou a arriar por cima dele, sim ulando derrota. O trabalho naquele dia estivera no fundo da mente de Ellis durante todo o tempo. Precisaria da ajuda inconsciente de Jane, e aquele era o momento de pedi-la.

□ Tenho de me encontrar com Rahmi esta manhã □ com ele.

□ Está certo. Irei me encontrar com você depois, em seu apartamento.

□ Há uma coisa que você poderia fazer por mim, se não se incomodar de chegar lá um pouco mais cedo.

□ O que é?

□ Faça o almoço. Não! Não! Eu estava apenas brincando. Quero sua ajuda numa pequena conspiração.

□ Continue.

□ Hoje é aniversário de Rahmi e seu irmão Mustafa está em Paris. Mas Rahmi não sabe.

-se tudo der certo, pensou Ellis, nunca mais me tirei para você. □ Quero que Mustafa apareça de surpresa na festa de aniversário de Rahmi. Mas vou precisar de uma cúmplice.

□ Estou no jogo. □ Jane saiu de cima dele e sentou na cama, cruzando as pernas. Os seios eram como maçãs, suaves, redondos e firmes. As pontas dos cabelos roçavam nos ombros. □ O

que tenho de fazer?

□ A coisa é simples. Preciso avisar a Mustafa para onde deve ir, mas Rahmi ainda não decidiu onde quer comer. Por isso, só poderei dar o recado a Mustafa no último minuto. E Rahmi provavelmente estará ao meu lado quando eu telefonar.

□ Qual é a solução?

□ Liguei para você. Falarei uma porção de bobagens. Ignore tudo, meus endereços. E

depois ligue para Mustafa, com um endereço e explique a ele como chegar lá.

Tudo parecia perfeito quando Ellis concebera, mas agora a impressão

era de ser um a

coisa totalm ente im plausível. Mas Jane aparentem ente não ficou desconfiada e com entou: □

Parece bem sim ples.

□ Ótim o □ disse Ellis bruscam ente, disfarçando o seu alívio.

□ E depois que telefonar, quanto tem po você vai dem orar para voltar?

□ Menos de um a hora. Quero esperar para ver a surpresa, m as não vou alm oçar com eles.

Jane assum iu um a expressão pensativa.

□ Eles convidaram você, m as não a m im .

Ellis deu de om bros. □ É um a com em oração m asculina.

Ele pegou o bloco de anotações na m esinha de cabeceira e escreveu Mustafa e o núm ero do telefone.

Jane saiu da cam a e foi até o boxe do chuveiro. Abriu a porta e a torneira. Seu ânim o m udara. Não estava m ais sorrindo.

Ellis perguntou: □ Por que está zangada?

□ Não estou zangada, m as às vezes não gosto da m aneira com o seus am igos m e tratam .

□ Você sabe com o os turcos são com as garotas.

□ Exatam ente... garotas. Eles não se im portam com m ulheres respeitáveis, m as eu sou um a garota.

Ellis suspirou.

□ Você não é de se incom odar com atitudes pré-históricas de alguns chauvinistas. O que está realm ente tentando m e dizer? Ela refletiu por um m om ento, de pé, nua, ao lado do chuveiro.

Era tão deslum brante que Ellis sentiu vontade de fazer am or outra vez. Jane finalm ente explicou:

□ Acho que estou querendo dizer que não gosto da m inha posição.

Estou com prom etida com você, todos sabem disso... não durm o com m ais ninguém , nem m esm o saio com outro hom em ...

m as você não está com prom etido com igo. Não vivem os j untos, não sei onde você vai ou o que faz na m aior parte do tem po, não conhecem os os pais um do outro... e as pessoas sabem de tudo isso e m e tratam com o um a vagabunda.

☐ Você está exagerando.

☐ É o que você sem pre diz.

Jane entrou no boxe e bateu a porta. Ellis pegou o aparelho de barba no estoj o guardado na gaveta e foi se barbear na pia da cozinha. Já haviam tido aquela discussão antes, m uito m ais prolongada, ele sabia o que havia por trás: Jane queria que vivessem j untos.

Ele tam bém queria, é claro; queria casar com ela, viver ao seu lado pelo resto da vida.

Mas tinha de esperar até que aquela operação term inasse. Mas não podia dizer isso a ela, e por isso se lim itava a m urm urar coisas com o Não estou preparado e Preciso de m ais algum tem po, e as evasivas deixavam Jane furiosa. Ela achava que um ano era m uito tem po para am ar um hom em sem arrancar-lhe qualquer tipo de com prom isso. E estava certa, é claro. Mas se tudo corresse bem naquele dia, Ellis poderia acertar o problem a de um a vez por todas.

Ele acabou de fazer a barba, enrolou a navalha num a toalha e guardou de volta na gaveta.

Jane saiu do chuveiro e ele tom ou seu lugar. “Não estão os nos falando”, pensou Ellis; “isso é um a tolice”.

Enquanto ele estava no chuveiro, Jane fez café. Ellis vestiu-se depressa, pondo um j eans desbotado e um a cam isa de m alha preta, foi sentar em frente a ela, no outro lado da m esinha de

m ogno. Jane serviu-lhe café, dizendo: ☐ Quero ter um a conversa séria com você.

☐ Está bem ☐ Ellis apressou-se em responder. ☐ Vam os deixar para a hora do alm oço.

☐ Por que não agora? ☐ Não tenho tem po.

□ O aniversário de Rahm i é m ais im portante do que o nosso relacionam ento?

□ Claro que não. □ Ellis percebeu o tom de irritação em sua própria voz e um a advertência aflorou-lhe na m ente: Sej a gentil ou pode perdê-la. □ Mas eu prom eti, e o cum prim ento das prom essas é im portante. Mas não parece tão im portante assim se tem os esta conversa agora ou m ais tarde.

O rosto de Jane assum iu um a expressão determ inada, obstinada, que Ellis j á conhecia: ela a exhibia quando tom ava um a decisão e alguém tentava desviá-la de seu cam inho.

□ É im portante para m im que tenham os esta conversa agora.

Por um m om ento, Ellis sentiu-se tentado a contar toda a verdade im ediatam ente. Mas não fora assim que planej ara. Dispunha de pouco tem po, sua m ente se achava concentrada em outra coisa, ainda não estava preparado. Seria m uito m elhor deixar para depois, quando am bos estivessem relaxados e ele pudesse dizer que seu trabalho em Paris j á fora concluído.

□ Acho que você está sendo tola e não m e deixarei intim idar, Jane. Por favor, vam os deixar para conversar depois. Tenho de ir agora.

Ele levantou-se. Enquanto se encam inhava para a porta, Jane disse: □ Jean-Pierre convidou-m e para acom panhá-lo ao Afeganistão.

Era algo tão inesperado que Ellis teve de pensar por um instante, antes de poder absorver a inform ação. E depois indagou, incrédulo: □ Está falando sério? □ Estou, sim .

Ellis sabia que Jean-Pierre estava apaixonado por Jane. O m esm o acontecia com m eia dúzia de outros hom ens, o que era inevitável com um a m ulher com o ela. Só que nenhum dos hom ens era um rival sério; ou pelo m enos ele pensara que não, até aquele m om ento. Ellis com eçou a recuperar o controle e perguntou: □ Por que você haveria de querer visitar um a zona de guerra em com panhia de um bobalhão? □ Isto não é brincadeira! □ protestou Jane, com veem ência. □ Estou falando sobre a m inha vida! Ele sacudiu a cabeça, ainda incrédulo. □ Você não pode ir para o Afeganistão.

□ Por que não? □ Porque m e am a.

□ Isso não m e deixa à sua disposição.

Pelo m enos ela não dissera “Não am o, não”. Ellis olhou para o relógio. Era um a situação absurda: dentro de poucas horas diria a ela tudo o que estava querendo ouvir.

□ Não é isso que estou querendo, Jane. Estam os falando sobre o nosso futuro e não é um a conversa que possa ser precipitada.

□ Não vou esperar eternam ente.

□ Nem eu estou pedindo que espere eternam ente. Só lhe peço m ais algum as horas. □ Ele afagou-lhe o rosto. □ Não vam os brigar por causa de um as poucas horas.

Jane levantou-se e beij ou-o na boca, com força. Ellis m urm urou: □ Você não vai para o Afeganistão, está bem ? □ Não sei.

Ele tentou um sorriso. □ Pelo m enos não antes do alm oço.

Ela retribuiu ao sorriso e acenou com a cabeça. □ Muito bem , não antes do alm oço.

Ellis fitou-a por m ais um m om ento e depois saiu.

Os am plos bulevares dos Cham ps Ely sées estavam apinhados de turistas e parisienses,

em penhados num passeio m atutino, m ovim entando-se com o ovelhas num cercado, ao sol quente da prim a vera. Todos os cafés com m esas na calçada estavam lotados. Ellis parou perto do lugar com binado, carregando um a m ochila que com prara num a loj a de m alas ordinárias. Parecia um am ericano excursionando de carona pela Europa.

Gostaria que Jane não tivesse escolhido aquela m anã para um a confrontação. Ela devia estar se rem oendo agora e se m ostraria irritada quando ele voltasse.

Muito bem , ele teria de levar algum tem po para dissipar sua irritação.

Ellis tratou de tirar Jane dos pensam entos e concentrou-se na tarefa que teria pela frente.

Havia duas possibilidades para a identidade do "am igo" de Rahm i, o hom em que financiava o pequeno grupo terrorista. A prim eira era de que fosse um turco rico, am ante da liberdade, que decidira, por m

otivos políticos ou pessoais, que a violência contra a ditadura militar e seus partidários era justificada. Se fosse esse o caso, então Ellis ficaria desapontado.

A segunda possibilidade era de que fosse Boris.

"Boris" era um personagem lendário nos círculos em que Ellis andava entre os estudantes revolucionários, os exilados palestinos, os conferencistas políticos ocasionais, os editores de jornais extremistas, os imigrantes, os anarquistas, os ateístas e armênios, os militantes vegetarianos. Dizia-se que era um russo, um agente da KGB disposto a financiar qualquer ato de violência esquerdista no Ocidente. Muitas pessoas duvidavam de sua existência, especialmente os que haviam tentado e não conseguiram arrancar fundos dos russos. Mas Ellis notara, com o tempo, que um grupo que passara meses sem fazer nada, limitando-se a formular queixas de que não tinha condições sequer para reproduzir seus panfletos, parava de repente de falar em dinheiro e se tornava muito preocupado com a segurança; pouco depois, havia um sequestro, um atentado a tiros ou a bomba.

Era absolutamente certo, pensava Ellis, que os russos davam dinheiro a grupos com os dissidentes turcos: não podiam resistir a um meio tão barato e de baixo risco para causar problemas no Ocidente. E com os Estados Unidos financiavam sequestradores e assassinos na América Central, ele não podia imaginar que a União Soviética fosse mais escrupulosa que seu próprio país. Além disso, com o dinheiro naquele ramo de trabalho não era guardado em contas bancárias ou transferido pelo telex, alguém precisava entregar as notas pessoalmente; portanto, tinha de haver um Boris.

Ellis queria muito conhecê-lo.

Rahmi apareceu às dez e meia em ponto, usando uma camisa Lacoste rosa e uma calça caqui impecavelmente passada. Parecia nervoso. Lançou um olhar penetrante para Ellis e depois desviou a cabeça.

Ellis seguiu-o, mantendo-se dez ou quinze metros atrás, com o hábito de binado.

No café seguinte, numa mesa na calçada, estava sentado o vulto gordo e musculoso de Pepe Gozzi, usando um terno preto de seda, com o se tivesse saído da mesa, o que provavelmente acontecera mesmo. Tinha no colo uma pasta grande. Levantou-se e foi andando mais ou menos ao lado de Ellis, de tal forma que um observador casual

não saberia se estavam juntos ou não.

Rahm i com eçou a subir a ladeira, na direção do Arco do Triunfo.

Ellis observou Pepe pelo canto do olho. O corso possuía um instinto animal para a autopreservação: discretamente, observou se estavam sendo seguidos, uma vez quando atravessou para o outro lado e podia olhar naturalmente pelo bulevar, enquanto esperava que o

sinal mudasse, a outra ao passar por uma loja de esquina, onde podia ver as pessoas que vinham refletidas na vitrine diagonal.

Ellis gostava de Rahm i, mas não de Pepe. Rahm i era sincero, um homem de princípios, as pessoas que ele matava provavelmente mereciam morrer. Pepe era muito diferente.

Fazia tudo por dinheiro e porque era muito rude e estúpido para sobreviver no mundo dos negócios legais.

Três quarteirões a leste do Arco do Triunfo Rahm i entrou numa rua transversal. Ellis e Pepe foram atrás. Rahm i atravessou a rua e entrou no Hotel Lancaster.

Então aquele era o ponto de encontro. Ellis esperava que a reunião ocorresse no bar ou restaurante do hotel: sentir-se-ia mais seguro numa sala pública.

O saguão de mármore do hotel estava bastante fresco, depois do calor da rua. Ellis estremeceu. Um garçom de smoking olhou de esguelha para seus jeans. Rahm i estava entrando num elevador pequeno, na extremidade do saguão em formato de L. Seria então num quarto do hotel. Muito bem. Ellis entrou no elevador atrás de Rahm i e Pepe espremeu-se em seguida. Os nervos de Ellis estavam tensos enquanto subiam. Saltaram no quarto andar. Rahm i levou-os ao Quarto 41 e bateu na porta.

Ellis tentou manter um rosto calmo e impassível. A porta foi aberta devagar.

Era Boris. Ellis teve certeza assim que fitou o homem, experimentou uma sensação de triunfo e, ao mesmo tempo, um calafrio de medo. Moscou estava claramente estampada no homem: do corte de cabelo com um aos sapatos reforçados e práticos, havia o estilo inconfundível da KGB na expressão dura de avaliação e na contração brutal da boca. Aquele homem não era como o Rahm i ou Pepe: não era um idealista impetuoso nem um mafioso vulgar.

Boris era um terrorista profissional im placável que não hesitaria em estourar os m iolos de qualquer um dos três hom ens que se postavam agora à sua frente. Estou à sua procura há m uito tem po, pensou Ellis.

Boris m anteve a porta entreaberta por um m om ento, protegendo parcialm ente o corpo, enquanto os exam inava, depois deu um passo para trás e disse em francês: □ Entrem .

Eles entraram na sala de um a suíte. Era decorada com algum requinte, m obiliada com cadeiras, m esas e um arm ário que parecia ser antiguidades do século XVIII. Um m aço de cigarros Marlboro e um litro de conhaque livre de im postos estavam num a m esa delicada, de pernas arqueadas. Um a porta entreaberta no outro canto levava ao quarto. As apresentações de Rahm i foram nervosam ente superficiais: □ Pepe. Ellis. Meu am igo.

Boris era um hom em de om bros largos, que usava um a cam isa branca, as m angas enroladas, deixando à m ostra os antebraços m usculosos e cabeludos. A calça azul de sarj a era grossa dem ais para aquela tem peratura. No encosto de um a cadeira estava pendurado um paletó quadriculado, preto e am arelo-castanho, que não com binava com a calça azul.

Ellis largou a m ochila no tapete e sentou. Boris apontou para a garrafa de conhaque.

□ Um drinque? Ellis não queria beber conhaque às onze horas da m anã e disse: □

Quero, sim , por favor... um café. Boris lançou-lhe um olhar duro e hostil.

□ Todos nós vam os tom ar um café.

Encam inhou-se para o telefone. É um hom em acostum ado a que todos dem onstrem m edo em sua presença, pensou Ellis; não gosta que eu o trate com o um igual.

Rahm i sentia-se visivelm ente intim idado por Boris e se m exia ansioso, abotoando e

desabotoando o botão de cim a de sua cam isa rosa, enquanto o russo ligava para a copa. Boris desligou e falou para Pepe, em francês: □ Tenho m uito prazer em conhecê-lo. Creio que poderem os nos aj udar m utuam ente.

Pepe acenou com a cabeça, sem falar. Ele sentava na cadeira de veludo inclinado para a frente, o poderoso corpo no terno preto parecendo estranhamente vulnerável em contraste com o mólvel delicado, com o se este pudesse quebrá-lo, e não o contrário. Pepe tem muito em comum com Boris, pensou Ellis: ambos são fortes e cruéis, sem qualquer decência ou paixão. Se Pepe fosse russo, estaria na KGB; e se Boris fosse francês, estaria na Máfia.

□ Mostre-me a bomba □ pediu Boris.

Pepe abriu a valise. Estava acondicionada em blocos, com cerca de trinta centímetros de comprimento, uma substância amarelada. Boris ajoelhou-se no tapete ao lado e espetou um dos blocos com o indicador. A substância cedeu com o massado de vidro. Boris cheirou-a e disse a Pepe: □ Presumo que é C3. Pepe concordou.

□ Onde está o mecanismo? Foi Rahmi quem respondeu: □ Na mochila de Ellis. E Ellis declarou: □ Não está, não.

Houve um silêncio total na sala por um momento. Uma expressão de pânico insinuou-se no rosto bonito e jovem de Rahmi.

□ Com o assim? □ balbuciou ele muito agitado, os olhos assustados se deslocando de Ellis para Boris e voltando. □ Você disse... eu disse a ele que você...

□ Cale-se! □ disse Boris, asperamente.

Rahmi ficou em silêncio. Boris olhou para Ellis, expectante. Ellis falou com uma indiferença que não sentia: □ Fiquei com medo de que pudesse haver uma armadilha e deixei o mecanismo em casa. Mas pode estar aqui em poucos minutos. Só preciso telefonar para minha garota.

Boris fitou-o fixamente, sem dizer nada, por vários segundos. Ellis sustentou o olhar com toda frieza de que era capaz. Boris acabou perguntando: □ Por que pensou que poderia ser uma armadilha? Ellis decidiu que qualquer tentativa de justificção pareceria defensiva. E, de qualquer forma, era uma pergunta estúpida. Lançou um olhar arrogante para Boris, deu de ombros e permaneceu calado. Boris continuou a fitá-lo atentamente e depois acrescentou: □ Eu farei a ligação.

Um protesto chegou a aflorar aos lábios de Ellis, mas ele o reprimiu. Era algo que não previra. Mas manteve com extremo cuidado a pose de não-me importar, enquanto a mente estava em roda-viva. Com o

Jane reagiria à voz de um estranho? E se ela não estivesse no apartamento, se resolvera romper a promessa? Lá estava a decisão de usá-la com o intermídia, mas agora já era tarde demais.

— Você é um homem cauteloso — disse ele a Boris.

— E você também. Qual é o telefone? Ellis informou. Boris escreveu o número no bloco de recados ao lado do telefone e depois cometeu a discar.

Os outros esperaram, em silêncio. Boris disse ao telefone: — Alô? Estou ligando por conta de Ellis.

Talvez a voz desconhecida não a abalasse, pensou Ellis; afinal, Jane estava mesmo aguardando uma ligação extravagante. Ignore tudo, meus amigos, ele recomendara.

— Com o quê? — disse Boris, irritado. Ellis pensou: Mas que merda! O que será que ela disse?

— Sou, sim, mas isso não importa agora. Ellis quer que você traga o mecanismo ao Quarto 41, no Hotel Lancaster, Rue de Berri. Houve outra pausa.

Entre no jogo, Jane, pensou Ellis.

— Tem razão, é um hotel muito simpático.

Pare de brincadeira! Diga apenas que fará o que o homem está pedindo... por favor! —

Obrigado. — Um minuto de pausa e Boris acrescentou, sarcástico: — Você é muito gentil.

Ele desligou. Ellis tentou dar a impressão de que não esperava qualquer dificuldade. Boris disse: — Ela sabia que eu era russo. Como descobriu? Ellis ficou perplexo por um momento e depois compreendeu. Apressou-se em explicar: — Ela é linguista. Conhece os sotaques. Pepe falou pela primeira vez: — Enquanto esperarmos pela chegada da mulher, vamos ver o dinheiro.

— Está certo.

Boris foi para o quarto. Enquanto ele estava ausente, Rahmim disse a Ellis, em voz baixa e sibilante: — Eu não podia imaginar que você faria uma coisa destas! — Nem podia mesmo —

respondeu Ellis, num tom de tédio sim ulado. -se soubesse o que eu tencionava fazer, não daria certo com o salvaguarda, não é m esm o? Boris voltou com um grande envelope pardo e entregou-o a Pepe. O curso abriu-o e com eçou a contar as notas de cem francos.

Boris abriu um m aço de Marlboro, tirou um cigarro e acendeu-o.

Ellis pensou: Espero que Jane não dem ore a fazer a ligação para "Mustafa". Eu deveria ter avisado que era im portante transm itir a m ensagem no m esm o instante. Depois de algum tem po, Pepe informou: □ Está tudo aqui.

Tornou a guardar o dinheiro no envelope, passou a língua pela aba, fechou-o e o pôs num a m esa ao lado.

Os quatro hom ens perm aneceram sentados em silêncio por vários m inutos. Boris perguntou a Ellis: □ A que distância fica o seu apartam ento? □ A quinze m inutos de lam breta.

Houve um a batida na porta. Ellis ficou tenso.

□ Ela veio depressa. □ Boris abriu a porta e acrescentou, com um a expressão de repulsa, antes de voltar a seu lugar: □ Café.

Dois garçons de j aqueta branca em purraram um carrinho para o interior da sala.

Em pertigaram -se e viraram -se, cada um em punhando um a pistola MAB Modelo D, usada pelos detetives franceses. Um deles disse: □ Ninguém se m exa.

Ellis sentiu que Boris se preparava para entrar em ação. Por que havia apenas dois detetives? Se Rahm i fizesse algum a besteira e acabasse baleado, isso criaria diversão suficiente para que Pepe e Boris, j untos, dom inassem os hom ens arm ados...

A porta do quarto foi aberta e m ais dois hom ens vestidos de garçom estavam postados ali, arm ados com o seus colegas.

Boris relaxou, um a expressão de resignação insinuando-se em seu rosto.

Ellis com preendeu que estivera prendendo a respiração. Deixou escapar, num longo suspiro. Estava tudo acabado.

Um oficial de polícia uniform izado entrou na sala.

□ Um a arm adilha! □ explodiu Rahm i. □ Isto é um a arm adilha! □ Cale-se! □ berrou Boris, a voz áspera tornando a silenciar Rahm i. Ele virou-se para o oficial. □ Protesto com veem ência contra esta afronta. Por favor, registre que...

O policial socou-o na boca com a m ão enfiada num a luva de couro. Boris tocou nos

lábios, depois olhou para o sangue na m ão. Sua atitude m udou com pletam ente ao com prender que era m uito sério para que tentasse encontrar um a saída no blefe.

□ Não se esqueça da m inha cara □ disse ele ao oficial, a voz fria e solene. □ Tornará a vê-la.

□ Mas quem é o traidor? □ gritou Rahm i. □ Quem nos traiu? □ Ele □ respondeu Boris, apontando para Ellis.

□ Ellis? □ balbuciou Rahm i, incrédulo.

□ O telefonem a □ explicou Boris. □ O endereço. Rahm i ficou olhando fixam ente para Ellis. Parecia profundam ente m agoado.

Outros policiais uniform izados entraram . O oficial apontou para Pepe, dizendo: □ Aquele é Gozzi. □ Dois hom ens algem aram Pepe e levaram -no. O oficial olhou para Boris: □ Quem é você? Boris exibia um a expressão entediada.

□ Meu nom e é Jan Hocht. Sou um cidadão argentino e...

□ Não se dê o trabalho de continuar. Podem levá-lo. □ O oficial virou-se para Rahm i. □

E você? □ Não tenho nada a declarar! □ gritou Rahm i, conseguindo fazer com que soasse heróico.

O oficial sacudiu a cabeça e Rahm i tam bém foi algem ado. O j ovem turco lançou um olhar furioso para Ellis ao ser levado.

Os prisioneiros desceram no elevador, um de cada vez. A valise de Pepe e o envelope com as notas de cem francos foram m etidos em sacos de plástico. Um fotógrafo da polícia entrou na sala e arm ou seu tripé. O oficial disse a Ellis: □ Há um Citröen DS preto estacionado na frente do hotel. □ Hesitante, acrescentou: □ Senhor.

Estou de volta ao lado certo da lei, pensou Ellis. Mas é um a pena que

Rahm i sej a um hom em m uito m ais sim pático que este tira.

Ele desceu no elevador. No saguão do hotel, o gerente de casaco preto e calça listrada exibia um a expressão angustiada, enquanto m ais policiais entravam .

Ellis saiu para o sol. O Citröen preto estava no outro lado da rua. Havia um hom em ao volante e outro sentado no banco de trás. Ellis entrou atrás. O carro partiu, acelerando. O

passageiro virou-se para Ellis e disse: □ Olá, John.

Ellis sorriu. Era estranho ouvir seu nom e outra vez, depois de m ais de um ano.

□ Com o está, Bill? □ Aliviado! Durante treze m eses não ouvimos qualquer notícia sua além de pedidos de dinheiro. E de repente recebem os um telefonem a categórico dizendo que tinham os vinte e quatro horas para providenciar um a prisão local. Im agine o que tivemos os de fazer para persuadir os franceses a fazerem isso sem explicar por quê. Os hom ens deviam estar prontos nas proxim idades dos Cham ps Ely sées, m as para chegar ao endereço certo tinham os de esperar por um a ligação de um a m ulher desconhecida, perguntando por Mustafa. E isso era tudo o que sabíam os! □ Não podia ser de outra form a □ m urm urou Ellis, desculpando-se.

□ Não foi fácil... e agora devo alguns favores nesta cidade... m as conseguimos os. Quero agora saber se valeu a pena. Quem agarram os? □ O russo é Boris □ explicou Ellis.

O rosto de Bill se abriu num largo sorriso.

□ Essa não! □ exclam ou ele. □ Você m e trouxe Boris. Fala sério? □ Claro.

□ Puxa, é m elhor eu arrancá-lo das m ãos dos franceses antes que eles descubram quem é. Ellis deu de om bros.

□ Ninguém vai conseguir arrancar m uitas inform ações dele. O hom em é do tipo dedicado. O im portante é que o tiram os de circulação. Eles levarão alguns anos para providenciar um substituto à altura e para que o novo Boris desenvolva os seus contatos. Enquanto isso, reduzim os consideravelm ente as operações.

□ Tem toda razão. A coisa é sensacional.

□ O curso é Pepe Gozzi, um traficante de armas □ continuou Ellis. □ Foi ele quem forneceu o material para praticamente todas as ações terroristas na França durante os últimos dois anos, assim com o em vários outros países. Ele é que deve ser interrogado. Mande um detetive francês conversar com seu pai, Mem e Gozzi, em Marselha.

Tenho a impressão de que vai descobrir que o velho já mais gostou da ideia de a família se envolver em crimes políticos. Proponha-lhe um acordo: im unidade para Pepe, se Pepe testemunhar contra todos os terroristas políticos a quem vendeu armas e explosivos... nenhum deles é criminoso com um . Mem e aceitará, porque não será considerado um a traição aos amigos.

E se Mem e concordar, Pepe também aceitará. Os franceses terão algum tempo por muitos anos.

□ Incrível... □ Bill parecia aturdido. □ Em apenas um dia você agarrou os que são provavelmente os dois maiores instigadores do terrorismo no mundo.

□ Um dia? □ Ellis sorriu. □ Levei um ano.

□ Valeu a pena.

□ O jovem é Rahmi Coskun. □ Ellis estava se apressando, porque havia outra pessoa a quem queria contar toda a história. □ Rahmi e seu grupo cometeram o atentado à bomba contra a Turkish Airlines há cerca de dois meses e antes disso mataram um adido da embaixada. Se capturar o grupo inteiro vai certamente encontrar provas concretas.

□ Ou a polícia francesa os persuadirá a confessar.

□ Tem razão. Dê-me um lápis e escreverei os nomes e endereços.

□ Não há necessidade, John. Vá para a embaixada e lá você me dará todas as informações.

□ Não Vou voltar à embaixada.

□ Não lute contra o programa, John.

□ Eu lhe darei os nomes e você terá então todas as informações essenciais, mesmo que eu seja atropelado por um motorista de táxi francês louco. Se eu sobreviver, Vou encontrá-lo amanhã de manhã e darei todos os detalhes.

□ Por que esperar? □ Tenho um com prom isso para o alm oço. Bill revirou os olhos para o alto.

□ Creio que lhe devem os isso □ disse ele, relutante.

□ Foi o que calculei.

□ Quem é a pessoa com quem vai se encontrar? □ Jane Lam bert. Foi um dos nom es que você m e forneceu originalm ente.

□ Estou lem brado. Eu lhe disse que se conseguisse se insinuar nas afeições de Jane ela lhe apresentaria a cada esquerdistam aluco, terrorista árabe, seguidor do Baader-Meinhof e poeta da vanguarda de Paris.

□ Foi j ustam ente o que aconteceu, só que acabei m e apaixonando por ela.

Bill parecia um banqueiro de Connecticut inform ado de que o filho vai casar com a filha de um m ilionário preto: não sabia se ficava em ocionado ou consternado.

□ Ahn... com o ela é realm ente? □ Não é m aluca, em bora tenha alguns am igos m alucos.

O que posso lhe dizer? Ela é tão linda quanto um a pintura, inteligente que não acaba m ais, um tesão insaciável.

Em sum a, ela é m aravilhosa. A m ulher que sem pre procurei durante toda a m inha vida.

□ Posso com preender por que você prefere com em orar com ela e não com igo. O que pretende fazer? Ellis sorriu.

□ Vou abrir um a garrafa de vinho, fritar dois bifes, contar a ela que capturo terroristas com o profissão e pedi-la em casam ento.

Capítulo 2

Jean-Pierre inclinou-se sobre a m esa da cantina e fitou a m orena com um a expressão com padecida.

□ Creio que sei com o você se sente □ disse ele, afetuosam ente. □ Lem bro que fiquei m uito deprim ido ao final do prim eiro ano na faculdade de m edicina. Parece que o cérebro recebeu m ais inform ação do que é capaz de absorver e a gente não sabe com o dom inar tudo a tem po para os exam es.

□ É exatam ente isso □ m urm urou a m oça, acenando com a cabeça, quase em lágrim as.

□ É um bom sinal □ tranquilizou-a Jean-Pierre. □ Significa que você está por dentro. As pessoas que não estão preocupadas são as que serão reprovadas.

Os olhos castanhos da m oça ficaram m olhados em gratidão.

□ Acha m esm o? □ Tenho certeza.

Ela fitou-o com adoração. Você preferia m e com er do que ao seu alm oço, não é m esm o?, pensou Jean-Pierre. Ela m udou de posição, a suéter se entreabriu, deixando à m ostra a renda da parte superior do sutiã. Ele sentiu-se tentado por um m om ento. Na ala leste do hospital havia um depósito de roupa de cam a que nunca era usado depois das nove e m eia da m anhã.

Jean-Pierre j á aproveitara o lugar m ais de um a vez. Pode-se trancar a porta por dentro e deitar num a pilha m acia de lençóis lim pos...

A m orena suspirou, espetou um pedaço de carne com o garfo e levou-o à boca. E quando ela com eçou a m astigar, Jean-Pierre perdeu o interesse. Detestava observar as pessoas com erem . De qualquer form a, ele estivera apenas flexionando os m úsculos, a fim de provar que ainda era capaz: não queria realm ente seduzi-la. Ela era m uito bonita, cabelos crespos, a cor quente do Mediterrâneo, possuía um corpo m aravilhoso. Mas ultim am ente Jean-Pierre não sentia qualquer entusiasm o por conquistas casuais. A única m ulher que podia fasciná-lo por m ais de alguns m inutos era Jane Lam bert... e ela se recusava até m esm o a beij á-lo.

Ele desviou os olhos da m orena e correu-os, inquieto, pela cantina do hospital. Não viu ninguém que conhecesse. O lugar estava quase vazio: ele alm oçava cedo porque estava no prim eiro turno.

Seis m eses j á haviam transcorrido desde que contem plara pela prim eira vez o rosto incrívelm ente belo de Jane, no outro lado de um a sala apinhada, durante o coquetel de lançam ento de um novo livro sobre ginecologia fem inista. Jean-Pierre sugerira-lhe que não existia um a m edicina fem inista, apenas a boa e a m á m edicina. Ela respondera que não havia um a m atem ática cristã, m as apesar disso fora preciso um herege com o Galileu para provar que a terra gira em torno do sol. Jean-Pierre exclam ara "Tem toda razão!", em seu j eito m ais cativante, os dois se tornaram am igos.

Mas Jane era resistente ao seu charme e, até mesmo imune. Gostava dele, mas parecia estar comprometida com o americano, apesar de Ellis ser muito mais velho que ela.

De certa forma, isso a tornava ainda mais desejável a Jean-Pierre. Se ao menos Ellis soubesse de cena... fosse atropelado por um ônibus ou algo parecido... Ultimamente, a resistência de Jane parecia estar enfraquecendo... ou seria apenas o seu desejo de que isso estivesse acontecendo? A moena perguntou: ☐ É verdade que você vai passar dois anos no Afeganistão?

☐ É, sim.

☐ Por quê?

☐ Acho que é porque creio na liberdade. E porque não estudei tanto só para fazer pontes de safena em em presários gordos.

As mentiras afloravam -lhe automaticamente aos lábios.

☐ Mas por que dois anos? As pessoas que fazem isso geralmente ficam de três meses a seis, um ano no máximo. Dois anos parecem uma eternidade.

☐ É mesmo? ☐ Jean-Pierre exibiu um sorriso irônico. ☐ O problema é que é difícil realizar qualquer coisa de valor num período mais curto. A ideia de enviar médicos para lá numa visita breve é extremamente ineficaz. Os rebeldes precisam de uma assistência médica constante, um hospital que permaneça no mesmo lugar e tenha pelo menos alguns médicos em residência de um ano para outro. Com o está a situação, a metade das pessoas não sabe para onde levar seus doentes e feridos, não segue as ordens do médico porque nunca o conhece bastante bem para confiar nele e nenhum tem tempo para uma educação preventiva. E o custo de transportar os voluntários para o país e trazê-los de volta faz com que seus serviços "gratuitos" se tornem bastante dispendiosos. Jean-Pierre empenhou tanto esforço nesse discurso que quase acreditou no que dizia, precisando então lembrar a si mesmo do verdadeiro motivo para ir ao Afeganistão e lá permanecer por dois anos. Uma voz às suas costas indagou: ☐ Quem vai dar os seus serviços de graça? Ele virou-se para deparar com outro casal, carregando bandejas com comida: Valerie, residente com o ele, e seu namorado, um radiologista. Os dois sentaram com Jean-Pierre e a moena. E quem respondeu à pergunta de Valerie foi a moena: ☐ Jean-Pierre vai para o Afeganistão, a fim de trabalhar para os rebeldes.

□ É m esm o? □ Valerie estava surpresa. □ Ouvi dizer que você recebeu um convite m aravilhoso de Houston.

□ Recusei.

Ela ficou ainda m ais im pressionada.

□ Por quê? □ Acho que vale a pena salvar as vidas de guerreiros da liberdade, m as uns poucos m ilionários texanos a m ais ou a m enos não farão qualquer diferença para nada.

O radiologista não era tão fascinado por Jean-Pierre quanto sua namorada. Ele engoliu um a porção de batata e disse: □ Não se preocupe. Quando voltar, não terá qualquer dificuldade em receber o m esm o convite... pois além de m édico, será tam bém um herói.

□ Acha m esm o? Jean-Pierre falou friam ente. Não estava gostando do rum o que a conversa tom ava.

□ Duas pessoas deste hospital foram para o Afeganistão no ano passado □ acrescentou o radiologista. □ Os dois arrum aram em pregos sensacionais quando voltaram .

Jean-Pierre deu um sorriso condescendente.

□ É bom saber que serei em pregável se sobreviver.

□ É o m ínim o que se pode esperar! □ protestou a m orena, indignada. □ Depois de tam anho sacrifício! □ O que seus pais acham da ideia? □ quis saber Valerie.

□ Minha m ãe aprova.

É claro que ela aprovava, pois adorava um herói. Jean-Pierre podia im aginar o que o pai diria a respeito de j ovens m édicos idealistas que iam trabalhar para os rebeldes afegãos.

Socialism o não significa que todos podem fazer o que quiserem ! , afirm aria ele, a voz rouca e áspera, o rosto se averm elhando um pouco. O que você pensa que aqueles rebeldes são? Não

passam de bandidos saqueando os cam poneses que respeitam a lei. As instituições feudais precisam ser extirpadas antes que o socialism o possa triunfar. Ele bateria na m esa com o punho enorm e. Para se fazer um a om elete é preciso quebrar os ovos □ para se fazer o socialism o é preciso quebrar cabeças! Não se preocupe, papai, j á sei

de tudo isso.

— Meu pai já morreu — disse Jean-Pierre. — Mas ele também foi um com batente da liberdade. Lutou na Resistência durante a guerra.

— O que ele fazia? — indagou o cético radiologista.

Mas Jean-Pierre não respondeu, porque avistara Raoul Clermont, o editor de La Revolté, atravessando a cantina, suado em seu terno domínical. O que estaria fazendo na cantina do hospital o gordo jornalista? — Preciso falar com você — disse Raoul, sem qualquer preâmbulo, esbaforido. Jean-Pierre apontou para uma cadeira.

— Raoul...

— É urgente — interrompeu-o Raoul, quase com o se não quisesse que os outros ouvissem seu nome.

— Por que não nos acomode na sala? Poderemos então conversar à vontade.

— Então muito, mas não posso.

Jean-Pierre percebeu um tom de pânico na voz do gordo. Fitando-nos os olhos, compreendeu que lhe suplicavam para que não perdesse tempo. Surpreso, Jean-Pierre levantou-se.

— Está certo. — A fim de disfarçar o inesperado da situação, ele acrescentou para os outros, jovialmente: — Não com o meu almoço... voltarei num instante.

Pegou Raoul pelo braço e os dois saíram da cantina. Jean-Pierre tentava parar logo depois da porta e conversar, mas Raoul continuou a andar pelo corredor, anunciando: — Monsieur Leblond é que me mandou até aqui.

— Eu já começava a imaginar que ele estava por trás disso.

Um mês antes Raoul o levara para conhecer Leblond, que o convidara a ir para o Afeganistão, aparentemente para ajudar os rebeldes, com o faziam muitos jovens médicos franceses, mas na verdade com a missão de espionar para os russos. Jean-Pierre sentira-se orgulhoso, apreensivo e, acima de tudo, empossado com a oportunidade de fazer alguma coisa realmente espetacular pela causa. Seu único receio fora o de ser rejeitado pelas organizações que enviavam médicos ao Afeganistão por serem comunistas.

Não tinham meios de saber que ele era membro do Partido, e Jean-Pierre certamente não lhes diria, mas as podiam saber que era simpatizante do comunismo. Contudo, havia muitos comunistas franceses que se opunham à invasão do Afeganistão. Mesmo assim, havia a possibilidade de que uma organização cautelosa pudesse sugerir que Jean-Pierre estaria mais feliz se trabalhasse para algum outro grupo de guerrilheiros — também estavam ajudando para os rebeldes de El Salvador, por exemplo. No final, porém, isso não aconteceu: Jean-Pierre fora aceito prontamente pela Médecins pour la Liberté. Ele deu a boa notícia a Raoul, que lhe dissera que haveria outra reunião com Leblond. Talvez fosse aquela.

— Mas por que o pânico?

— Ele quer falar com você agora.

— Agora? — Jean-Pierre ficou irritado. — Estou de plantão. Tenho pacientes...

— Outro médico pode cuidar deles.

— Mas por que a urgência? Só vou partir daqui a dois meses.

— Não é sobre o Afeganistão.

— O que é então?

— Não sei.

— Então o que o está assustando?, especulou Jean-Pierre.

— Não tem a menor ideia?

— Só sei que Rahm i Coskun foi preso.

— O estudante turco?

— Esse mesmo.

— Por quê? — Não sei.

— E o que isso tem a ver com isso? Eu mesmo o conheço.

— Monsieur Leblond explicará tudo.

Jean-Pierre levantou as mãos.

□ Não posso sair do hospital desse jeito.

□ O que aconteceria se você se sentisse mal? □ indagou Raoul.

□ Com unicaria à enfermeira-chefe, que chamaria um substituto. Mas...

□ Pois então fale com ela.

Eles estavam agora na entrada do hospital e havia uma fileira de telefones internos numa parede. Isto pode ser um teste, pensou Jean-Pierre; um teste de lealdade, a fim de verificar se sou bastante sério para receber a missão. Resolveu se expor à ira da direção do hospital. Pegou o telefone e disse, ao concluir a ligação para a enfermeira-chefe: □ Surgiu um problema urgente na família e preciso me afastar. Entre em contato com o doutor Roche imediatamente.

□ Pois não, doutor □ respondeu a enfermeira, calmamente.

□ Espero que não sejam notícias tristes.

□ Eu lhe contarei tudo depois □ disse ele, apressadamente.

□ Até já. Ah... espere um instante. □ Ele tinha um paciente pós-operatório que sofrera um hemorragia durante a noite. □ Com o está a senhora Ferrier?

□ Muito bem. A hemorragia foi estancada.

□ Ótimo. Fique atenta a ela.

□ Está bem, doutor.

Jean-Pierre desligou e disse a Raoul: □ Já podem ir.

Saíram para o estacionamento e embarcaram no Renault de Raoul. O interior do carro estava muito quente do sol de meio-dia. Raoul foi guiando depressa por ruas secundárias. Jean-Pierre sentia-se nervoso. Não sabia exatamente quem era Leblond, mas calculava que o homem devia ser alguma coisa na KGB. Jean-Pierre descobriu-se especulando se fizera algo para ofender a tão temida organização; e, se era esse o caso, qual poderia ser a punição.

Não poderiam certamente ter descoberto qualquer coisa sobre Jane.

E o fato de ele convidá-la para acompanhá-lo ao Afeganistão não era da conta de mais ninguém. De qualquer forma, haveria outros no

grupo, talvez um a enferm eira para aj udar Jean-Pierre em seu destino, talvez outros m édicos, seguindo para regiões diferentes do país: por que Jane não poderia estar entre eles? Não era enferm eira, m as podia fazer um curso intensivo e tinha a grande vantagem de falar farsi, a língua persa, que era falada tam bém na região para onde Jean-Pierre ia.

Ele esperava que Jane o acom panhasse por idealism o e pelo senso de aventura. Esperava que ela esquecesse Ellis no Afeganistão e se apaixonasse pelo europeu m ais próxim o, no caso, é claro, Jean-Pierre.

E tam bém esperava que o Partido j am ais descobrisse que ele a encoraj ara a viaj ar por m otivos pessoais. Não havia necessidade de que soubessem , não havia possibilidade de descobrirem , em circunstâncias norm ais □ ou pelo m enos ele assim pensava. Mas talvez estivesse enganado. Talvez eles estivessem furiosos.

Isso é tolice, refletiu Jean-Pierre. Não fiz nada de errado: e m esm o que tivesse feito, não haveria punição. Esta é a verdadeira KGB, não a instituição m ística que incute o m edo nos corações dos assinantes do Reader's Digest.

Raoul parou o carro. Estavam na frente de um luxuoso prédio residencial na Rue de l'Université. Era o m esm o lugar onde Jean-Pierre se encontrara com Leblond na últim a vez.

Saltaram e entraram no prédio.

O saguão era escuro. Subiram a escada em curva para o segundo andar e apertaram um a cam painha. Minha vida m udou m uito, pensou Jean-Pierre, desde a últim a vez em que esperei diante desta porta.

Monsieur Leblond abriu-a. Era um hom em baixo, franzino, calvo, de óculos, parecia um m ordom o com o terno cinza-escuro e gravata prateada. Conduziu-os à sala nos fundos do apartam ento onde Jean-Pierre fora entrevistado. Os frisos altos e requintados indicavam que fora outrora um a sala de estar, m as tinha agora um carpete de náilon, um a escrivaninha ordinária e algum as cadeiras de plástico laranj a.

□ Esperem aqui um m om ento □ disse Leblond.

Sua voz era bastante incisiva, seca com o poeira. Um sotaque leve, m as inconfundível, sugeria que seu nom e verdadeiro não era Leblond.

Ele saiu por um a outra porta.

Jean-Pierre sentou-se num a das cadeiras de plástico. Raoul continuou de pé. Foi nesta sala, pensou Jean-Pierre, que a voz seca m e disse: Você tem sido um m em bro discreto e leal do Partido desde o início. Seu caráter e os antecedentes fam iliares indicam que serviria o Partido m uito bem num a m issão secreta.

Espero não ter arruinado tudo por causa de Jane, refletiu ele.

Leblond voltou com outro hom em . Os dois pararam à entrada e Leblond apontou para Jean-Pierre. O segundo hom em observou-o atentam ente, com o se gravasse o rosto na m em ória.

Jean-Pierre sustentou seu olhar. O hom em era enorm e, om bros largos, com o um j ogador de futebol am ericano. Os cabelos eram com pridos nos lados, m as ralos no alto da cabeça, o bigode tinha as pontas caídas. Usava um casaco verde de veludo cotelê, com um rasgão na m anga.

Depois de alguns segundos, ele balançou a cabeça e se retirou. Leblond fechou a porta e foi se sentar atrás da escrivaninha.

□ Aconteceu um desastre □ anunciou ele.

Não tem nada a ver com Jane, pensou Jean-Pierre. Graças a Deus. Leblond acrescentou:

□ Há um agente da CIA no seu círculo de am igos.

□ Santo Deus! □ exclam ou Jean-Pierre.

□ Não é esse o desastre □ disse Leblond, irritado. □ Não é de surpreender que houvesse um espião am ericano entre os seus am igos. com toda certeza há tam bém espiões israelenses, sul-africanos e franceses. O que essas pessoas teriam para fazer se não se infiltrassem nos grupos de

j ovens ativistas políticos? E nós tam bém tem os o nosso hom em , é claro.

□ Quem é? □ Você.

□ Ahn... □ Jean-Pierre ficou consternado: j am ais pensara em si m esm o com o um espião. Mas o que m ais significava servir o Partido num a m issão secreta? Intensam ente curioso, ele perguntou: □ Quem

é o agente da CIA? □ Um hom em cham ado Ellis Thaler. Jean-Pierre ficou tão chocado que se levantou.

□ Ellis? □ Você o conhece. Ótim o.

□ Ellis é um espião da CIA? □ Sente-se □ disse Leblond, calm am ente.

□ Nosso problem a não é o que ele é, m as sim o que ele fez. Jean-Pierre estava pensando: se Jane descobrir isso, vai largar Ellis com o se fosse um a batata quente. Eles m e deixarão contar a ela? Se não perm itirem , ela descobrirá de algum a outra form a? E vai acreditar? Ellis tentará negar? Leblond estava falando. Jean-Pierre fez um esforço para se concentrar em suas palavras.

□ O desastre é que Ellis preparou um a arm adilha e capturou alguém m uito im portante para nós. Jean-Pierre lem brou-se que Raoul com entara que Rahm i Coskun fora preso.

□ Rahm i é im portante para nós?

□ Não é Rahm i.

□ Quem é então?

□ Você não precisa saber.

□ Então por que m e trouxeram até aqui?

□ Fique calado e escute □ disse Leblond asperam ente, fazendo com que Jean-Pierre sentisse m edo dele pela prim eira vez. □ Jam ais m e encontrei com seu am igo Ellis. Infelizm ente, Raoul tam bém não o conhece pessoalm ente. Portanto, não conhecem os sua aparência. Mas você sabe. E foi por isso que o cham am os aqui. Sabe tam bém onde Ellis m ora?

□ Sei, sim . Ele tem um quarto em cim a de um restaurante na Rue de l'Ancienne Com édie.

□ O quarto dá para a rua?

Jean-Pierre franziu o rosto. Só estivera lá um a vez: Ellis não tinha o hábito de convidar as pessoas a visitarem -no.

□ Acho que sim .

□ Não tem certeza?

□ Deixe-m e pensar um pouco... □ Ele estivera lá de m adrugada, em

com panhia de Jane e um grupo de outras pessoas, depois de um a sessão de cinem a na Sorbonne. Ellis servira-lhes um café. Era um quarto pequeno. Jane se sentara no chão, ao lado da j anela... □ Dá, sim . A j anela fica de frente para a rua. Mas por que isso é im portante?

□ Significa que você pode dar um sinal.

□ Eu? Por quê? Para quem ?

Leblond fitou-o com um a expressão perigosa.

□ Desculpe □ m urm urou Jean-Pierre.

Leblond hesitou. Quando tornou a falar, a voz era um pouco m ais suave, em bora a expressão perm anecesse im passível.

□ Você vai passar pelo batism o de fogo. Lam ento ter de usá-lo num a... ação... assim , quando ainda não fez nada para nós. Mas você conhece Ellis e está aqui, e neste m om ento não dispom os de m ais ninguém que o conheça; e o que querem os perderá o im pacto se não for

realizado im ediatam ente. Portanto, preste atenção, pois é m uito im portante. Vá ao quarto de Ellis.

Se ele estiver, você deve entrar... im agine algum pretexto. Chegue na j anela, incline-se para fora, dê um j eito de ser visto por Raoul, que estará esperando na rua.

Raoul rem exeu-se com o um cachorro que ouve alguém m encionar seu nom e num a conversa. Jean□ Pierre perguntou: □ E se Ellis não estiver?

□ Fale com os vizinhos. Tente descobrir para onde ele foi e quando voltará. Se tudo indicar que ele se ausentou apenas por uns poucos m inutos ou m esm o por um a hora, você então deve esperar.

Quando ele voltar, faça com o antes: entre, vá até a j anela e certifique-se de que Raoul o viu. Seu aparecim ento na j anela é o sinal de que Ellis está no quarto... assim , não apareça na j anela se ele não estiver. Entendido?

□ Já sei o que quer que eu faça □ respondeu Jean-Pierre. □ Só não entendo qual é o propósito.

□ Querem os identificar Ellis.

□ E depois que eu o identificar? Leblond deu a resposta que Jean-Pierre m al se atrevera a esperar e que o deixou em ocionado: □ Vam os m atá-lo, é claro.

Capítulo 3

Jane estendeu um a toalha branca rem endada sobre a pequena m esa de Ellis e arrum ou dois lugares, com um sortim ento de talheres am assados. Encontrou um a garrafa de Fleurie no arm ário de baixo da pia e abriu-a. Sentiu-se tentada a provar, m as depois resolveu esperar por Ellis. Pôs os copos na m esa, sal e pim enta, m ostarada, guardanapos de papel. Pensou se deveria com eçar a cozinhar. Não, era m elhor deixar isso para Ellis.

Ela não gostava daquele quarto. Era despoj ado, apertado e im pessoal. Ficara bastante chocada ao vê-lo pela prim eira vez. Vinha saindo com aquele hom em m aduro, afetuoso e descontraído, im aginara que ele m orasse num lugar que expressasse a sua personalidade, um apartam ento atraente e confortável, com recordações de um passado rico em experiências. Mas nunca se poderia im aginar que o hom em que m orava ali fora casado, lutara num a guerra, tom ara LSD e destacara-se com o o capitão do tim e de futebol am ericano na escola. As paredes brancas e frias estavam decoradas com alguns posters escolhidos às pressas. A louça vinha de loj as de segunda-m ão, e as panelas eram as m ais ordinárias. Não havia dedicatórias nos livros de poesia na estante. Ele guardava as calças e cam isas num a m ala de plástico, por baixo da cam a que rangia m uito. Onde estavam os velhos boletins escolares, as fotografias dos sobrinhos, o exem plar tão querido de Heartbreak Hotel, o canivete de lem brança de Boulogne ou Niagara Falls, a saladeira de teca que todo m undo ganha dos pais, m ais cedo ou m ais tarde? O quarto nada continha de realm ente im portante, nenhum a das coisas que se guarda não pelo que são, m as sim pelo que representam , nenhum pedaço de sua alm a.

Era o quarto de um hom em retraído, um hom em reservado, um hom em que nunca partilharia os seus pensam entos m ais íntim os com outra pessoa. Gradativam ente, com um a terrível tristeza, Jane chegara à conclusão de que Ellis era m esm o assim , com o o seu quarto, frio e retraído.

O que era incrível. Afinal, ele era um hom em extrem am ente confiante. Andava com a cabeça erguida, com o se nunca tivesse

sentido m edo de qualquer coisa, em toda a sua vida. Na cam a, era desinibido, com pletam ente à vontade com sua sensualidade. Faria qualquer coisa e diria qualquer coisa, sem ansiedade, hesitação ou vergonha.

Jane j am ais conhecera um hom em assim . Mas houvera m uitas ocasiões □ na cam a, em restaurantes ou apenas andando pelas ruas □ quando ela ria com ele, escutava-o falar, observava a pele em torno dos olhos se contrair enquanto ele se concentrava em pensam ento ou abraçava o seu corpo quente só para descobrir que ele subitam ente se desligara. E nesses instantes de desligam ento ele deixava de ser am oroso, divertido, cortês, atencioso, gentil ou com passivo. Fazia com que ela se sentisse excluída, um a estranha, um a intrusa em seu m undo particular. Era com o o sol a se esconder por trás de um a nuvem .

Jane sabia que teria de deixá-lo. Am ava-o intensam ente, m as parecia que Ellis não era capaz de am á-la da m esm a form a. Ele tinha trinta e três anos, e se não aprendera até agora a arte da intim idade, nunca m ais poderia aprender.

Ela se sentou no sofá e com eçou a ler The Observer, que com prara no cam inho num a banca de publicações internacionais, no Boulevard Raspail. Havia um a notícia sobre o Afeganistão na prim eira página. Parecia um bom lugar para esquecer Ellis.

A perspectiva a atraíra no m esm o instante. Em bora adorasse Paris e seu trabalho fosse no

m ínim o variado, ela queria m ais: experiência, aventura e um a oportunidade de lutar pela liberdade. Não tinha m edo. Jean-Pierre explicara que os m édicos eram considerados valiosos dem ais para serem enviados a zonas de com bate. Havia sem pre o risco de ser atingido por um a bom ba extraviada ou de ser apanhado num a escaram uça, m as provavelm ente não era pior do que o perigo de ser atropelado por um m otorista parisiense. Ela se sentira curiosa pelo estilo de vida dos rebeldes afegãos.

□ O que eles com em por lá? □ perguntara a Jean-Pierre. □ O que eles vestem ? Vivem em tendas? Existem banheiros? □ Não há banheiros □ respondera ele. □ Nem eletricidade. Nem estradas. Nem vinho. Nem carros. Nem aquecim ento central.

Nem dentistas. Nem carteiros. Nem telefones. Nem restaurantes. Nem anúncios. Nem Coca-Cola. Nem previsão de tem po, bolsa de valores,

decoradores, assistentes sociais, batom , absorvente fem inino, desfile de m odas, coquetéis, pontos de táxi, filas de ônibus...

□ Pare! □ interrom pera-o Jane, pois ele era capaz de continuar assim por horas a fio. □

Eles devem ter ônibus e táxis.

□ Não no interior. Estou indo para um a região cham ada Vale dos Cinco Leões, um reduto rebelde nos contrafortes do Him alaia. Já era prim itivo antes m esm o de ser bom bardeado pelos russos.

Jane estava absolutam ente convencida de que poderia viver feliz sem banheiros com encanam entos, batom ou previsões de tem po. Desconfiava que Jean-Pierre estava subestim ando o perigo, m esm o fora da zona de com bate, m as isso não era suficiente para dissuadi-la. A m ãe ficaria histérica, é claro. O pai, se ainda estivesse vivo, diria: "Boa sorte, Janey ." Ele com preendia a im portância de fazer algum a coisa m eritória com a própria vida. Em bora ele fosse um bom m édico, j am ais ganhara dinheiro, porque onde quer que vivessem □ Nassau, Cairo, Cingapura, m as principalm ente Rodésia □ sem pre tratava os pobres de graça, que o procuravam em levas, afugentando os clientes que podiam pagar.

O devaneio de Jane foi interrom pido por passos na escada. Com preendeu que não lera m ais que um as poucas linhas do j ornal. Esticou a cabeça, escutando. Não pareciam os passos de Ellis. Mesm o assim , houve um a batida na porta.

Jane largou o j ornal e foi abrir a porta. Lá estava Jean-Pierre. Ele se m ostrou quase tão surpreso quanto ela. Ficaram se olhando em silêncio por um m om ento. Jane finalm ente disse: □

Você parece culpado. Eu tam bém ?

□ Tam bém □ respondeu Jean-Pierre, sorrindo.

□ Eu estava pensando em você. Entre.

Ele entrou, olhou ao redor.

□ Ellis não está? □ Estou esperando-o a qualquer m om ento. Sente-se. Jean-Pierre arriou o corpo com prido no sofá. Jane pensou, não pela prim eira vez, que ele era provavelm ente o hom em m ais bonito que j á conhecera. O rosto era perfeitam ente regular, a testa alta, nariz forte e um tanto aristocrático, olhos castanho-brilhantes, a boca

sensual parcialm ente oculta por um a barba cheia, castanho-escura, com alguns fios castanho-averm elhados no bigode. As roupas eram baratas, m as escolhidas com extrem o cuidado, e ele as usava com um a elegância despreocupada que Jane invej ava.

Ela gostava m uito de Jean-Pierre. O m aior defeito dele era se ter em alta conta, exagerada; m as era tão ingênuo nisso a ponto de ser desconcertante, com o um a criança

j actanciosa. Jane apreciava seu idealism o e sua dedicação à m edicina. Tinha um enorm e charm e. E tam bém um a im aginação m aníaca que podia às vezes ser m uito engraçada: acionado por algum absurdo, talvez um m ero lapso de língua, ele podia se lançar a um m onólogo excêntrico, que se prolongava por dez ou quinze m inutos. Quando alguém citara um com entário de Jean-Paul Sartre sobre o futebol, Jean-Pierre espontaneam ente oferecera um a descrição de um a partida de futebol sob a ótica de um filósofo existencialista. Jane rira até doer. As pessoas diziam que a alegria de Jean-Pierre tinha o reverso da m edalha, os m om entos de som bria depressão, m as Jane j am ais testem unhara qualquer m om ento assim .

☐ Tom e um pouco de vinho de Ellis ☐ disse ela, pegando a garrafa na m esa.

☐ Não, obrigado.

☐ Está ensaiando para a vida num país m uçulm ano?

☐ Não especialm ente.

Ele parecia m uito solene, e Jane indagou: ☐ Qual é o problem a?

☐ Preciso ter um a conversa séria com você.

☐ Já tivemos os, há três dias. Por acaso esqueceu? ☐ Jane falou de m odo irreverente e depois acrescentou: ☐ Pediu-m e para deixar m eu nam orado e ir com você para o Afeganistão...

um convite a que poucas m ulheres poderiam resistir.

☐ Fale sério.

☐ Está bem . Ainda não tom ei m inha decisão.

☐ Descobri um a coisa terrível sobre Ellis, Jane.

Ela fitou-o com expressão especulativa. O que estava para vir? Jean-

Pierre inventaria um a história, contaria um a m entira, a fim de persuadi-la a acom panhá-lo? Ela achava que não.

☐ O que é?

☐ Ele não é quem finge ser.

Ele estava sendo m elodram ático dem ais.

☐ Não precisa falar com voz de agente funerário. O que está querendo m e contar?

☐ Ele não é um poeta sem dinheiro. Trabalha para o governo am ericano.

Jane franziu o rosto.

☐ Para o governo am ericano? ☐ Seu prim eiro pensam ento foi o de que Jean-Pierre estava querendo m arcar um ponto da m aneira errada. ☐ Ele dá aulas de inglês para alguns franceses que trabalham para o governo am ericano, m as...

☐ Não é disso que estou falando. Ele espiona os grupos radicais. É um agente. Trabalha para a CIA.

Jane desatou a rir.

☐ Mas que absurdo! Pensou que podia m e convencer a deixá-lo com um a história assim ?

☐ É verdade, Jane.

☐ Não é, não. Ellis não poderia ser um espião. Pensa que eu não saberia? Estou praticam ente vivendo com ele há um ano.

☐ Mas não vive com ele totalm ente, não é m esm o? ☐ Isso não faz diferença. Eu o conheço m uito bem . Mesm o enquanto falava, Jane estava pensando: podia explicar m uita coisa.

Ela não conhecia Ellis a fundo. Mas conhecia o bastante para ter certeza de que ele não era vil, m esquinho, traiçoeiro ou sim plesm ente m au.

☐ A notícia está se espalhando pela cidade ☐ acrescentou Jean-Pierre.

☐ Rahm i Coskun

foi preso esta m anã e todos dizem que Ellis é o responsável.

□ Por que Rahm i foi preso?

Jean-Pierre deu de om bros.

□ Subversão, com toda certeza. Sej a com o for, Raoul Clerm ont está circulando pela cidade à procura de Ellis e alguém quer vingança.

□ Ora, Jean-Pierre, isto é côm ico.

Jane sentiu de repente um calor intenso. Foi até a j anela e abriu-a. Ao olhar para a rua, avistou a cabeça loura de Ellis passar pela porta do prédio. Ela acrescentou para Jean-Pierre: □

Ele está chegando. E você terá de repetir essa história ridícula em sua presença. Jane ouviu os passos de Ellis na escada, enquanto Jean-Pierre dizia: □ É o que tenciono fazer. Por que pensa que estou aqui? Vim para avisá-lo que estão à sua procura. Jane com preendeu que Jean-Pierre estava sendo sincero, acreditava de fato naquela história. Pois m uito bem , Ellis esclareceria tudo dentro em pouco.

A porta foi aberta e Ellis entrou.

Ele parecia m uito feliz, com o se transbordasse de boas notícias. Mas o sorriso se desvaneceu um pouco ao deparar com os dois.

□ Oi □ disse ele.

Ellis fechou a porta e trancou-a, com o era seu hábito. Jane sem pre pensara que era um a excentricidade, m as agora ocorreu-lhe que era a atitude que um espião adotaria.

Tratou de afastar o pensam ento da m ente. Jean-Pierre foi o prim eiro a falar.

□ Eles estão atrás de você, Ellis. Já sabem de tudo. E querem pegá-lo.

Jane olhou de um para o outro. Jean-Pierre era m ais alto do que Ellis, m as Ellis tinha os om bros largos e peito estufado. Os dois ficaram im óveis por um m om ento, fitando-se, com o gatos a se avaliarem . Jane abraçou Ellis, beij ou-o com um sentim ento de culpa e disse: □ Jean-Pierre acaba de m e contar um a história absurda, que você é um espião da CIA.

Jean-Pierre estava se inclinando pela j anela, esquadrinhando a rua lá em baixo. Ele se virou agora para fitá-los.

□ Conte a ela, Ellis.

□ De onde tirou essa ideia? □ perguntou Ellis.

□ Está circulando pela cidade.

□ E de quem exatamente você ouviu? □ indagou Ellis, a voz muito firme.

□ Raoul Clermont.

Ellis acenou com a cabeça. Passando a falar em inglês, ele disse: □ Quer sentar, por favor, Jane?

□ Não quero não □ disse ela, irritada. .

□ Tenho uma coisa para lhe contar.

Não podia ser verdade. Era impossível. Jane sentiu o pânico aflorar-lhe à garganta.

□ Pois então conte logo e pare de me pedir para sentar! . Ellis olhou para Jean-Pierre e disse em francês: □ Quer nos deixar a sós? Jane começou a se sentir furiosa.

□ O que vai me contar? Por que não diz simplesmente que Jean-Pierre está enganado?

Diga-me que não é um espião, Ellis, antes que eu enlouqueça! □ Não é tão simples assim .

□ É muito simples! □ Jane não podia mais evitar o tom histérico em sua voz. □ Ele diz que você é um espião, que trabalha para o governo americano, que tem me entendido, de maneira

contínua, descarada e traiçoeira, desde que nos conhecemos. Isso é verdade? É ou não? Vá lá, responda! Ellis suspirou.

□ Acho que é verdade.

Jane sentiu que estava prestes a explodir e berrou: □ Seu filho da puta! Seu filho da puta escroto! O rosto de Ellis estava impassível, como se fosse de pedra.

□ Eu ia lhe contar tudo hoje.

Houve uma batida na porta. Os dois a ignoraram .

□ Você tem me espionado e a todos os meus amigos! □ gritou Jane.

□ Eu m e sinto terrivelm ente envergonhada.

□ Meu trabalho aqui está concluído □ declarou Ellis. □ Não preciso m ais m entir para você.

□ Não terá essa chance! Não quero vê-lo nunca m ais! A batida tornou a soar e Jean-Pierre disse, em francês: □ Há alguém batendo na porta. Ellis m urm urou: □ Não está falando sério... que nunca m ais vai querer m e ver. Jane respondeu: □ Será que não com preende o que fez com igo? Jean-Pierre insistiu: □ Abra logo a porra da porta, pelo am or de Deus! Jane balbuciou: □ Mas que m erda! Ela foi até a porta. Destrancou-a e abriu-a. Um hom em enorm e, de om bros largos, usando um paletó verde, com um rasgão na m anga, estava parado ali. Jane nunca o vira antes.

□ O que você quer? E só então ela percebeu que o hom em em punhava um revólver. Os poucos segundos subsequentes pareceram passar m uito devagar.

Jane com preendeu, num relance, que se Jean-Pierre estava certo ao dizer que Ellis era um espião, então provavelm ente tam bém tinha razão quando afirm ara que alguém queria vingança; e que no m undo em que Ellis habitava secretam ente, "vingança" podia significar um a batida na porta e um hom em com um revólver na m ão.

Ela abriu a boca para gritar.

O hom em hesitou por um a fração de segundo. Parecia surpreso, com o se não esperasse deparar com um a m ulher. Os olhos foram de Jane para Jean-Pierre e voltaram : ele sabia que Jean-Pierre não era seu alvo. Mas estava confuso porque não podia ver Ellis, escondido pela porta entreaberta. Em vez de gritar, Jane tentou bater a porta.

Enquanto ela em purrava a porta, o pistoleiro percebeu o que ela estava fazendo e esticou o pé. A porta bateu em seu sapato e voltou. Mas ao esticar o pé ele abriu os braços, a fim de m anter o equilíbrio, e a arm a apontava agora para o canto do teto. Ele vai m atar Ellis, pensou Jane. Ele vai m atar Ellis.

Ela jogou-se em cim a do pistoleiro, batendo em sua cara com os punhos, pois subitam ente, em bora odiasse Ellis, não queria que ele m orresse.

O hom em foi distraído apenas por um a fração de segundo. com um braço forte, em purrou Jane para o lado. Ela caiu sentada, m achucando o cóccix.

E viu o que aconteceu em seguida com terrível clareza.

O braço que a em purrara para o lado voltou e escancarou a porta. Enquanto o hom em virava a m ão com a arm a, Ellis avançou para ele, a garrafa de vinho erguida acima da cabeça.

A arm a disparou no instante em que a garrafa descia, o estam pido do tiro coincidindo com o barulho de vidro quebrando.

Jane ficou olhando horrorizada para os dois hom ens.

E depois o pistoleiro arriou, enquanto Ellis perm anecia de pé. Ela com preendeu então que o tiro não acertara.

Ellis inclinou-se e arrancou o revólver da m ão do hom em . Jane levantou-se com bastante esforço.

☐ Você está bem ? ☐ perguntou-lhe Ellis.

☐ Estou viva.

Ele virou-se para Jean-Pierre.

☐ Quantos há na rua? Jean-Pierre olhou pela j anela.

☐ Nenhum .

Ellis ficou surpreso.

☐ Devem estar escondidos. ☐ Ele guardou a arm a no bolso e foi até a estante. ☐

Afastem -se. Ele j ogou a estante no chão. Havia um a porta por trás.

Ellis abriu-a.

Fitou Jane por um longo m om ento, com o se tivesse algum a coisa para dizer m as não fosse capaz de encontrar as palavras. Depois, passou pela porta e desapareceu.

Jane hesitou por um instante, depois avançou devagar até a porta secreta e espiou. Havia ali outro quarto, escassam ente m obilia do, coberto pela poeira, com o se não fosse ocupado há um ano. Um a porta estava aberta no outro lado e m ais além havia um a escada.

Ela virou-se e correu os olhos pelo quarto de Ellis. O pistoleiro estava caído no chão, sem sentidos, no m eio de um a poça de vinho. Ele

tentara m atar Ellis, bem ali, naquele quarto, o que j á parecia irreal. Tudo parecia irreal: Ellis ser um espião; Jean-Pierre saber disso; Rahm i ser preso; o cam inho de fuga de Ellis.

Ele se fora. Nunca m ais quero vê-lo, ela lhe dissera, poucos segundos antes. Parecia que o seu desejo o seria atendido.

Ela ouviu passos na escada.

Levantou os olhos do pistoleiro e fitou Jean-Pierre. Ele tam bém parecia aturdido. Depois de um m om ento, Jean-Pierre atravessou o quarto e abraçou-a. Jane encostou a cabeça em seu om bro e desatou a chorar.

*** Parte Dois ***

Capítulo 4

O rio descia da linha do gelo, frio e cristalino, sem pre im petuoso, e enchia o vale com seu barulho, enquanto turbilhonava pelas ravinas e passava pelos trigais, num a corrida precipitada para as distantes terras baixas. Há quase um ano que o som estivera constantemente nos ouvidos de Jane: às vezes alto, quando ela ia se banhar ou quando percorria as trilhas sinuosas entre as aldeias na encosta; às vezes suave, com o agora, quando se encontrava bem alto na encosta e o Rio dos Cinco Leões era apenas um brilho e um m urm úrio à distância. Quando deixava o vale, ocasionalm ente, ela descobria que o silêncio era enervante, com o os habitantes da cidade em férias no cam po que não conseguem dormir por causa da ausência de barulho. Prestando atenção, ouviu m ais algum a coisa e com preendeu que o novo som a tornara consciente do velho.

Sobrepondo-se ao coro do rio, surgia o barulho de um avião de hélice.

Jane abriu os olhos. Era um Antonov, o lento e predador aparelho de reconhecim ento, cuj o rugido incessante era o arauto habitual dos j atos m ais velozes e m ais ruidosos em m issão de bom bardeio. Ela sentou e olhou ansiosam ente pelo vale.

Estava em seu refúgio secreto, um a saliência larga e plana, no m eio de um penhasco. Por cim a, a proj eção a escondia sem bloquear o sol, dissuadindo qualquer um que não fosse um m ontanhista a descer. Por baixo, o acesso ao refúgio era íngrem e e pedregoso, desprovido de vegetação: ninguém podia subir sem ser ouvido e visto por Jane. Além do m ais, não havia m otivo para alguém ir até ali. Jane só encontrara o lugar ao sair da trilha e se perder. A privacidade era im portante

porque ela ia até ali para despir-se e deitar ao sol. Com o as afegãs eram recatadas com o freiras, ela seria linhada se a vissem nua.

À direita, a encosta poeirenta caía m uito depressa. Quase na base, onde a encosta com eçava a nivelar, perto do rio, ficava a aldeia de Banda, cinquenta ou sessenta casas aderindo a um terreno irregular e rochoso que ninguém podia cultivar. As casas eram feitas de pedras cinzentas e tij olos de lam a, cada um a tinha um teto plano de terra com pactada, estendida sobre esteiras. Ao lado da pequena m esquita de m adeira havia um grupo de casas em ruínas: um dos bom bardeiros russos acertara um a bom ba ali há poucos m eses. Jane podia ver a aldeia claram ente, em bora fosse um a escalada de vinte m inutos lá de baixo. Correu os olhos pelos telhados e pátios m urados, os cam inhos de terra, procurando por crianças extraviadas. Mas, felizm ente, não havia nenhum a. Banda estava deserta, sob o céu quente e azul.

À esquerda, o vale se alargava. Os pequenos cam pos pedregosos estavam pontilhados de crateras de bom bas, e nas encostas inferiores das m ontanhas m uitos dos antigos taludes haviam desabado. O trigo estava m aduro, m as ninguém o colhia.

Além dos cam pos, na base do paredão rochoso que constituía o outro lado do vale, corria o Rio dos Cinco Leões, profundo em alguns lugares, raso em outros, ora largo, ora estreito, sem pre rápido e sem pre rochoso. Jane esquadrinhou toda a sua extensão, até onde podia avistar.

Não havia m ulheres tom ando banho ou lavando roupas, não havia crianças brincando, não havia hom ens levando cavalos ou burros pelo vau.

Jane pensou em vestir-se, deixar o refúgio e subir m ais um pouco pela encosta, até as cavernas. Era onde estavam os aldeões, os hom ens dorm indo depois de um a noite de trabalho nos cam pos, as m ulheres cozinhando e tentando evitar que as crianças se afastassem , as vacas nos currais e as cabras am arradas, os cachorros brigando por restos de com ida. Provavelm ente ela

estava segura ali, pois os russos bom bardeavam as aldeias, não as encostas nuas; m as sem pre havia a possibilidade de um a bom ba extraviada, e um a caverna a protegeria de tudo, a não ser de um im pacto direto.

Antes de tom ar um a decisão, no entanto, ela ouviu o rugido dos j

atos. Estreitou os olhos contra o sol para observá-los. O barulho enchia o vale, sobrepondo-se ao troar do rio, enquanto os aviões passavam por cima, seguindo para nordeste, ainda muito altos, mas descendo, um, dois, três, quatro assassinos prateados, o auge da engenhosidade humana acionado para matar e mutilar com poneses analfabetos, derrubar casas de tijolos de lama e retornar à base a uma velocidade superior a mil quilômetros horários.

Eles desapareceram em um minuto. Banda seria poupada naquele dia. Pouco a pouco, Jane relaxou. Os ataques a apavoravam. Banda escapara com plétam ente ao bom bardeio no último do verão e todo o vale tivera uma trégua durante o inverno; mas recom eçara com intensidade naquela primavera e Banda já fora atingida várias vezes, uma bom ba caindo bem no centro da aldeia. Desde então, Jane odiava os ataques.

A coragem dos aldeões era espantosa. Cada família fizera um segundo lar nas cavernas lá em cima. Eles subiam a encosta todas as manhãs, passando o dia ali, para voltarem ao crepúsculo, pois não havia bom bardeio à noite. Com o era inseguro trabalhar nos campos durante o dia, os homens deixavam para fazê-lo à noite □ ou melhor, os mais velhos o faziam, já que os jovens ficavam ausentes na maior parte do tempo, atirando contra os russos na extremidade meridional do vale ou mais além.

Naquele verão os bom bardeios estavam sendo mais intensos do que nunca em todas as áreas rebeldes, segundo as informações que Jean-Pierre colhia entre os guerrilheiros.

Se os afegãos de outras partes do país eram como os daquele vale, seriam capazes de se adaptar e sobreviver: salvando uns poucos bens preciosos dos escombros de uma casa bom bardeada, replantando incansavelmente as hortas destruídas, cuidando dos feridos e enterrando os mortos, enviando adolescentes cada vez mais jovens para os líderes das guerrilhas.

Jane estava convencida de que os russos jamais conseguiriam derrotar aquela gente, a menos que transformassem toda a região num deserto radiativo.

Já era outra questão se os rebeldes conseguiriam algum dia derrotar os russos. Eram corajosos e persistentes, controlavam os campos, mas as tribos rivais odiavam-se quase tanto quanto aos invasores, e seus rifles eram inúteis contra os bom bardeiros a jato e os helicópteros blindados.

Jane tratou de afastar da mente os pensamentos de guerra. Era o auge do calor do dia, a hora da sesta, quando gostava de ficar sozinha e relaxar. Pegou uma bolsa de pele de cabra com uma antea clara e cometeu a passá-la pela pele esticada da enorme barriga, perguntando-se como poderia ser tão tola a ponto de engravidar no Afeganistão.

Chegara com um estoque de pílulas anticoncepcionais para dois anos, um diafragma e uma caixa inteira de geleia espermicida; contudo, apenas poucas semanas depois, esquecera de recomendar a tomar as pílulas após a menstruação e depois esquecera várias vezes de pôr o diafragma.

□ Com o quê cometeu um erro desses? □ gritara Jean-Pierre.

Ela não poderia responder. Mas agora, deitada ao sol, alegremente grávida, os lindos seios intumescidos e uma dor permeante nas costas, ela podia compreender que fora um erro deliberado, uma espécie de delito profissional de seu inconsciente. Queria um filho, sabia que

Jean-Pierre não o desejava, e por isso o tornara possível por acidente.

Por que eu queria tanto ter um filho?, perguntou a si mesma. A resposta surgiu no mesmo instante: porque eu me sentia sozinha.

□ Será verdade? □ disse ela, em voz alta.

Seria irônico. Jamais se sentira sozinha em Paris, vivendo só, fazendo coisas apenas para si, conversando com sua imagem no espelho; mas agora, casada, passando todas as noites com o marido e trabalhando ao seu lado durante a maior parte de cada dia, sentia-se isolada, assustada e sozinha.

Haviam casado em Paris pouco antes de viajarem. Parecera de certa forma um elemento natural da aventura: outro desafio, outro risco, outra emoção. Todos começaram com eles eram felizes, lindos, corajosos e apaixonados, o que era verdade.

Não podia haver qualquer dúvida de que ela esperara tempo demais. Esperara por um amor e intimidade sem precedentes com Jean-Pierre. Pensara que descobriria tudo sobre a infância de seu marido, do que ele realmente tinha medo, se era verdade que os homens sacudiam as gotas depois de urinare; por sua vez, contaria a ele que o pai fora um alcoólatra, que tinha uma fantasia de ser estuprada por um negro e que às vezes chupava o polegar, quando se sentia ansiosa.

Mas Jean-Pierre parecia pensar que o relacionam ento depois do casam ento deveria continuar exatam ente com o antes. Tratava-a com extrem a cortesia, fazia-a rir em seus acessos côm icos, aconchegava-se desam parado em seus braços quando estava deprim ido, discutia política e a guerra, fazia am or com eficiência um a vez por sem ana, com seu corpo esguio e j ovem , as m ãos fortes e sensíveis de cirurgião, com portava-se sob todos os aspectos com o um nam orado, e não com o um m arido. Jane ainda se sentia incapaz de conversar com ele sobre coisas tolas e em baraçosas, com o se um turbante fazia seu nariz parecer m ais com prido, com o ainda se sentia furiosa pela surra que levava por ter derram ado tinta verm elha no tapete da sala de estar, quando na verdade a culpada fora sua irm ã Pauline. Ela queria perguntar a alguém É assim que deve ser, ou vai m elhorar?, m as as am igas e a fam ília estavam m uito longe, e as m ulheres afegãs achariam que suas expectativas eram afrontosas. Ela resistira à tentação de confrontar Jean-Pierre com seu desapontam ento, em parte porque a queixa era m uito vaga, em parte porque tinha m edo da resposta dele.

Recordando, ela podia perceber que a ideia de um filho se insinuara em sua m ente antes m esm o, quando saía com Ellis Thaler. Naquele ano voara de Paris a Londres para assistir ao batizado do terceiro filho de sua irm ã Pauline, algo que norm alm ente não faria, pois detestava as reuniões form ais de fam ília. Tam bém com eçara a tom ar conta de um bebê para um casal que m orava em seu prédio, um histérico negociante de antiguidades e sua m ulher aristocrática.

Gostava principalm ente quando a criança chorava e ela tinha de pegá-la no colo e niná-la.

E depois, ali no vale, onde seu dever era orientar as m ulheres a planejam seus filhos, em benefício de crianças m ais saudáveis, descobriam-se a partilhar a alegria com que cada nova gravidez era saudada, m esm o nas casas m ais pobres e m ais apinhadas. Assim , a solidão e o instinto m aternal conspiraram contra o bom senso.

Houve um tem po □ m esm o que apenas um instante fugaz □ em que com prendera que o inconsciente estava querendo engravidá-la? Teria pensado Posso ter um filho no m om ento em que Jean-Pierre a penetrara, deslizando lenta e graciosam ente com o um navio para o porto, enquanto seus braços apertavam o corpo dele; ou no segundo de hesitação, im ediatam ente antes

do orgasm o de Jean-Pierre, quando ele fechava os olhos com força e parecia se retirar das profundezas dela para si m esm o, um a

espaçonnave caindo no coração do sol; ou depois, enquanto ela resvalava feliz para o sono, com o sêm en quente dentro de si? □ Será que com preendi? □

disse ela, em voz alta.

Mas pensar em fazer am or deixara-a excitada, e com eçou a se acariciar lascivam ente, com as m ãos escorregadias da m anteiga, esquecendo a indagação e deixando que a m ente fosse povoada com im agens de paixão, vagas e turbilhonantes.

O barulho dos j atos trouxe-a de volta ao m undo real. Olhou, apavorada, enquanto outros quatro bom bardeiros passavam pelo vale e desapareciam . Depois que o barulho cessou, ela recom eçou a se acariciar, m as o clim a fora arruinado. Ficou im óvel, ao sol, e pensou no filho.

Jean-Pierre reagira à gravidez de acordo com o previsto. Ficara tão furioso que quisera realizar um aborto no m esm o instante.

Jane achara esse desej o terrívelm ente m acabro e de repente ele lhe parecera um estranho. Mais difícil de suportar, no entanto, fora o sentim ento de rej eição. O pensam ento de que o m arido não queria o filho a deixara desolada. Jean-Pierre agravara ainda m ais a situação ao se recusar a tocá-la. Ela nunca se sentira tão desesperada em toda a sua vida. Pela prim eira vez, com prendera por que as pessoas às vezes tentavam se m atar. O térm ino do contato físico fora a pior de todas as torturas ela chegara a desej ar, com toda a sinceridade, que Jean-Pierre a espancasse em vez de se afastar, de tanto que precisava ser tocada. Quando se lem brava daqueles dias, Jane ainda se sentia furiosa com o m arido, em bora fosse ela própria quem provocara tudo.

E chegara a m anã em que ele a abraçara e pedira desculpas por seu com portam ento; em bora parte de Jane ainda quisesse dizer "Pedir desculpas não é suficiente, seu filho da puta", o resto dela estava desesperado pelo am or de Jean-Pierre, e por isso ela o perdoara im ediatam ente. Ele explicara que j á estava com m edo de perdê-la; e se ela fosse a m ãe de seu filho, então ficaria absolutam ente apavorado, pois nesse caso poderia perder a am bos. A confissão levara-a às lágrim as e ela com prendera que, ao engravidar, assum ira o suprem o com prom isso com Jean-Pierre. Tom ara então a decisão de fazer com que o casam ento desse certo, independente do que pudesse acontecer.

Ele se tornara mais afetuosos depois disso. Passara a se interessar pelo bebê crescendo em sua barriga, preocupava-se com a saúde e segurança de Jane, com os pais ansiosos costumam fazer. O casamento seria uma união impecável e feliz, pensou Jane, imaginando um futuro ideal, com Jean-Pierre como ministro da Saúde da França, num governo socialista, ela própria eleita para o Parlamento Europeu, três filhos brilhantes, um na Sorbonne, outro na Escola de Economia de Londres e o terceiro na Escola de Arte Dramática de Nova York.

Nessa fantasia, a criança mais velha e mais inteligente era uma menina. Jane tocou na barriga, com primídeo-a de leve com as pontas dos dedos, sentindo os contornos do bebê. Segundo Rabia Gul, a velha parteira da aldeia, seria uma menina, pois podia ser sentida no lado esquerdo, enquanto os garotos cresciam no lado direito.

Por isso, Rabia prescrevera uma dieta de vegetais, especialmente pimentão verde. Para um garoto, ela recomendaria muita carne e peixe. No Afeganistão, os homens eram mais elos alimentados, antes mesmo de nascerem.

Os pensamentos de Jane foram interrompidos por um estrondo alto. Ficou confusa por um

momento, associando a explosão com os fatos que haviam passado vários minutos antes, a caminho para bombardear alguma outra aldeia; e depois ouviu, bem perto, o grito alto e contínuo de uma criança, em dor e pânico.

Compreendeu no mesmo instante o que acontecera. Os russos, usando táticas que aprenderam dos americanos no Vietnã, haviam coalhado o interior com minas antipessoais.

O objetivo ostensivo era bloquear as linhas de suprimentos dos guerrilheiros; mais com os

"linhas de suprimentos dos guerrilheiros" eram as trilhas nas montanhas usadas todos os dias por velhos, mulheres, crianças e animais, o verdadeiro propósito era o de semear o terror. Aquele grito significava que uma criança detonara uma mina.

Jane levantou-se de um pulo. O som parecia vir de algum lugar nas proximidades da casa do mulo, a menos de um quilômetro da aldeia, já na trilha que subia pela encosta.

Jane podia vê-la, à esquerda, um pouco mais abaixo. Calçou os sapatos, pegou as roupas e correu nessa direção. O primeiro grito

prolongado term inou e com eçou um a série de berros curtos e aterrorizados. Jane calculou que a criança percebera os danos que a mina causara a seu corpo e gritava agora de pavor. Correndo pela vegetação rasteira, Jane com prendeu que tam bém estava entrando em pânico, tão perem ptório era o cham ado da criança desesperada.

□ Acalm e-se □ m urm urou para si m esm a, ofegante.

Se sofresse um a queda, haveria duas pessoas em dificuldade, e não apenas um a para socorrer. Além do m ais, a pior coisa para um a criança assustada era um adulto assustado.

Ela estava perto agora. A criança devia estar escondida nas m oitas e não na trilha, pois todas as trilhas eram lim padas pelos hom ens cada vez que os russos as m inavam , m as seria im possível rem over as m inas de toda a encosta.

Jane parou, escutando. Arfava tão alto que teve de prender a respiração. Os gritos partiam de um a área de capim e zim bros. Entreabriu as m oitas e vislum brou um pedaço de um casaco azul. A criança devia ser Mousa, o filho de nove anos de Moham m ed Khan, um dos líderes das guerrilhas. Um m om ento depois ela estava ao lado do m enino.

Mousa estava aj oelhado na terra. Era evidente que tentara pegar a m ina, pois a explosão arrancara sua m ão e ele agora olhava para o coto ensanguentado, os olhos arregalados e desvairados, gritando em terror.

Jane vira m uitos ferim entos durante o últim o ano, m as aquele a com oveu.

□ Oh, Deus □ m urm urou ela. □ Pobre m enino! Aj oelhando-se na frente do m enino, ela abraçou-o, m urm urou sons tranquilizadores. Ele parou de gritar depois de um m om ento. Jane torceu para que ele com eçasse a chorar, m as o m enino estava chocado dem ais e perm aneceu em silêncio. Enquanto o abraçava, ela procurou e encontrou o ponto de pressão na axila, detendo o j orro de sangue. Ia precisar de aj uda. Devia fazê-lo falar.

□ O que aconteceu, Mousa? □ ela perguntou, em dari. Ele não respondeu. Jane repetiu a pergunta.

□ Eu pensei... □ Os olhos se arregalaram ainda m ais enquanto lem brava, a voz se alteou para um grito quando acrescentou: □ Eu pensei que fosse UMA BOLA! □ Calm a, calm a □

m urm urou Jane. □ Conte-m e o que você fez.

□ EU PEGUEI! EU PEGUEI! Ela abraçou-o com força, procurando acalm á-lo.

□ E o que aconteceu? A voz do m enino estava agora trêm ula, m as não era m ais histérica:

□ Explodiu.

Ele se acalm ava depressa. Jane pegou-lhe a m ão direita e a colocou sob o braço esquerdo.

□ Aperte onde estou apertando. □ Ela guiou as pontas dos dedos de Mousa, enquanto retirava os seus. O sangue recom eçou a fluir do ferim ento. □ Aperte com força.

Ele obedeceu. A hem orragia cessou. Jane beij ou-o na testa. Estava úm ida e fria.

Ela largara suas roupas no chão, ao lado de Mousa. Usava as roupas das m ulheres afegãs: um vestido em form a de saco por cim a de um a calça de algodão. Pegou o vestido e rasgou o pano fino em várias tiras, depois com eçou a fazer um torniquete. Mousa a observava, os olhos arregalados, em silêncio. Jane quebrou um graveto seco de um zim bro e o usou para rem atar o torniquete.

Ele precisava agora de um a atadura, um sedativo, um antibiótico para evitar a infecção e da m ãe para evitar o traum a.

Jane vestiu a calça e am arrou o cordão. Desej ou não ter sido tão precipitada ao rasgar o vestido, pois poderia ter preservado o suficiente para cobrir a parte superior do corpo. Agora, teria de torcer para não encontrar algum hom em a cam inho das cavernas.

E com o levaria Mousa até lá? Não queria tentar fazê-lo andar. Não podia carregá-lo nas costas, pois ele provavelm ente não conseguiria se segurar. Ela suspirou: teria de levá-lo nos braços. Agachou-se, passou um braço pelos om bros do m enino, outro por baixo das coxas.

Levantou-o, fazendo força nos j oelhos e não nas costas, com o aprendera nas aulas de educação física. Aninhando o m enino no colo, as costas repousando sobre a elevação de sua barriga, ela com eçou a subir pela encosta, devagar.

Só o conseguia porque ele estava desnutrido: um garoto europeu de

nove anos seria pesado demais. Ela não demorou a deixar as moitas e encontrar a trilha. Mas sentiu-se exausta depois de quarenta ou cinquenta metros. Nas últimas semanas cansava-se muito depressa, o que a irritava, mas aprendera a não lutar contra isso. Pôs Mousa no chão e manteve-o de pé, abraçando-o gentilmente, enquanto descansava, encostada no paredão do penhasco que se estendia a um lado da trilha. Ele mergulhara num silêncio apático, que Jane achava mais preocupante que os gritos. Assim que se sentisse melhor, tornaria a pegá-lo no colo e recomençaria a subida.

Ela estava descansando perto do topo da colina, quinze minutos depois, quando um homem apareceu na trilha, à sua frente. Jane reconheceu-o.

□ Oh, não! □ murmurou ela, em inglês. □ Entre todas as pessoas... Logo Abdullah! Era um homem baixo, em torno dos 55 anos, um tanto atarracado, apesar da escassez de comida.

com o turbante castanho-amarilado e a calça preta larga, ele usava um suéter em losangos de várias cores e um jaquetão listrado azul que dava a impressão de ter sido vestido outrora por um austero corretor londrino. A barba abundante era pintada de vermelho. Abdullah era o mullah de Banda.

Ele desconfiava dos estrangeiros, desprezava as mulheres e odiava todos os praticantes da medicina estrangeira. Jane, sendo as três coisas, nunca tivera a menor possibilidade de conquistar sua afeição. Para agravar ainda mais a situação, muitas pessoas no vale haviam chegado à conclusão de que tomar os antibióticos de Jane era um tratamento mais eficaz para as infecções do que aspirar a fumaça de um pedaço de papel queimando em que Abdullah escrevera com tinta de açafrão; com isso, o mullah estava perdendo dinheiro. Sua reação era se referir a Jane

com o "a prostituta ocidental". Mas era difícil ele fazer mais do que isso, pois ela e Jean-Pierre estavam sob a proteção de Ahmed Shah Masud, o líder guerrilheiro, e até mesmo um mullah hesitava em enfrentar um grande herói.

Ao vê-la, Abdullah estacou abruptamente, uma expressão de extrema incredulidade transformando seu rosto normalmente solene numa máscara cômica. Era a pior pessoa que Jane poderia encontrar. Qualquer outro homem da aldeia ficaria embaraçado e talvez ofendido ao vê-

la sem inua, m as Abdullah ficaria enfurecido. Jane resolveu apelar para o descaram ento e disse em dari: □ A paz estej a com você.

Era o com eço de um intercâm bio form al de saudações, que poderia às vezes se prolongar por cinco ou dez m inutos. Mas Abdullah não respondeu com o usual E com você.

Em vez disso, abriu a boca e com eçou, a voz alta e estridente, a insultá-la, com um j orro de im precações que incluíam as palavras em dari para prostituta, pervertida e sedutora de crianças. Seu rosto ficou roxo de fúria, ele se adiantou e levantou o bastão. Aquilo estava indo longe dem ais. Jane apontou para Mousa, que estava de pé ao seu lado, em silêncio, atordoadado pela dor e fraco pela perda de sangue.

□ Olhe bem ! □ berrou ela para Abdullah. □ Não está vendo...

Mas ele estava ofuscado pela raiva. Antes que Jane pudesse concluir o que estava querendo dizer, o m ula acertou com o bastão em sua cabeça. Jane soltou um grito de dor e raiva; ficou surpresa pela intensidade da dor e furiosa porque Abdullah se atrevera a agredi-la.

Ele ainda não notara o ferim ento de Mousa. Os olhos do m ula estavam focalizados no peito de Jane e ela com preendeu, num relance, que a visão dos seios nus de um a m ulher branca ocidental, grávida, em plena luz do dia, estava tão cercada de diferentes tipos de ansiedade sexual que ele inevitavelm ente explodiria. Não planej ava puni-la com um ou dois golpes, com o poderia castigar sua esposa por desobediência. Havia m orte em seu coração.

Subitam ente, Jane sentiu-se apavorada □ por si m esm a, por Mousa, por seu filho que ainda não nascera. Ela cam baleou para trás, fora de alcance, m as Abdullah avançou, tornando a erguer o bastão. Num a repentina inspiração, ela pulou para cim a dele, espetando os dedos em seus olhos.

Ele esbravej ou com o um touro ferido. Estava m ais indignado pelo fato de um a m ulher a quem espancava ousar revidar do que propriam ente m achucado. Enquanto ele estava m om entaneam ente cego, Jane agarrou sua barba com as duas m ãos e puxou. O m ula cam baleou para a frente, tropeçou e caiu. Rolou uns poucos m etros pela encosta e foi parar num salgueiro-anão.

Jane pensou: Santo Deus, o que eu fiz? Olhando para o sacerdote pom poso e m aligno em sua hum ilhação, Jane teve certeza de que ele nunca m ais esqueceria. Poderia se queixar aos

"barbas brancas", os anciãos da aldeia. Poderia procurar Masud e exigir que os médicos estrangeiros fossem em bora. Poderia até tentar incitar os homens de Banda a apedrejarem Jane.

Mas quase no mesmo instante em que tudo isso lhe ocorreu, ela pensou que, para apresentar qualquer queixa, Abdullah teria de contar a história em todos os seus detalhes ignominiosos, e os aldeões certamente ririam dele, pois os afegãos podiam ser qualquer coisa, menos cruéis. Assim, talvez ela pudesse escapar.

Jane virou-se. Tinha algo muito importante com que se preocupar. Mousa continuava parado onde ela o deixara, em silêncio, imóvel, chocado demais para compreender o que

acontecera. Jane respirou fundo, tornou a pegá-lo no colo e continuou a subir.

Chegou à crista da colina depois de muitos alguns passos e pôde andar mais depressa, pois a trilha se nivelava. Atravessou o platô rochoso. Sentia-se cansada e as costas doíam, mas estava quase chegando: as cavernas ficavam logo abaixo do topo. Alcançou o outro lado da crista e ouviu vozes de crianças ao mesmo tempo que a descer.

Um instante depois Jane avistou um grupo de crianças de seis anos brincando de céu-inferno, brincadeira em que duas crianças levavam uma, que tinha que segurar os dedos dos pés para o Céu — quando se dava um jeito de não os largar — ou Inferno, geralmente um depósito de lixo ou uma latrina, quando se largava. Ela compreendeu que Mousa nunca mais poderia participar daquela brincadeira e foi dominada de repente por um senso de tragédia. Nesse momento as crianças a notaram, pararam de brincar e ficaram observando-a, enquanto ela passava. Uma delas sussurrou: — Mousa...

Outra repetiu o nome e depois o encantamento foi quebrado, todos saíram correndo à frente de Jane, gritando a notícia.

O esconderijo diurno dos aldeões de Banda parecia o acampamento no deserto de uma tribo de nômades: o chão poeirento, o sol ardente do meio-dia, os remanescentes das fogueiras de cozinhar, as mulheres encapuzadas, as crianças sujas. Jane cruzou o pequeno quadrado de terreno plano na frente das cavernas. As mulheres já se dirigiam para a caverna maior, que Jane e Jean-Pierre haviam convertido em clínica. Jean-Pierre ouviu o tumulto e saiu.

Agradecida, Jane entregou-lhe Mousa, dizendo em francês: — Foi uma menina. Ele perdeu a mão. Dê-me sua camisa. Jean-Pierre levou

Mousa para o interior da caverna e estendeu-o no tapete que servia com o m esa de exam e. Antes de cuidar do m enino, ele tirou sua camisa aqui m anchada e entregou-a a Jane. Ela vestiu-a. Sentia-se um pouco tonta.

Pensou em sentar e descansar, no fundo fresco da caverna. Mas depois de dar dois ou três passos nessa direção, m udou de ideia e sentou-se onde estava. Jean-Pierre disse: □ Passe-m e as m echas.

Jane ignorou-o. A m ãe de Mousa, Halim a, entrou correndo na caverna e com eçou a gritar quando viu o filho. Eu deveria acalm á-la, pensou Jane, a fim de que ela possa confortar o m enino; por que não consigo levantar? Acho que Vou fechar os olhos. Só por um instante.

Ao cair da noite, Jane sabia que seu bebê estava chegando.

Quando voltou a si, depois de desmai ar na caverna, tinha o que pensou ser um a dor nas costas, causada por carregar Mousa. Jean-Pierre concordou com esse diagnóstico, deu-lhe um a aspirina e m andou que ficasse deitada. Rabia, a parteira, entrou na caverna para ver Mousa e olhou Jane atentam ente, que na ocasião não entendeu o significado.

Jean-Pierre lim pou e fez um curativo no coto de Mousa, deu-lhe penicilina e aplicou um a inj eção antitetânica. O m enino não m orreria de infecção, com o quase certam ente aconteceria sem os m edicam entos ocidentais. Apesar disso, no entanto, Jane conj eturou se a vida valeria a pena para ele. A sobrevivência ali j á era difícil até para os m ais capazes físicam ente, e as crianças aleij adas geralm ente m orriam cedo.

Ao final da tarde Jean-Pierre preparou-se para sair. Tinha m arcado um a visita para atender os doentes em um a aldeia a vários quilômetros dali e □ por algum m otivo que Jane j am ais com preendeu direito □ nunca faltava a esses com prom issos, m esm o sabendo que nenhum afegão ficaria surpreso se ele se atrasasse um dia ou um a semana.

Quando deu um beijo de despedida em Jane, ela j á com eçava a se perguntar se a dor nas costas não seria o início do trabalho de parto, provocado prem aturam ente pela provação com Mousa. Mas com o nunca tivera um filho antes, não podia saber com certeza e achou que seria im provável. Perguntou a Jean-Pierre, que respondeu incisivam ente: □ Não se preocupe. Ainda terá de esperar m ais seis sem anas. Ela perguntou se não seria m elhor ele ficar, de qualquer form a, m as

Jean-Pierre afirmou que era totalmente desnecessário. Jane sentiu-se tola e deixou-o partir, os suprimentos médicos carregados num pônei esquelético, para poder chegar a seu destino antes do escurecer e poder com ele trabalhar bem cedo na manhã seguinte.

Quando o sol começou a se pôr atrás do paredão rochoso a oeste e o vale foi invadido pelas sombras, Jane desceu a encosta com as mulheres e crianças até a aldeia às escuras, enquanto os homens se encaminhavam para os campos, a fim de realizar a colheita, enquanto os bombardeiros dormiam.

A casa em que Jane e Jean-Pierre estavam instalados pertencia ao comerciante da aldeia, que perdera a esperança de ganhar dinheiro em tempo de guerra e não havia quase nada para vender e fora para o Paquistão com a família. O comércio da frente, anteriormente a loja, fora a clínica de Jean-Pierre, até que a intensidade dos bombardeios do verão expulsara os aldeões para as cavernas durante o dia. A casa tinha dois quartos nos fundos, um para os homens e seus hóspedes, outro para as mulheres e crianças. Jane e Jean-Pierre usavam esses cômodos com o quarto e sala de estar. Ao lado da casa havia um pátio murado, onde ficava o fogão, e também um pequeno poço, para lavar roupa, louça e crianças. O comerciante deixara alguns móveis de fabricação doméstica, e os aldeões haviam em prestado a Jane alguns lindos tapetes para o chão. Jane e Jean-Pierre dormiam sobre um colchão, com os afegãos, mas usavam sacos de dormir em vez de cobertores. Com os afegãos, enrolavam o colchão durante o dia ou estendiam no telhado plano para arejar com o tempo bom. Durante o verão todos dormiam nos telhados.

Descer da caverna para a casa teve um efeito peculiar sobre Jane. A dor nas costas ficou muito pior e ela estava prestes a desabar de dor e exaustão quando chegou na casa. Sentia uma vontade desesperada de urinar, mas estava cansada demais para ir até a latrina lá fora, e por isso usou o penico de emergência, por trás de uma tela, no quarto. Foi nessa ocasião que notou uma pequena mancha de sangue na entreperna da calça de algodão.

Não tinha energia suficiente para subir a escada externa e pegar o colchão no telhado, por isso deitou-se num tapete no quarto. A "dor nas costas" vinha em ondas sucessivas. Ela pôs as mãos na barriga durante a onda seguinte e sentiu o volume e se mexer, projetando-se para a frente enquanto a dor aumentava, depois recuando quando a dor diminuía. E não teve mais qualquer dúvida de que estava com contrações.

Ficou apavorada. Lem brou a conversa com a irm ã Pauline sobre parto. Depois do prim eiro filho de Pauline, Jane a visitara, levando um a garrafa de cham panha e um pouco de m arij uana. Quando estavam bastante relaxadas, Jane perguntara com o era realm ente, ao que Pauline respondera: □ Com o cagar um m elão.

As duas riram pelo que pareceram horas. Só que Pauline fizera o parto no hospital-escola da universidade, no centro de Londres, e não num a casa de tij olos de lam a, no Vale dos Cinco Leões.

Jane pensou: O que Vou fazer? Não devo entrar em pânico. Tenho de m e lavar com água

quente e sabonete; arrum ar um a tesoura afiada e deixá-la na água fervendo por quinze m inutos; pegar lençóis lim pos para deitar em cim a, tom ar líquidos; e relaxar.

Mas outra contração com eçou antes de ela poder fazer qualquer coisa, um a dor intensa dem ais. Fechou os olhos e tentou fazer respirações lentas, profundas e regulares, com o Jean-Pierre ensinara, m as era difícil controlar-se quando tudo o que queria era gritar de m edo e dor.

O espasm o deixou-a esgotada. Ficou im óvel, recuperando-se. Com preendeu que não poderia fazer qualquer das coisas que relacionara: não conseguiria realizar nada sozinha.

Assim que se sentisse bastante forte, levantaria e iria à casa m ais próxim a, pedindo às m ulheres que fossem cham ar a parteira.

A contração seguinte veio m ais cedo do que ela esperava, depois de um intervalo que parecia apenas de um ou dois m inutos. Enquanto a tensão alcançava o auge, Jane disse em voz alta: □ Por que nunca dizem à gente o quanto dói! Depois que o auge da dor passou, ela se forçou a levantar. O terror de dar à luz sozinha proporcionou-lhe a força necessária. Cam baleou do quarto para a sala. Sentia-se um pouco m ais forte a cada passo. Saiu para o pátio, onde de repente um j orro de líquido quente escorreu-lhe entre as coxas, deixando a calça encharcada: a bolsa d'água rom pera.

□ Oh, não! □ gem eu Jane. , Ela encostou-se no batente da porta. Não sabia se poderia andar sequer uns poucos m etros, com a calça caindo daquela m aneira. Sentiu-se hum ilhada e m urm urou: □ Tenho de andar...

Mas um a nova contração com eçou e ela arriou no chão pensando:

Terei de fazer tudo sozinha.

Quando abriu os olhos de novo, viu o rosto de um homem perto do seu. Parecia um xeque árabe: pele castanho-escuro, olhos pretos, bigode preto, as feições aristocráticas, com narinares salientes, nariz aquilino, dentes brancos, queixo com orgulho. Era Moham med Khan, o pai de Mousa.

— Graças a Deus — murmurou Jane, a voz engolada.

— Vim agradecer por salvar a vida de meu filho — disse Moham med, em francês. — Está doente? — Estou tendo um filho.

— Agora? — disse ele, aturdido.

— Daqui a pouco. Ajude-me a entrar em casa.

Moham med hesitou — o parto, com todas as coisas exclusivamente femininas, era considerado impuro — mas para sua crença, a hesitação foi apenas momentânea. Ajudou Jane a ficar de pé e amparou-a, através da sala e entrando no quarto. Ela tornou a se deitar no tapete e balbuciou: — Vá buscar água.

Ele franziu o rosto, sem saber o que fazer, parecendo muito infantil e bonito.

— Onde está Jean-Pierre? — Foi a Khawak. Preciso de Rabia.

— Está bem. Falarei com minha esposa.

— Antes de sair...

— O que é? — Por favor, dê-me um pouco de água.

Moham med parecia chocado. Era inaudito um homem servir uma mulher, mesmo com um simples copo d'água. Jane acrescentou: — Da minha oringa especial.

Ela lhe entregou uma oringa com água filtrada e fervida para beber: era a única maneira de evitar os numerosos parasitas intestinais de que quase todos os habitantes locais sofriam

durante toda a vida. Moham med decidiu ignorar a convenção.

— Está certo.

Ele passou para a sala e voltou um momento depois com um copo

d'água. Jane agradeceu e tomou um gole.

□ Mandarei Halim a chamar a parteira □ disse ele. □ Halim a era sua esposa.

□ Obrigada □ murmurou Jane. □ Diga a ela para se apressar.

Mohammed retirou-se. Jane tinha sorte por ser ele e não um dos outros homens. Qualquer outro se recusaria a tocar numa mulher doente, mas Mohammed era diferente.

Era um dos mais importantes guerrilheiros, e na prática era o representante local do líder rebelde, Masud. Mohammed tinha apenas vinte e quatro anos, mas naquele país não era uma idade muito precoce para ser um líder guerrilheiro nem ter um filho de nove anos. Ele estudara em Kabul, falava um pouco de francês, e sabia que os costumes no vale não eram as únicas formas de comportamento educado no mundo. Sua principal responsabilidade era organizar os comboios para o Paquistão, com seus suprimentos vitais de armas e munição para os rebeldes.

Foi um bom boio assim que trouxera Jane e Jean-Pierre ao Vale.

Esperando pela próxima contração, Jane recordou a terrível viagem. Julgava-se uma pessoa saudável, ativa e forte, capaz de andar durante o dia inteiro com relativa facilidade. Mas não previra a escassez de comida, as escaladas íngremes, as trilhas pedregosas e a diarreia debilitante. Em partes do percurso haviam se deslocado apenas à noite, com medo dos helicópteros russos. Também tiveram de enfrentar aldeões hostis em alguns lugares: temendo que o bom boio atraísse um ataque russo, eles se recusavam a vender comida aos guerrilheiros, escondiam-se por trás de portas trancadas, ou orientavam o bom boio para uma campina ou pomar a alguns quilômetros de distância, um local perfeito para acampamento, mas que logo se descobria não existir.

Por causa dos ataques russos, Mohammed mudava constantemente os percursos. Jean-Pierre trouxera de Paris mapas americanos do Afeganistão, que eram melhores do que qualquer coisa que os rebeldes possuíam. Por isso, Mohammed visitava a casa com frequência, a fim de consultá-los, antes de enviar um novo bom boio.

Na verdade, Mohammed aparecia com mais frequência do que era realmente necessário. Também falava com Jane mais do que os homens afegãos normalmente fariam, fazia contato visual um pouco além da conta e não deixava de contemplar furtivamente seu corpo.

Jane achava que ele estava apaixonado por ela ou pelo m enos estivera até que sua gravidez se tornara visível.

E Jane, por sua vez, sentira-se atraída por ele na ocasião em que estava furiosa com Jean-Pierre. Moham m ed era esguio, m oreno, forte e poderoso, e pela prim eira vez em sua vida ela se sentia atraída por um em pedernido porco chauvinista.

Poderia ter um caso com ele. Moham m ed era um m uçulm ano devoto, com o todos os guerrilheiros, m as ela duvidava que isso fizesse algum a diferença. Ela acreditava no que seu pai costum ava dizer: "A convicção religiosa pode frustrar um desej o tím ido, m as nada pode deter a luxúria genuína." Esse com entário em particular enfurecera a m ãe. A verdade é que havia tanto adultério naquela puritana com unidade cam ponesa quanto em qualquer outro lugar, com o Jane com preendera ao escutar as conversas das m ulheres à beira do rio, enquanto pegavam água ou tom avam banho. E Jane tam bém sabia com o se fazia. Moham m ed lhe dissera: □ Pode-se ver o

peixe pular ao crepúsculo sob a cachoeira, além do últim o m oinho. Vou até lá algum as noites para pegá-los.

Ao anoitecer, todas as m ulheres ficavam cozinhando e os hom ens se sentavam no pátio da m esquita, conversando e fum ando: am antes não seriam descobertos tão longe da aldeia e ninguém daria pela falta de Jane ou Moham m ed.

A perspectiva de fazer am or j unto a um a cachoeira com aquele hom em bonito e prim itivo tentara Jane. Mas depois ela engravidara, Jean-Pierre confessara com o tinha m edo de perdê-la. Jane decidira então dedicar todas as suas energias a fazer com que o casam ento desse certo, de qualquer m aneira. Assim , ela nunca foi à cachoeira, e Moham m ed deixou de adm irar seu corpo depois que a gravidez se tornara patente.

Talvez fosse a intim idade latente que encoraj ara Moham m ed a entrar e aj udá-la, quando outros hom ens teriam recusado e poderiam até se desviar de sua porta. Ou talvez fosse por causa de Mousa. Moham m ed tinha apenas um filho □ e três filhas □ e provavelm ente sentia-se agora em dívida para com Jane. Conquistei um am igo e um inim igo hoj e, pensou ela: Moham m ed e Abdullah.

A dor com eçou outra vez e ela com preendeu que desfrutara de um a trégua m ais longa que o habitual. As contrações estariam se tornando irregulares? Por quê? Jean-Pierre nada dissera a respeito. Mas ele

esquecera um a boa parte da ginecologia que estudara há três ou quatro anos.

Aquela contração fora a pior até então e deixou-a trêm ula e nauseada. O que acontecera com a parteira? Moham m ed devia ter m andado a esposa buscá-la □ ele não esqueceria nem m udaria de ideia. Mas ela obedeceria ao m arido? Claro. As m ulheres afegãs sem pre obedeciam

Mas ela podia andar devagar, conversar no cam inho ou até m esm o parar em outra casa para tom ar um chá. Se havia adultério no Vale dos Cinco Leões, haveria tam bém o ciúm e, e Halim a certam ente saberia ou pelo m enos adivinharia os sentim entos do m arido por Jane □ as esposas sem pre intuía m . Ela podia estar agora ressentida por lhe ser pedido para correr em aj uda da rival, a estrangeira exótica, de pele branca, instruída, que tanto fascinava seu m arido. E de repente Jane sentiu-se furiosa com Moham m ed e tam bém com Halim a. Não fiz nada de errado, pensou ela. Por que todos m e abandonaram ? Por que m eu m arido não está aqui? Quando outra contração com eçou, ela desatou a chorar. Era dem ais.

□ Não posso continuar □ disse ela em voz alta.

Trem ia incontrolavelm ente. Queria m orrer antes que a dor piorasse. E soluçou: □ Oh, m am ãe, aj ude-m e...

E de repente havia um braço forte em torno de seus om bros, um a voz de m ulher em seu ouvido m urm urava algo incom preensível, m as tranquilizador, em dari. Sem abrir os olhos, Jane agarrou a outra m ulher, chorando e gritando, enquanto a contração se tornava m ais intensa.

Finalm ente com eçou a se desvanecer, m uito devagar, m as com um a sensação de alívio, com o se pudesse ser a últim a ou pelo m enos a últim a dolorosa.

Jane levantou os olhos e deparou com os serenos olhos castanhos e as faces escuras da velha Rabia, a parteira.

□ Que Deus estej a com você, Jane Debout.

Jane sentiu-se aliviada, com o se estivesse livre de um fardo opressivo.

□ E com você tam bém , Rabia Gul □ sussurrou ela, agradecida.

□ As dores estão vindo depressa? !

□ A cada um ou dois m inutos.

Outra voz de m ulher disse: □ O bebê está chegando cedo.

Jane virou a cabeça e viu Zahara Gul, a nora de Rabia, um a m ulher sensual de sua idade, cabelos ondulados quase pretos, a boca larga e risonha. Entre todas as m ulheres da aldeia, Zahara era a única com quem Jane sentia algum a ligação.

□ Fico contente de que você estej a aqui □ balbuciou ela.

□ O nascim ento foi provocado por você ter subido com Mousa no colo □ com entou Rabia.

□ Só isso? □ indagou Jane.

□ Já é suficiente.

Então elas não sabem da briga com Abdullah, pensou Jane. Ele resolvera não contar a ninguém . Rabia acrescentou: □ Devo preparar tudo para a criança? □ Deve sim , por favor.

Só Deus sabe a que espécie de ginecologista prim itiva estou m e entregando, pensou Jane; m as não posso fazer isso sozinha, é absolutam ente im possível.

□ Gostaria que Zahara fizesse um chá? □ indagou Rabia.

□ Quero sim , por favor.

Pelo m enos não havia nada de supersticioso nisso. As duas m ulheres entraram em atividade. A sim ples presença delas j á fazia com que Jane se sentisse m elhor. Era m aravilhoso, pensou ela, que Rabia pedisse perm issão para aj udar □ um m édico ocidental teria entrado e assum ido o controle com o se fosse dono do lugar. Rabia lavou as m ãos ritualm ente, pedindo aos profetas para deixá-la de rosto verm elho □ o que significava bem □ sucedida □ depois tornou a lavá-las m eticulosam ente, com sabão e m uita água. Zahara trouxe um pote com arruda silvestre e Rabia acendeu-o. Jane recordou que os m aus espíritos eram afugentados pelo cheiro da arruda queim ando.

Consolou-se com o pensam ento de que a fum aça acre m anteria as m oscas fora do quarto.

Rabia era um pouco m ais que um a parteira. Trazer crianças ao m undo era sua atividade principal, m as ela tam bém tinha tratam entos

herbáceos e mágicos para aumentar a fertilidade das mulheres que encontravam dificuldade para engravidar. Também conhecia métodos de evitar a concepção e provocar o aborto, mas as havia muito menos ainda para esses serviços: as mulheres afegãs geralmente queriam ter muitos filhos. Rabia também era consultada sobre qualquer doença "feminina". E quase sempre lhe pediam para lavar os mortos — tarefa considerada impura, da mesma forma que realizar partos. Jane observou-a sempre movendo-se pelo quarto. Provavelmente era a mulher mais velha da aldeia, em torno dos sessenta anos. Era baixa

— não devia ter mais que um metro e meio de altura — e muito magra, com o aspecto das pessoas ali. O rosto moreno encarquilhado estava emoldurado por cabelos brancos. Seus movimentos eram suaves, as mãos velhas e ossudas eram precisas e eficientes.

O relacionamento de Jane com ela começara sob desconfiança e hostilidade. Quando Jane lhe perguntara quem ela chamava no caso de partos difíceis, Rabia respondera bruscamente: — Que o diabo esteja a surdo, nunca tive um nascimento difícil e nunca perdi uma mãe ou uma criança. Mais tarde, quando as mulheres da aldeia começaram a procurar Jane por causa de pequenos problemas menstruais ou gestações de rotina, ela se encaminhava para Rabia,

em vez de receitar remédios inócuos; fora o começo de um relacionamento profissional. Rabia consultara Jane sobre uma mãe que tivera um parto recente e estava com infecção vaginal. Jane lhe dera um suprimento de penicilina e explicara como aplicá-la. O prestígio de Rabia subira ainda mais quando se espalhara a notícia de que lhe haviam sido confiados os segredos da medicina ocidental; e Jane pudera lhe dizer, sem ofensa, que ela fora a causa provável da infecção, pelo expediente de lubrificar anualmente o canal de nascimento durante o parto.

Desse momento em diante, Rabia começara a aparecer na clínica uma ou duas vezes por semana, a fim de conversar com Jane e observá-la trabalhar. Jane aproveitara essas ocasiões para explicar, de maneira casual, por que punha todos os seus instrumentos em água fervendo depois de usá-los, por que dava bastante líquido a crianças com diarreia.

Rabia, por sua vez, revelara alguns de seus segredos a Jane, que se mostrara interessada em saber o que havia nas poções. Fora fácil imaginar com o que algumas funcionavam: as poções para promover a gravidez continham cérebro de coelho ou fígado de gato, que podiam

proporcionar os hormônios que faltavam no metabolismo da paciente; a hortelã e a erva-dos-gatos em muitos preparados provavelmente ajudavam a acabar com as infecções que impunham a concepção. Rabia também tinha um medicamento para que as esposas dessem aos maridos im potentes e não havia qualquer dúvida quanto à maneira com o funcionava: continha ópio.

A desconfiança fora substituída por um cauteloso respeito mútuo. Mas Jane não consultara Rabia sobre a sua própria gravidez. Uma coisa era admitir que a história de folclore e feitiçaria de Rabia podia funcionar em mulheres afegãs, outra muito diferente era submeter-se a isso. Além disso, Jane esperava que Jean-Pierre fizesse o parto. Assim, quando Rabia perguntara qual era a posição da criança e receitara uma dieta de vegetais para uma menina, Jane deixara bem claro que a sua gravidez seria à maneira ocidental. Rabia ficara magoada, mas aceitara a decisão com dignidade. E agora Jean-Pierre se encontrava em Khawak e Rabia estava ali, e Jane sentia-se contente por contar com a ajuda de uma velha que já trouxera ao mundo centenas de bebês e pessoalmente tivera onze filhos.

Não havia dor há algum tempo, mas nos últimos minutos, enquanto observava Rabia se movimentar pelo quarto, Jane vinha experimentando novas sensações em seu abdome: uma sensação nítida de pressão, acompanhada por uma crescente pressão para empurrar. O impulso tornou-se irresistível; e enquanto ela empurrava, com esforço, não porque sentisse dor, mas apenas pelo esforço. Ouviu a voz de Rabia, com o se viesse de muito longe: — Está com êxito.

Isso é bom.

O impulso desapareceu depois de algum tempo. Zahara trouxe uma xícara de chá verde.

Jane sentou e bebeu, agradecida. Estava calma e muito doce. Zahara tem a mesma idade, pensou Jane, já teve quatro filhos, sem contar os abortos espontâneos e as crianças que nasceram mortas. Mas ela era uma daquelas mulheres que parecem transbordar de vitalidade, como uma jovem tigresa saudável. Provavelmente teria muitos outros filhos. Recebera Jane com uma curiosidade franca, quando a menina das mulheres se mostrara desconfiada e hostil, nos primeiros dias; e Jane descobrira que Zahara se irritava com os mesmos tolos costumes e tradições do vale, estava ansiosa em aprender o que podia das ideias estrangeiras sobre saúde, cuidados com as crianças e nutrição. Assim, Zahara tornara-se não apenas amiga de Jane, mas também bem a ponta de lança de seu programa de educação sanitária.

Agora, no entanto, Jane estava aprendendo os métodos afegãos. Observou Rabia estender

um plástico sobre o chão (o que usavam antes de disporem de todo aquele plástico?) e cobri-lo com uma camada de areia que Zahara trouxera num balde. Rabia pusera algumas coisas numa mesa baixa e Jane ficou satisfeita ao ver muitas echas de algodão limpas e uma lâmina de barbear nova, ainda no invólucro.

A necessidade de fazer força ressurgiu, e Jane fechou os olhos para se concentrar. Não doía propriamente; era mais como se estivesse com uma prisão de ventre incrível, impossível.

Descobriu que gemeria ajudava ao fazer força e quis explicar a Rabia que não era um gemido de agonia, mas estava ocupada demais para fazer força para falar.

Na pausa seguinte, Rabia ajoelhou-se, desamarrou o cordão da calça de Jane e depois tirou-a.

— Quer fazer água antes de ser lavada? — Quero sim .

Ela ajudou Jane a levantar e ir para trás do biombo, segurando-a pelos ombros enquanto ela sentava no urinol.

Zahara trouxe uma tigela com água morna e levou o urinol. Rabia lavou a barriga de Jane, as coxas, as partes íntimas, assumindo pela primeira vez uma expressão animada ao fazê-

lo. Depois, Jane tornou a se deitar. Rabia lavou as próprias mãos e enxugou-as. Mostrou um pote pequeno com um pó azul — sulfato de cobre, calculou Jane — e disse: — Esta cor afugenta os maus espíritos.

— O que quer fazer com isso? — Pôr um pouco em sua testa.

— Está bem . — Um a pausa e Jane acrescentou: — Obrigada.

Rabia passou um pouco do pó na testa de Jane. Não mereço um porto com a minha agia quando é inofensiva, pensou Jane, mas o que ela fará se houver um autêntico problema médico? E o bebê é quantas semanas antes de prematuro? Ela ainda se preocupava quando a próxima contração começou, e por isso não estava se concentrando em ajudar a onda de pressão, que em consequência foi muito dolorosa.

Não devo merecer preocupar, pensou ela; preciso relaxar.

Depois, sentiu-se exausta e um tanto sonolenta. Fechou os olhos. Sentiu Rabia desabotoar sua camisa a que tomara em prestada de Jean-Pierre naquela tarde, um século antes. Rabia com a mão assageou a barriga de Jane com algum tipo de lubrificante, provavelmente um antigo lubrificante. Cravava os dedos. Jane abriu os olhos e disse: "Não tente deslocar o bebê."

Rabia acenou com a cabeça, mas continuou a apertar, uma das mãos na protuberância da barriga, a outra na base.

"A cabeça está certa" disse ela, finalmente. "Tudo está bem. Mas o bebê vai nascer muito depressa. Tem de levantar agora."

Zahara e Rabia ajudaram Jane a levantar e dar dois passos para o plástico coberto de areia. Rabia postou-se atrás dela e disse: "Fique em cima dos meus pés."

Jane obedeceu, embora não entendesse a lógica do movimento. Rabia ajudou-a a se agachar, assumindo a mesma posição por trás. Então aquela era a posição de parto local.

"Sente em cima de mim" disse Rabia. "Posso aguentar você."

Jane descansou seu peso nas coxas da velha. A posição era surpreendentemente confortável e tranquilizante. Jane sentiu que seus músculos com a contração de outra vez. Rangeu os dentes e fez força, gemendo. Zahara agachou-se à sua frente. Por algum tempo não houve coisa alguma na mente de Jane além do impulso de empurrar. A contração acabou se atenuando e ela

arriou, exausta e meio adormecida, Rabia suportando todo o seu peso.

Quando recomçou, havia uma nova dor, uma sensação intensa em sua virilha. Zahara disse de repente: "Lá vem."

"Não faça força agora" disse Rabia. "Deixe o bebê nadar para fora."

A pressão se reduziu. Rabia e Zahara trocaram de lugar. Rabia agachou-se entre as pernas de Jane, observando atentamente. A pressão recomçou. Jane rangeu os dentes.

Rabia disse: "Não faça força. Fique calma." Jane tentou relaxar. Rabia fitou-a nos olhos e levantou a mão para tocar em seu rosto, acrescentando: "Não se mova. Deixe a boca solta."

Jane deixou o queixo pender e descobriu que isso ajudava a relaxar. Experimentou uma sensação de ardência, pior do que nunca. Sabia que o bebê estava quase nascendo: podia sentir a cabeça passando, alargando a abertura a um ponto impossível. Ela gritou com a dor... que de repente diminuiu, e por um momento nada pôde sentir. Olhou para baixo. Rabia estendia as mãos entre suas coxas, pronunciando os nomes dos profetas. Através de um nevoeiro de lágrimas, Jane viu alguma coisa arredondada e escura nas mãos da parteira.

— Não puxe — balbuciou Jane. — Não puxe a cabeça.

— Não — murmurou Rabia.

Jane tornou a sentir a pressão. Foi nesse momento que Rabia disse: — Um pequeno empurrão para o ombro.

Jane fechou os olhos e fez força, gentilmente. Um instante depois, Rabia acrescentou: —

Agora o outro ombro.

Jane fez força de novo e depois houve um enorme alívio da tensão, ela sabia que o bebê já nascera. Olhou para baixo e viu o corpo minúsculo aninhado nos braços de Rabia.

A pele estava enrugada e molhada, a cabeça coberta por cabelos escuros e úmidos. O

cordão umbilical parecia esquisito, um grosso cordão azul, pulsando com o mesmo ritmo.

— Está tudo bem? — perguntou Jane.

Rabia não respondeu. Contraiu os lábios e soprou no rosto achatado e úmido da criança.

Oh, Deus, a criança nasceu bem, pensou Jane.

— Está tudo bem? — repetiu ela.

Rabia soprou outra vez, a criança abriu a boquinha e gritou. Jane disse: — Graças a Deus...

está viva! Rabia pegou uma mecha de algodão limpa na manivela e limpou o rosto da criança.

□ É norm al? □ indagou Jane.

Rabia finalm ente falou. Fitou Jane nos olhos, sorriu e declarou: □ É, sim . Ela é norm al.

Ela é norm al, pensou Jane. Ela. Gerei um a garotinha. Um a m enina. E de repente sentiu-se totalm ente esgotada. Não podia continuar de pé por m ais um m om ento sequer.

□ Quero deitar.

Zahara aj udou-a a recuar para o colchão e aj eitou alm ofadas em suas costas, a fim de que ficasse sentada, enquanto Rabia segurava a criança, ainda ligada à m ãe pelo cordão um bilical. Depois que Jane estava acom odada, Rabia pôs-se a enxugar a m enina com as m echas de algodão. Jane viu o cordão parar de pulsar, m urchar, ficar branco.

□ Pode cortar o cordão □ disse ela a Rabia.

□ Sem pre esperam os pelas secundinas.

□ Corte agora, por favor.

Rabia parecia em dúvida, m as atendeu ao pedido. Pegou um pedaço de barbante branco na m esa e am arrou em torno do cordão, alguns centím etros além do um bigo da criança.

Deveria ser m ais perto, pensou Jane; m as não im porta. Rabia desem brulhou a lâm ina nova.

□ Em nom e de Alá □ disse ela, cortando o cordão.

□ Dê-m e a criança □ pediu Jane.

Rabia entregou-lhe a m enina, recom endando: □ Não deixe ela m am ar.

Jane sabia que Rabia estava errada nisso. E explicou: □ Aj uda as secundinas. Rabia deu de om bros.

Jane encostou o rosto da criança em seu seio. Os m am ilos estavam enorm es e deliciosam ente sensíveis, com o acontecia quando Jean-Pierre os beij ava. Quando o m am ilo encostou em seu rosto, a m enina virou a cabeça num reflexo e abriu a boca. Assim que o m am ilo entrou, ela com eçou a sugar. Jane ficou atônita ao descobrir que a sensação era sensual.

Por um momento, sentiu-se chocada e embaraçada, mas depois pensou: Ora, não tem nada demais! Ela sentiu mais movimentos em seu abdome. Obedeceu ao impulso de fazer força e sentiu a placenta sair, um parto pequeno e escorregadio. Rabia envolveu-a com extremo cuidado num pedaço de pano.

A criança parou de sugar, parecia adormecida.

Zahara entregou a Jane um copo com água. Ela tomou tudo de um só gole. O gosto era maravilhoso. Pediu mais.

Estava dolorida, exausta e excepcionalmente feliz. Olhou para a menina dormindo serenamente em seu seio. Estava pronta para dormir também. Rabia disse: "Tem os de enrolar a pequena."

Jane levantou a criança tão leve quanto uma boneca e entregou-a à velha.

"Chantal" disse ela, quando Rabia pegou a menina. "Seu nome é Chantal."

E, depois, Jane fechou os olhos.

Capítulo 5

Ellis Thaler embarcou na ponte aérea da Eastern Airlines de Washington para Nova York.

No Aeroporto LaGuardia pegou um táxi para o Plaza Hotel, na cidade de Nova York. O táxi parou na entrada do hotel na Quinta Avenida. Ellis entrou. No saguão, virou à esquerda e foi para os elevadores da Rua 58. Um homem de terno e uma mulher com uma sacola da Saks entraram junto com ele. O homem saltou no sétimo andar. Ellis saltou no oitavo, a mulher continuou a subir. Ellis avançou pelo enorme corredor do hotel, sozinho, até chegar aos elevadores da Rua 59.

Desceu para o térreo e deixou o hotel pela entrada da Rua 59.

Convencido de que ninguém o seguia, fez sinal para um táxi no Central Park Sul, seguiu para a Penn Station e pegou o trem para Douglaston, Queens.

Alguns versos do Acalanto de Auden martelavam em sua mente, enquanto o trem rodava: O tempo e as paixões dissipam A beleza individual das Crianças ponderadas, a sepultura Prova que a criança é

efê m era.

Mais de um ano j á transcorrera desde que ele posara com o poeta americano inédito em Paris, m as ainda não perdera o gosto pela poesia.

Continuou a se m anter atento à possibilidade de alguém o seguir, pois aquela era um a m issão de que os inim igos nunca deveriam tom ar conhecimento. Saltou do trem em Flushing e esperou na plataforma a pelo trem seguinte. Ninguém esperou j unto com ele.

Por causa das precauções m eticulosas, j á eram cinco horas quando chegou a Douglaston.

Deixou a estação e seguiu a pé, apressado, por cerca de m eia hora, pensando no contato que estava prestes a fazer, repassando as palavras que em pregaria, as possíveis reações que poderia esperar.

Chegou a um a rua suburbana, com vista para o Estreito de Long Island, parou diante de um a casa pequena e bem -cuidada, com em penas que im itavam o estilo Tudor, um vitral colorido num a parede. Havia um pequeno carro j aponês ao lado da casa. Quando ele subia pelo cam inho, a porta da frente foi aberta por um a garota loura de treze anos. Ellis disse: □ Oi, Petal.

□ Oi papai.

Ele inclinou-se para beij á-la, sentindo com o sem pre um a onda de orgulho e ao m esm o tem po um a pontada de culpa.

Contem plou a filha de alto a baixo. Por baixo da blusa de Michael Jackson ela estava usando um sutiã. Ele tinha certeza de que era novo e pensou: Ela j á está ficando m ulher.

□ Não quer entrar um instante? □ disse ela, polidam ente.

□ Claro.

Ellis seguiu-a para o interior da casa. Por trás, ela parecia ainda m ais m ulher. Ele se lem brou de sua prim eira nam orada. Tinha quinze anos e a garota não era m uito m ais velha que Petal... Não, espere um pouco, pensou ele; a garota era m ais j ovem , tinha doze anos. E eu costum ava enfiar a m ão por baixo de sua blusa. Que Deus protej a m inha filha dos garotos de quinze anos. Eles foram para um a sala de estar pequena e im pecável.

□ Não quer sentar? □ disse Petal.

Ellis sentou.

□ Posso lhe servir algum a coisa?

□ Relaxe □ disse Ellis. □ Não precisa ser tão formal. Sou seu pai.

Ela ficou surpresa e indecisa, com o se tivesse sido censurada por algum a coisa que não sabia estar errada. E, depois de um momento, anunciou: □ Tenho de escovar os cabelos. E depois poderem os ir. com licença.

Ele a via pelo menos uma vez por mês, durante o último ano, desde que voltara de Paris.

Às vezes passavam o dia inteiro juntos, mas com uma frequência maior ele apenas a levava para jantar fora, com o faria naquela noite. Para estar com ela durante essa hora, Ellis tinha de fazer uma viagem de cinco horas com o máximo de segurança. Mas é claro que Petal não sabia disso.

Seu objetivo era modesto: sem muito rebuliço ou drama, queria ocupar um lugar pequeno mas permanente na vida da filha.

O que significaria mudar o tipo de trabalho que fazia. Renunciara ao trabalho de campo.

Seus superiores ficaram bastante insatisfeitos: afinal, eram bem poucos os bons agentes secretos (enquanto havia centenas de mais). Ele também relutara, sentindo que tinha o dever de usar seu talento. Mas não poderia conquistar a afeição da filha se tivesse de desaparecer a cada ano ou por aí em algum canto remoto do mundo, incapaz de contar a ela o que estava fazendo, por que ou pelo menos por quanto tempo. E não podia correr o risco de ser morto justamente no momento em que Petal estava aprendendo a amá-lo.

Ele sentia falta da excitação. do perigo, da emoção da caçada e do sentimento de que realizava um trabalho importante que ninguém mais poderia fazer tão bem. Mas por muito tempo as suas ligações emocionais haviam sido passageiras, e depois de perder Jane, sentira a necessidade de pelo menos uma pessoa cujo amor fosse permanente.

Enquanto esperava, Gill entrou na sala. Ellis levantou-se. A ex-esposa estava tranquila, num vestido branco de verão. Ele beijou o rosto que ela lhe oferecia.

☐ Com o vai? ☐ disse ela.

☐ A m esm a coisa de sem pre. E você?

☐ Estou terrivelm ente ocupada.

Ela se pôs a contar, em detalhes, quantas coisas tinha para fazer, e Ellis desligou, com o sem pre acontecia. Gostava de Gill, em bora ela o entediasse dem ais. Era estranho pensar que fora outrora casado com aquela m ulher. Mas ela era a garota m ais linda do Departam ento de Inglês e ele o rapaz m ais inteligente, o ano era 1967, quando todos viviam nas nuvens, qualquer coisa podia acontecer, especialm ente na Califórnia. Casaram em túnicas brancas, ao final do prim eiro ano, alguém tocava a Marcha Nupcial num a citara. Ellis fora então reprovado nos exam es e elim inado da universidade, sendo por isso convocado. Em vez de partir para o Canadá ou Suécia, ele fora ao centro de recrutam ento com o um cordeiro a cam inho do m atadouro, surpreendendo a todos, à exceção de Gill, que a esta altura j á sabia que o casam ento não daria certo e só esperava para ver com o Ellis daria um j eito de escapar.

Ele estava no hospital em Saigon, com um ferim ento de bala na batata da perna ☐ a lesão m ais com um do piloto de helicóptero, porque o assento é blindado, m as o chão não ☐ quando o divórcio fora consum ado. Alguém largara a notificação em sua cam a, quando ele se achava no banheiro, encontrara-a ao voltar, j untam ente com outra Oak Leaf Cluster, sua 25ª (distribuíam m edalhas profusam ente naquele tem po). Acabo de m e divorciar, dissera ele. Ao que o soldado na cam a ao lado respondera: Deixe de m erda. Quer j ogar cartas? Ela não falara da criança. Ele descobrira alguns anos depois, quando j á se tornara um espião e seguira a pista de Gill com o um exercício. Soubera então que ela tinha um a filha com o inconfundível nom e do final dos anos 60,

Petal, e um m arido, Bernard, que estava consultando um especialista em fertilidade. Não lhe contar sobre Petal fora a única coisa realm ente m esquinha que Gill lhe fizera, pensou Ellis, em bora ela ainda alegasse que fora para o seu próprio bem .

Ele insistira em ver Petal de vez em quando e fizera com que ela parasse de cham ar Bernard de "papai". Mas não procurara se tornar parte da vida fam iliar até o ano passado.

☐ Quer levar m eu carro? ☐ Gill estava dizendo.

☐ Se não for incôm odo.

☐ Claro que não é.

☐ Obrigado.

Era em barbaçoso tom ar em prestado o carro de Gill, mas o percurso desde Washington era longo demais, e Ellis não queria alugar carros com frequência naquela área, pois um dia seus inimigos poderiam descobrir, através dos registros públicos, das agências de aluguel ou das companhias de cartão de crédito, e assim tomariam conhecimento da existência de Petal. A alternativa seria usar uma identidade diferente a cada vez que alugasse um carro, mas as falsas identidades eram dispendiosas e a agência não as proporcionaria a um burocrata. Por isso, ele usava o Honda de Gill ou contratava um táxi local. Petal voltou, os cabelos louros flutuando em torno dos ombros.

Ellis levantou-se e Gill disse: ☐ As chaves estão no carro.

Ellis disse a Petal: ☐ Vá para o carro. Irei daqui a um momento. ☐ Petal saiu.

Ele virou-se para Gill e explicou: ☐ Eu gostaria de convidá-la a passar um fim de semana em Washington. Gill foi gentil, mas firmemente: - se ela quiser, claro que pode. Se não quiser, não vou obrigá-la. Ellis balançou a cabeça.

☐ É justo. Até mais tarde.

Ele levou Petal a um restaurante chinês em Little Neck. Ela gostava de comida chinesa e relaxou um pouco depois que se afastou de casa. Agradeceu a Ellis por lhe enviar um poema no dia do seu aniversário, com o seguinte: ☐ Não conheço ninguém que já tenha recebido um poema em seu aniversário. Ellis não sabia se isso era bom ou mau.

☐ Acho que é melhor do que um cartão de aniversário com a fotografia de um gatinho bonito na frente.

☐ Tem razão. ☐ Petal soltou uma risada. ☐ Todas as minhas amigas acham que você é muito romântico. E o professor de inglês perguntou se você já tinha publicado alguma coisa.

☐ Nunca escrevi nada suficientemente bom para ser publicado. Ainda gosta das aulas de inglês? ☐ Gosto muito mais que de matemática. Sou horrível em matemática.

☐ O que está estudando? Alguma peça?

☐ Não. Mas de vez em quando estudam os poem as.

☐ Gosta de algum ?

Petal pensou por um m om ento.

☐ Gosto daquele sobre os narcisos.

Ellis acenou com a cabeça.

☐ Eu tam bém gosto.

☐ Esqueci quem escreveu.

☐ William Wordsworth.

☐ Ah, isso m esm o.

☐ Algum outro?

☐ Não especialm ente. Sou m uito m ais pela m úsica. Você gosta de Michael Jackson? ☐

Não sei. Não m e lem bro se j á ouvi os seus discos.

☐ Ele é sensacional. ☐ Petal soltou um a risadinha. ☐ Todas as m inhas am igas são loucas por ele. Era a segunda vez que ela m encionava todas as m inhas am igas.

Naquele m om ento, o grupo de iguais era a coisa m ais im portante em sua vida.

☐ Eu gostaria de conhecer algum as de suas am igas.

☐ Ora, papai ☐ respondeu ela, em tom de censura. ☐ Tenho certeza de que não gostaria.

São apenas garotas.

Sentindo-se um pouco rej eitado, Ellis concentrou-se na com ida por algum tem po. Um vinho branco acom panhava a refeição: não perdera os hábitos franceses. Ao term inar de com er, ele disse: ☐ Estive pensando num a coisa. Por que não vai a Washington e passa um fim de sem ana com igo? Fica a apenas um a hora de avião e poderiam os nos divertir m uito.

Ela ficou aturdida.

□ O que tem em Washington? □ Poderiam os fazer um a excursão pela Casa Branca, onde vive o Presidente dos Estados Unidos. E Washington possui alguns dos melhores museus do mundo. Você não conhece meu apartamento. Tenho um quarto de hóspedes e...

Ellis parou de falar. Podia perceber que a filha não estava interessada.

□ Não sei, papai... Tenho muita coisa para fazer nos finais de semana... os deveres de casa, festas, compras, as aulas de dança, uma porção de coisas...

Ellis disfarçou o desapontamento.

□ Não pense mais nisso. Talvez você possa ir em outra ocasião, quando não estiver tão ocupada.

□ Está bem □ disse ela, visivelmente aliviada.

□ Posso arrumar o quarto de hóspedes a fim de estar preparado para qualquer ocasião em que você queira me visitar.

□ Ótimo.

□ De que cor devo pintá-lo?

□ Não sei.

□ Qual é a sua cor predileta?

□ Acho que rosa.

□ Então será rosa. □ Ellis forçou um sorriso. □ Vamos os dois.

No carro, voltando para casa, Petal perguntou se ele se incomodava que ela fusesse as orelhas.

□ Não sei □ respondeu ele, cauteloso. □ O que sua mãe pensa a respeito?

□ Disse que por ela está bem, se você concordar.

Gill estaria cortesmente incluindo-o na decisão ou apenas lhe passando o problema?

□ A ideia não me agrada □ disse Ellis. □ Talvez você ainda seja um pouco jovem para começar a fazer buracos no corpo para enfeite.

□ Acha que sou j ovem tam bém para ter um nam orado? Ellis sentiu vontade de dizer que sim . Ela parecia j ovem dem ais.

Mas não podia im pedi-la de crescer.

□ Já tem bastante idade para sair com rapazes, m as não para um nam oro firm e.

Ele olhou para avaliar a reação de Petal. Ela parecia divertida. Talvez não falem m ais em nam oro firm e, pensou Ellis.

O Ford de Bernard estava estacionado no cam inho quando chegaram na casa. Ellis parou o Honda atrás e entrou com Petal. Bernard estava na sala de estar. Um hom em pequeno, cabelos bem curtos, j ovial e totalm ente desprovido de im aginação. Petal cum prim entou-o com o m aior entusiasmo, abraçando-o e beij ando-o. Ele parecia um pouco em baraçado. Apertou a m ão de Ellis firm em ente, dizendo: □ O governo ainda está funcionando direitinho lá em Washington?

□ A m esm a coisa de sem pre □ respondeu Ellis.

Todos pensavam que ele trabalhava para o Departam ento de Estado e sua função era ler os j ornaais e revistas franceses, preparando um resum o diário para a Seção da França.

□ Quer um a cervej a? Ellis não estava com vontade, m as aceitou apenas para ser cordial.

Bernard foi à cozinha buscá-la. Ele era gerente de crédito de um a loj a de departam entos na cidade de Nova York. Petal parecia gostar dele e respeitá-lo, e ele a tratava com profunda afeição. Ele e Gill não tinham outros filhos: o especialista em fertilidade de nada adiantara.

Bernard voltou com dois copos de cervej a e entregou um a Ellis.

□ Vá fazer seus deveres agora □ disse ele a Petal. □ Seu pai irá se despedir antes de ir em bora. Ela tornou a beij á-lo e saiu. Bernard com entou: □ Ela não é norm alm ente tão afetuosa.

Parece exagerar quando você está presente. Não entendo. Ellis com preendia perfeitam ente, m as ainda não queria pensar a respeito.

□ Não se preocupe com isso □ disse ele. □ Com o vão os negócios? □ Até que vão bem .

Os j uros altos não nos afetaram tanto com o receam os. Parece que as

peças ainda estão dispostas a pagar dinheiro em prestado para comprar coisas...

pelo menos em Nova York.

Bernard sentou, tomando um gole de cerveja. Ellis sem perceber achava que Bernard tinha medo dele fisicamente. Transparecia na maneira com a qual ele andava, parecendo o cachorro de estimação que não tem permissão para entrar em casa, mas o faz assim mesmo e toma cuidado para se manter fora do alcance de um chute.

Os dois conversaram sobre a economia por alguns minutos e Ellis tomou a cerveja e imediatamente depressa que pôde, depois levantou-se para ir embora. Foi até a base da escada e gritou: ☐ Já Vou, Petal.

Ela apareceu no alto da escada.

☐ Posso furar as orelhas?

☐ Não quero e dar algum tempo para pensar a respeito?

☐ Claro. Até a próxima. Gill desceu a escada.

☐ Vou levá-lo de carro ao aeroporto. Ellis ficou surpreso.

☐ Está bem. Obrigado.

Quando estavam na estrada, Gill disse: ☐ Ela me falou que não queria passar um fim de semana com você.

☐ Não há problema.

☐ Está aborrecido, não é mesmo? ☐ É tão evidente assim? ☐ Para mim, é, sim. Já fui casada com você. ☐ Ela fez uma pausa. -Então muito, John.

☐ A culpa é minha. Não pensei direito. Antes de eu aparecer, ela tinha um irmão, um pai e um lar... tudo o que qualquer criança quer. Mas eu não sou apenas supérfluo.

A minha presença ameaça a felicidade de Petal. Sou um intruso, um fator de desestabilização. É por isso que ela tanto abraça Bernard na minha presença. Não faz isso para me magoar, mas sim porque tem medo de perdê-lo. E sou eu quem lhe incute esse medo.

☐ Ela vai superar, John. A América está cheia de crianças com dois pais.

☐ Isso não é desculpa. Fui um idiota e devo assum ir.

Gill tornou a surpreendê-lo, afagando seu joelho e dizendo: ☐ Não seja tão duro consigo mesmo. Você apenas não foi feito para isso. Compreendi um pouco depois de casarmos. Você não queria uma casa, um emprego, uma comunidade suburbana, filhos. É um pouco estranho. Foi por isso que me apaixonei por você e foi por isso que o deixei partir tão facilmente. Assim porque era diferente, doido, original, excitante. Capaz de fazer qualquer coisa. Mas não é um homem de família.

Ellis permaneceu em silêncio, pensando a respeito do que Gill acabara de dizer, enquanto ela continuava a guiar. A intenção era a melhor possível e por isso ele se sentia agradecido; mas seria verdade? Ele achava que não. Não quero uma casa numa comunidade suburbana americana, mas bem que gostaria de ter um lar: talvez uma vila no Marrocos ou uma mansarda em Greenwich Village, ou um apartamento de cobertura em Roma. Não quero uma esposa para ser minha em pregação, cozinhar, lavar, fazer compras e participar das reuniões de pais e professores; mas gostaria de uma comunidade, alguém para partilhar livros, filmes e poesia, alguém para conversar à noite. Gostaria até de ter filhos, criá-los de maneira que conheçam algo mais do que Michael Jackson.

Mas ele não disse nada sobre isso a Gill.

Ela parou o carro e Ellis percebeu que estavam na frente do terminal da Eastern. Olhou para o relógio: oito e cinquenta. Apressando-se, pegaria o voo das nove horas.

☐ Obrigado pela carona, Gill.

☐ O que está precisando é de uma mulher igual a você. Ellis pensou em Jane.

☐ Conheci uma mulher assim .

☐ E o que aconteceu? ☐ Ela casou com um médico bonito.

☐ O médico é louco com o você? ☐ Acho que não.

☐ Pois então não vai durar. Quando foi o casamento? ☐ Há cerca de um ano.

☐ Ahn... ☐ Gill provavelmente estava calculando que fora a ocasião em que Ellis voltara à vida de Petal em grande estilo, mas teve a

generosidade de não fazer o com entário. □ Aceite o m eu conselho, John. Procure-a. Ellis saltou do carro.

□ Tornarem os a nos falar em breve.

□ Até lá.

Ellis bateu a porta do carro e ela partiu.

Ele entrou apressadam ente no term inal. Conseguiu pegar o voo por um ou dois m inutos.

Enquanto o avião decolava, ele encontrou um a revista na bolsa do banco da frente e procurou por um a reportagem sobre o Afeganistão.

Acom panhava a guerra atentam ente desde que Bill confirm ara em Paris que Jane consum ara a sua intenção de ir para lá com Jean-Pierre. A guerra não era m ais um a notícia de prim eira página. Muitas vezes um a ou duas sem anas transcorriam sem que houvesse qualquer notícia a respeito. Mas agora a trégua do inverno acabara e sem pre aparecia algum a coisa na im prensa pelo m enos um a vez por sem ana.

Aquela revista apresentava um a análise da situação russa no Afeganistão. Ellis com eçou a ler desconfiado, pois sabia que m uitos artigos em anavam da CIA: um repórter obtinha um relatório exclusivo de avaliação de inform ações da CIA sobre um a situação, m as na verdade se tornava um canal inconsciente para um a peça de desinform ação destinada ao serviço de inform ações de outro país e a m atéria que escrevia tinha tanta relação com a verdade quanto um artigo do Pravda.

O artigo no entanto parecia obj etivo. Dizia que estava ocorrendo um a concentração de tropas e arm am entos russos, em preparativo para um a grande ofensiva de verão.

Moscou considerava aquele verão crucial: era preciso esm agar os rebeldes naquele ano de qualquer m aneira ou seria forçada a algum acordo com os rebeldes. Isso fazia sentido para Ellis: iria verificar o que o pessoal da CIA em Moscou estava dizendo, m as tinha a im pressão de que as inform ações corresponderiam .

Entre os alvos principais, o artigo incluía o Vale de Panisher. Ellis lembrou-se de Jean-Pierre falar a respeito do Vale dos Cinco Tigres. Aprendera um pouco de farsi no Irã e achava que panisher significava "cinco leões", m as Jean-Pierre sem pre dissera "Cinco Tigres", talvez

porque não houvesse leões no Afeganistão. O artigo também mencionava Masud, o líder rebelde: Ellis lembrou que Jean-Pierre também falara dele.

Ele olhou pela janela, contemplando o sol poente. Não havia a menor dúvida, pensou ele, com uma pontada de medo, de que Jane correria grande perigo naquele verão.

Mas não era da sua conta. Ela agora estava casada com outro homem. De qualquer forma, Ellis não poderia fazer coisa alguma.

Ele baixou os olhos para a revista, virou a página, com êxito a ler sobre El Salvador. O

avião voava para Washington. A oeste, o sol se pôs, e a escuridão foi aumentando.

Allen Winderman levou Ellis Thaler para almoçar num restaurante de frutos do mar à beira do Rio Potomac. Winderman chegou meia hora atrasado. Era um típico operador de Washington: terno cinza-escuro, camisa branca, gravata listrada, tão suave quanto um tubarão.

Como a Casa Branca estava pagando, Ellis pediu lagosta e vinho branco.

Winderman pediu Perrier e uma salada. Tudo em Winderman era muito apertado: a gravata, os sapatos, a agenda e o autocontrole.

Ellis manteve-se cauteloso. Não podia recusar um convite assim de um assessor presidencial, mas não gostava de almoços discretos e extra-oficiais e não gostava de Allen Winderman. E Winderman foi direto ao problema, anunciando: "Quero a sua opinião. Ellis interrompeu-o: "Em primeiro lugar, preciso saber se comuniquei à Agência que iriam os nos encontrar.

Se a Casa Branca queria planejar uma ação secreta sem o conhecimento da CIA, Ellis não se envolveria.

"Claro" respondeu Winderman. "O que você sabe sobre o Afeganistão? Ellis sentiu um súbito calafrio. Mais cedo ou mais tarde Jane estará envolvida, pensou ele. Sabem tudo a seu respeito, é claro: não fez segredo do nosso relacionamento.

Contei a Bill em Paris que ia pedi-la em casamento. E depois liguei para ele a fim de verificar se ela fora mesmo para o Afeganistão.

Tudo isso foi registrado em minha ficha. E

agora este filho da puta tem conhecimento de Jane, vai usar a informação.

□ Algum a coisa □ respondeu ele cauteloso e entendeu.

Ellis recordou então alguns versos de Kipling e recitou-os: Quando estiver ferido e abandonado nas planícies do Afeganistão E as mulheres chegarem para retalhar o que restar de você, Trate de virar o rifle e estourar os miolos.

Vá ao encontro de seu Deus com o um soldado. Windermann mostrou-se contrafeito, pela primeira vez.

□ Depois de dois anos posando com o um poeta, você deve saber muito dessas coisas.

□ E os afegãos também □ contou Ellis. □ Todos são poetas, da mesma forma que todos os franceses são gourmets, e todos os galeses são cantores.

□ É mesmo?

□ É porque eles não sabem ler nem escrever. A poesia é uma forma de arte falada.

Windermann estava ficando visivelmente paciente: sua agenda não lhe permitia tempo para a poesia. Ellis acrescentou: □ Os afegãos são montanhese tribais selvagens, miseráveis e impetuosos, mal saídos da Idade Média. Dizem que são excepcionalmente polidos, bravos com os leões e impecavelmente cruéis. O país em que vivem é árido e difícil. Mas o que você sabe a respeito deles?

□ Não existe o que se poderia chamar de um afegão □ disse Windermann. □ Há seis milhões de pushtuns no sul, três milhões de tajiks no oeste, um milhão de uzbeques no norte e mais um dúzia de nacionalidades com menos de um milhão de pessoas. As fronteiras modernas pouco significam para eles: há tajiks na União Soviética e pushtuns no Paquistão. Alguns estão divididos em tribos. São como os nossos índios, que já mais se consideraram americanos, mas sim apaches, crow ou sioux. E tanto lutam entre si quanto lutam contra os russos. Nosso problema é promover a união dos apaches e sioux na luta contra os caras-pálidas.

□ Estou entendendo. □ Ellis especulou: Quando Jane entrará nesta

história?

□ Nesse caso, a questão principal é simples: quem será o Grande Chefe?

□ Isso é fácil. O maior promissor dos líderes guerrilheiros é, de longe, Ahmed Shah Masud, do Vale de Panisher.

O Vale dos Cinco Leões. Onde está querendo chegar, seu filho da puta insidioso? Ellis estudou atentamente o rosto liso de Winderman. O homem se mantinha imperturbável.

Ellis indagou: □ O que torna Masud tão especial?

□ A maioria dos líderes rebeldes se contenta em controlar suas tribos, recolher impostos e negar ao governo acesso a seu território. Masud faz mais do que isso.

Ele sai de seu baluarte nas montanhas e ataca. Está à distância de atingir três alvos estratégicos: a capital, Kabul; o túnel Salang, na única estrada de Kabul para a União Soviética; e Bagram, a principal base aérea militar. Tem condições para infligir grandes danos, e é o que faz.

Estudou a arte da guerra de guerrilhas. É leitor de Mão. É incontestavelmente o melhor cérebro militar do país. E dispõe de recursos. Esmeraldas são extraídas em seu vale e vendidas no Paquistão. Masud cobra uma taxa de dez por cento sobre todas as vendas e usa o dinheiro para financiar seu exército. Tem vinte e oito anos e é carismático, sendo idolatrado pelo povo. E, finalmente, é um tajik. O grupo maior é dos pushtuns e todos os outros os odeiam. Por isso, o líder não pode ser um pushtun. Os tajiks formam o segundo maior grupo. Há uma possibilidade de que todos se unam sob o comando de um tajik.

□ E querem os criar todas as condições para que isso aconteça? □ Exatamente. Quanto mais fortes forem os rebeldes, mais danos causarão aos russos. Além disso, um triunfo para a

com unidade de informações dos Estados Unidos seria muito importante este ano.

Não tinha a menor importância para Winderman e sua laia que os afegãos estivessem lutando por sua liberdade contra um invasor brutal, pensou Ellis. A moral andava fora de moda em Washington: o jogo do poder era tudo o que importava. Se Winderman tivesse

nascido em Leningrado, em vez de em Los Angeles, seria igualmente feliz, bem-sucedido e poderoso, usaria as mesmas táticas de luta para o outro lado.

□ E o que você quer de mim ? □ indagou Ellis.

□ Quero aproveitar a sua inteligência. Há algum meio de um agente secreto promover uma aliança entre as diferentes tribos afgãs?

□ Acho que sim .

A caminho chegou, interrompendo Ellis e lhe proporcionando alguns minutos para pensar. Depois que o garçom se afastou, ele disse: □ Deve ser possível, desde que haja alguma coisa que eles queiram de nós... e imagino que seriam armas.

□ Certo. □ Windermann cometeu a cometer, hesitante, com o mesmo homem que sofre de úlcera. Entre pequenas porções, ele disse: □ No momento eles compram suas armas do outro lado da fronteira, no Paquistão. Tudo o que podem obter ali são cópias de rifles britânicos vitorianos... ou, se não as cópias, então os artigos genuínos, com um século de existência e ainda funcionando. Também roubam Kalashnikovs de soldados russos mortos. Mas precisam desesperadamente de artilharia leve □ canhões antiaéreos e lançadores manuais de mísseis terra-ar □ a fim de poderem derrubar aviões e helicópteros.

□ E estão os dispostos a lhes entregar essas armas?

□ Estão os. Não diretamente... teriam os de encobrir nosso envolvimento, enviando-as através de intermediários. Mas isso não é problema. Poderiam os usar os sauditas.

□ Muito bem . □ Ellis provou a lagosta. Estava deliciosa. □ Vou explicar o que considero a primeira providência. Em cada núcleo guerrilheiro será necessário um núcleo de homens que conheçam , com preensão e confiem em Masud. Esse núcleo torna-se o elemento de ligação para as comunicações com Masud. Ampliam a sua participação gradativamente: intercâmbio de informações no início, depois cooperação mútua e finalmente planos de batalha coordenados.

□ Parece um bom esquema □ comentou Windermann. □ Com o seu poder desenvolver-

lo?

☐ Eu faria Masud prom over um program a de treinam ento no Vale dos Cinco Leões.

Cada grupo rebelde enviaria alguns j ovens para lutar ao lado de Masud por algum tem po e aprender os m étodos que o tornam tão vitorioso. Esses j ovens aprenderiam tam bém a respeitá-lo e a confiar nele, se é tão bom líder quanto você diz.

Winderm an acenou com a cabeça, pensativo.

☐ É o tipo de proposta que pode ser aceito pelos líderes tribais, que rej eitariam qualquer plano que os obrigasse a aceitar ordens de Masud.

☐ Há algum líder rival em particular cuj a cooperação sej a essencial para um a aliança?

☐ Há, sim . E são dois: Jahan Kam il e Am ai Azizi, am bos pushtuns.

☐ Nesse caso eu enviaria um agente com a m issão de sentar os dois à m esa com Masud.

Quando ele voltasse com as três assinaturas num docum ento, nós m andaríamos os a prim eira rem essa de lançadores de foguetes. As rem essas adicionais dependeriam do progresso do program a de treinam ento.

Winderm an largou o garfo e acendeu um cigarro. Não pode m ais haver qualquer dúvida de que ele tem um a úlcera, pensou Ellis.

Winderm an disse: ☐ É j ustam ente o que eu estava pensando.

Ellis percebeu que ele j á calculava a m aneira de assum ir o crédito pela ideia. No dia seguinte estaria dizendo Nós elaboram os um plano durante o alm oço e escreveria em seu relatório Especialistas em ações secretas j ulgaram que m eu plano é viável.

☐ Qual é o risco m aior? Ellis refletiu por um m om ento.

-se os russos pegarem o agente, poderão extrair um considerável valor de propaganda da operação. No m om ento, eles têm no Afeganistão o que a Casa Branca classificaria de "im agem problem ática". Os aliados no Terceiro Mundo não gostam de vê-los tripudiando sobre um país pequeno e prim itivo. Seus am igos m uçulm anos, em particular, tendem a sim patizar com os rebeldes. O argum ento soviético é de que os supostos rebeldes não passam de bandidos, financiados e arm ados pela CIA. Eles adorariam poder provar isso, capturando vivo um

autêntico agente da CIA no país e submetendo-o a julgamento. Em termos de política global, imagino que isso poderia nos causar muitos prejuízos.

□ Quais são as chances de os russos capturarem nosso homem ?

□ Mínimas. Se eles não conseguem pegar Masud, por que seriam capazes de capturar um agente secreto enviado para se encontrar com Masud?

□ Ótimo. □ Windermann apagou o cigarro. □ Quero que você seja esse agente.

Ellis foi tomado de surpresa. Deveria ter percebido que isso estava para acontecer, mas se deixara absorver no problema.

□ Não faço mais essas coisas.

Mas sua voz não era muito firme e ele não pôde deixar de pensar: Eu veria Jane. Eu veria Jane! □ Conversei com seu chefe pelo telefone □ informo a Windermann. □ A opinião dele foi de que um mês no Afeganistão poderia tentá-lo a retornar ao trabalho de campo.

Então estava tudo armado. A Casa Branca queria ter uma ação incisiva no Afeganistão e por isso pediu à CIA o empréstimo de um agente. A CIA queria que Ellis voltasse ao trabalho de campo e por isso sugeriu à Casa Branca que um mês lhe fosse oferecido, sabendo ou desconfiando de que a perspectiva de se encontrar outra vez com Jane era quase irresistível.

Ellis detestava ser manipulado.

Mas queria ir ao Vale dos Cinco Leões.

Houve um silêncio prolongado. Foi rompido por Windermann, que indagou, paciente: □

Aceita?

□ Pensarei sobre isso.

O pai de Ellis arrotou discretamente, pediu desculpa e disse: □ Estava um pouco delirando.

Ellis empurrou para o lado seu prato de torta de cereja com creme. Vigava seu peso pela primeira vez na vida.

□ Um a m aravilha, m am ãe, só que não consigo com er m ais nada.

□ Ninguém m ais com e com o antigam ente □ com entou ela,
levantando-se e com eçando a tirar a m esa.

☐ É porque todo mundo anda de carro hoje em dia.

O pai empurrou a cadeira para trás.

☐ Tenho de fazer umas contas.

☐ Ainda não tem um contador? ☐ perguntou Ellis.

☐ Ninguém cuida do seu dinheiro tão bem quanto você mesmo. Vai descobrir isso se algum dia ganhar bastante dinheiro.

Ele saiu da sala, encaminhando-se para o escritório. Ellis ajudou a mãe a tirar a mala. A família mudou-se para aquela casa de quatro quartos em Tea Neck, Nova Jersey, quando Ellis tinha treze anos, mas ele podia lembrar da mudança com o se fosse ontem. Fora protelada literalmente por anos. O pai construíra a casa, sozinho, no princípio, depois usando os empregados de sua crescente empresa construtora, mas sem prestando o trabalho nos períodos de pouco movimento e abandonando-o quando os negócios estavam bons. Ao se mudarem, a casa ainda não se encontrava realmente acabada: o aquecimento não funcionava, não havia armários na cozinha, nada fora pintado. Só tiveram água quente no dia seguinte porque a mãe amassara com o divórcio se ela não fosse providenciada. Mas a casa finalmente ficara pronta, e Ellis, os irmãos e irmãs tinham seus quartos para crescerem. Era maior do que o pai e a mãe precisavam agora, mas ele torcia para que conservassem a casa. Sentia-se muito bem ali.

Ao arrumarem a louça na lavadora, ele disse: ☐ Mãe, lembra daquela mala que deixei aqui quando voltei da Ásia?

☐ Claro. Está no armário do quarto pequeno.

☐ Obrigado. Quero dar uma olhada.

☐ Pode ir. Deixe que terminei tudo aqui.

Ellis subiu a escada e foi para o quarto pequeno no alto da casa. Raramente era usado, e a cama de solteiro estava ocupada por duas cadeiras quebradas, um sofá velho, quatro ou cinco caixas de papelão contendo livros infantis e brinquedos. Ellis abriu o armário e tirou uma pequena mala preta de plástico. Colocou-a na cama, virou os trancos de combinação e abriu-a. Havia um cheiro de mofo: há uma década que não era aberta. Tudo estava ali: as medalhas; as duas balas que haviam tirado de sua perna; o Manual Militar de Campanha

FM 5-31, intitulado Arm adilhas Pessoais; um retrato de Ellis parado ao lado de um helicóptero, seu prim eiro Huey , sorrindo, parecendo jovem e (m as que m erda!) m agro; um bilhete de Frankie Am alfi que dizia Ao filho da puta que roubou m inha perna □ um a piada corajosa, pois Ellis desam arrara gentilm ente o cordão e depois puxara a bota, levando j unto o pé e a m etade da perna, cortada no j oelho por um a hélice em m ovim ento; o relógio de Jim m y Jones, parado eternam ente às cinco e m eia □ Fique com ele, filho, dissera o pai de Jim m y a Ellis, através de um nevoeiro alcoólico, porque era am igo dele e isso é m ais do que eu fui; e o diário.

Folheou o diário. Só precisava ler algum as palavras para recordar um dia inteiro, um a sem ana, um a batalha. O diário com eçava na m aior anim ação, com um senso de aventura, algum a inibição; aos poucos, tornava-se desencantado, som brio, desolado, desesperado e até m esm o suicida. As frases m ais lúgubres despertavam im agens nítidas em sua m ente: m alditos vietnam itas não queriam sair do helicóptero, se estão tão ansiosos em serem salvos do com unism o por que será que não lutam ? e depois o Capitão Johnson sem pre foi um idiota m as que m aneira de m orrer, recebendo um a granada de um dos seus próprios hom ens e m ais adiante As m ulheres têm rifles por baixo das saias e os garotos têm granadas por dentro das cam isas então que m erda a gente deve fazer, se render? A últim a anotação dizia: O que há de errado com esta guerra é que estão os no lado errado. Som os os bandidos. É por isso que os garotos fogem da convocação; é por isso que os vietnam itas não lutam ; é por isso que m atam os m ulheres e

crianças; é por isso que os generais m entem para os políticos, os políticos m entem para os repórteres e a im prensa m ente para o público. Depois disso, seus pensam entos haviam ficado subversivos dem ais para serem registrados no papel, o sentim ento de culpa grande dem ais para ser expiado por m eras palavras. Parecia-lhe que teria de passar o resto da vida endireitando os erros que com etera na guerra. Depois de tantos anos, ainda parecia assim . Quando som ava os assassinos que prendera desde então, os sequestradores e terroristas que capturara nada representavam em com paração com as toneladas de explosivos que lançara e as m ilhares de balas que disparara no Vietnam , Laos e Cam bodj a.

Ellis sabia que era irracional. Com prendera isso ao voltar de Paris e refletir por algum tem po sobre a m aneira com o o trabalho arruinara sua vida. Resolvera que não m ais tentaria redim ir os pecados da Am érica. Mas aquilo... aquilo era diferente. Era um a oportunidade de lutar pelo hom em com um , contra os generais m entirosos, os m anipuladores do poder e os j ornalistas de antolhos; um a

oportunidade não apenas de lutar, não apenas de oferecer um a pequena contribuição, mas de fazer uma diferença concreta, de mudar o curso de uma guerra, alterar o destino de um país, desfechar um golpe pela liberdade em grande escala.

E ainda havia Jane.

A simples perspectiva de tornar a vê-la reacendera sua paixão. Apenas poucos dias antes ele pudera pensar em Jane e no perigo que ela corria, depois afastara o pensamento dela e virará a página da revista. Agora, não conseguia parar de pensar nela. Especulou se os cabelos de Jane estariam compridos ou curtos, se ela estaria mais gorda ou mais magra, se estaria feliz com o que fazia com sua vida, se os afegãos gostavam dela e acima de tudo - se ainda estava Jean-Pierre. Aceite o meu conselho, dissera Gill. Procure-a. A esperta Gill.

Ele pensou em Petal. Bem que tentei, disse a si mesmo; tentei ao máximo e acho que não me saí muito mal. Mas era um projeto condenado. Gill e Bernard lhe proporcionam tudo o que ela precisa. Não há lugar para mim em sua vida. Ela está feliz sem minha participação. Ellis fechou o diário e tornou a guardá-lo na caixa. Tirou uma caixa de jóias, pequena e ordinária. Lá dentro havia um par de pequenos brincos de ouro, cada um com uma pérola no centro. A mulher para quem os comprara, uma garota de olhos enfiados e seios pequenos, que lhe ensinara que nada é tabu, morrera antes que pudesse presentear-lá... assassinada por um soldado bêbado num bar de Saigon. Ele não estava; apenas gostava dela e sentia-se grato. Os brincos seriam um presente de despedida.

Tirou um cartão em branco e uma caneta do bolso da camisa. Pensou por um instante e depois escreveu:

A Petal: Pode furar as orelhas.

Com todo amor,

Papai.

Capítulo 6

O Rio dos Cinco Leões nunca era quente, mas parecia um pouco menos frio agora, no fragrante ar vespertino, ao final de um dia seco, quando as mulheres desceram para o seu trecho exclusivo da margem, a fim de tomar banho. Jane rangeu os dentes contra o frio e entrou na água com as outras, levantando o vestido devagar, à medida que avançava mais para o fundo, até ficar na altura da cintura.

Com eçou então a se lavar: depois de m uita prática, dom inara a peculiar técnica afegã de se lim par toda sem tirar as roupas.

Saiu do rio assim que acabou, estrem ecendo, parou perto de Zahara, que lavava os cabelos num a poça, espadanando m uita água, ao m esm o tem po em que m antinha um a conversa anim ada. Zahara m ergulhou a cabeça na água m ais um a vez e depois estendeu a m ão para a toalha. Tateou pela depressão na areia, m as não a encontrou.

□ Onde está m inha toalha? □ gritou ela. □ Deixei neste buraco. Quem roubou?

Jane pegou a toalha atrás de Zahara e disse: □ Está aqui. Você pôs no buraco errado.

□ Foi o que disse a esposa do m ula! □ berrou Zahara, arrancando gargalhadas das outras.

Jane era agora aceita pelas m ulheres da aldeia com o um a delas. Os últim os resquícios de reserva ou cautela haviam desaparecido depois do nascim ento de Chantal, que parecia ter confirm ado que Jane era um a m ulher com o qualquer outra. A conversa à beira do rio era surpreendentem ente franca □ talvez porque as crianças ficassem aos cuidados das irm ãs m ais velhas e avós, ou m ais provavelm ente por causa de Zahara.

Sua voz alta, os olhos faiscantes e o riso profundo e gutural dom inavam a cena. Não havia dúvida de que ela era m ais extrovertida ali por ter de reprim ir sua personalidade pelo resto do dia. Possuía um senso de hum or vulgar, que Jane não encontrara em qualquer outro afegão, hom em ou m ulher. Os com entários irreverentes de Zahara e suas piadas de duplo sentido m uitas vezes abriam o cam inho para conversas sérias. Assim , Jane podia às vezes transform ar o banho vespertino num a aula im provisada sobre educação sanitária. O controle da natalidade era o tópico m ais popular, em bora as m ulheres de Banda estivessem m ais interessadas em garantir a gravidez do que em evitá-la. Contudo, havia algum a aceitação da ideia, que Jane tentava prom over, de que um a m ulher tinha m elhores condições para alim entar e cuidar dos filhos se nascessem a intervalos de dois anos, em vez de separados por apenas doze ou quinze m eses. No dia anterior elas haviam conversado sobre o ciclo m enstrual e transpirara que as m ulheres afegãs estavam convencidas de que o período fértil era pouco antes e pouco depois da m enstruação.

Jane dissera que era do décim o segundo ao décim o sexto dia e elas

pareceram aceitar. Mas Jane tinha suspeita desconcertante de que as mulheres pensavam que ela estava enganada e eram polidas demais para dizê-lo.

Havia hoje um clima de expectativa. O último com boio procedente do Paquistão estava sendo esperado a qualquer momento. Os homens trariam pequenos luxos — um xale, algumas laranjas, carne enlatada — além das armas tão importantes, munições e explosivos para a guerra.

O mairido de Zahara, Ahmed Gul, um dos filhos da parteira Rabia, era líder do com boio.

Zahara mostrava-se visivelmente excitada com a perspectiva de revê-lo. Quando eles estavam juntos, eram como todos os casais afegãos: ela silenciosa e subserviente, ele autoritário. Mas Jane sabia, pela maneira com a qual os dois se olhavam, que estavam apaixonados; e era evidente, pela maneira com a qual Zahara falava, que o maior era intensamente físico. Hoje ela estava quase fora de

si de desejo, secando os cabelos com uma energia profunda e frenética. Jane podia compreender-

la; também já se sentira assim algumas vezes. Era indubitável que ela e Zahara haviam se tornado amigas porque reconheciam uma na outra um espírito afim.

A pele de Jane secou quase que imediatamente no ar quente e seco. Era agora o auge do verão, os dias eram como pridos, secos e quentes. O bom tempo duraria mais um ou dois meses e depois, pelo resto do ano, seria terrivelmente frio.

Zahara ainda estava interessada no tema da conversa no dia anterior. E parou de esfregar os cabelos por um momento para dizer: — Não importa o que as outras pessoas possam dizer, a maneira para engravidar é fazer todos os dias. Houve concordância de Halima, a esposa de Mohammed Khan, o al-humorado, de olhos escuros.

— É a única maneira de não engravidar é nunca fazer.

Ela tinha quatro crianças, mas só um menino, Mousa. Ficara desapontada ao saber que Jane não conhecia nenhum meio de aumentar as suas chances de ter outro menino.

Zahara disse: — Mas então o que se pode dizer a seu mairido quando ele volta para casa depois de seis semanas com um com boio? Jane

com entou: □ Sej a com o a esposa do m ula e ponha no buraco errado. Zahara explodiu num a gargalhada. Jane sorriu. Essa era um a técnica de controle da natalidade que não fora m encionada no curso intensivo que ela fizera em Paris, m as era evidente que os m étodos m odernos não chegariam ao Vale dos Cinco Leões por m uitos anos m ais. Assim , os m étodos tradicionais tinham de ser aproveitados... talvez com a aj uda de um pouco de instrução.

A conversa desviou-se para a colheita. O vale era um m ar de trigo dourado e cevada, porque os j ovens estavam longe, lutando, durante a m aior parte do tem po, e os m ais velhos trabalhavam devagar na colheita ao luar. Ao final do verão, todas as fam ílias contariam seus sacos de farinha de trigo e cestos de frutos secos, verificariam as galinhas e cabras, reuniriam seus parques recursos. Pensariam na im inente escassez de ovos e carne, arriscariam um palpite sobre os preços de inverno para o arroz e iogurte. Alguns as fam ílias pegariam uns poucos bens preciosos e em prenderiam a longa j ornada pelas m ontanhas para os cam pos de refugiados no Paquistão, com o fizeram o com erciante da aldeia e m ilhões de outros afegãos.

Jane tem ia que os russos convertessem essa evacuação num a política oficial: incapazes de derrotar os guerrilheiros, eles tentariam destruir as suas com unidades, com o os am ericanos fizeram no Vietnam , com o bom bardeio intensivo de extensas áreas do interior. O Vale dos Cinco Leões se transform aria num deserto desabitado, e Moham m ed, Zahara e Rabia se j untariam aos expatriados que viviam nos cam pos. Os rebeldes não poderiam resistir a um a blitz total, pois não dispunham de arm as antiaéreas.

Mas as m ulheres afegãs não tinham conhecim ento dessas coisas. Jam ais falavam da guerra, apenas das suas consequências. Pareciam não ter sentim entos em relação aos estrangeiros que traziam a m orte súbita e a fom e lenta ao vale. Encaravam os russos com o um acidente da natureza, parecido com o tem po: um bom bardeio era com o um a geada, algo desastroso, m as que não era culpa de ninguém .

Estava escurecendo. As m ulheres com eçaram a voltar à aldeia, Jane foi com Zahara, escutando sem m uita atenção o que ela dizia e pensando em Chantal. Seus sentim entos em relação à filha haviam passado por vários estágios. Logo depois do nascim ento, sentira-se exultante, com alívio, triunfo e alegria por ter gerado um a criança viva e perfeita. Depois que

essa reação assentara, sentira-se totalm ente angustiada. Não sabia com o cuidar de um a criança e, ao contrário do que as pessoas diziam

, não possuía um conhecimento instintivo de tudo. Ficara apavorada com a criança. Não houvera um ím peto de amor maternal. Em vez disso, ela tivera sonhos e fantasias estranhos e assustadores em que a criança morria caindo no rio, morta por uma bomba ou roubada à noite pelo tigre da neve. Não contara esses pensamentos a Jean-Pierre, com receio de que ele a julgasse louca.

Houvera conflitos com a parteira, Rabia Gul. Ela dissera que as mulheres não deviam amamentar durante os três primeiros dias porque o que saía não era leite. Jane decidira que era absurdo acreditar que a natureza pudesse fazer os seios das mulheres produzirem alguma coisa que fosse prejudicial aos recém-nascidos. Ignorara o conselho da velha. Rabia também dissera que a criança não deveria ser lavada por quarenta dias, mas as Chantal tomava banho todos os dias, com o qualquer bebê ocidental.

E depois Jane surpreendera Rabia a dar a Chantal uma anteinga misturada com açúcar, na ponta de seu dedo enrugado. Jane ficara furiosa. No dia seguinte Rabia fora cuidar de outro parto e mandara uma de suas muitas netas, uma garota de treze anos chamada Fará, para ajudar Jane.

Fora uma grande melhoria. Fará não tinha preconceitos sobre os cuidados infantis e simplesmente fazia o que lhe era mandado. Não exigia pagamento: trabalhava pela comida, que era melhor na casa de Jane do que na casa de seus pais, e pelo privilégio de aprender tudo sobre bebês, com o preparatório para o seu próprio casamento, que provavelmente ocorreria dentro de um ou dois anos.

Jane achava que Rabia podia estar também preparando Fará para se tornar uma futura parteira; nesse caso, a moça ganharia reconhecimento e por ter ajudado a enfermeira ocidental a cuidar de sua filha.

Com Rabia fora do caminho, Jean-Pierre assumira seu papel.

Era gentil mas confiante com Chantal, atencioso e amoroso com Jane. Fora ele quem sugerira, um tanto firmemente, que Chantal poderia tomar leite de cabra fervido ao acordar à noite. Im provisara uma mamadeira com seus suprimimentos médicos, a fim de poder se levantar pessoalmente para alimentá-la. É claro que Jane sempre acordava quando Chantal chorava e permanecia desperta enquanto Jean-Pierre alimentava; mas era muito menos cansativo e finalmente ela se livrara da tão depressiva sensação de exaustão absoluta e desesperadora. Com o passar do tempo, ela descobrira em si mesma, embaraçada ainda fosse ansiosa e insegura, um grau de

paciência que nunca antes possuía. Podia não ser o conhecimento instintivo profundo e a segurança que esperava, mas pelo menos lhe permitia enfrentar as crises diárias com serenidade. E naquele momento mesmo com a preocupação que estava longe de Chantal há quase uma hora sem se preocupar.

As mulheres chegaram às casas que formavam o núcleo da aldeia e uma a uma desapareceu por trás dos muros de seus pátios. Jane afugentou algumas galinhas e empurrou uma vaca esquelética para poder entrar em sua casa. Lá dentro estava Fará, cantando para Chantal, à luz do lampião. A menina estava alerta, olhos arregalados, parecendo fascinada pelo canto de Fará. Era um acalento de palavras simples e uma melodia com plexa, típica do oriente. É

uma criança bonita, pensou Jane, com as faces rechonchudas, o nariz pequeno, os olhos muito azuis.

Ela mandou Fará fazer um chá. A garota era muito tímida e chegara em edrontada e

trêmula para o trabalho com os estrangeiros; mas o nervosismo diminuía e o temor inicial por Jane se convertia gradativamente em uma lealdade adoradora.

Jean-Pierre apareceu poucos minutos depois. A camisa e a calça larga de algodão estavam sujas e manchadas de sangue, havia poeira nos cabelos castanhos com grisalhos e na barba escura. Parecia cansado. Estivera em Khenj, uma aldeia no vale a quinze quilômetros de distância, a fim de tratar dos sobreviventes de um bom bardeio.

Jane ergueu-se na ponta dos pés para beijá-lo.

□ Com o foi? □ indagou ela, em francês.

□ Horrível. □ Jean-Pierre retribuiu o beijo e depois foi inclinar-se sobre Chantal. □ Olá, menina. Ele sorriu e Chantal balbuciou.

□ O que aconteceu? □ perguntou Jane.

□ A casa da família ficava a alguma distância do resto da aldeia e por causa disso eles pensaram que estavam seguros. □ Jean-Pierre deu de ombros. □ Levaram para lá alguns guerrilheiros feridos numa escaramuça mais ao sul.

É por isso que estou tão atrasado. □ Sentou numa pilha de almofadas e indagou: □ Tem chá? □ Já está vindo □ respondeu Jane. □ Que

espécie de escaramuça? Jean-Pierre fechou os olhos.

□ A m esm a coisa de sem pre. O exército chegou em helicópteros e ocupou um a aldeia por m otivos que só eles conhecem . Os aldeões fugiram . Os hom ens se reagruparam , receberam reforços e com eçaram a atacar os russos das encostas. Houve baixas nos dois lados. Os guerrilheiros finalm ente ficaram sem m unição e bateram em retirada.

Jane acenou com a cabeça. Sentia pena de Jean-Pierre: era deprim ente cuidar das vítim as de um a batalha inútil. Banda nunca fora atacada, m as ela vivia com o tem or constante de que isso pudesse acontecer. Tinha um a visão de pesadelo em que corria e corria, com Chantal no colo, enquanto os helicópteros circulavam por cim a e as balas das m etralhadoras se cravavam no terreno poeirento a seus pés.

Fará entrou na sala com chá verde quente, um pouco do pão achatado que eles cham avam nan e um pote de pedra com m anteiga fresca. Jane e Jean-Pierre com eçaram a com er.

A m anteiga era um a iguaria rara. O nan da noite era geralm ente m orgulhado em iogurte, coalhada ou óleo. Ao m eio-dia norm alm ente com iam arroz com um m olho de carne, que podia ou não ter carne dentro. Um a vez por sem ana tinham galinha ou cabra. Jane, ainda com endo por dois, dava-se o luxo de um ovo por dia. Naquela época do ano havia bastantes frutas frescas □

dam ascos, am eixas, m açãs e am oras □ para sobrem esa. Jane sentia-se m uito saudável com aquela dieta, em bora a m aioria das pessoas de origem inglesa pudesse considerar que eram rações de inanição e alguns franceses j ulgassem que era razão para suicídio. Ela sorriu para o m arido e perguntou: □ Quer m ais um pouco de m olho Bearnaise com seu bife? □ Não, obrigado.

□ Ele estendeu a xícara. □ Talvez outra gota do Chateau Cheval Blanc. Jane serviu-lhe m ais chá e ele fingiu provar com o se fosse vinho.

□ A safra de 1962 é m enosprezada, por ter sucedido à inesquecível 61, m as sem pre achei que sua relativa suavidade propor ciona quase tanto prazer quanto a perfeição de elegância que é a característica austera de sua altiva antecessora.

Jane sorriu. Ele estava voltando a se sentir bem . Chantal gritou e Jane experim entou no

m esm o instante um com ichão em resposta nos seios. Pegou a m

enina no colo e com eçou a am am entá-la. Jean-Pierre continuou a com er. Jane disse: □ Deixe um pouco de m anteiga para Fará.

□ Está bem .

Ele saiu com o resto da refeição e retornou um instante depois com um a tigela cheia de am oras. Jane com eu enquanto Chantal m am ava. Não dem orou m uito para que a m enina estivesse adorm ecida, m as Jane sabia que ela despertaria dentro de poucos m inutos e queria m ais. Jean-Pierre afastou a tigela para o lado e disse: □ Tenho outra queixa contra você.

□ De quem ? □ indagou Jane bruscam ente. Jean-Pierre parecia defensivo, m as obstinado.

□ Moham m ed Khan.

□ Mas ele não falava por si m esm o.

□ Talvez não.

□ O que ele disse? □ Que você tem ensinado as m ulheres da aldeia a serem estéreis.

Jane suspirou. Não era apenas a estupidez dos hom ens da aldeia que a irritava, m as tam bém a atitude acom odada de Jean-Pierre a suas queixas. Ela queria que o m arido a defendesse, e não que se subm etesse a seus acusadores.

□ Abdullah Karim está por trás, é claro □ m urm urou ela. A m ulher do m ula estava sem pre na beira do rio e sem dúvida com unicava ao m arido tudo o que ouvia.

□ Talvez você tenha de parar □ com entou Jean-Pierre.

□ Parar o quê? Jane podia perceber um tom perigoso se insinuando em sua própria voz.

□ De dizer a elas com o evitar a gravidez.

Não era um a descrição j usta do que Jane ensinara às m ulheres, m as ela não estava disposta a defender-se ou a pedir desculpas.

□ Por que eu deveria parar? □ Está criando dificuldades □ disse Jean-Pierre, com um ar paciente que irritou Jane. -se ofenderm os dem ais o m ula, talvez tenham os de deixar o Afeganistão. E o que é m ais im portante, isso deixaria a Médecins pour la Liberté com péssim a

reputação e os rebeldes poderiam se recusar a aceitar outros médicos.

Afinal, esta é uma guerra santa... a saúde espiritual é mais importante que a física. Eles podem chegar à conclusão de que estarão melhor sem a gente.

Havia outras organizações que enviavam jovens médicos franceses idealistas ao Afeganistão, mas Jane nada falou a respeito. Em vez disso, com entou em tom incisivo: □

Terem os de assumir esse risco.

□ Terem os? □ repetiu Jean-Pierre, deixando Jane perceber que estava cada vez mais irritado. □ E por quê? □ Porque só há uma coisa de valor perante que podem os dar a esta gente: informação. É maravilhoso remendar seus ferimentos e lhes dar medicamentos para matar germes, mas eles já mais terão médicos e medicamentos em quantidade suficiente.

Podem os melhorar a saúde dessa gente em caráter perante se lhes ensinarmos as noções básicas de nutrição, higiene e cuidados sanitários. É melhor ofender Abdullah do que parar de fazer isso.

□ Mesmo assim, eu gostaria que você não fosse inimiga desse homem.

□ Ele me bateu com um bastão! □ gritou Jane, furiosa. Chantal começou a chorar. Jane forçou-se a manter a calma.

Embalou a filha por um momento e depois recomçou a amá-la. Por que Jean-

Pierre não percebia com o que sua atitude era covarde? Com o que podia se deixar intimidar pela ameaça de expulsão daquele país desolado? Jane suspirou. Chantal afastou o rosto do seio da mãe e deixou escapar alguns ruídos insatisfeitos. E antes que a discussão pudesse continuar eles ouviram gritos distantes.

Jean-Pierre franziu o rosto, escutando, e depois levantou-se. Uma voz de homem vinha do pátio. Jean-Pierre pegou um xale e passou-o pelos ombros de Jane. Ela apertou-o na frente. Era um acordo entre os dois: o xale não chegava a cobri-la de maneira suficiente, pelos padrões afegãos, mas ela se recusava temporariamente a se retirar com o que uma cidadã de segunda classe se um homem entrava em sua casa quando ela estava a filha; e quem quer que objetasse, ela anunciara, era melhor não procurar o médico.

Jean-Pierre gritou em dari: □ Entre.

Era Moham m ed Khan. Jane estava com vontade de dizer o que pensava dele e do resto dos hom ens da aldeia, m as hesitou quando viu a tensão em seu rosto bonito. E Moham m ed m al olhou para ela.

□ O com boio sofreu um a em boscada □ disse ele, sem qualquer preâm bulo. □ Perdem os vinte e sete hom ens... e todos os suprim entos.

Jane fechou os olhos em angústia. Viaj ara com um com boio assim ao chegar ao Vale dos Cinco Leões e não podia deixar de im aginar a em boscada: a linha de hom ens de pele escura e cavalos esqueléticos, ilum inada pelo luar, estendendo-se de m aneira irregular por um a trilha rochosa, ao longo de um vale estreito e cheio de som bras; o barulho dos helicópteros num súbito crescendo; os foguetes lum inosos, as granadas, o fogo de m etralhadoras; o pânico, enquanto os hom ens tentavam se abrigar na encosta nua; os tiros inúteis disparados contra os invulneráveis helicópteros; e, finalm ente, os gritos dos feridos, os estertores dos agonizantes.

Pensou abruptam ente em Zahara; o m arido dela estava no com boio.

□ O que... o que aconteceu com Ahm ed Gul?

□ Ele voltou!

□ Graças a Deus! □ Mas está ferido.

□ Quem desta aldeia m orreu? □ Ninguém . Banda teve sorte. Meu irm ão Matullah está bem e o m esm o acontece com Alishan Karim , o irm ão do m ula. Há três outros sobreviventes...

dois feridos.

Jean-Pierre disse: □ Irei vê-los im ediatam ente.

Ele passou para a sala da frente da casa, que fora outrora a loj a, depois se transform ara na clínica e era agora o depósito de suprim entos m édicos.

Jane pôs Chantal no berço im provisado no canto e arrum ou-se apressadam ente. Jean-Pierre provavelm ente precisaria de sua aj uda e, se não fosse necessária, poderia prestar um apoio m oral a Zahara. Moham m ed com entou: □ Quase não tem os m ais m unição.

Jane não sentiu muito pesar por isso. Estava revoltada com a guerra e não derramaria lágrima se os rebeldes fossem obrigados por algum tempo a parar de matar os pobres soldados russos, garotos de dezessete anos com a maior saudade de casa. Mohammed acrescentou: □

Perdem os quatro com bois em um ano. Apenas três conseguiram passar.

□ Com o os russos puderam descobri-los? Jean-Pierre, que escutava na sala ao lado, falou através da porta aberta: □ Eles devem ter aumentado a vigilância nos desfiladeiros com helicópteros em voo baixo... ou talvez mesmo por fotografias de satélites.

Mohammed sacudiu a cabeça.

□ Os pushtuns nos traíram .

Jane refletiu que era bem possível. Nas aldeias por que passavam , os com bois eram às vezes encarados com o um ímã para os ataques russos e era concebível que alguns aldeões pudessem comprometer sua segurança com informações ao inimigo sobre as suas posições... embora Jane não pudesse imaginar com o eles transmitiriam as informações aos russos.

Ela pensou no que estava esperando do com boio em boscado. Pedira medicamentos, algumas seringas hipodérmicas e uma porção de ataduras esterilizadas. Jean-Pierre escrevera uma lista com pride de medicamentos. A organização Médecins pour la Liberté tinha um homem de ligação em Peshawar, a cidade no noroeste do Paquistão em que os guerrilheiros conservavam suas armas. Ele podia obter os suprimentos básicos ali, mas tinha de importar os medicamentos de avião da Europa Ocidental. Era um horrível desperdício. Podiam se passar meses antes que chegassem novos suprimentos. Para Jane, era uma perda muito maior do que a da união.

Jean-Pierre voltou, carregando a sua bolsa. Os três saíram para o pátio. Estava escuro.

Jane parou por um instante, dando instruções a Fará sobre a troca de fraldas de Chantal, e depois seguiu depressa atrás dos dois homens.

Alcançou-os quando se aproximavam da mesquita. Não era um prédio magnífico. Não possuía as cores deslumbrantes ou os ornamentos requintados que se encontra nos livros ilustrados sobre a arte islâmica. Era aberto de um lado, o telhado de esteiras sustentado por

colunas de pedras. Jane achava que parecia um abrigo de ônibus em belezado ou talvez a varanda de um a m ansão colonial em ruínas. Um a arcada no m eio do prédio levava a um pátio m urado. Os aldeões não lhe dispensavam m uita reverência. Oravam ali, m as tam bém usavam o lugar com o centro de reuniões, m ercado, sala de aula e casa de hóspedes. E naquela noite seria um hospital.

Lam piões a óleo pendiam de ganchos nas colunas de pedra e ilum inavam agora a m esquita parecida com um a varanda. Os aldeões estavam agrupados à esquerda da arcada.

Estavam deprim idos, várias m ulheres choravam baixinho, podia-se ouvir as vozes de dois hom ens, um deles fazendo perguntas, o outro respondendo. A m ultidão recuou para dar passagem a Jean-Pierre, Moham m ed e Jane.

Os seis sobreviventes da em boscada estavam j untos, no chão de terra batida. Os três ilesos estavam acorados, ainda usando os gorros chitrals redondos, parecendo suj os, desolados e exaustos. Jane reconheceu Matullah Khan, um a versão m ais j ovem do irm ão Moham m ed, e Alishan Karim , m ais m agro que o irm ão m ula, m as com a m esm a aparência vil. Dois dos feridos estavam sentados no chão, encostados na parede, um deles com um a faixa ensanguentada em torno da cabeça, o outro com o braço num a tipóia im provisada. Jane não conhecia qualquer dos dois e avaliou autom aticam ente seus ferim entos: à prim eira vista, não pareciam graves.

Ahm ed Gul, o terceiro ferido, estava estendido num a m aça feita com dois pedaços de pau e um a m anta. Os olhos estavam fechados, a pele cinzenta. Sua m ulher, Zahara, agachava-se por trás, aninhando-lhe a cabeça no colo, afagando-lhe os cabelos, chorando silenciosam ente.

Jane não podia ver seus ferim entos, m as calculava que deviam ser graves.

Jean-Pierre pediu um a m esa, água quente e toalhas, depois foi se aj oelhar ao lado de Ahm ed. Poucos segundos depois ele olhou para os outros guerrilheiros e perguntou, em dari: □

Ele estava no m eio de um a explosão? □ Os helicópteros tinham foguetes □ respondeu um dos

hom ens ilesos. □ E um deles explodiu ao lado de Ahm ed.

Jean-Pierre virou-se para Jane e disse, em francês: □ Ele está m uito m al. É um m ilagre que tenha sobrevivido ao resto da j ornada.

Jane podia ver as manchas de sangue no queixo de Ahmed: ele estivera tossindo sangue, um sinal de lesões internas. Zahara olhou suplicante para Jane.

— Com o ele está? — perguntou ela, em dari.

— Então muito, minha amiga — respondeu Jane, tão gentilmente quanto podia — mas ele está mal. Zahara acenou com a cabeça, resignada: já sabia disso, mas a confirmação trouxe novas lágrimas ao seu rosto bonito.

— Examina os outros para mim — Jean-Pierre pediu a Jane. — Não quero perder um minuto sequer. Jane foi examinar os outros dois feridos.

— O ferimento na cabeça é apenas um arranhão — disse ela, depois de um momento.

— Cuide desse — murmurou Jean-Pierre.

Ele estava supervisionando a colocação de Ahmed em cima de uma mesa. Jane examinou o homem com o braço na tábua. O ferimento era mais grave: parecia que uma bala despedaçara o osso.

— Deve ter doído muito — disse ela ao guerrilheiro, em dari. Ele sorriu e balançou a cabeça. Aqueles homens eram moldados em ferro. Jane informou a Jean-Pierre: — A bala quebrou o osso.

Jean-Pierre não levantou os olhos de Ahmed.

— Aplique uma anestesia local, limpe o ferimento, tire os fragmentos e providencie uma tábua limpa. Consertaremos o osso depois.

Ela começou a preparar a injeção. Jean-Pierre chamaria quando precisasse de sua ajuda. Tudo indicava que seria uma noite longa.

Ahmed morreu alguns minutos depois de meia-noite, e Jean-Pierre sentiu vontade de chorar — não de tristeza, pois mal conhecia Ahmed, mas de pura frustração, pois sabia que poderia salvar a vida do homem se dispusesse de um anestesista, eletricidade e uma sala de operações. Cobriu o rosto do morto e olhou para a esposa, que estivera de pé, imóvel, observando, por horas. Então muito.

Ela acenou com a cabeça. Jean-Pierre ficou contente por ela estar calma. Às vezes acusavam-no de não tentar tudo; pareciam pensar que ele sabia tanto que não havia coisa alguma que não pudesse

curar, deixando-o com vontade de gritar para todos Eu não sou Deus. Mas aquela m ulher dava a im pressão de com preender.

Jean-Pierre afastou-se do cadáver. Estava esgotado. Passara o dia inteiro trabalhando em corpos m utilados, m as aquele era o prim eiro paciente que perdia. As pessoas que assistiam , quase todas parentes do m orto, adiantaram -se agora para cuidar do corpo. A viúva com eçou a chorar e Jane levou-a em bora.

Jean-Pierre sentiu um a m ão em seu om bro. Virou-se e se deparou com Moham m ed, o guerrilheiro que organizava os com boios. Sentiu um a pontada de culpa.

□ É a vontade de Alá □ disse Moham m ed. Jean-Pierre assentiu. Moham m ed tirou do bolso um m aço de cigarros paquistaneses e acendeu um . Jean-Pierre com eçou a recolher seus instrum entos e guardá-los na bolsa. E perguntou, sem olhar para Moham m ed: □ O que você vai fazer agora?

□ Enviar outro com boio im ediatam ente. Precisam os de m unição. Jean-Pierre ficou alerta no m esm o instante, apesar da fadiga.

□ Quer dar um a olhada nos m apas? □ Quero.

Jean-Pierre fechou a bolsa e os dois hom ens deixaram a m esquita. As estrelas ilum inavam o cam inho pela aldeia até a casa do com erciante. Fará dorm ia na sala, num tapete, ao lado do berço de Chantal. Ela acordou e levantou-se.

□ Pode ir para casa agora □ dissê-lhe Jean-Pierre.

Ela saiu sem falar. Jean-Pierre pôs a bolsa no chão, depois pegou o berço com extrem o cuidado e levou-o para o quarto. Chantal continuou adorm ecida até que ele pôs o berço no chão, quando então desatou a chorar.

□ Mas o que é isso? □ m urm urou Jean-Pierre. Ele olhou para seu relógio de pulso e com preendeu que a m enina devia estar com fom e. □ Mam ãe j á vem .

Não adiantou. Ele tirou-a do berço e com eçou a niná-la. Chantal se aquietou. Jean-Pierre levou-a para a sala. Moham m ed ainda estava de pé, esperando. Jean-Pierre disse: □ Você sabe onde estão os m apas.

Moham m ed balançou a cabeça e foi abrir um a arca de m adeira pintada. Tirou um m aço de m apas dobrados, selecionou vários,

abriu-os no chão. Jean-Pierre, sem pre ninando Chantal, espiou por cima a do om bro de Moham m ed, indagando: □ Onde foi a em boscada? Moham m ed apontou para um ponto próximo o da cidade de Jalalabad.

As trilhas seguidas pelos com boios de Moham m ed não eram indicadas naqueles ou em quaisquer outros m apas. Contudo, os m apas de Jean-Pierre m ostravam alguns vales, platôs e córregos sazonais em que podia haver trilhas. Às vezes Moham m ed sabia de cor o que havia ali.

Em outras ocasiões ele tinha de adivinhar e discutia com Jean-Pierre a interpretação exata das linhas de contorno ou as características m ais obscuras do terreno, com o as m orenas. Jean-Pierre sugeriu: □ Podia passar m ais pelo norte, contornando Jalalabad. Por cima da planície em que ficava a cidade havia um labirinto de vales, com o um a teia de aranha, estendendo-se entre os rios Konar e Nuristan.

Moham m ed acendeu outro cigarro □ com o a m aioria dos guerrilheiros, era um fum ante inveterado □ e sacudiu a cabeça em dúvida, enquanto soprava a fum aça.

□ Houve em boscadas dem ais naquela área □ disse ele. -se ainda não estão nos traindo, certam ente o farão em breve. O próximo o com boio passará ao sul de Jalalabad.

Jean-Pierre franziu o rosto.

□ Não sei com o isso será possível. Não há nada além de cam po aberto ao sul, desde o Passo Khy ber. Seria avistado.

□ Não usarem os o Passo Khy ber □ declarou Moham m ed. Pôs o dedo no m apa e acom panhou a fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, para o sul. □ Atravessarem os a fronteira em Terem engal.

O dedo alcançou a cidade indicada, depois traçou um percurso de lá até o Vale dos Cinco Leões. Jean-Pierre assentiu, disfarçando seu j úbilo.

□ Faz sentido. Quando o próximo o com boio sairá daqui? Moham m ed com eçou a dobrar os m apas.

□ Depois de am anhã. Não há tem po a perder.

Ele tornou a guardar os m apas na arca pintada e encam inhou-se para a porta. Jane entrou

no instante em que ele saía. Moham m ed disse-lhe "Boa noite" distraídam ente.

Jean-Pierre sentia-se satisfeito porque o belo guerrilheiro não sentia m ais tesão por Jane desde que ela engravidara. Ela era inegavelm ente m uito sensual, na opinião de Jean-Pierre, e bem capaz de se deixar seduzir; e ter um caso com um afegão causaria problem as interm ináveis.

A bolsa m édica de Jean-Pierre estava no chão, onde ele a deixara. Jane abaixou-se para pegá-la. O coração dele quase parou. Apressou-se em tirar a bolsa das m ãos de Jane. Ela ficou um pouco surpresa e Jean-Pierre disse: □ Vou guardá-la. E você cuide de Chantal. Ela está com fom e.

Ele entregou-lhe a m enina. Levou a bolsa e um lam pião para a sala na frente, enquanto Jane se acom odava para alim entar Chantal. Caixas de suprim entos m édicos estavam em pilhadas no chão de terra. Caixas j á abertas estavam arrum adas nas toscas prateleiras de m adeira da antiga loj a. Jean-Pierre pôs a bolsa m édica no balcão de azulej os azuis e tirou um obj eto preto de plástico, m ais ou m enos do tam anho e do form ato de um telefone portátil. Guardou-o no bolso da calça.

Esvaziou a bolsa, pondo num lado os instrum entos que precisavam ser esterilizados e arrum ando o que não usara nas prateleiras. Voltou à sala de estar e disse a Jane: □ Vou descer até o rio para tom ar um banho. Estou suj o dem ais para m e deitar.

Jane ofereceu-lhe o sorriso sonhador e satisfeito que m uitas vezes exibia quando am am entava a filha.

□ Não dem ore. Ele saiu.

A aldeia estava finalm ente adorm ecendo. Lam piões ainda ardiam em algum as casas e ele ouviu por um a j anela o som de um choro desesperado de m ulher, m as a m aioria das casas estava silenciosa e escura. Passando pela últim a casa da aldeia ele ouviu um a voz de m ulher alteada num canto triste de lam ento; por um m om ento, sentiu o peso opressivo das m ortes que causara, m as tratou de afastar o pensam ento da m ente.

Seguiu por um a trilha pedregosa entre dois cam pos de cevada, olhando constantem ente ao redor e escutando com atenção: os hom ens da aldeia deviam estar agora trabalhando.

Ouviu num cam po o barulho das foices e num terraço estreito avistou dois hom ens arrancando as ervas daninhas à luz de um lam pião. Não falou com eles.

Chegou ao rio, atravessou o vau, subiu pela trilha sinuosa no penhasco do outro lado. Sabia que estava perfeitam ente seguro, m as m esm o assim sentia-se cada vez m ais tenso, enquanto subia pelo cam inho íngrem e, à tênue claridade.

Depois de dez m inutos alcançou o ponto elevado que procurava. Tirou o rádio do bolso da calça e puxou a antena em butida. Era o m ais m oderno e sofisticado transm issor pequeno que a KGB possuía, m as m esm o assim o terreno era tão adverso às transm issões de rádio que os russos haviam construído um a estação especial de retransm issão, no alto de um a colina, dentro do território que controlavam , a fim de captar seus sinais e passá-los adiante.

Jean-Pierre apertou o botão de falar e disse em inglês, no código combinado: ☐ Aqui é Sim plex. Entre, por favor.

Esperou um instante, tornou a cham ar. Depois da terceira tentativa recebeu um a resposta cheia de estática, com forte sotaque: ☐ Aqui é Butler. Pode falar, Sim plex.

☐ Sua festa foi um grande sucesso.

☐ Repito: A festa foi um grande sucesso.

☐ Vinte e sete pessoas com pareceram e m ais um a apareceu depois.

☐ Repito: Vinte e sete pessoas com pareceram e m ais um a apareceu depois.

☐ Em preparativo para a próxim a, preciso de três cam elos. No código, isso significava

"Encontre-se com igo daqui a três dias".

☐ Repito: Você precisa de três cam elos.

☐ Verei você na m esquita.

Isso tam bém era código: "a m esquita" era um local a alguns quilôm etros de distância, em que três vales se encontravam .

☐ Repito: na m esquita.

□ Hoj e é dom ingo.

Isso não era código, m as sim um a precaução contra a possibilidade de que o idiota que estivesse recebendo a m ensagem não com prendesse que j á passava de m eia-noite, trazendo com o consequência a chegada do contato de Jean-Pierre ao ponto de encontro um dia antes.

□ Repito: Hoj e é dom ingo.

□ Encerro e desligo.

Jean-Pierre baixou a antena e tornou a guardar o rádio no bolso da calça.

Tirou as roupas depressa. Pegou no bolso da cam isa um a escovinha de unhas e um pedaço pequeno de sabão. O sabão era um artigo escasso, m as ele tinha prioridade, com o m édico.

Entrou cautelosam ente no Rio dos Cinco Leões, aj oelhou-se, espalhou a água gelada pelo corpo. Ensaboou a pele e os cabelos, depois pegou a escovinha e com eçou a esfregar-se: pernas, barriga, peito, rosto, braços e m ãos. Trabalhou especialm ente as m ãos, ensaboando-as várias vezes. Aj oelhando-se na água rasa, nu e trem endo, sob a luz das estrelas, ele esfregou e esfregou, com o se nunca m ais fosse parar.

Capítulo 7

□ A criança tem saram po, gastroenterite e tinha □ disse Jean-Pierre.

□ Está tam bém im unda e desnutrida.

□ Não é o que acontece com todas? □ m urm urou Jane.

Eles falavam em francês, com o norm alm ente faziam ao conversarem entre si, a m ãe da criança olhava de um para outro, especulando sobre o que estariam dizendo. Jean-Pierre percebeu sua ansiedade e lhe falou, dizendo sim plesm ente, em dari: □ Seu filho vai ficar bom .

Ele foi para o outro lado da caverna e abriu a caixa com os m edicam entos. Todas as crianças levadas à clínica eram autom aticam ente vacinadas contra a tuberculose.

Enquanto preparava a inj eção de BCG, ele observou Jane pelo canto do olho. Ela estava dando ao m enino pequenos goles de um a bebida reidratante □ um a m istura de glicose, sal, bicarbonato de sódio e cloreto de potássio, tudo dissolvido em água destilada. Entre os goles,

ela lavava delicadamente o rosto sujo da criança. Seus movimentos eram rápidos e graciosos, como os de um artífice — talvez um oleiro moldando o barro ou um pedreiro manipulando sua pá. Jean-Pierre observou suas mãos estreitas tocarem de leve a criança assustada, em carícias tranquilizadoras. Ele gostava daquelas mãos.

Jean-Pierre virou-se ao ajustar a agulha, a fim de que a criança não visse. Escondendo a seringa na mão, tornou a virar-se, esperando por Jane. Contemplou-lhe o rosto, enquanto ela limpava a pele no ombro direito do menino, esfregando uma mecha de algodão embebido em álcool. Era um rosto brejeiro, olhos grandes, nariz arrebitado, a boca larga que sorria com frequência. Mas agora a expressão era séria e Jane deslocava o queixo de um lado para outro, como se rangesse os dentes, um sinal de que estava se concentrando. Jean-Pierre conhecia todas as suas expressões, mas nenhuma dos seus pensamentos.

Ele especulava muitas vezes — quase que continuamente — sobre o que Jane estaria pensando, mas tinha receio de perguntar, pois tal conversa poderia facilmente se desviar para território proibido. Ele precisava se manter em guarda constantemente, como um marido infiel, com receio de que alguma coisa que dissesse — ou mesmo a expressão de seu rosto — pudesse traí-lo. Era tabu qualquer conversa sobre verdade e desonestidade, confiança e traição ou liberdade e tirania; e mesmo acontecia com os temas que podiam levar a isso, como amor, guerra e política. Jean-Pierre se mantinha cauteloso até mesmo quando falava de tópicos inocentes. Em consequência, havia uma estranha falta de intimidade em seu casamento. Fazer amor era difícil. Ele descobrira que não podia chegar ao orgasmo se não fechasse os olhos e imaginasse que se encontrava em outro lugar. Fora um alívio para ele não ter de encenar durante as últimas semanas, por causa do nascimento de Chantal.

— Estou pronta quando você estiver — anunciou Jane. Jean-Pierre percebeu que ela lhe sorria. Ele pegou o braço do menino e perguntou em francês: — Quantos anos você tem? — Sete.

Enquanto o menino falava, Jean-Pierre enterrava a agulha. O menino se pôs a berrar no mesmo instante. O som de sua voz levou Jean-Pierre a pensar em si mesmo quando tinha sete anos, andando em sua primeira bicicleta e caindo, chorando daquele mesmo jeito, um estridente uivo de protesto pela dor inesperada. Fitou atentamente o rosto contraído do paciente de sete anos, lembrou-se do quanto doeria e como se sentira furioso. Descobriu-se pensando: Com o fim de lá até aqui? Jean-Pierre soltou o menino e aproximou-se da mãe. Contou

trinta cápsulas de 250

m iligram as de griseofulvina e entregou-as à m ãe.

□ Ele tem de tomar um a por dia, até acabar □ disse Jean-Pierre, no
dari mais sim ples. □

Não dê para qualquer outra pessoa... ele precisa de todas.

Aquilo cuidaria dos vermes. O sarampo e a gastroenterite seguiriam
seu curso normal até o fim. Jean □ Pierre acrescentou: □ Faça ele
ficar na cama até as m anchas sumirem. E ele tem de beber muita
água. A mulher assentiu.

□ Ele tem irmãos?

□ Cinco irmãos e duas irmãs □ respondeu a mulher, orgulhosa.

□ Ele deve dormir sozinho ou os outros também ficarão doentes.

A mulher parecia indecisa: provavelmente só tinha uma cama para
todos os filhos. Não havia nada que Jean-Pierre pudesse fazer a
respeito. Ele continuou: □ Se o menino não melhorar até as cápsulas
acabarem, traga-o de volta à clínica.

O que a criança realmente precisava era de uma coisa que nem Jean-
Pierre nem a mãe podiam proporcionar □ uma abundância de com-
ida boa e nutritiva.

Os dois deixaram a caverna, o menino magro e doente, a mãe frágil
e cansada. Era bem provável que tivessem percorrido muitos quilô-
metros, a mãe carregando o menino durante a maior parte do cam-
inho. Agora, voltariam a pé. O menino podia morrer de qualquer ma-
neira.

Mas não de tuberculose.

Havia mais um paciente: o malang. Era o homem santo de Banda.
Meio louco, quase sem presença, ele vagueava pelo Vale dos Cinco
Leões, desde Cornar, a cerca de quarenta quilômetros de Banda, rio
acima, até Charikar, na planície controlada pelos russos, cem quilô-
metros a sudoeste. Falava de maneira incoerente e tinha visões. Os
afegãos acreditavam que os malangs davam sorte e não apenas
toleravam seu comportamento, com o também lhes davam comida,
bebida e roupas.

Ele entrou, usando trapos na virilha e um quepe de oficial russo. Com prim íu a barriga, sim ulando dor. Jean-Pierre pegou um punhado de pílulas de diam orfina e entregou-as ao hom em . O louco saiu correndo com suas pílulas de heroína sintética.

□ Ele deve estar viciado a esta altura □ com entou Jane. Havia um tom nítido de desaprovação em sua voz.

□ Tem razão □ adm itiu Jean-Pierre.

□ Então por que continua a dar? □ O hom em tem um a úlcera. O que m ais posso fazer...

operar? □ você é o m édico.

Jean-Pierre com eçou a arrum ar a valise. Pela m anã estaria vendo os doentes em Cobak, a dez ou doze quilôm etros de distância, através das m ontanhas... e no cam inho tinha um encontro m arcado.

O choro do m enino de sete anos trouxera algum a coisa do passado para a caverna, com o um cheiro de brinquedos velhos ou um a luz estranha que nos leva a esfregar os olhos. Jean-Pierre sentia-se um pouco desorientado. Não parava de ver as pessoas de sua infância, os rostos se sobrepondo às coisas ao redor, com o cenas de um film e projetado por um aparelho fora de posição nas costas da audiência, e não na tela. Viu a sua prim eira professora, de óculos de aros de aço, Madem oiselle Médecin; Jacques Lafontaine, que arrancara sangue de seu nariz por tê-lo cham ado de safado; a m ãe, m agra, m alvestida e sem pre atorm entada; e principalm ente o pai, um hom em enorm e, irado, no outro lado de um a divisória gradeada.

Fez um esforço para se concentrar nos equipam entos e m edicam entos de que precisaria em Cobak. Encheu um frasco com água destilada para beber enquanto estivesse lá.

Os aldeões lhe dariam com ida.

Saiu com as valises e aj eitou-as no lom bo da velha-égua de m aus bofes que usava nessas viagens. A égua podia andar o dia inteiro em linha reta, m as relutava obstinadam ente em virar nas curvas; por causa disso, Jane a apelidara de Maggie, em hom enagem a Margaret Thatcher, a prim eira-m inistra britânica.

Jean-Pierre estava pronto. Voltou ao interior da caverna e deu um beij o leve na boca m acia de Jane.

Quando se virava para ir em bora, Fará entrou com Chantal. A menina estava chorando.

Jane desabotoou a camisa e pôs Chantal no seio no mesmo instante. Jean-Pierre acariciou a face rosada da filha e murmurou: □ Bon appétit.

E depois saiu. Desceu com Maggie para a aldeia deserta e seguiu para sudoeste, acompanhando a margem do rio. Andava depressa, incansável, sob o sol quente; estava acostumado.

Ao deixar a personalidade de médico para trás e pensar no encontro iminente, começou a sentir-se ansioso. Anatoly estaria lá? Ele podia ter se atrasado. Podia até ter sido capturado. Se fora capturado, teria contado tudo? Denunciara Jean-Pierre sob tortura? Um grupo de guerrilheiros estaria à espera de Jean-Pierre, im placável e sádico, sedento de vingança? Apesar de toda a sua poesia e toda a sua piedade, aqueles afegãos eram bárbaros.

O esporte nacional era o buzkashi, um jogo perigoso e sangrento: o corpo decapitado de um bezerro era colocado no centro de um campo e duas equipes rivais se alinhavam a cavalo, em lados opostos. A um tiro de rifle, todos disparavam para a carcaça. O objetivo era pegar o corpo do bezerro, levar a um ponto determinado, a cerca de um quilômetro e meio de distância, depois trazer de volta ao círculo, sem permitir que qualquer dos adversários o arrancasse de seu poder. Quando o mesmo acabou o jogo era esarteado, com o acontecia com frequência, um juiz decidia qual a equipe que controlaria o remanescente maior. Jean-Pierre assistira a uma partida no inverno anterior, nos arredores da pequena cidade de Rokha, no fundo do vale. Assistia há uns poucos minutos quando percebera que não estavam usando um bezerro, mas sim um homem, e o homem ainda estava vivo. Repugnado, ele tentara interromper a partida, mas alguém lhe dissera que o homem era um oficial russo, com o que isso fosse toda e qualquer explicação que um homem poderia querer. Os jogadores simplesmente ignoraram Jean-Pierre e não havia nada que ele pudesse fazer para atrair a atenção dos cinquenta cavaleiros muito excitados, empenhados em seu jogo selvagem. Ele não ficara para observar o homem morrer, mas talvez devesse ter ficado, pois a imagem que permanecera em sua mente e lhe voltava cada vez que se preocupava em ser descoberto era a do russo, desamparado e sangrando, sendo dilacerado vivo.

O senso do passado ainda persistia; enquanto olhava para as paredes rochosas, cor de caqui, da ravina por que passava, ele viu cenas de sua

infância se alternando com pesadelos de sua descoberta pelos guerrilheiros. A recordação mais antiga era a do julgamento, a sensação opressiva de indignação e injustiça que experimentara quando foram o pai para a cadeia.

Não sabia ler, mais pôde reconhecer o nome e do pai nas marchetes dos jornais. Naquela idade □

devia ter quatro anos □ não sabia o que significava ser um herói da Resistência. Sabia que o pai era um comunista, assim como o também eram os amigos do pai, o padre, o sapateiro e o

balconista da agência postal da aldeia; mais pensava que todos o chamavam de Roland Vermelho por causa de sua pele avermelhada. Quando o pai fora considerado culpado de traição e condenado a cinco anos de prisão, disseram a Jean-Pierre que era por causa de Tio Abdul, um homem assustado, de pele morena, que passara várias semanas em sua casa e era da FLN. Mas Jean-Pierre não sabia o que era a FLN e pensava que estavam se referindo ao elefante do jardim zoológico. A única coisa que compreendia claramente, em que sempre acreditava, fora a de que a polícia era cruel, os juizes desonestos, e o povo enganado pelos jornais.

À medida que os anos passavam, ele compreendia mais, sofria mais, a indignação aumentava. Quando fora para a escola, os outros garotos disseram que seu pai era um traidor.

Jean-Pierre declarou que, ao contrário, o pai lutara corajosamente e arriscara a vida na guerra.

Mas os outros não acreditaram. Ele e a mãe foram viver em outra aldeia por algum tempo, mais os vizinhos acabaram descobrindo quem eram e ordenaram a seus filhos para não brincarem com Jean-Pierre. Mas o pior eram as visitas à prisão. O pai mudava visivelmente, tornando-se pálido, magro e doente; e pior que isso era vê-lo confinado, usando um uniforme miserável, intimidado, assustado, dizendo "Senhor" a guardas arrogantes, armados de cassetetes. Não dormia muito para que o cheiro da prisão começasse a deixar Jean-Pierre nauseado.

Ele voltava sempre que passava pelas portas e a mãe deixava de levá-lo nas visitas.

Só depois que o pai saía da prisão é que Jean-Pierre pudera conversar com ele à vontade, compreendendo tudo então. Percebera que a injustiça do que acontecera era ainda pior do que imaginara. Depois que

os alemães invadiram a França, os comunistas franceses, já organizados em células, desempenharam um papel da maior importância na Resistência.

Termine a guerra, o pai continuava na luta contra a tirania da extrema direita. A Argélia era na ocasião uma colônia francesa. Seu povo era oprimido e explorado, mas lutava bravamente pela liberdade. Jovens franceses eram recrutados para o exército e obrigados a combater os argelinos, numa guerra cruel, em que as atrocidades cometidas pelo exército francês lembravam muitas pessoas o trabalho dos nazistas. A FLN, que para Jean-Pierre sempre estaria associada à imagem de um velho elefante sarnento, num zoológico provinciano, era a Frente de Libertação Nacional do povo argelino.

O pai de Jean-Pierre fora um das cento e vinte e uma pessoas muito conhecidas que assinaram um manifesto em favor da liberdade para os argelinos. A França estava em guerra e o manifesto fora considerado subversivo, pois podia ser interpretado como um estímulo aos soldados franceses para desertarem. Mas o pai fizera mais do que isso: levava um valise cheia de dinheiro coletado entre o povo francês para a FLN, atravessando a fronteira para a Suíça e depositando num banco; acolhera Tio Abdul, que não era absolutamente um tio, mas sim um argelino procurado pela polícia secreta francesa.

Ele explicara a Jean-Pierre que eram exatamente as mesmas coisas que fizera na guerra contra os nazistas. Continuava a travar a mesma luta. O inimigo nunca fora o povo alemão, assim como não era agora o povo francês: eram os capitalistas, os donos da propriedade, os ricos e privilegiados, a classe dominante, que recorreria a todos os meios para defender sua posição, por mais brutais que fossem. Eram tão poderosos que controlavam a metade do mundo — mas mesmo assim havia esperança para os pobres, os indefesos e oprimidos, pois em Moscou o povo predominava e no resto do mundo as classes trabalhadoras se voltavam para a União Soviética em busca de ajuda, orientação e inspiração, em sua luta pela liberdade.

À medida que Jean-Pierre foi ficando mais velho a imagem se tornou empanada e ele descobriu que a União Soviética não era o paraíso dos trabalhadores; mas nada aprendeu para alterar a sua convicção básica de que o movimento comunista, orientado por Moscou, era a única esperança para as pessoas oprimidas do mundo e o único meio de destruir a polícia, os juizes e os jornais, que haviam traído seu pai de maneira tão brutal.

O pai conseguira entregar a tocha ao filho. E, com o se soubesse disso, o pai entrara em declínio. Jamais recuperara o rosto vermelho. Nunca mais com parecera a manifestações, organizara bailes de levante e de fundos ou escrevera cartas para os jornais locais. Tivera uma série de empregos burocráticos simples. Continuara a pertencer ao Partido, com o qual não podia deixar de ser, e a um sindicato, mas não retomara a presidência de comitês, a elaboração de atas, o preparo de agendas. Ainda jogava xadrez e bebia licor de anis com o pai, o sapateiro e o homem que dirigia a agência local dos correios, mas suas discussões políticas outrora veementes careciam agora de qualquer brilho, com o se a revolução pela qual se empenhavam estivesse indefinidamente adiada. O pai morreu poucos anos depois. Só então Jean-Pierre descobriu que ele contraíra tuberculose na prisão e nunca se recuperara. Havia perdido a liberdade, destruído o seu espírito e arruinado sua saúde. Mas o pior de tudo fora o fato de morrer com um traidor. Ele era um herói que arriscara a vida por seus semelhantes, mas morreu condenado por traição.

Eles se arrependiam agora, pai, se soubessem da minha vingança, pensou Jean-Pierre, enquanto conduzia a égua esquelética pela trilha íngreme e nas montanhas do Afeganistão.

Graças às minhas informações, os comunistas daqui foram capazes de estrangular as linhas de suprimentos de Masud. No inverno anterior ele não conseguira estocar armas e munições. Este verão, em vez de desfechar ataques a bases aéreas, estações transmissoras de energia e com boios de caminhões nas estradas, Masud está lutando para se defender da ofensiva do governo em seu território. Sozinho, pai, quase que já destruí esse bárbaro que quer levar seu país de volta às eras sinistras da selvageria, subdesenvolvimento e superstição islâmica.

Claro que estrangular as linhas de suprimentos de Masud não era suficiente. O homem já possuía projeção nacional. Além disso, tinha inteligência e força de caráter para passar de líder rebelde a presidente legítimo. Era um Tito, um De Gaulle, um Mugabe. Tinha de ser não apenas neutralizado, mas destruído — capturado pelos russos, vivo ou morto.

A dificuldade era que Masud se deslocava depressa, em silêncio, com o um cervo na floresta, surgindo de repente do alto e desaparecendo no instante seguinte. Mas Jean-Pierre era paciente, e os russos também. Chegaria o momento, mais cedo ou mais tarde, em que Jean-Pierre saberia com certeza o local exato em que Masud ficaria durante as próximas 24 horas □

talvez ferido ou planejando assistir a um funeral. Jean-Pierre então usaria o rádio para transmitir um código especial e o gavião atacaria.

Ele gostaria de poder contar a Jane o que realmente estava fazendo ali. Podia mesmo convencê-la de que era certo. Ressaltaria que seu trabalho médico era inútil, pois ajudar os rebeldes servia apenas para perpetuar a miséria e ignorância em que o povo vivia, atrasando o momento em que a União Soviética agarraria aquele país pelo cachaço e o levaria esperneando para o século XX. Ela podia muito bem compreender. Contudo, Jean-Pierre sabia instintivamente que ela não o perdoaria por enganá-la durante tanto tempo. Ficaria furiosa, com toda certeza. Ele podia imaginá-la, inflexível, implacável, orgulhosa. Jane o deixaria prontamente, da mesma maneira

forma com o abandonara Ellis Thaler. E se sentiria ainda mais furiosa por ter sido enganada da mesma maneira sucessivamente por dois homens.

Assim, no terror de perdê-la, ele continuava a enganá-la, com o mesmo homem à beira de um abismo o paralisado pelo medo.

Claro que Jane sabia que alguma coisa estava errada; ele podia percebê-lo pela maneira com a qual ela o observava às vezes. Mas Jean-Pierre tinha certeza de que ela achava que era um problema de relacionamento; não lhe ocorria que toda a vida do marido era uma farsa monumental.

A segurança absoluta não era possível, mas Jean-Pierre adotava todas as precauções para evitar a descoberta por ela ou qualquer outra pessoa. Quando usava o rádio, sempre falava em código, não porque os rebeldes pudessem estar na escuta — eles não tinham rádios — mas porque o exército afegão poderia captar a transmissão e estava tão infiltrado de traidores que não tinha segredos para Masud. O rádio de Jean-Pierre era bastante pequeno para ser escondido no fundo falso da mala de médico ou no bolso de sua folgada calça afegã, quando não estava com a mala. A desvantagem era que a potência só permitia conversas curtas com o posto avançado russo mais próximo, que era a base aérea em Bagram, a oitenta quilômetros.

Haveria necessidade de uma transmissão muito longa para informar todos os detalhes do percurso e horário dos comboios — especialmente em código — o que exigiria um rádio e uma bateria bem maiores. Jean-Pierre e Monsieur Leblond haviam chegado à conclusão de que isso não seria aconselhável. Em consequência, Jean-Pierre precisava se encontrar pessoalmente com o contato para passar as

inform ações.

Ele subiu um a elevação e olhou para baixo. Estava na cabeceira de um pequeno vale. A trilha em que se encontrava descia para outro vale, que formava um ângulo reto com aquele e se bifurcava junto a um im petuoso córrego da montanha, faiscando ao sol da tarde. No outro lado do córrego havia um vale subia pelas montanhas, na direção de Cobak, seu destino final. No ponto em que os três vales se encontravam, neste lado do rio, havia uma pequena cabana de pedra. A região estava pontilhada por tais construções primitivas. Jean-Pierre imaginava que haviam sido erguidas por nômades e mercadores ambulantes, que as usavam com o abrigo à noite.

Ele desceu a encosta, puxando Maggie. Era provável que Anatoly já estivesse ali. Jean-Pierre não conhecia seu verdadeiro nome e seu posto, mas presumia que ele era da KGB e calculava, por alguma coisa que ele dissera certa ocasião a respeito de generais, que era um coronel. Qualquer que fosse o seu posto, no entanto, Anatoly certamente não era um burocrata.

Entre aquele ponto e Bagram havia oitenta quilômetros de terreno montanhoso e Anatoly o percorria a pé, sozinho, levando um dia e meio. Era um russo oriental, de traços salientes e pele amarelada, que com roupas afegãs passava por um uzbeque, um membro do grupo étnico mongólico do norte do Afeganistão.

Isso explicava seu sotaque hesitante, pois os uzbeques tinham uma língua própria. Anatoly era um homem corajoso. Com o não falava a língua uzbeque, sem perceber havia a possibilidade de que pudesse ser desmascarado; e sabia que os guerrilheiros já ogavam buzkashi com os oficiais russos capturados.

O risco de Jean-Pierre nesses encontros era um pouco menor. Suas viagens constantes a aldeias remotas para tratar dos doentes não despertavam muita atenção. Mas poderia haver suspeitas se alguém notasse que ele esbarrava por acaso mais de uma vez com o uzbeque

errante. E se algum afegão que falasse francês (com o acontecia com os mais instruídos) ouvisse a conversa do médico com o uzbeque, só restaria a Jean-Pierre rezar por uma morte rápida.

As sandálias não faziam barulho na trilha, e os cascos de Maggie afundavam silenciosamente na terra. Ao se aproximar da cabana, ele começou a assoviar, para o caso de outra pessoa que não Anatoly estar lá dentro. Sem perceber tomava cuidado de não sobressaltar os

afegãos, sem pre armados e sobressaltados. Jean-Pierre baixou a cabeça e entrou na cabana.

Para sua surpresa, o interior fresco estava vazio. Sentou-se, encostado na parede de pedra, e acomodou-se para esperar. Acabou fechando os olhos depois de alguns minutos. Estava cansado, porém tenso demais para dormir. Era a parte pior do que fazia: o mesmo isto de mesmo edo e tédio que o dominava durante aquelas longas esperas. Aprendera a aceitar os atrasos naquele país sem relógios de pulso, mas assim mesmo adquirira a paciência imperturbável dos afegãos. E não pôde deixar de pensar agora nos vários desastres que poderiam ter ocorrido a Anatoly. Seria irônico se Anatoly tivesse pisado numa mina antipessoal russa e perdido o pé. Essas minas feriam mesmo os animais do que os seres humanos, mas nem por isso eram menos eficazes: a perda de uma vaca significaria, para uma família afegã, a mesma sorte se sua casa fosse bombardeada com todos lá dentro. Jean-Pierre não ria mais quando encontrava uma vaca ou uma cabra com uma tosca perna de madeira.

Em seu devaneio, sentiu a presença de outra pessoa e abriu os olhos, deparando com o rosto oriental de Anatoly a poucos centímetros do seu.

□ Eu poderia tê-lo roubado □ comentou Anatoly, num francês fluente.

□ Eu não estava dormindo.

Anatoly sentou no chão de terra, cruzando as pernas. Era atarracado e musculoso, com uma calça de algodão folgada, turbante, lenço no pescoço e uma manta de lã enrolada, com os braços. Baixou o lenço que cobria metade do rosto e sorriu, mostrando os dentes manchados do fumo.

□ Com o quê, meu amigo? □ Muito bem.

□ E sua esposa? Havia algo sinistro na maneira com o Anatoly sempre perguntava por Jane. Os russos se opuseram à ideia de levá-la para o Afeganistão, alegando que iria interferir em seu trabalho. Jean-Pierre argumentara que de qualquer forma precisaria levar uma enfermeira, -a política da Médecins pour la Liberté era sempre enviar duplas e provavelmente dormiria com qualquer mulher que acompanhasse, mas menos que ela se parecesse com King Kong. Por fim os russos concordaram, em borra com relutância.

□ Jane está ótima □ respondeu ele. □ A criança nasceu há seis sem

anas. Um a m enina.

□ Meus parabéns! □ Anatoly parecia genuinam ente satisfeito. □ Mas não foi um pouco prem aturo? □ Foi sim . Por sorte não houve com plicações. E foi a parteira da aldeia quem cuidou de tudo.

□ Por que não você? □ Eu não estava lá. Tinha ido m e encontrar com você.

□ Oh, Deus! □ Anatoly parecia horrorizado. □ Eu o m antive longe num dia tão im portante... Jean-Pierre ficou satisfeito com a preocupação de Anatoly , m as não deixou transparecer.

□ Não se podia prever. Além do m ais, valeu a pena: você acertou o com boio de que falei.

□ É verdade. Suas inform ações foram preciosas. Parabéns outra vez.

Jean-Pierre experim entou um sentim ento de orgulho, m as tentou parecer indiferente, com entando m odestam ente: □ Nosso sistem a parece estar funcionando m uito bem . Anatoly acenou com a cabeça.

□ Qual foi a reação deles à em boscada? □ De crescente desespero. □ Ocorreu a Jean-Pierre, enquanto falava, que outra vantagem de encontrar pessoalm ente o contato era a possibilidade de lhe transm itir inform ações daquele tipo, sobre sentim entos e im pressões, coisas que não eram bastante concretas para serem enviadas em código pelo rádio. □ Eles estão constantem ente ficando sem m unição.

□ E quando vai partir o próxim o com boio? □ Partiu ontem .

□ Eles estão m esm o desesperados. Isso é ótim o. Anatoly tirou um m apa do bolso da cam isa. Desdobrou-o no chão. Mostrava a região entre o Vale dos Cinco Leões e a fronteira do Paquistão.

Jean-Pierre concentrou-se, recordando os detalhes que m em orizara durante a conversa com Moham m ed. Depois, passou a indicar para Anatoly o percurso que o com boio seguiria ao voltar do Paquistão. Ele não sabia exatam ente quando os hom ens voltariam , pois Moham m ed não podia prever quanto tem po teriam de passar em Peshawar, com prando as coisas de que precisavam . Mas Anatoly tinha agentes em Peshawar que inform ariam a partida do com boio dos Cinco Leões e com isso ele poderia preparar a em boscada.

Anatoly não tom ou notas, m as m em orizou cada palavra que Jean-Pierre disse.

Repassaram tudo outra vez, com Anatoly repetindo os detalhes para Jean-Pierre, a fim de conferir tudo. O russo finalmente dobrou o mapa e tornou a guardá-lo no bolso da camisa.

— E Masud? — perguntou ele.

— Não o vi desde que falei com você pela última vez. Só tenho me encontrado com Mohamed... e ele nunca sabe onde Masud está ou quando vai aparecer.

— Masud é um raposa — comentou Anatoly, com uma raia de demonstração de emoção.

— Mas ainda vamos os pegar-lo.

— Claro que vamos os. Ele sabe que a caçada está no auge e por isso trata de esconder a sua pista. Mas os sabujos já o farejaram e ele não pode se esquivar para sempre os muitos e fortes, estamos os ansiosos em encontrá-lo.

Anatoly percebeu de repente que estava revelando seus sentimentos. Sorriu e voltou a ser prático. Tirou um pacote de pilhas do bolso e disse: — Pilhas.

Jean-Pierre pegou o pequeno rádio no fundo falso da mala, e trocou as pilhas velhas pelas novas. Faziam isso a cada vez que se encontravam para evitar que Jean-Pierre perdesse o contato simplesmente por falta de pilhas. Anatoly levaria as velhas para Bagdad, pois não havia sentido em correr o risco de jogar ali, no Vale dos Cinco Leões, onde não havia aparelhos elétricos, pilhas de fabricação russa. Enquanto Jean-Pierre guardava o rádio, Anatoly indagou: —

Tem alguma coisa aí para bolhas? Meus pés...

Ele parou de falar abruptamente, franziu o rosto, e inclinou a cabeça para escutar melhor.

Jean-Pierre ficou tenso. Até então, nunca haviam sido vistos juntos.

Provavelmente aconteceria, mais cedo ou mais tarde, e eles já haviam planejado o que fariam, com portandose com os estranhos partilhando um lugar de descanso, para continuar a conversa depois que o intruso fosse embora... ou, se o intruso desse a impressão de que tencionava permanecer por muito tempo, se afastariam juntos, com o se por acaso seguissem na

m esm a direção. Tudo fora com binado antes, m as m esm o assim Jean-Pierre sentia agora com o se a culpa estivesse estam pada por todo o seu rosto.

No instante seguinte ele ouviu passos lá fora e o barulho de um a respiração ofegante; depois um a som bra escureceu a entrada ilum inada pelo sol e Jane entrou na cabana.

□ Jane! Os dois hom ens levantaram -se bruscam ente.

□ O que aconteceu? □ acrescentou Jean-Pierre. □ Por que está aqui?

□ Graças a Deus consegui alcançar você! □ balbuciou ela. Pelo canto do olho, Jean-Pierre viu Anatoly cobrir o rosto com o lenço e se virar, com o um afegão faria diante de um a m ulher desavergonhada. O gesto aj udou Jean□ Pierre a se recuperar do choque da presença dela. Ele olhou ao redor rapidam ente. Por sorte, Anatoly guardara os m apas alguns m inutos antes. Mas o rádio... o rádio se proj etava dois ou três centím etros para fora da m aleta m édica.

Só que Jane não o vira... ainda.

□ Sente-se □ disse Jean-Pierre. □ Trate de recuperar o fôlego.

Ele tam bém se sentou e aproveitou o m ovim ento com o um pretexto para m udar a m aleta de posição, escondendo o rádio de Jane.

□ O que houve? □ Um problem a m édico que não posso resolver.

A tensão de Jean-Pierre se atenuou um pouco: receara que ela pudesse tê-lo seguido por desconfiar de algum a coisa.

□ Tom e um pouco de água, Jane.

Ele puxou a m aleta com um a das m ãos e com a outra em purrou o rádio, enquanto vasculhava lá dentro. Tirou o frasco com água lim pa e entregou-o a Jane. Sentiu que as batidas do coração voltavam ao norm al. Estava recuperando a presença de espírito. A prova incrim inadora não m ais estava à vista. O que m ais havia para deixá-la desconfiada? Jane podia ter ouvido Anatoly falar em francês, m as isso não chegava a ser excepcional: se um afegão tinha um a segunda língua, era quase sem pre o francês. Além do m ais, um uzbeque podia falar francês m elhor do que falava dari. O que Anatoly estava dizendo quando ela entrara? Jean-Pierre lem brou: pedia um unguento para bolhas nos pés. Perfeito. Os afegãos sem pre pediam um rem édio quando encontravam um m édico, m esm o que desfrutassem de ótim

a saúde. Jane bebeu um pouco de água e com eçou a falar: ☐ Poucos m inutos depois que você saiu trouxeram um garoto de dezoito anos com um grave ferim ento na coxa. ☐ Ela tom ou outro gole. Ignorava Anatoly , e Jean-Pierre com preendeu que ela estava tão preocupada com a em ergência m édica que m al percebera a presença do outro hom em . ☐ Ele foi ferido na luta perto de Rokha e o pai carregou-o por todo o cam inho até o vale... levou dois dias. O ferim ento estava gangrenado quando eles chegaram . Apliquei seiscentos m iligram as de penicilina, na nádega, e depois lim pei o ferim ento.

☐ Correto ☐ disse Jean-Pierre.

☐ Alguns m inutos depois ele com eçou a suar frio e a ficar tonto. Verifiquei o pulso: estava acelerado, m as fraco.

☐ Ele ficou pálido, com dificuldade para respirar? ☐ Isso m esm o.

☐ O que você fez? ☐ Apliquei o tratam ento para choque... levantei seus pés, cobri-o com um cobertor, dei-lhe um chá... e depois vim atrás de você. ☐ Jane estava à beira das lágrim as.

☐ O pai carregou-o por dois dias... não posso deixá-lo m orrer.

☐ Isso não precisa acontecer necessariam ente ☐ disse Jean-Pierre. ☐ O choque alérgico

é um a reação rara m as bastante conhecida às inj eções de penicilina. O tratam ento é m eio m ililitro de adrenalina, inj etado num m úsculo, seguido por um a anti-histam ina... digam os seis m ililitros de difenidram ina. Quer que eu volte com você? Ao fazer a proposta, ele olhou para Anatoly , m as o russo não deixou transparecer qualquer reação. Jane suspirou.

☐ Não precisa. Deve haver m ais alguém m orrendo no outro lado da encosta. Vá para Cobak.se tem certeza de que quer assim ...

☐ Tenho.

Um fósforo brilhou quando Anatoly acendeu um cigarro. Jane fitou-o por um instante e tornou a olhar para Jean-Pierre.

☐ Meio m ililitro de adrenalina e depois seis m ililitros de difenidram m a. Ela levantou-se.

☐ Exatam ente. ☐ Jean-Pierre tam bém se levantou e beij ou-a. ☐ Tem certeza de que pode cuidar de tudo sozinha?

☐ Claro.

☐ Tem que se apressar.

☐ Sim .

☐ Gostaria de levar Maggie?

Jane refletiu por um instante.

☐ É m elhor não. Neste cam inho a gente pode ir m ais depressa se andar.

☐ Com o achar m elhor.

☐ Até logo.

☐ Até logo, Jane.

Jean-Pierre observou-a sair. Ficou im óvel por algum tem po. Nem ele nem Anatole disseram qualquer coisa. Depois de um ou dois m inutos, Jean-Pierre foi até a entrada da cabana e olhou para fora. Avistou Jane a duzentos ou trezentos m etros de distância, subindo o vale com determ inação, sozinha na paisagem escura e poeirenta. Continuou olhando até que ela desapareceu num a dobra das colinas.

Tornou a entrar na cabana e sentou-se, encostado na parede. Olhou para Anatoly e m urm urou: ☐ Santo Deus, foi por pouco...

Capítulo 8

O garoto m orreu.

Estava m orto há quase um a hora quando Jane chegou, suada e em poeirada, exausta a ponto de um colapso. O pai a esperava na entrada da caverna, parecendo aturdido e acusador.

Ela percebeu logo, por sua postura resignada e os olhos castanhos serenos, que estava tudo acabado. Ele não disse nada. Jane entrou na caverna e olhou para o garoto. Cansada dem ais para ficar furiosa, foi dom inada pelo desapontam ento. Jean-Pierre estava ausente e Zahara m orgulhada em sua dor; assim , não tinha ninguém com quem partilhar sua angústia.

Chorou depois, quando estava deitada em sua cam a no telhado da casa, com Chantal a seu lado, num pequeno colchão, arrulhando de vez em quando, num sono de feliz ignorância.

Chorou tanto pelo pai quanto pelo garoto morto. Com o pai, o pai se forçara a superar a exaustão com um , na tentativa de salvar o garoto. A tristeza dele deveria ser muito maior. As lágrimas de Jane apagaram as estrelas antes que ela adormecesse. Sonhou que Mohammed vinha para a sua cama e fazia amor com ela, a aldeia inteira assistindo; e depois ele disse que Jean-Pierre tinha um caso com Simone, a mulher do gordo jornalista Raoul Clermont, que os dois amor antes se encontravam em Cobak, onde todos pensavam que Jean-Pierre estava cuidando dos doentes locais.

No dia seguinte ela estava com todo o corpo dolorido, em decorrência de ter corrido durante a maior parte do percurso até a pequena cabana de pedra. Fora uma sorte, refletiu ela, enquanto cuidava das tarefas de rotina, que Jean-Pierre tivesse parado — presumivelmente para descansar — na pequena cabana de pedra, dando-lhe assim a oportunidade de alcançá-lo.

Ela ficara profundamente aliviada ao avistar Maggie amor arrada no lado de fora e encontrar Jean-Pierre na cabana, em companhia daquele uzbeque esquisito. Os dois ficaram sobressaltados quando ela entrara. Fora quase cômico. E também foi a primeira vez que ela viu um afegão levantar-se à entrada de uma mulher.

Jane subiu a encosta com a caixa de remédios e abriu o consultório na caverna. Enquanto cuidava dos casos habituais de desnutrição, malária, ferimentos infeccionados e parasitas intestinais, pensou na crise do dia anterior. Nunca ouvira falar antes de choque alérgico.

Certamente as pessoas que tinham de aplicar injeções de penicilina aprendiam o que fazer nesses casos, mas seu treinamento fora tão apressado que muitas coisas foram esquecidas. Na verdade, os detalhes médicos haviam sido quase inteiramente omitidos, sob a alegação de que Jean-Pierre era um médico qualificado e estaria por perto para lhe explicar o que fazer.

Fora um período de ansiedade, sentada em salas de aula, às vezes com enfermeiras estagiárias, outras vezes sozinha, tentando absorver as regras e procedimentos da medicina e educação sanitárias, imaginando o que aguardaria no Afeganistão. Algumas aulas não eram absolutamente tranquilizadoras. Disseram-lhe que sua primeira tarefa seria construir para seu uso uma privada de terra. Por quê? A maneira mais rápida de melhorar a saúde do povo em países subdesenvolvidos era fazer com que deixassem de usar os rios e córregos com as privadas, o que se podia conseguir dando o exemplo. Sua professora, Stephanie, uma quarentena de anos, do tipo m

aternal, de m acação e sandálias, tam bém ressaltara os perigos de se receitar m edicam entos com generosidade exagerada. A m aioria das doenças e lesões m enores m elhoraria sem aj uda m édica, m as as pessoas prim itivas (e não-tão-prim itivas) sem pre queriam

pílulas e poções. Jane lem brou que o pequeno uzbeque estava pedindo a Jean-Pierre um unguento para bolhas nos pés. Devia ter passado toda a sua vida a percorrer longas distâncias a pé, m as dizia que os pés doíam só porque encontrara um m édico. O problem a do excesso de prescrição □

além do desperdício de m edicam entos □ era que um a droga aplicada por um a aflição trivial podia levar o paciente a desenvolver tolerância; assim , quando tivesse um a doença m ais grave, o tratam ento não teria efeito. Stephanie tam bém aconselhara Jane a tentar trabalhar com , e não contra, os curandeiros tradicionais da com unidade. Ela tivera sucesso com Rabia, a parteira, m as não com Abdullah, o m ula. Aprender a língua fora a parte m ais fácil. Em Paris, m uito antes de sequer pensar em ir para o Afeganistão, ela estudara farsi, a língua persa, a fim de aperfeiçoar a sua função com o intérprete. O farsi e o dari eram dialetos da m esm a língua. A outra língua im portante no Afeganistão era o pashto, falada pelos pushtuns. Mas o dari era a língua dos taj iks, e o Vale dos Cinco Leões se encontrava em território taj ik. Os poucos afegãos que viaj avam □ os nôm ades, por exem plo □ geralm ente falavam tanto o pashto com o o dari. Se conheciam um a língua europeia, era o inglês ou o francês. O uzbeque na cabana de pedra estava conversando com Jean-Pierre em francês.

Fora a prim eira vez que Jane ouvira o francês falado com um sotaque uzbeque. Parecera igual ao sotaque russo.

Tornou a pensar no uzbeque várias vezes durante o dia. O que a deixou irritada. Era um a sensação que tinha às vezes, quando sabia que havia algo im portante que deveria fazer m as não conseguia lem brar o que era. Talvez houvesse algum a coisa esquisita no hom em . Ao m eio-dia ela fechou a clínica, am am entou e trocou a fralda de Chantal, depois fez o alm oço de arroz e m olho de carne, partilhando-o com Fará. A garota se tornara totalm ente devotada a Jane, ansiosa por fazer qualquer coisa para agradá-la, relutante em voltar para sua casa à noite. Jane tentava tratá-la m ais com o um a igual, m as isso parecia servir apenas para aum entar m ais ainda a adoração de Fará.

No auge do calor, Jane deixou Chantal com Fará e desceu a encosta para o seu lugar secreto, o platô ensolarado, protegido por um a proj

estão rochosa por cima. Fez ali os seus exercícios pós-natais, determinando a recuperar o corpo que tinha antes. Enquanto contraía os músculos pélvicos, ela visualizou o uzbeque, levantando-se na pequena cabana de pedra, a expressão de espanto em seu rosto oriental. Por algum motivo, ela experimentou uma sensação de tragédia iminente.

Ao compreender a verdade, não foi num repentino relance de percepção, mas assim como uma avalanche, começando pequena, mas crescendo de maneira inexorável, até engolfar tudo.

Nenhum afegão se queixaria de bolhas nos pés, mesmo o de fingimento, pois eles não tinham conhecimento de tais coisas: era tão improvável quanto um lavrador de Gloucestershire dizer que estava com beribéri. E nenhum afegão, por mais surpreso que ficasse, reagiria à entrada de uma mulher se levantando.

Se ele não era afegão, o que seria então? O sotaque revelava, em boa medida poucas pessoas fossem capazes de reconhecer.

Ela só identificava porque era um linguista, e falava tanto o russo como o francês.

Jean-Pierre se encontrara com um russo disfarçado de uzbeque numa cabana de pedra, em um local deserto.

Teria sido por acaso? Era possível, é claro. Mas ela podia lembrar o rosto do marido

quando entrara e agora era capaz de interpretar a expressão a que não dera atenção na ocasião: uma expressão de culpa.

-Não, não fora um encontro accidental, mas assim um encontro marcado. Talvez não tivesse sido o primeiro. Jean-Pierre viajava constantemente a aldeias remotas para tratar de pacientes locais. Era até desnecessariamente escrupuloso em cumprir a programação de visitas, uma insistência absurda num país sem calendários e agendas. Mas não tão absurda se havia outros com promessas, uma série clandestina de encontros secretos. E por que ele se encontrava com o russo? Isso também era óbvio, e lágrimas quentes afloraram-lhe aos olhos quando concluiu que o propósito de Jean-Pierre só podia ser a traição. Ele fornecia informações, não havia qualquer dúvida. Falava sobre os comunistas. Sem conhecer os percursos, porque Mohammed usava os seus mapas.

Conhecia as datas aproximadas, porque via os homens partindo de

Banda e de outras aldeias do Vale dos Cinco Leões. Contava tudo, e era por isso que os russos haviam se tornado tão bem-sucedidos em boscar com bois durante o último ano; era por isso que havia agora no vale tantas viúvas desconsoladas e tantos órfãos tristes.

O que há de errado com isso?, pensou Jane, num súbito acesso de autocompaixão, novas lágrimas rolando-lhe pelas faces. Primeiro Ellis, depois Jean-Pierre... por que escolho esses filhos da puta? Há algum a coisa num homem em dissimulado que me atrai? É o desafio de romper suas defesas? Por acaso sou louca? Lembrou-se de Jean-Pierre arguindo quando que a invasão soviética do Afeganistão era justificada. Ele mudara de ideia mais tarde, e Jane pensara tê-lo convencido de que estava enganado. Era evidente agora que a mudança fora sim ulada. Quando resolvera vir para o Afeganistão, a fim de espionar para os russos, Jean-Pierre adotara uma posição antissoviética com o propósito de seu disfarce.

Seu amor também seria simulado? A simples indagação já era dolorosa. Jane comprimou o rosto contra as mãos. Era quase impossível pensar a respeito. Apaixonara-se por ele, casara com ele, beijara a sua mãe de rosto azedo, acostumara-se à sua maneira de fazer amor, sobrevivera às primeiras brigas, esforçara-se para que o relacionamento desse certo, dera à luz a sua filha em medo e dor... fizera tudo isso por uma ilusão, um mundo falso, um homem que não se importava absolutamente com ela? Era com o andar e correr tantos quilômetros para perguntar com o que curar o garoto de dezoito anos e voltar para encontrá-lo já morto? Era pior do que isso.

Devia ser com o pai se sentira ao ver o filho morrer, depois de carregá-lo por dois dias.

Havia uma sensação de plenitude em seus seios e ela compreendeu que devia ser hora de Chantal amar. Vestiu as roupas, enxugou o rosto com a manga e subiu a encosta.

A angústia foi diminuindo e ela passou a pensar mais claramente. Experimentara uma vaga insatisfação durante o ano de casamento e agora podia compreender. De certa forma, sem perceber a importância de Jean-Pierre. Por causa dessa barreira entre os dois, não conseguiram adquirir intimidade.

Chegando à caverna, Jane encontrou Chantal chorando, no colo de Fará. Pegou a menina e levou-a ao seio. Chantal começou a amar. Jane sentiu o desconforto inicial, com o um a câimbra no estômago, e depois uma sensação no seio agradável e um tanto erótica. Queria

ficar sozinha.

Mandou Fará sair e fazer sua sesta na caverna da mãe.

Amamantar Chantal era tranquilizante. A traição de Jean-Pierre não parecia mais um

cataclismo tão terrível. Tinha certeza agora de que o amor de Jean-Pierre por ela não era simulado. De que isso serviria? Por que ele a trairia para o Afeganistão? Ela não tinha qualquer utilidade em sua atividade de espionagem. Devia ser porque ele a amava.

E se a amava, todos os outros problemas podiam ser resolvidos. Jean-Pierre teria de parar de trabalhar para os russos, é claro. No momento, ela não podia se imaginar confrontando-o.

Diria, por exemplo, "Já sei de tudo"? Não. Mas as palavras lhe ocorreriam quando precisasse delas. E, depois, ele teria de levá-la e a Chantal de volta à Europa.

De volta à Europa. Ao compreender que teriam de ir para casa, experimentou uma onda de alívio. Pegou-a de surpresa. Se alguém lhe perguntasse se gostava do Afeganistão, teria respondido que realizava um trabalho fascinante e meritório, que estava cumprindo muito bem sua missão, até gostando. Mas agora que tinha à sua frente a perspectiva de retornar à civilização, sua flexibilidade se dissipou e admitiu para si mesma que a paisagem árida, o frio terrível do inverno, as pessoas estranhas, os bombardeios e o fluxo interminável de homens e garotos utilizados afetaram seus nervos ao ponto de romperem.

A verdade, pensou ela, é que este lugar é pavoroso.

Chantal parou de amamentar e dormiu. Jane deitou-a, trocou a fralda, ajeitou-a em seu colchão, tudo sem acordá-la. A serenidade inabalável da filha era uma grande bênção.

Ela dormia em todas as crises □ não havia barulho ou movimento que pudesse acordá-la, se estivesse bem alimentada e confortável. Mas Chantal também era sensível aos ânimos de Jane e muitas vezes despertava quando a mãe se sentia angustiada, mesmo quando não havia barulho.

Jane sentou em seu colchão de pernas cruzadas, observando a filha adormecida e pensando em Jean □ Pierre. Gostaria que ele estivesse ali naquele momento, a fim de poderem conversar. Especulou por

que não estava mais furiosa □ para não dizer indignada □ pelo fato de Jean-Pierre estar traindo os guerrilheiros, entregando-os aos russos. Seria porque aceitara o conhecimento de que todos os homens eram mentirosos? Passara a acreditar que as únicas pessoas inocentes naquela guerra eram as mães, as esposas e as filhas nos dois lados? Seria porque o fato de ser agora esposa e mãe alterara a sua personalidade, de tal forma que uma traição não mais a indignava? Ou seria apenas porque amava Jean-Pierre? Ela não sabia.

De qualquer forma, era um momento para pensar no futuro, e não no passado. Voltariam a Paris, onde havia carteiros, livrarias e água corrente? Chantal teria lindas roupas, um carrinho, fraldas descartáveis. Os três viveriam num apartamento pequeno, em algum bairro agradável, onde o único perigo real para a vida seriam os motoristas de táxi. Jane e Jean-Pierre recomeriam tudo, desta vez haveriam de se conhecer a fundo. Os dois se empenhavam por tornar o mundo um lugar melhor, através de meios graduais e legítimos, sem intrigas ou traições. A experiência no Afeganistão ajudaria a arrumar um prego para ajudar o desenvolvimento do Terceiro Mundo, talvez na Organização Mundial de Saúde. A vida conjugal seria com o ela imaginara, os três se sentindo felizes e seguros.

Fará entrou. A sexta terminara. Cumprimos Jane respeitosa-mente, olhou para Chantal, constatou que a menina dormia e sentou no chão de pernas cruzadas, esperando por instruções.

Era filha do filho mais velho de Rabia, Tameel Gul, que deixara a aldeia para acompanhar o novo com boio...

Jane sufocou um grito. Fará fitou-a, com uma expressão inquisitiva. Jane sacudiu a cabeça e Fará desviou os olhos.

Seu pai está com o com boio, pensou Jane.

Jean-Pierre traía o com boio para os russos. O pai de Fará morreria na emboscada... a menos que Jane pudesse fazer alguma coisa para impedir-lo. Mas o quê? Um mensageiro poderia ser enviado ao encontro do com boio em Passo Khyber e desviá-lo para uma nova rota.

Mohammed cuidaria disso. Mas Jane teria de lhe contar com o sabia que o com boio sofreria uma emboscada... e então Mohammed mataria Jean-Pierre, provavelmente com as mãos nuas.

Se um deles tem de morrer, então que seja Ismael, e não Jean-Pierre, pensou Jane.

Lem brou-se então dos outros trinta e tantos homens do vale que também estavam no campo. Deveriam todos morrer para salvar meu irmão arido- Kahm ir Khan, com a barba rala, o velho Shahazai Gul, o rosto cheio de cicatrizes, Yussuf Gul, que canta tão bonito, Sher Kador, o pastor de cabras, Abdur Moham med, sem dentes na frente, Ali Ghanin, que tem quatorze filhos?

Tinha de haver outro irmão.

Jane foi até a entrada da caverna e olhou para fora. Agora que a sesta terminara, as crianças haviam saído das cavernas e começavam suas brincadeiras, entre as rochas e espinheiros. Lá estava Mousa, de nove anos, o único filho de Moham med — ainda mais imado agora que só tinha um irmão — pavoneando-se com a faca nova que o apaixonado pai lhe dera.

Lá estava a mãe de Fará, subindo a encosta com um feixe de lenha na cabeça. Lá estava a mulher do irmão, lavando a camisa de Abdullah.

Ela não viu Moham med ou sua mulher Halima. Mas sabia que ele estava em Banda, porque o vira pela manhã. Teria ido com a mulher e os filhos em sua caverna — a maioria das famílias tinha uma caverna própria. Estaria lá agora, mas Jane relutava em procurá-lo abertamente, pois scandalizaria a comunidade e precisava ser discreta.

O que direi a ele?, pensou Jane.

Considerou a possibilidade de um apelo direto: Faça isso por mim, porque estou pedindo.

Funcionaria com qualquer ocidental que estivesse apaixonado por ela, mas os últimos anos não pareciam ter uma visão romântica do amor; o que Moham med sentia por ela era mais como o desejo de um pouco terno. Não fazia com que ele se colocasse à sua disposição. E, além disso, Jane não sabia se ele ainda sentia alguma coisa. O que fazer então? Moham med não lhe devia coisa alguma. Ela nunca o tratara nem à sua mulher. Mas cuidara de Mousa... salvara a vida do menino. Moham med tinha para com ela uma dívida de honra.

Faça isso por mim, porque salvei seu filho. Podia dar certo. Mas Moham med perguntaria por quê.

Mais mulheres apareciam, buscando água, varrendo para fora a sujeira de suas cavernas, cuidando dos animais, começando a preparar a comida. Jane sabia que dali a pouco veria Moham med. O que direi a

ele? Os russos conhecem a rota do com boio. Com o eles descobriram ?

Não sei, Moham m ed. Então por que tem tanta certeza? Não posso dizer. Ouvi um a conversa.

Recebi um a m ensagem do Serviço Secreto Britânico. Tenho um pressentim ento. Vi nas cartas.

Tive um sonho.

Era isso: um sonho.

Ela o viu. Moham m ed saiu de sua caverna, alto e bonito, usando roupas de viagem : o gorro redondo chitrali, igual ao de Masud, o tipo preferido pela m aioria dos guerrilheiros; o pattu cor de lam a, que servia com o m anto, toalha, cobertor e cam uflagem ; e as botas de couro que subiam até o m eio das pernas, tiradas do cadáver de um soldado russo. Ele atravessou a área na

frente das cavernas com as passadas de alguém que tem um longo cam inho a percorrer antes do pôr-do-sol. Pegou a trilha na encosta que descia para a aldeia deserta.

Jane observou o vulto alto desaparecer. É agora ou nunca, pensou ela; e saiu no encalço de Moham m ed. A princípio, andou devagar, de m aneira casual, a fim de não ficar óbvio que o estava seguindo; e depois, assim que ficou fora do âmb ito de visão das cavernas, desatou a correr. Escorregava e tropeçava na trilha, pensando: não sei o que esta correria está fazendo com as m inhas entranhas. Cham ou Moham m ed ao divisá-lo à sua frente. Ele parou, virou-se e esperou por ela.

□ Deus esteja a com você, Moham m ed Khan □ disse Jane, quando o alcançou.

□ E com você tam bém , Jane Debout □ respondeu ele polidam ente.

Ela fez um a pausa, recuperando o fôlego. Moham m ed observava-a, com um a expressão de divertida tolerância.

□ Com o está Mousa? □ Está bem e feliz, aprendendo a usar a m ão esquerda. Um dia vai m atar m uitos russos com ela. Era um a piada: a m ão esquerda era tradicionalm ente usada para trabalhos "suj os", a direita, para com er. Jane sorriu em reconhecim ento a seu espírito e disse: □

Estou m uito contente que tenham os podido salvar sua vida.

Se ele achava que era um com entário desgraçoso, não deixou transparecer.

☐ Serei eternam ente seu devedor.

Era j ustam ente o que Jane estava esperando.

☐ Há um a coisa que poderia fazer por m im agora. A expressão de Moham m ed m anteve-se im passível.

-se estiver ao m eu alcance...

Ela olhou ao redor, procurando um lugar para sentar. Estavam parados perto de um a casa bom bardeada. Pedras e terras da parede da frente haviam se derram ado pelo cam inho e podiam ver o interior da casa, onde as únicas coisas que restavam eram um penico rachado e, absurdam ente, a fotografia colorida de um Cadillac, pregada na parede. Jane sentou-se nos escom bros e, depois de um m om ento de hesitação, Moham m ed sentou-se a seu lado.

☐ Está ao seu alcance ☐ disse ela. ☐ Mas vai lhe causar algum problema.

☐ O que é? ☐ Pode pensar que se trata do capricho de um a m ulher tola.

☐ É possível.

☐ Será tentado a m e enganar, concordando com o pedido e depois "esquecendo" de cum pri-lo.

☐ Não.

☐ Peço para ser sincero com igo, quer recuse ou não.

☐ Está certo.

Já chega disso, pensou Jane.

☐ Quero que m ande um m ensageiro ao com boio e ordene que m ude a rota de volta.

Ele ficou com pletam ente aturdido: provavelm ente esperava algum pedido dom éstico, trivial.

□ Mas por quê? □ Acredita em sonhos, Moham m ed Khan? Ele deu de om bros e respondeu, evasivo: □ Sonhos são sonhos.

Talvez fosse o cam inho errado, pensou Jane: um a visão podia ser m elhor.

□ Quando eu estava deitada na caverna, no auge do calor, tive a im pressão de ver um

pom bo branco. Ele se m ostrou atento no m esm o instante e Jane com preendeu que dissera a coisa certa: os afegãos acreditavam que os pom bos brancos eram às vezes habitados por espíritos.

Ela acrescentou: □ Mas eu devia estar sonhando, porque o pom bo tentou m e falar.

□ Ahn...

Moham m ed encarou isso com o um sinal de que ela tivera um a visão e não um sonho, pensou Jane. E continuou: □ Não com preendi o que estava dizendo, em bora prestasse toda atenção. Acho que falava em pashto. Moham m ed estava agora de olhos arregalados.

□ Um m ensageiro do território pushtun!

□ E depois vi Ism ael Gul, o filho de Rabia, pai de Fará, parado ao lado do pom bo.

Ela pôs a m ão no braço de Moham m ed e fitou-o nos olhos, pensando: Eu poderia acendê-

lo com o a um a lâm pada elétrica, seu hom em tolo e vaidoso.

□ Havia um a faca em seu coração e ele chorava lágrim as de sangue. Apontou para o cabo da faca, com o se quisesse que eu a tirasse do seu peito. O cabo era incrustado de pedras preciosas. □ Em algum lugar, no fundo de sua m ente, Jane pensava: De onde tirei toda essa história? □ Levantei e avancei em sua direção. Tinha m edo, m as precisava salvar sua vida. E

quando estendi a m ão para pegar a faca...

□ O que aconteceu?

□ Ele desapareceu. Acho que acordei.

Moham m ed fechou a boca escancarada, recuperou o controle, franziu

o rosto, com o se considerasse com extrem o cuidado a interpretação do sonho. Agora, pensou Jane, era o momento de consumir a persuasão.

— Pode ser tudo uma tolice — disse ela, adotando no rosto uma expressão de garotinha, pronta para acatar o julgamento superior. — É por isso que estou lhe pedindo para fazer isso por mim, para a pessoa que salvou a vida de seu filho, a fim de me proporcionar paz de espírito.

Mohammed mostrou-se um pouco insolente.

— Não há necessidade de invocar uma dívida de honra.

— Isso significa que vai fazer o que estou pedindo? Ele respondeu com uma pergunta: —

Que tipo de pedras havia no cabo da faca? Oh, Deus, pensou Jane, qual deve ser a resposta correta? Ela pensou em dizer "esmeraldas", mas depois lembrou que essas pedras estavam associadas ao Vale dos Cinco Leões e podiam insinuar que Ismael fora morto por um traidor do vale.

— Rubis.

Mohammed balançou a cabeça, lentamente.

— Ismael não falou com você?

— Parecia estar tentando falar, sem conseguir.

Ele tornou a assentir e Jane pensou: Vamos logo, tome uma decisão. Mohammed finalmente anunciou: — O presságio é claro. O com boio deve ser desviado. Graças a Deus, pensou Jane.

— Estou muito aliviada — murmurou ela, com absoluta sinceridade.

— Não sabia o que fazer. E agora posso ter certeza de que Ahmed será salvo.

Imaginou o que poderia fazer para evitar que Mohammed mudasse de ideia. Não podia obrigá-lo a prestar um juramento. Perguntou-se se deveriam trocar um aperto de mão. Acabou

se decidindo por selar a promessa com um gesto ainda mais antigo: inclinou-se para a frente e beijou-o na boca, rápida mas gentilmente, sem lhe dar qualquer oportunidade de recusar ou retribuir.

□ Obrigada! Sei que é um hom em de palavra.

Jane levantou-se. Deixando-o sentado, parecendo um pouco atordado, ela se virou e subiu correndo a trilha para as cavernas.

Lá no alto, parou e olhou para trás. Moham m ed descia a encosta, j á a algum a distância da casa bom bardeada, a cabeça em pinada, os braços balançando. Ele recebeu um a grande carga do beij o, pensou Jane. Eu deveria m e sentir envergonhada. Tirei proveito de sua superstição, vaidade e sexualidade. Com o um a fem inista, não deveria explorar seus preconceitos

□ m ulher psíquica, m ulher subm issa, m ulher coquete □ para m anipulá-lo. Mas deu certo. Deu certo! Ela continuou a andar. Teria agora de lidar com Jean-Pierre. Ele voltaria ao anoitecer; esperaria até o m eio da tarde, quando o sol estava um pouco m enos quente, antes de iniciar a viagem , com o Moham m ed fizera. Jane tinha a im pressão de que seria m ais fácil m anipular Jean-Pierre do que Moham m ed. Por um lado, poderia dizer a verdade a Jean-Pierre. Por outro, ele estava errado.

Ela chegou às cavernas. O pequeno acam pam ento estava agora bastante m ovim entado.

Jatos russos passaram ruidosos pelo céu. Todos pararam de trabalhar para observá-los, em bora estivessem m uito altos e m uito distantes para um bom bardeio. Depois que os aviões passaram , os garotos esticaram os braços com o asas e saíram correndo, im itando o barulho das turbinas. Em seus voos im aginários, perguntou-se Jane, a quem estariam bom bardeando? Ela entrou na caverna, verificou com o estava Chantal, sorriu para Fará e pegou o diário. Tanto ela com o Jean-Pierre escreviam no diário quase todos os dias. Era basicam ente um registro m édico, e o levariam de volta à Europa, em benefício de outros que seguiriam m ais tarde para o Afeganistão.

Haviam sido encoraj ados a registrar tam bém os sentim entos e problem as pessoais, a fim de que os outros soubessem o que os esperava. Jane escrevera com entários sobre a sua gravidez e o nascim ento de Chantal, m as o relato da vida em ocional fora bastante censurado.

Sentou-se encostada na parede da caverna, o diário sobre os j oelhos. Escreveu a história do garoto de dezoito anos que m orrera de choque alérgico. Deixou-a triste, m as não deprim ida □

um a reação saudável, disse a si m esm a.

Acrescentou detalhes resumidos dos pequenos casos daquele dia e depois, devagar, folheou as páginas anteriores do diário. Os registros na letra desleixada, com pride e finca de Jean-Pierre eram sucintos, consistindo quase exclusivamente de sintomas, diagnósticos, tratamentos e resultados: Vermes, escrevia ele, ou Malária; depois Curado ou Estável, algumas vezes Morreu.

Jane tendia a escrever frases com o Ela se sentia melhor esta manhã ou A mãe tem tuberculose.

Leu as anotações sobre os primeiros dias de sua gravidez, maravilhosos e doloridos, coxas engrossando, enjoado pela mãe. Ficou interessada ao constatar que quase um ano antes escrevera Estou com medo de Abdullah.

Já tinha esquecido.

Jane guardou o diário. Passou as duas horas seguintes limpando e arrumando a caverna, junto com Fará; depois, estava na hora de descer para a aldeia e preparar-se para a noite.

Enquanto descia pela trilha e se ocupava na casa, Jane pensou com o poderia conduzir a conversa com Jean-Pierre. Sabia o que fazer e levá-lo-ia para dar um passeio e mas não sabia

exatamente o que dizer.

Ainda não tomara uma decisão quando ele chegou, poucos minutos depois. Limpou a poeira do rosto de Jean-Pierre com uma toalha úmida e depois serviu-lhe chá verde, numa xícara de porcelana. Ele estava agradavelmente cansado, em vez de exausto, Jane sabia; era um homem capaz de andar distâncias muito maiores. Ela sentou-se com ele enquanto ele tomava o chá, tentando não fitá-lo fixamente e pensando: Você me entendeu para mim. Quando ele descansou por um instante, ela disse: Vamos sair, com o costumeiro fazer. Jean-Pierre ficou um pouco surpreso.

— Aonde quer ir? — A qualquer lugar. Não se lembre com o sempre saíam os ao cair da noite no verão passado?

Ele sorriu.

— Claro que lembre.

Jane o amava quando ele sorria assim. Um pausa e Jean-Pierre acrescentou: — Vamos levar Chantal? — Não. — Ela não queria ser

distraída. □ Chantal ficará muito bem com Fará.

□ Está bem □ muito urou ele, um pouco aturdido.

Jane muito andou Fará preparar a refeição □ chá, pão e iogurte □ e depois saiu de casa com Jean-Pierre. A claridade do dia estava se desvanecendo e o ar vespertino era suave e fragrante.

Era o muito melhor momento do dia no verão.

Enquanto passavam pelos campos, a campesinha do rio, Jane recordou com o se sentira naquele mesmo campo no verão anterior: confusa, excitada, determinada a que tudo desse certo. Estava orgulhosa por ter se saído tão bem, mas contente porque a aventura terminaria em breve.

Com efeito a se sentir tensa à medida que se aproximava o momento do confronto, em bora dissesse a si mesma a que nada tinha a esconder, nada de que sentir-se culpada, nada a temer.

Cruzaram o rio num ponto em que se alargava e ficava raso, sob uma projeção rochosa, depois subiram uma trilha sinuosa e íngrem e pelo penhasco no outro lado. Lá no alto sentaram no chão, as pernas pendendo pelo precipício. Trinta metros abaixo o Rio dos Cinco Leões passava impetuoso, esbarrando em blocos de rocha e escumando furioso nas corredeiras. Jane contentou-se pelo vale. O terreno cultivado era cruzado por canais de irrigação e muros de contenção de pedra. As cores verdes e douradas das colheitas maduras faziam com que os campos parecessem cacos de vidro colorido de um brinquedo quebrado. Aqui e ali a paisagem era estragada pelos danos das bombas □ muros caídos, valas bloqueadas, crateras de lama entre o trigo ondulante. Um gorro redondo ou um turbante escuro ocasionais indicavam que alguns homens já estavam trabalhando, efetuando a colheita, enquanto os russos guardavam seus atos e suas bombas para a noite. As cabeças cobertas por um lenço ou os vultos enormes eram mulheres e crianças mais velhas, enquanto ainda restava alguma claridade. No outro lado do vale as terras aráveis faziam um esforço para subir pelas encostas inferiores da montanha, mas logo cediam à rocha poeirenta. Das casas à esquerda elevava-se a fumaça de alguns fogões, quase em linha reta, até ser desmanchada pela brisa. A mesma brisa trazia trechos inteligíveis da conversa das mulheres, que tomavam banho além de uma curva do rio, correnteza acima. As vozes eram abafadas e não mais se ouvia a risada exuberante de Zahara, pois ela estava de luto.

E tudo por causa de Jean-Pierre... O pensam ento proporcionou coragem a Jane e ela disse abruptam ente: □ Quero que m e leve para casa.

A princípio ele não entendeu e disse, irritado: □ Ora, acabam os de chegar. □ Depois ele fitou-a e franziu o rosto. □ Ahn...

Havia um tom de serenidade em sua voz que Jane achou perigoso e com preendeu que não poderia im por sua vontade sem luta.

□ Isso m esm o □ disse ela, firm em ente. □ Quero voltar para casa.

Jean-Pierre passou o braço por seus om bros.

□ Este país às vezes deixa as pessoas deprim idas. □ Ele não a fitava, contem plando o rio que corria lá em baixo. □ Você é especialm ente vulnerável à depressão neste m om ento, logo depois do parto. Dentro de algum as sem anas vai descobrir...

□ Não m e trate com esse j eito condescendente! □ falou Jane com rispidez, pois não podia deixar que ele se esquivasse com aquelas bobagens. □ Poupe isso para seus pacientes.

□ Está bem . □ Jean-Pierre retirou o braço. □ Antes de partirm os, decidim os que ficariam os aqui por dois anos. Concordam os que os períodos de serviços curtos são ineficientes, por causa do dinheiro e tem po desperdiçados em treinam ento, viagem e assentam ento.

Estávam os determ inados a causar um im pacto de verdade e por isso assum im os o com prom isso de um prazo de dois anos...

□ E depois tiverm os um a filha.

□ Não foi ideia m inha! □ Sej a com o for, j á não estou m ais pensando com o antes.

□ Não tem direito de m udar de ideia.

□ Você não m anda em m im ! □ protestou Jane, furiosa.

□ É im possível. Vam os esquecer o problem a. Não adianta discutir.

□ Mal com eçam os! A atitude de Jean-Pierre deixava Jane cada vez m ais enfurecida. A conversa se transform ara num a discussão sobre os seus direitos com o indivíduo e por algum m otivo ela não queria ganhar pela revelação de que sabia tudo sobre o seu trabalho de espionagem □ ou pelo m enos ainda não. Queria que ele adm itisse

que ela era livre para tomar suas próprias decisões.

□ Você não tem o direito de ignorar ou reprimir meus desejos. Quero ir em bora neste verão.

□ A resposta é não.

Jane resolveu que devia tentar argumentar.

□ Estam os aqui há um ano. Já causam os um im pacto. E tam bém fizeram os sacrifícios consideráveis, mais do que previam os. Não acha que é suficiente? □ Concordam os que ficariam os dois anos □ insistiu Jean-Pierre, obstinado.

□ Isso foi há muito tempo, e antes de Chantal nascer.

□ Nesse caso, vocês duas podem partir e eu ficarei aqui. Jane considerou essa possibilidade por um momento. A viagem para o Paquistão num com boio, carregando uma criança pequena, era difícil e perigosa. Mas não era impossível. Só que significaria deixar Jean-Pierre para trás. Ele continuaria a traír os guerrilheiros, e a intervalos de poucas semanas mais amigos e filhos do vale morreriam. E havia outro motivo para que ela não o deixasse ali: isso destruiria o casamento.

□ Não □ disse ela, □ não posso ir sozinha. Você tem de ir também.

□ Não irei □ respondeu ele, irritado. □ Não irei de jeito nenhum! Jane teria agora de enfrentá-lo com o que sabia. Respirou fundo.

□ Você terá de ir em bora.

□ Não irei. □ Jean-Pierre apontou-lhe o indicador, ela o fitou nos olhos e descobriu algo que a assustou. □ Não pode me obrigar. Nem tente.

□ Acontece que eu posso...

□ Aconselho você a não tentar □ interrompeu-a Jean-Pierre, a voz terrivelmente fria. E

de repente ele parecia um estranho, um homem que Jane não conhecia. Ela se manteve em silêncio por um momento, pensando. Observou um pombo se elevar da aldeia e voar em sua direção. Pousou na encosta do penhasco, um pouco abaixo de seus pés. Não conheço esse homem!, pensou ela, em pânico. Depois de um ano

inteiro, ainda não sei quem ele é! □ Você m e am a? □ m urm urou Jane.

□ Am á-la não significa que tenho de fazer tudo o que você quer.

□ Isso é um sim ? Ele fitou-a fixam ente. Jane sustentou o olhar, inabalável. Pouco a pouco, o brilho im placável e m aníaco desapareceu dos olhos de Jean-Pierre. Ele relaxou. E

depois sorriu.

□ É um sim .

Jane inclinou-se para ele, Jean-Pierre tornou a passar o braço por seus om bros e acrescentou, gentilm ente: □ Sim , eu am o você.

Ele beij ou-a no alto da cabeça. Jane encostou o rosto em seu peito e olhou para baixo. O

pom bo que observara tornou a alçar voo. Era um pom bo branco, com o o de sua visão inventada.

Flutuou para longe, planando sem esforço para a outra m argem do rio. Jane pensou: Oh, Deus, o que Vou fazer agora? Foi o filho de Moham m ed, Mousa □ agora conhecido com o Canhoto □ o prim eiro a avistar o com boio de volta. Ele entrou correndo na clareira diante das cavernas, gritando a plenos pulm ões: □ Eles voltaram ! Eles voltaram ! Ninguém precisava perguntar quem eram eles. A m anã ia pela m etade, Jane e Jean-Pierre estavam trabalhando na clínica instalada na caverna. Um a insinuação de perplexidade surgiu no rosto de Jean-Pierre; ele se perguntava por que os russos não haviam usado suas inform ações para em boscar o com boio. Jane virou-se, a fim de que ele não percebesse o triunfo que sentia. Ela salvara as vidas de todos! Yussuf cantaria naquela noite, Sher Kador contaria suas cabras, Ali Ghanin beij aria cada um dos seus quatorze filhos. Yussuf era um dos filhos de Rabia: salvar sua vida era um a retribuição a Rabia por aj udá-

la a trazer Chantal ao m undo. Todas as m ães e filhas que estariam de luto agora, se não fosse por ela, podiam se regozij ar.

Im aginou com o Jean-Pierre estaria se sentindo. Furioso, frustrado ou desapontado? Era difícil im aginar alguém desapontado porque pessoas não haviam m orrido. Jane lançou um olhar rápido para o m arido, m as o rosto dele se m antinha im passível. Eu gostaria de saber o que está se passando em sua m ente, pensou ela.

Os pacientes se retiraram em poucos minutos, pois todos queriam descer até a aldeia para dar as boas-vindas aos viajantes.

— Vão os descer? — perguntou Jane.

— Vá na frente — disse Jean-Pierre. — Terminarei tudo aqui e depois descerei também.

— Está certo.

Jane calculou que ele precisava de algum tempo para recuperar o controle, a fim de poder sentir satisfação pelo retorno seguro, quando se encontrasse com os homens.

Pôs Chantal no colo e encaminhou-se para a trilha íngreme e que descia para a aldeia.

Podia sentir o calor da rocha através das solas finas das sandálias.

Ainda não enfrentara Jean-Pierre. Só que aquela situação não poderia se prolongar indefinidamente. Mais cedo ou mais tarde, Jean-Pierre saberia que Mohamed enviara um mensageiro para desviar o caminho da rota predeterminada. Perguntaria a Mohamed por que fizera isso e Mohamed falaria da "visão" de Jane. Mas Jean-Pierre sabia que Jane não acreditava em visões...

Por que tenho medo?, perguntou a si mesma. Não sou a culpada... ele é que é. Mas sinto como se o seu segredo fosse alguma coisa de que devo me envergonhar. Deveria ter falado com ele imediatamente, naquela noite em que subimos para o topo do penhasco. Guardando o segredo por tanto tempo, também tornei uma impostora. Talvez seja isso. Ou talvez seja a expressão estranha que descubro às vezes nos olhos de Jean-Pierre... Ela não desistira de voltar para casa, mas até agora não conseguira pensar num meio de persuadir Jean-Pierre a partir. Imaginara uma dúzia de esquemas bizarros, de sentir uma mensagem dizendo que a mãe dele estava morrendo a envenenar seu iogurte com alguma coisa que provocaria os sintomas de uma doença que o obrigaria a voltar à Europa para tratamento. Mais simpatias e menos forçada de suas ideias fora de adivinhação contar a Mohamed que Jean-Pierre era um espião. Nunca faria isso, é claro, pois desmascará-lo seria a mesma coisa que matá-lo. Mas Jean-Pierre pensaria que ela seria capaz de cumprir a tarefa? Provavelmente não. Seria preciso um homem duro, implacável, de coração de pedra, para acreditar que ela fosse capaz de virtualmente matar o marido — e se Jean-Pierre fosse tão duro, implacável e de coração de pedra, podia muito bem matar Jane.

Ela estremeceu, apesar do calor. Aquela história de m atar era grotesca. Quando duas pessoas encontram tanto prazer no corpo um a da outra, com o fazem os, pensou ela, com o poderiam com eter qualquer violência contra quem amavam? Ao chegar à aldeia, ela com eçou a ouvir os disparos ao acaso que caracterizavam um a com em oração afegã. Encam inhou-se para a m esquita □ tudo acontecia na m esquita.

O com boio estava no pátio, homens, cavalos e bagagem, cercados por m mulheres sorrindo e crianças gritando. Jane parou à beira da m ultidão, observando. Valeu a pena, pensou ela. Valeu a pena a preocupação e o m edo, valeu a pena m anipular Moham m ed de form a tão indigna, a fim de testem unhar este espetáculo, os homens voltando a se encontrar, sãos e salvos, com suas esposas, m ães e filhos.

O que aconteceu em seguida foi provavelmente o m aior choque da vida de Jane.

Ali, no m eio da m ultidão, entre os gorros e turbantes, aparecia um a cabeça de cabelos louros e crespos. A princípio, ela não reconheceu aquela cabeça, apesar de parecer tão familiar que lhe provocou um aperto no coração. E depois a cabeça em ergiu da m ultidão e ela viu, escondido por trás de um a barba loura extremamente cerrada, o rosto de Ellis Thaler.

Os olhos de Jane ficaram subitamente fracos. Ellis? Ali? Impossível! Ele se aproximou.

Usava a roupa de algodão larga dos afegãos, parecida com um pijama, um a m anta suja em torno dos ombros largos. O pouco do rosto ainda visível por cima da barba estava muito bronzeado, tornando os olhos azul-celestes ainda mais impressionantes do que o habitual, com o centáureas num tragal maduro.

Jane ficou atordoada. Ellis parou na sua frente, com uma expressão solene.

□ Olá, Jane.

Ela descobriu que não mais o odiava. Um mês antes o teria condenado por enganá-la e espionar seus amigos, mas agora sua raiva se desvanecera. Jamais gostaria de Ellis, mas podia tolerá-lo. Era bom ouvir alguém falar inglês, pela primeira vez em mais de um ano.

□ Ellis... □ m urm urou ela, debilm ente. □ O que está fazendo aqui? □
A m esm a coisa que vocês.

O que isso significava? Espionar? Não, Ellis não sabia o que Jean-Pierre era. Ele percebeu a confusão de Jane e acrescentou: □ Estou aqui para aj udar os rebeldes.

Ele descobriria sobre Jean-Pierre? Jane sentiu de repente m edo pelo m arido. Ellis poderia m até-lo.

□ De quem é a criança? □ indagou Ellis.

□ Minha. E de Jean-Pierre. Seu nom e é Chantal.

Jane reparou que Ellis parecia profundam ente triste. E com preendeu que ele esperava encontrá-la infeliz com o m arido. Oh, Deus, acho que ele ainda está apaixonado por m im , pensou ela. E tentou m udar de assunto: □ Mas com o vai aj udar os rebeldes? Ele levantou sua bolsa. Era grande, com prida, no form ato de um a salsicha, de lona caqui, com o um a antiga m ochila de soldado.

□ Vou ensiná-los a explodir estradas e pontes. Nesta guerra, estou no m esm o lado que você.

Mas não no m esm o lado que Jean-Pierre, pensou Jane. O que vai acontecer agora? Os afegãos não desconfiavam de Jean-Pierre, m as Ellis era treinado nos m étodos da espionagem .

Mais cedo ou m ais tarde descobriria o que estava acontecendo.

□ Quanto tem po ficará aqui? Se fosse um a perm anência curta, ele talvez não tivesse tem po de desenvolver suspeitas.

□ Durante o verão □ respondeu Ellis, vagam ente. Talvez ele não passasse m uito tem po nas proxim idades de Jean-Pierre.

□ Onde vai se instalar? □ Nesta aldeia.

□ Ahn...

Ellis percebeu o desapontam ento na voz dela e exibiu um sorriso irônico.

□ Acho que eu não deveria esperar que você ficasse contente em m e ver...

A m ente de Jane estava num turbilhão. Se pudesse forçar Jean-Pierre

a partir, ele não mais correria qualquer perigo. Ela se sentiu subitamente capaz de confrontá-lo.

Por que será?, especulou ela. É porque não tenho mais medo dele. E por que não tenho mais medo? Porque Ellis está aqui.

Eu não sabia que tinha medo de meu marido.

— Ao contrário — disse ela a Ellis, pensando Com o estou calma! — Fico feliz porque você está aqui. Houve um momento de silêncio. Era evidente que Ellis não sabia o que concluir da reação de Jane. Ele acabou murmurando: — Tenho muitos explosivos e outros materiais no meio desta confusão. É melhor pegá-los. Jane assentiu.

— Está bem .

Ellis virou-se e desapareceu no meio da multidão. Jane deixou o pátio, andando devagar, sentindo-se um pouco atordoada. Ellis estava ali, no Vale dos Cinco Leões, e aparentemente ainda a caminho.

Jean-Pierre estava saindo quando ela chegou em casa. Ele passara por ali a caminho da

mesquita, provavelmente para guardar a mala médica. Jane não sabia o que lhe dizer.

— O comboio trouxe alguém que você conhece.

— Um europeu? — Isso mesmo.

— Quem é? — Vá descobrir. Terá uma surpresa e tanto.

Ele se afastou apressadamente. Jane entrou. O que Jean-Pierre faria em relação a Ellis?, pensou ela. Informaria aos russos. E os russos iam querer matar Ellis. A perspectiva deixou-a furiosa.

— Não vai haver mais mortes! — exclamou ela em voz alta. — Não permitirei! O som de sua voz fez Chantal chorar. Jane ninou-a por um momento e a menina ficou quieta. O que Vou fazer?, refletiu Jane.

Tenho de ir pedir que Jean-Pierre entre em contato com os russos.

Mas como? O contato não pode encontrá-lo na aldeia. Portanto, tudo o que tenho de fazer é manter Jean-Pierre aqui.

Direi a ele: Deve prometer que não deixará a aldeia. Se recusar, contarei a Ellis que você é um espião e ele cuidará então para que não

deixe a aldeia.

E se Jean-Pierre fizesse a promessa e depois a quebrasse? Eu saberia que ele deixou a aldeia, saberia que estava indo ao encontro de seu contato russo, poderia alertar Ellis.

Ele tem qualquer outro meio de se comunicar com os russos? Deve haver algum meio de fazer contato no caso de uma emergência.

Mas não há telefones aqui, não há agência postal, não há serviço de mensagens, não há posto correio.

Ele deve ter um rádio.

Se ele tem um rádio, então não tenho com o qual pedi-lo.

Quanto mais pensava a respeito, mais convencida Jane ficava de que o meio tinha um rádio. Ele precisava marcar os encontros em cabanas de pedra. Em teoria, podiam ter sido todos marcados antes de sua partida de Paris, mas na prática isso era quase impossível: o que aconteceria quando ele fosse obrigado a faltar a um encontro, quando se atrasasse ou quando precisasse falar urgente com o contato? Ele deve ter um rádio.

O que posso fazer se ele tem um rádio? Posso tirar o rádio dele.

Ela pôs Chantal no berço e olhou ao redor. Foi para a sala da frente. Ali, sobre o balcão ladrilhado, no meio do que fora outrora uma loja, estava a mala médica de Jean-Pierre.

Era o lugar óbvio. Ninguém tinha permissão para abrir a mala, à exceção de Jane, que nunca tinha motivo para isso.

Ela abriu-a e começou a verificar o conteúdo, tirando uma coisa de cada vez. Não havia rádio.

Não seria tão fácil.

Ele deve ter um rádio e eu tenho de encontrá-lo, pensou Jane; se isso não acontecer, Ellis vai encontrá-lo ou ele vai atar Ellis.

Decidiu revistar a casa.

Verificou entre os suprimentos médicos nas prateleiras, procurando em todas as caixas e em balagens cujos lacres haviam sido rompidos, apressando-se com medo de que Jean-Pierre voltasse antes de acabar. Nada encontrou.

Foi para o quarto. Vasculhou as roupas de Jean-Pierre, depois as cobertas de inverno,

guardadas num canto. Nada. Movendo-se m ais depressa, passou para a sala de estar e procurou freneticam ente por possíveis esconderij os. A arca dos m apas! Abriu-a. Som ente os m apas estavam ali. Fechou-a, fazendo o m aior barulho. Chantal m exeu-se no berço, m as não chorou, em bora estivesse quase na hora de m am ar. Você é um a boa m enina, pensou Jane; graças a Deus! Olhou atrás do arm ário de m antim entos e levantou o tapete, para o caso de haver algum buraco escondido no chão. Nada.

Tinha de estar em algum lugar. Não podia conceber que Jean-Pierre corresse o risco de esconder o rádio fora da casa, pois haveria o perigo de ser descoberto por acaso.

Voltou à loj a. Se conseguisse encontrar o rádio, tudo ficaria direito: ele não teria outra opção senão ceder.

A m aleta era m esm o o esconderij o óbvio, pois ele a levava a toda parte. Jane pegou-a.

Era bastante pesada. Tornou a tatear por dentro. Tinha um fundo grosso.

Subitam ente sentiu um a inspiração. A m aleta podia ter um fundo falso.

Sondou o fundo com os dedos. Deve estar aqui, pensou; tem de estar. Ela enfiou os dedos pelo lado do fundo e puxou.

O fundo falso se desprendeu com facilidade.

E ali, no com partim ento secreto, estava um a caixa preta de plástico. Jane pegou-a. É isto, pensou ela; ele faz contato com os russos por este pequeno rádio.

Por que tam bém se encontra com eles pessoalm ente? Talvez não possa revelar segredos pelo rádio, com m edo de que alguém esteja a na escuta. Talvez o rádio sej a apenas para m arcar os encontros e para em ergências.

Com o nas ocasiões em que ele não pode deixar a aldeia.

Ela ouviu a porta dos fundos se abrir. Apavorada, largou o rádio no chão e virou-se, olhando para a sala de estar. Viu Fará entrar, com um

a vassoura.

□ Santo Deus! □ exclamou ela, bem alto.

Virou-se de novo, o coração disparado. Tinha de se livrar do rádio antes que Jean-Pierre voltasse. Mas com o? Não podia jogá-lo fora, pois acabaria sendo encontrado.

Tinha de destruí-lo. Com quê? Não dispunha de um martelo. Um alicates serviria.

Passou pela sala e saiu para o pátio. O muro do pátio era feito de pedras irregulares, unidas por argamassa arenosa. Ela levantou a mão e sacudiu uma das pedras de cima. Parecia firme. Experimentou outra e mais outra. A quarta pedra pareceu se desprender um pouco. Puxou com mais força. A pedra moveu-se.

□ Vam os, vam os! □ gritou ela.

Puxou com força. A pedra cortou a pele de suas mãos. Fez mais força ainda e a pedra se desprendeu. Deu um pulo para trás quando a pedra caiu. Era mais ou menos do tamanho de uma lata de conserva.

Dava perfeitamente. Pegou-a com as duas mãos e voltou apressada para dentro de casa.

Foi para a sala da frente. Pegou no chão o rádio preto e colocou-o no balcão ladrilhado.

Levantou a pedra por cima da cabeça e baixou com toda a força sobre o rádio.

A caixa de plástico rachou.

Teria de bater com mais força ainda.

Levantou a pedra, tornou a bater. Desta vez a caixa quebrou, revelando as entranhas do instrumento. Jane viu um circuito impresso, um cone de alto-falante e duas pilhas com inscrições

em russo. Tirou as pilhas e jogou-as no chão, e começou a despedaçar o mecanismo.

Dois mãos agarraram-na por trás abruptamente e a voz de Jean-Pierre gritou: □ O que está fazendo?

Jane debateu-se, desvencilhou-se por um momento e desfechou outro

golpe no pequeno rádio.

Ele a agarrou pelos ombros, obrigou-a a se virar. Jane camaleou e caiu no chão. E caiu de mau jeito, torcendo o pulso. Jean-Pierre olhava fixamente para o rádio; murmurou: ☐ Está arruinado! É irreparável! ☐ Agarrou-a pela camisa e levantou-a. ☐ Não sabe o que fez! Havia desespero e uma raiva intensa em seus olhos.

-largue-me! ☐ berrou Jane. Jean-Pierre não tinha o direito de agir assim, quando fora ele quem a entorpecia para ela. ☐ Com o que se atreve a me tratar assim? ☐ Com o que me atrevo? Jean-Pierre largou a camisa, esticou o braço para trás e depois agrediu-a com toda força. O golpe acertou-a no meio da barriga. Por uma fração de segundo, Jane ficou paralisada pelo choque; depois veio a dor, lá do fundo, onde ainda estava dolorida do nascimento de Chantal. Ela gritou e dobrou-se, aos poucos comprimando a barriga.

Os olhos estavam fechados e por isso ela não viu o segundo golpe se aproximando.

O murro acertou em cheio na sua boca. Ela gritou. Mal podia acreditar que Jean-Pierre estivesse lhe fazendo aquilo. Abriu os olhos e fitou-o, com pavor de que ele a agredisse outra vez.

☐ Com o que me atrevo? ☐ berrou Jean-Pierre. ☐ Com o que me atrevo? Jane caiu de joelhos no chão de terra e começou a chorar de dor, choque e desespero. A boca doía tanto que mal podia falar.

☐ Por favor, não me bata ☐ conseguiu balbuciar. ☐ Não me bata mais.

Ela estendeu a mão à frente, numa atitude defensiva. Jean-Pierre ajoelhou-se, empurrou sua mão para o lado e aproximou o rosto, quase encostando no dela.

☐ Há quanto tempo você sabia? Jane passou a língua pelos lábios. Já estavam inchando.

Comprimou-os com a mão, e o pano ficou manchado de sangue.

☐ Desde que o encontrei naquela cabana de pedra... a caminho de Cobak.

☐ Mas não viu nada! ☐ Ele falou com sotaque russo e disse que tinha bolhas nos pés.

Deduzi tudo daí. Houve um a pausa enquanto Jean-Pierre absorvia a inform ação.

□ E por que só resolveu agir agora? Por que não quebrou o rádio antes? □ Não tive coragem .

□ E agora? □ Ellis está aqui.

□ E daí? Jane recorreu à pouca coragem que ainda lhe restava.

□ Se você não parar com isso... espionar... contarei a Ellis e ele o impedirá. Jean-Pierre segurou-a pela garganta.

□ E se eu estrangular você, sua puta? -se algum a coisa m e acontecer... Ellis vai querer saber por quê. Ele ainda m e am a. Jane não podia desviar os olhos do m arido. O ódio ardia nos olhos dele.

□ Agora nunca m ais Vou pegá-lo! □ disse ele.

Jane especulou a quem ele estaria se referindo. Ellis? Não. Masud? Seria possível que o obj etivo final de Jean-Pierre fosse m atar Masud? As m ãos dele ainda estavam em sua garganta.

Ela sentiu que apertavam . Continuou a fitá-lo, apavorada.

E foi nesse instante que Chantal chorou.

A expressão de Jean-Pierre m udou drasticam ente. A hostilidade desapareceu dos olhos, o brilho tenso e obsessivo de ira se apagou; e, finalm ente, para espanto de Jane, ele pôs as m ãos sobre os olhos e com eçou a chorar.

Ela ficou incrédula. Descobriu-se a sentir pena de Jean-Pierre e pensou: Não sej a idiota, o filho da puta acaba de espancá-la. Mas, contra sua vontade, ela ficou com ovida pelas lágrimas e m urm urou: □ Não chore...

Sua voz era surpreendentemente gentil. Ela encostou a m ão no rosto do m arido, que balbuciou: □ Desculpe... lam ento m uito o que fiz com você. O trabalho de m inha vida... tudo por nada.

Jane com preendeu com espanto e um pouco de repulsa por si m esm a que não estava m ais com raiva de Jean-Pierre, apesar dos lábios inchados e da dor na barriga. Cedeu ao sentim ento, enlaçou-o e afagou as costas dele, com o se confortasse um a criança.

□ Só por causa do sotaque de Anatoly □ m urm urou ele. □ Só por

causa disso.

☐ Esqueça Anatoly . Deixarem os o Afeganistão e voltarem os à Europa. Partirem os com o próximo o com boio.

Ele tirou as mãos do rosto e fitou-a.

☐ Quando voltarmos a Paris...

☐ O quê? ☐ Quando estivermos em casa... ainda Vou querer que continuem os juntos.

Pode-me perdoar? Am-o você... sinceramente, sem premente. E estão os casados. E há Chantal.

Por favor, Jane... por favor, não-me deixe. Está bem ? Para sua surpresa, Jane não sentiu qualquer hesitação. Ali estava o homem em quem ela amava, seu marido, o pai de sua filha; e ele estava em dificuldade, clamando por socorro.

☐ Não irei a lugar nenhum .

☐ Prometa... prometa que não vai-me deixar.

☐ Ela sorriu, com a boca sangrando.

☐ Am-o você e prometo que não vou deixá-lo.

Capítulo 9

Ellis sentia-se frustrado, im-paciente e irritado. Frustrado porque chegara ao Vale dos Cinco Leões há sete dias e ainda não se encontrara com Masud. Im-paciente porque era um purgatório diário para ele ver Jane e Jean-Pierre vivendo juntos, trabalhando juntos, partilhando o prazer da filha. E irritado porque fora ele e mais ninguém quem o levava à deplorável situação.

Fora informado de que se encontraria naquele mesmo dia com o grande homem, mas Masud ainda não aparecera. Ellis passara todo o dia anterior andando, a fim de chegar ali. Estava na extremidade sudoeste do Vale dos Cinco Leões, em território russo. Deixara Banda com panhia de três guerrilheiros ☐ Ali Ghanin, Matullah Khan e Yussuf Gul ☐ mas em cada aldeia pelo caminho mais dois ou três homens haviam aderido ao grupo e agora havia um total de trinta. Sentaram-se num círculo, por baixo de uma figueira, no topo de uma colina, comendo figos e esperando.

Na base da colina com eçava um a planície que se estendia para o sul □ até Kabul, em bora a cidade estivesse a oitenta quilôm etros de distância e não pudessem vê-la.

Na m esm a direção, só que bem m ais perto, ficava a base aérea de Bagram , a apenas quinze quilôm etros: seus prédios não eram visíveis, m as podiam ver de vez em quando um j ato alçando voo. A planície era um m osaico fértil de cam pos arados e pom ares, cruzada por córregos, todos desaguando no Rio dos Cinco Leões, que corria, m ais largo e m ais profundo agora, m as igualm ente rápido, na direção da capital. Um a estrada irregular passava pela base da colina e subia o vale, indo até a cidadezinha de Rokha, lim ite setentrional do território russo ali.

Não havia m uito m ovim ento na estrada: um as poucas carroças de cam poneses e um ou outro carro blindado. No ponto em que a estrada cruzava o rio havia um a ponte nova, construída pelos russos. Ellis ia explodir essa ponte.

As aulas sobre explosivos que ele estava dando, a fim de encobrir por tanto tem po quanto possível a sua verdadeira m issão, eram extrem am ente populares e ele fora obrigado a lim itar o núm ero de alunos. E tudo isso apesar de seu dari precário. Lem brava um pouco do farsi de Teerã e aprendera m uita coisa de dari na viagem com o com boio até o vale. Podia falar sobre a paisagem , com ida, cavalos e arm as, m as ainda não era capaz de dizer coisas com o A depressão no m aterial explosivo tem o efeito de concentrar a detonação. Mesm o assim , a ideia de explodir coisas era um apelo tão grande para o m achism o afegão que ele sem pre tinha um a audiência atenta.

Não podia ensinar as fórm ulas para calcular a quantidade de TNT necessária para um trabalho ou m esm o m ostrar com o usar a fita com putadorizada à prova de idiotas do exército am ericano, pois nenhum deles conhecia a m aterial da escola prim ária e a m aioria não sabia ler. Não obstante, podia m ostrar-lhes com o destruir coisas com m ais eficácia e ao m esm o tem po usar m enos m aterial □ o que era m uito im portante, pois havia escassez de m aterial bélico.

Tam bém tentara fazer com que adotassem precauções básicas de segurança, m as nisso falhara: para aqueles hom ens, a cautela era covardia. E durante todo o tem po ele era torturado por Jane.

Sentia ciúm e quando a via tocar em Jean-Pierre; sentia invej a quando via os dois trabalhando na clínica da caverna, com tanta eficiência e harm onia; e era consum ido pelo desej o

ao vislum brar os seios intum escidos de Jane nas ocasiões em que ela am am entava a filha.

Passava noites acordado, no saco de dorm ir, na casa de Ism ael Gul, onde estava hospedado, virando-se constantem ente, às vezes suando, às vezes trem endo, incapaz de encontrar qualquer posição confortável no chão de terra batida, tentando não ouvir os sons abafados de Ism ael e a m ulher fazendo am or, a poucos m etros de distância, no quarto ao lado, e as palm as de suas m ãos com eçavam a com ichar, na ânsia de acariciarem Jane.

Não podia culpar ninguém por tudo aquilo, a não ser a si próprio. Oferecera-se para a m issão na tola esperança de recuperar Jane. Fora um a atitude antiprofissional, além de im atura.

Tudo o que podia fazer era sair dali o m ais depressa possível. E não podia fazer nada enquanto não encontrasse Masud.

Levantou-se e deu um a volta, irrequieto, m as tom ando cuidado de perm anecer à som bra da árvore, a fim de não ser visível da estrada. A poucos m etros de distância havia um a m assa de m etal retorcido, onde um helicóptero caíra. Viu um pedaço de aço fino, m ais ou m enos do tam anho e do form ato de um prato de j antar, o que lhe deu um a ideia. Estivera im aginando com o dem onstrar o efeito de cargas m oldadas e agora percebia um a m aneira.

Tirou da m ochila um pedaço pequeno e achatado de TNT e um canivete. Os guerrilheiros se agruparam ao seu redor. Entre eles estava Ali Ghanin, um hom em pequeno e disform e □

nariz torto, dentes deform ados, um pouco corcunda □ que os outros diziam ter quatorze filhos.

Ellis esculpiu o nom e Ali, em caracteres persas, no TNT.

Mostrou aos hom ens. Ali reconheceu seu nom e.

□ Ali □ disse ele, sorrindo e m ostrando os dentes horríveis. Ellis pôs o explosivo no pedaço de aço, o lado esculpido para baixo.

□ Espero que dê certo □ com entou ele sorrindo.

Todos retribuíram o sorriso, em bora nenhum falasse inglês. Ele tirou um rolo de estopim da espaçosa m ochila e cortou um pedaço de um m etro e vinte centím etros. Pegou a caixa de detonadores, tirou um , e inseriu a extrem idade do estopim na cápsula cilíndrica. Prendeu o

detonador na carga de TNT.

Olhou para a estrada. Não havia qualquer tráfego. Desceu a encosta com a pequena bomba e colocou-a no chão, a cerca de cinquenta metros de distância. Acendeu o estopim com um fósforo e tornou a subir para a figueira.

Era um estopim que queimava devagar. Enquanto esperava, Ellis especulou se Masud mandara que os outros guerrilheiros o observassem e avaliassem. O líder estaria esperando pela garantia de que Ellis era um homem sério, a quem os guerrilheiros poderiam respeitar? O

protocolo era sempre importante num exército, mesmo sendo um exército revolucionário. Mas Ellis não podia aguardar por muito mais tempo. Se Masud não aparecesse hoje, ele teria de abandonar toda aquela história de explosivos, confessar que era um enviado especial da Casa Branca e exigir um encontro imediato com o líder rebelde.

Houve uma explosão insignificante e uma pequena nuvem de poeira. Os guerrilheiros pareciam desapontados. Ellis foi pegar o pedaço de metal, usando o lenço, para o caso de estar muito quente. O nome Ali cortara o aço, nas letras irregulares da escrita persa. Ele mostrou aos guerrilheiros, que desataram numa conversa excitada.

Ellis ficou satisfeito: era uma demonstração incontestável de que o explosivo se tornava mais poderoso onde era necessário, ao contrário do que o bom senso podia sugerir.

Os guerrilheiros ficaram subitamente em silêncio. Ellis olhou ao redor e avistou outro grupo se aproximando da colina, formado por sete ou oito homens. Os rifles e gorros redondos indicavam que eram guerrilheiros. Ao chegarem perto, Ali empertigou-se, quase como se estivesse prestes a bater continência. Ellis perguntou: "Quem são?" Masud respondeu Ali.

"Qual deles?" O que está no meio. Ellis observou atentamente a figura central do grupo.

Masud parecia com os outros, a princípio: um homem magro, de estatura mediana, vestindo roupas caquias e botas russas. Ellis observou o rosto. Tinha a pele clara, um bigode escasso, a barba rala de um adolescente. O nariz era com orgulho e adunco. Os olhos escuros alertas estavam cercados por rugas que o faziam parecer cinco anos mais velho do que a sua apregoada idade de 28 anos. Não era um rosto bonito, mas oferecia um ar de inteligência intensa e autoridade

serena que o distinguia dos homens ao redor. Avançou diretamente para Ellis, a mão estendida.

□ Sou Masud.

□ Ellis Thaler.

Ellis apertou-lhe a mão e Masud acrescentou, em francês: □ Vam os explodir aquela ponte.

□ Quer comê-la agora? □ Quero.

Ellis pôs o equipamento na mochila, enquanto Masud circulava pelo grupo de guerrilheiros, apertando as mãos de alguns, acenando com a cabeça para outros, abraçando um ou dois, dirigindo umas poucas palavras a cada um.

Quando estavam prontos, desceram a colina com o um bando irregular, a fim de que □

Ellis presumiu □ os observadores pensassem, se fossem vistos, que se tratava de um grupo de camponeses, em vez de uma unidade do exército rebelde. Ao chegarem à base da colina não eram mais visíveis da estrada, em hora pudessem ser avistados de um helicóptero. Ellis calculou que procurariam cobertura se ouvissem um helicóptero se aproximar. Encaminharam-se para o rio, seguindo por uma trilha entre os campos cultivados. Passaram por várias casas pequenas e foram observados por pessoas que trabalhavam nos campos; algumas os ignoraram deliberadamente, outras acenaram e gritaram saudações. Alcançaram o rio e foram andando pela margem, aproveitando a possível cobertura dos blocos de rocha e da vegetação escassa à beira d'água. Quando estavam a cerca de trezentos metros da ponte um pequeno barco de caminhões militares comêçou a atravessá-la; todos os guerrilheiros se esconderam, enquanto os veículos passavam, ruidosamente, a caminho de Rokha. Ellis foi postar-se sob um salgueiro e descobriu Masud ao seu lado.

-Se destruírem a ponte □ disse Masud □ cortaremos a linha de suprimentos deles para Rokha. Depois que o barco passou, eles esperaram mais alguns minutos antes de percorrerem o resto do caminho até a ponte. Agruparam-se em baixo da ponte, invisíveis da estrada.

No meio, a ponte se elevava seis ou sete metros acima do rio, que parecia ter uns três metros de profundidade ali. Ellis constatou que era uma ponte simples, com duas vigas de aço com pregas, ou

longarinas, sustentando um bloco de concreto e estendendo-se de uma a outra, sem qualquer suporte intermediário. O concreto era uma carga morta, as vigas sustentavam toda a tensão. Bastava partilas e a ponte estaria destruída. Ellis iniciou os preparativos. A TNT estava em blocos amarelos de meio quilo. Fez uma pilha com dez blocos e prendeu-os juntos. Fez mais três pilhas idênticas, usando todo o seu explosivo. Usava o TNT

porque era o material encontrado com mais frequência em bombas, granadas, minas e granadas

de munição, e os guerrilheiros obtinham a maior parte de seus suprimentos de artefatos russos que não explodiam. O explosivo plástico seria mais apropriado a suas necessidades, pois podia ser enfiado em buracos, enrolado em vigas, moldado em qualquer forma necessária. Mas eles tinham de trabalhar com os materiais que podiam encontrar e roubar. Talvez conseguissem de vez em quando arrumar um pouco de plástico de engenheiros russos, trocando pela aconha cultivada no vale, mas a transação que envolvia intermediários no exército afegão regular

era arriscada e os suprimentos, limitados. Ellis fora informado de tudo isso pelo homem da CIA em Peshawar e constatara a realidade. As vigas estavam separadas por cerca de dois metros e meio. Ellis disse em dari indicando essa distância: "Alguém me traga um galho deste tamanho.

Um guerrilheiro afastou-se pela margem do rio e arrancou uma árvore nova. Ellis acrescentou: "Preciso de outro, do mesmo tamanho.

Colocou uma pilha de TNT na parte inferior de uma das vigas e pediu a um guerrilheiro que a segurasse na posição. Pôs uma segunda pilha na outra viga, na mesma posição; ajoitou o galho entre as duas pilhas, a fim de mantê-las no lugar. Vadeou o rio e fez exatamente a mesma coisa no outro lado da ponte.

Descreveu tudo o que estava fazendo numa mistura de dari, francês e inglês, deixando-os entender o que pudessem. Mas mais importante era que observassem o que estava fazendo e vissem os resultados. Usou Primacord, o estopim detonador que queima a seis metros por segundo, ligando as quatro cargas para que explodissem simultaneamente.

Fez um laço, fazendo o Primacord voltar sobre si mesmo. Explicou a

Masud, em francês, que o efeito seria o estopim queim ar até o TNT pelas duas extrem idades; assim , se o estopim fosse cortado, por algum motivo, em um ponto, a bomba ainda explodiria. Recomendou que sem pressa se fizesse isso, com o cuidado de rotina.

Ellis sentia-se estranhamente feliz enquanto trabalhava. Havia algo de calma ante nas tarefas mecânicas e no cálculo frio da quantidade de explosivo. E agora que já mostrara tudo a Masud, poderia cuidar de sua verdadeira missão.

Puxou o Prim acord pela água, a fim de que ficasse menos visível queimaria perfeitamente debaixo d'água e levou para a margem do rio. Prendeu um detonador na extremidade do Prim acord, depois acrescentou um estopim com um , de queima lenta, para quatro minutos.

— Está pronto? — ele perguntou a Masud.

— Estou.

Ellis acendeu o estopim .

Todos se afastaram depressa, subindo o rio, pela margem . Ellis sentia um certo júbilo infantil secreto pela enorme explosão que estava prestes a criar. Os outros também pareciam excitados, e ele se perguntou se seria tão ruim em disfarçar seus sentimentos quanto aqueles guerrilheiros afegãos. Mas de repente as expressões se alteraram dramaticamente. Todos ficaram alertas, como os passarinhos escutando inhocas na terra; e depois Ellis ouviu também o rumor distante de lagartas de tanques.

A estrada não era visível do lugar em que se encontravam , mas um dos guerrilheiros subiu depressa por uma árvore e informou: — Dois.

Masud pegou o braço de Ellis.

— Pode destruir a ponte quando os tanques estiverem passando?

Mas que merda, pensou Ellis, isto é um teste!

— Posso — respondeu ele.

Masud balançou a cabeça, sorrindo.

— Ótimo.

Ellis subiu pela árvore e foi se postar ao lado do guerrilheiro, olhando

através dos campos para a estrada. Dois tanques pretos rodavam pesadamente pela estrada pedregosa, vindo de Kabul. Ficou tenso: era a primeira visão do inimigo. Com as placas blindadas e os enormes canhões, os tanques pareciam invulneráveis, especialmente em contraste com os guerrilheiros maltrapilhos e seus rifles; apesar disso, o vale estava coalhado dos destroços de tanques que os guerrilheiros haviam destruído, com minas de fabricação doméstica, granadas bem lançadas e foguetes roubados.

Não havia outros veículos com os tanques. Não era uma patrulha, portanto, nem uma expedição ofensiva; os tanques provavelmente estavam sendo levados para Rokha depois de consertados em Bagram ou talvez chegados da União Soviética. Com êxito a calcular.

Os tanques avançavam a cerca de quinze quilômetros por hora; chegariam portanto à ponte dentro de um minuto e meio. O estopim estava queimando há minutos de um minuto, faltavam pelo menos três minutos. Daquele jeito, os tanques atravessariam a ponte e estariam a uma distância segura antes da explosão.

Ellis desceu da árvore e começou a correr, pensando: Quantos anos já se passaram desde a última vez em que estive numa zona de combate? Ouviu passos em seu encalço e olhou para trás. Ali o seguia, sorrindo horrivelmente, e mais dois homens o acompanhavam. Os outros se abrigavam pela margem do rio.

Um momento depois ele alcançou a ponte e se abaixou, apoiado num joelho, ao lado do estopim de queima lenta, ao mesmo tempo em que tirava a mochila do ombro. Continuou a calcular, enquanto tateava pela mochila aberta e encontrava o canivete. Os tanques deviam estar agora a um minuto de distância. O estopim queimava à velocidade de trinta centímetros a cada trinta ou quarenta e cinco segundos. Aquele rolo em particular seria lento, médio ou rápido? Ellis tinha a impressão de que era rápido.

Ou seja, trinta centímetros para uma espera de trinta segundos. E em trinta segundos ele poderia correr cerca de cento e cinquenta metros, o suficiente para se pôr em segurança, em breve por um triz.

Abriu o canivete e entregou-o a Ali, que se ajoelhara ao seu lado. Depois, pegou o estopim a cerca de trinta centímetros do ponto em que se unia ao detonador, segurando com as duas mãos, para Ali cortar. Segurou a extremidade cortada com a mão esquerda e o estopim ardendo com a direita. Não sabia se já estava na hora de reacender a ponta cortada. Precisava verificar a que distância estavam

os tanques.

Subiu o barranco, ainda segurando os dois pedaços de estopim . Por trás dele, o Prim acord estendia-se pelo rio. Levantou a cabeça por cima do parapeito da ponte.

Os enormes tanques pretos se aproximavam . Quanto tempo ainda faltava? Ellis calculou rapidamente. Contou os segundos, avaliando o avanço dos tanques; e depois, sem calcular, mas torcendo pelo melhor, encostou a ponta acesa do estopim cortado à outra extremidade, ainda ligada às bombas.

Pôs o estopim no chão, com todo cuidado, e começou a correr. Ali e os outros dois

guerrilheiros o seguiram .

A princípio, estavam ocultos dos tanques pela margem do rio; mas quando os tanques chegaram mais perto, os quatro homens correndo se tornaram claramente visíveis.

Ellis contava os lentos segundos, enquanto o ronco dos tanques virava um estrondo.

Os artilheiros nos tanques hesitaram apenas por um momento: podia-se presumir que afegãos correndo eram guerrilheiros e, portanto, sujeitos à prática de tiro ao alvo. Houve um estalido duplo e duas granadas voaram por cima da cabeça de Ellis. Ele mudou de direção, correndo para o lado, afastando-se do rio, enquanto pensava: O artilheiro ajustava a mira... vira o cano em minha direção... acertar o alcance... agora. Tornou a mudar de direção, correndo de volta ao rio, e um segundo depois ouviu outro estalido. A granada caiu bastante perto para salpicá-lo de terra e pedras. A próxima vai me acertar, pensou ele, mas não que a bomba da bomba exploda.

Mas que merda! Por que eu tinha de mostrar a Masud com o sou mais acho? E depois ele ouviu um estalido metralhadora abrir fogo. É difícil mais irar de um tanque em movimento, pensou; mas talvez eles parem . Imaginou a chuva de balas de metralhadora aproximando-se e passou a correr em ziguezague. Compreendeu de repente que podia adivinhar exatamente o que os russos fariam : parariam os tanques no ponto em que tivessem uma vista melhor dos guerrilheiros em fuga, que seria em cima da ponte. Mas a bomba explodiria antes de as metralhadoras atingirem os alvos?

Ellis correu ainda mais depressa, o coração batendo forte, respirando

aos arrancos. Não quero me orrer, me esm o que ela o am e, pensou. Viu balas lascarem um bloco de rocha quase à sua frente. Mudou de rumo abruptamente, mas as balas seguiram -no. Parecia irremediável, era um alvo fácil.

Ouviu um dos guerrilheiros por trás soltar um grito, depois foi alvejado, duas vezes, em rápida sucessão: sentiu uma dor ardente no quadril e depois um impacto, com um golpe vigoroso, na nádega direita. A segunda bala paralisou a perna por um instante, ele tropeçou e caiu, machucando o peito, rolando, para ficar de costas no chão. Sentou, ignorando a dor, e tentou se mexer. Os dois tanques haviam parado na ponte. Ali, que corria logo atrás dele, pôs as mãos agora sob as axilas de Ellis, tentou levantá-lo. Os dois eram alvos imóveis: os artilheiros nos tanques não poderiam errar.

E foi nesse instante que a bomba explodiu. Um espetáculo sensacional.

As quatro explosões simultâneas partiram a ponte nas extremidades, deixando a parte do meio com os dois tanques em cima totalmente sem apoio. A princípio caiu devagar, as extremidades rompidas rangendo; depois se despreendeu por completo e tombou de maneira espetacular no rio impetuoso, com um estrondo colossal. As águas se entreabriram, deixando o leito do rio visível por um momento, e depois tornaram a se unir, com um troar medonho.

Depois que o barulho se desvaneceu, Ellis ouviu os guerrilheiros aclamando.

Alguns saíram de seus abrigos e correram para os tanques parcialmente submersos. Ali levantou Ellis. A sensação voltou às suas pernas e era de dor intensa.

— Não sei se posso andar — murmurou ele para Ali, em dari. Ellis deu um passo e teria caído se Ali não o amparasse. Ele disse, em inglês: — Oh merda! Estou com uma bala no rabo!

Ouviu tiros. Virou a cabeça para ver os russos sobreviventes tentando escapar dos tanques e sendo alvejados pelos guerrilheiros. Aqueles afegãos eram filhos da puta implacáveis. Olhando para baixo, Ellis constatou que a perna direita da calça estava encharcada de sangue. Presumiu

que devia ser do ferimento superficial; sentia que a bala ainda estava encravada no outro ferimento. Masud aproximou-se, com um sorriso largo.

□ bom trabalho com a ponte □ disse ele, em seu francês carregado. □ Magnífico! □

Obrigado. Mas não vim até aqui para explodir pontes. □ Ellis sentia-se fraco e um pouco tonto, mas aquele era o momento de declarar sua missão. □ Vim para fazer um acordo.

Masud fitou-o com uma expressão de curiosidade.

□ De onde você é?

□ Washington. Casa Branca. Represento o Presidente dos Estados Unidos. Masud acenou com a cabeça, sem deixar transparecer qualquer surpresa.

□ Ótimo. Estou contente.

Foi nesse momento que Ellis desmaiou. Apresentou a proposta a Masud naquela noite.

Os guerrilheiros armaram uma armadilha e carregaram-no pelo vale acima até Astana, onde pararam ao anoitecer. Masud já enviara um mensageiro a Banda para buscar Jean-Pierre, que chegaria no dia seguinte para extrair a bala da nádega de Ellis. Todos se acomodaram no pátio de uma casa de fazenda. A dor de Ellis abrandara, mas a viagem o deixara mais fraco. Os guerrilheiros haviam posto ataduras improvisadas em seus ferimentos. Cerca de uma hora depois da chegada serviram-lhe chá verde, quente e adocicado, que o recuperou um pouco. Mais tarde, todos comiam oras e iogurte com o jantar.

Era o que geralmente acontecia com os guerrilheiros, com o Ellis já observara durante a viagem com o com boio do Paquistão para o vale: uma ou duas horas depois de chegarem a algum lugar, a comida aparecia. Ellis não sabia se eles comiam, requisitavam ou recebiam de presente, mas calculava que lhes era dada de graça, algumas vezes de bom grado, outras com relutância.

Depois de comermos, Masud sentou-se ao lado de Ellis. Durante os minutos seguintes, os outros guerrilheiros se afastaram, deixando Masud e dois de seus lugares-tenentes a sós com Ellis.

Ellis sabia que precisava falar agora com Masud, pois talvez não houvesse outra oportunidade por uma semana ou mais. Mas sentia-se muito fraco e exausto para aquela tarefa sutil e difícil.

Masud disse: □ Há m uitos anos um país estrangeiro pediu ao rei do Afeganistão quinhentos guerreiros para aj udar num a guerra. O rei afegão enviou cinco hom ens do nosso vale, com um a m ensagem dizendo que é m elhor ter cinco leões do que quinhentas raposas. É por isso que nosso vale passou a ser cham ado de Vale dos Cinco Leões. □ Ele sorriu.

□ Você foi um leão hoj e.

Ellis disse: □ Ouvi um a lenda dizendo que havia cinco grandes guerreiros, conhecidos com o Cinco Leões, que guardavam as cinco entradas para o vale. E ouvi dizer que é por isso que cham am você de Sexto Leão.

□ Já chega de lendas □ disse Masud, sorrindo outra vez. □ O que tem para m e falar? Ellis ensaiara aquela conversa e em seu roteiro ela não com eçava de m aneira tão abrupta. Era evidente que Masud não adotava o estilo oriental indireto.

□ Gostaria prim eiro de conhecer a sua avaliação da guerra. Masud acenou com a cabeça e pensou por alguns segundos.

□ Os russos têm doze m il hom ens em Rokha, o portão para o vale. A disposição é a de sem pre: prim eiro, cam pos m inados, depois tropas afegãs, em seguida as tropas russas, a fim de im pedir os afegãos de fugirem . Estão esperando m ais doze m il hom ens com o reforços.

Planej am lançar um a grande ofensiva pelo vale dentro de duas sem anas. O obj etivo é destruir nossas forças.

Ellis se perguntou com o Masud teria obtido inform ações tão precisas, m as não com eteu a falta de tato de indagar. Em vez disso, lim itou-se a perguntar: □ E a ofensiva será vitoriosa? □

Não □ respondeu Masud com serena confiança. □ Quando eles atacarem , nós desaparecerem os nas colinas, e assim não há ninguém para com baterem . Quando eles param , nós os atacam os de terreno m ais alto e cortam os suas linhas de com unicação. Vam os desgastando-os aos poucos. E

eles se descobrem a gastar vastos recursos para controlar um território que não lhes proporciona qualquer vantagem m ilitar. E acabam batendo em retirada. É sem pre assim .

Era um relato de m anual sobre a guerra de guerrilhas, refletiu Ellis. Não havia a m enor dúvida de que Masud poderia ensinar m uito aos

outros líderes tribais.

□ Por quanto tempo os russos podem continuar a desfechar esses ataques inúteis? Masud deu de ombros.

□ Está nas mãos de Deus.

□ Conseguirão algum dia expulsá-los do país? □ Os vietnamitas expulsaram os americanos □ respondeu Masud, sorrindo.

□ Sei disso... eu estava lá. Sabe com o que conseguiram? □ Um fator importante, em minha opinião, é que os vietnamitas recebiam dos russos carregamentos das armas modernas, especialmente mísseis portáteis terra-ar.

É a única maneira de forças guerrilheiras reagirem aos aviões e helicópteros.

□ Concordo plenamente. E o que é ainda mais importante, o governo dos Estados Unidos também concorda. Gostariam de ajudá-los a obter as melhores. Mas precisariam nos dar um jeito para que vocês tivessem um progresso concreto contra o inimigo com essas armas. O

povo americano gosta de saber o que está recebendo em troca de seu dinheiro. Quando você acha que a resistência afegã será capaz de desfechar ataques unificados, em escala nacional, contra os russos, da maneira com a qual os vietnamitas faziam ao final da guerra? Masud sacudiu a cabeça, hesitante.

□ A unificação da resistência ainda se encontra num estágio inicial.

□ Quais são os principais obstáculos? Ellis prendeu a respiração, rezando para que Masud desse a resposta esperada.

□ A desconfiança entre os diferentes grupos com base é o principal obstáculo. Ellis soltou um disfarçado suspiro de alívio. Masud acrescentou: □ Somente os tribos diferentes, nações diferentes, tem os costumes diferentes. Outros grupos guerrilheiros em borbaram seus com bois e roubam seus suprimentos.

□ Desconfiança □ repetiu Ellis. □ O que mais? □ Com unificação. Precisamos de uma rede regular de mensageiros. Em algum momento, no futuro, vamos precisar também do contato de rádio.

□ Desconfiança e comunicações insuficientes. □ Era isso o que Ellis

esperava ouvir. □

Vam os conversar a respeito de outra coisa.

Sentia-se extremamente cansado, pois perdera muito sangue. Tinha um a vontade quase irresistível de fechar os olhos.

□ Vocês aqui no vale desenvolveram a arte da guerrilha com mais sucesso do que os grupos em outras regiões do Afeganistão. Outros líderes ainda desperdiçam seus recursos

defendendo terras baixas e atacando posições fortes. Gostariam os que treinassem homens de outras partes do país em táticas modernas de guerrilha. Poderia aceitar essa possibilidade? □

Claro... e creio que sei onde você está querendo chegar. De pois de um ano, haveria em cada zona da Resistência um pequeno efetivo de homens treinados no Vale dos Cinco Leões. Poderiam formar uma rede de comunicações. Com prenderiam uns aos outros, confiariam em mim ...

A voz de Masud sumiu, mas Ellis pôde perceber, pela expressão em seu rosto, que ele ainda estava desenvolvendo na cabeça todas as implicações.

□ Muito bem . □ Ellis já estava esgotado, mas quase concluía o acordo. □ Aqui está a minha proposta. Se conseguir obter a concordância dos outros comandantes e iniciar o programa de treinamento, os Estados Unidos fornecerão os lançadores de foguetes RPG-7, mísseis terra-ar e equipamento de rádio. Mas há dois outros comandantes em particular que devem participar do acordo: Jahan Kamil, do Vale Pich; e Amiri Azizi, o comandante de Faizabad.

Masud sorriu, pesaroso.

□ Escolheu os mais difíceis.

□ Sei disso. Pode dar um jeito?

□ Dê-me algum tempo para pensar a respeito.

□ Está certo.

Exausto, Ellis estendeu-se no chão frio e fechou os olhos. Um momento depois estava dormindo.

Capítulo 10

Jean-Pierre andava a esm o pelos cam pos enluarados, m orgulhado na m ais profunda depressão. Um a sem ana antes estava realizado e feliz, senhor da situação, realizando um trabalho útil, enquanto aguardava sua grande oportunidade. Agora, estava tudo acabado, sentia-se im prestável, um fracasso, superado.

Não havia saída. Repassara m uitas vezes as possibilidades, terminando sem pre com a m esm a conclusão: tinha de deixar o Afeganistão.

Sua utilidade com o espião acabara. Não tinha m eios de entrar em contato com Anatoly ; e m esm o que Jane não tivesse destruído o rádio, ele seria incapaz de deixar a aldeia para se encontrar com o russo, pois ela saberia no m esm o instante o que estava fazendo e contaria a Ellis.

Poderia dar um jeito de silenciar Jane (não pense nisso, nem m esm o pense a respeito), m as se algum a coisa acontecesse a ela Ellis haveria de querer saber por quê. Tudo acabava em Ellis. Eu gostaria de m atar Ellis, pensou Jean-Pierre, se tivesse coragem . Mas com o? Não tenho revólver.

O que poderia fazer... cortar sua garganta com um bisturi? Ele é m uito m ais forte... eu j am ais conseguiria dom iná-lo.

Jean-Pierre refletiu sobre o que saíra errado. Ele e Anatoly haviam se tornado negligentes. Deveriam ter se encontrado num lugar de onde tivessem um a boa vista de todos os acessos, a fim de saberem com antecedência da aproximação de qualquer pessoa. Mas quem poderia prever que Jane o seguiria? Ele fora vítima do azar m ais terrível: de o garoto ferido ser alérgico a penicilina; de Jane ter ouvido Anatoly falar; de ela reconhecer o sotaque russo; e de Ellis ter aparecido para lhe dar coragem . Fora azar. Mas os livros de história não se lembram dos homens que quase alcançaram a grandeza. Fiz o m elhor, papai, pensou ele. Quase pôde ouvir a resposta do pai: Não estou interessado se você fez o m elhor, quero saber apenas se foi vitorioso ou se fracassou.

Estava se aproximando da aldeia. Resolveu voltar. Vinha dormindo mal, m as não tinha outra coisa a fazer senão ir para a cama. Encaminhou-se para a casa.

O fato de ainda ter Jane não era um grande consolo. A descoberta do seu segredo parecia tê-los tornado m enos íntimos, e não m ais. Um a nova distância surgira entre os dois, apesar de estarem planejando o

retorno e até conversando sobre o que fariam na Europa. Mas pelo menos ainda se abraçavam na cama à noite. Era alguma coisa.

Entrou em casa. Esperava encontrar Jane já na cama, mas para sua surpresa ela ainda estava de pé. E falou no instante em que ele entrou:

☐ Masud mandou um mensageiro. Você tem de ir a Astana. Ellis está ferido. Ellis ferido. O coração de Jean-Pierre bateu mais depressa.

☐ Com o? ☐ Não é grave. Pelo que disse o mensageiro, acho que ele tem uma bala na bunda.

☐ Irei até lá pela manhã. Jane assentiu.

☐ O mensageiro irá com você. Poderá voltar ao cair da noite.

☐ Está certo.

Jane cuidava para que ele não tivesse qualquer oportunidade de se encontrar com Anatoly. A cautela era desnecessária: Jean-Pierre não tinha meios de marcar um encontro.

E Jane estava se precavendo contra um perigo maior e esquecendo um maior. Ellis estava ferido. Isso o deixava vulnerável. O que mudava tudo.

Agora, Jean-Pierre podia matá-lo.

Jean-Pierre passou a noite inteira acordado, pensando a respeito. Imaginou Ellis estendido sobre um colchão, por baixo de uma figueira, rangendo os dentes contra a dor de um osso estilhaçado, talvez muito pálido e fraco da perda de sangue. Viu-se preparando uma injeção.

"Vou aplicar um antibiótico para evitar a infecção do ferimento", diria. E injetaria uma dose excessiva de digital, que provocaria um ataque cardíaco.

Um ataque cardíaco natural era improvável mas não impossível num homem de trinta e quatro anos, especialmente alguém que vinha desenvolvendo um esforço físico intenso, depois de um longo período de trabalho mais ou menos sedentário. De qualquer forma, não haveria inquérito, autópsia ou suspeitas; no Ocidente, com toda certeza, pensariam que Ellis fora ferido em ação e morreria dos ferimentos. E ali no vale todos aceitariam o diagnóstico de Jean-Pierre.

Confiavam nele tanto quanto em qualquer dos lugares-tenentes de Masud ☐ o que era natural, pois se sacrificara tanto quanto os outros

pela causa, ao que lhes parecia. Som ente Jane ficaria desconfiada.

E o que ela poderia fazer? Jean-Pierre não sabia. Jane era um a adversária form idável quando contava com o apoio de Ellis, m as se tornava relativam ente im potente sozinha. Jean-Pierre poderia até persuadi-la a continuar no vale por m ais um ano. Podia prom eter que não voltaria a trair os com boios, depois encontrar um m eio de restabelecer o contato com Anatoly e aguardar a oportunidade de apontar Masud aos russos.

Deu a m am adeira a Chantal às duas horas da m adrugada e depois voltou para a cam a.

Nem m esm o tentou dorm ir. Estava m uito ansioso, excitado e assustado. Deitado, esperando que o sol nascesse, pensou em todas as coisas que poderiam sair erradas: Ellis podia recusar o tratam ento, ele podia aplicar um a dose errada, Ellis podia ter sofrido um m ero arranhão e estaria andando norm alm ente, Ellis e Masud j á poderiam ter deixado Astana. O sono de Jane foi perturbado pelos sonhos. Ela se m exia e virava ao seu lado, de vez em quando m urm urando sílabas incom preensíveis. Som ente Chantal dorm iu bem .

Jean-Pierre levantou-se pouco antes do am anhecer, acendeu o fogo e foi ao rio tom ar um banho. Ao voltar, o m ensageiro j á estava em seu pátio, tom ando o chá feito por Fará e com endo a sobra do pão do dia anterior. Jean-Pierre tom ou chá, m as não foi capaz de com er qualquer coisa.

Jane am am entava Chantal no telhado. Jean-Pierre subiu e beij ou as duas em despedida.

Cada vez que tocava em Jane lem brava de com o a esm urrara e sentia todo o seu ser estrem ecer de vergonha. Ela parecia tê-lo perdoado, m as ele não podia se perdoar.

Ele conduziu a velha égua pela aldeia e desceu para o rio. com o m ensageiro ao lado, foi seguindo correnteza abaixo. Havia um a estrada para Astana, ou o que parecia ser um a estrada em Cinco Leões: um a faixa de terra rochosa, com dois ou três m etros de largura, apropriada para carroças de m adeira ou j ipes m ilitares, m as capaz de destruir um carro com um em poucos m inutos. O vale era um a sucessão de gargantas rochosas estreitas, alargando-se a intervalos para form ar pequenas planícies cultivadas, com dois ou três quilôm etros de com prim ento, pouco m ais de um quilôm etro de largura, em que os aldeões ganhavam um sustento escasso do solo relutante pelo trabalho

árduo e irrigação eficiente. A estrada permitia que Jean-Pierre montasse nos trechos de descida. (A égua não era bastante boa para que ele montasse nas subidas.) O vale devia ter sido, no passado, um lugar idílico, pensou ele, enquanto seguia para o sul, ao sol claro da

manhã. Irrigado pelo Rio dos Cinco Leões, protegido pelos altos paredões do vale, organizado de acordo com as tradições antigas e intocado, a não ser por um ocasional transportador de manateira de Nuristan ou um vendedor de fitas de Kabul, devia ser um remanescente da Idade Média. Agora, o século XX o alcançara, com uma vingança. Quase todas as aldeias haviam sofrido danos por bombardeio: um olho de vento destruído, uma campina cheia de crateras, um antigo aqueduto de manateira arrebentado, uma ponte de pedra reduzida a escombros no rio impetuoso.

O efeito de tudo isso sobre a vida econômica do vale era evidente ao examinar meticulosamente Jean-Pierre. Aquela casa era um açougue, mas o cepo de manateira na frente não mostrava carne alguma. Aquela campina invadida pelo mata fora outrora uma horta, mas seu dono fugira para o Paquistão. Havia um pomar com as frutas apodrecendo pelo chão, quando deveriam estar secando num telhado a fim de serem armazenadas para o frio e longo inverno: as mulheres e as crianças que cuidavam do pomar haviam morrido, o mato se dedicava inteiramente à guerrilha. Aquela pilha de terra e manateira fora uma mesquita, e os aldeões resolveram não reconstruí-la, pois provavelmente seria bombardeada outra vez. Todo esse desperdício e destruição acontecia porque homens com o Masud tentavam resistir à ordem da história e enganavam os camponeses ignorantes, persuadindo-os a apoiá-los. Masud fora do caminho, tudo aquilo terminaria. E com Ellis fora do caminho, Jean-Pierre poderia cuidar de Masud.

Perguntou-se, ao se aproximarem de Astana, por volta de meio-dia, se teria alguma dificuldade para espetar a agulha. A ideia de matar um paciente era tão grotesca que ele não sabia como reagir.

Já vira pacientes morrerem, é claro; mas sempre se sentia consumido pelo pesar por não ter podido salvá-los. Quando tivesse Ellis desamparado à sua frente, com a seringa na mão, seria torturado pela dúvida, como o Macbeth, ou vacilaria, como o Raskolnikov em Crime e Castigo?

Passaram por Sangana, com seu cemitério e sua praia arenosa, seguiram a estrada por uma curva do rio. Havia um trecho de terra cultivada à frente e um grupo de casas na encosta. Um ou dois m

inutos depois um garoto de onze ou doze anos atravessou os cam pos ao encontro deles e conduziu-os não para a aldeia na colina, e sim para um a casa grande à beira da terra cultivada.

Jean-Pierre ainda não tinha dúvidas, nenhum a hesitação; experim entava apenas um a apreensão ansiosa, com o m om entos antes de algum a prova.

Tirou a m aleta da égua, entregou a rédea ao garoto e entrou no pátio da casa.

Vinte ou m ais guerrilheiros estavam espalhados por ali, acorados, olhando para o espaço, esperando com um a paciência nativa. Jean-Pierre correu os olhos ao redor e constatou que Masud não estava ali, m as avistou dois dos seus principais auxiliares. Ellis estava num canto ensom breado, deitado sobre um a m anta.

Jean-Pierre aj oelhou-se ao seu lado. Era evidente que Ellis sofria algum a dor da bala.

Estava deitado de barriga para baixo, o rosto contraído, rangendo os dentes.

A pele era pálida e havia gotas de suor na testa. A respiração parecia áspera.

□ Dói m uito? □ indagou Jean-Pierre, em inglês.

□ E com o! □ respondeu Ellis, entre os dentes sem icerrados.

Jean-Pierre puxou o lençol que o cobria. Os guerrilheiros haviam cortado as roupas de Ellis e aj eitado um a atadura im provisada no ferim ento. Jean-Pierre tirou-a.

Pôde verificar no m esm o instante que o ferim ento não era grave. Ellis sangrara m uito e a

bala ainda se achava aloj ada no m úsculo, devia doer m uito, m as não atingira qualquer osso ou vasos sanguíneos m aiores; curaria depressa.

Não, não vai curar, Jean-Pierre lem brou a si m esm o. Não vai curar absolutam ente.

□ Vou lhe dar prim eiro algo para atenuar a dor.

□ Agradeço □ m urm urou Ellis.

Jean-Pierre viu que Ellis tinha uma cicatriz enorme e nas costas, no formato de uma cruz, e especulou com ele a consequência. Nunca saberei, refletiu ele. Abriu a muleta.

Vou matar Ellis agora, pensou. Nunca matei ninguém, nem me esmoro por acidente. Como é ser um assassino? Há pessoas fazendo isso todos os dias: homens matam as esposas, mulheres matam os filhos, assassinos matam políticos, assaltantes matam os donos das casas, carrascos matam condenados. Pegou uma seringa grande e cometeu a enchê-la com digitoxina: a droga vinha em frascos pequenos e tinha de esvaziar quatro para obter uma dose letal.

Como seria observar Ellis morrer? O primeiro efeito da droga seria a aceleração dos batimentos cardíacos. Ellis sentiria isso, ficaria ansioso e incomodado. E depois, quando o veneno afetasse o mecanismo do ritmo do coração, ele teria batimentos extras, um pequeno depois de cada normal. E se sentiria terrivelmente nauseado. Os batimentos acabariam se tornando totalmente irregulares, as cavidades superior e inferior do coração bateriam independentes, e Ellis morreria em agonia e terror.

O que farei, pensou Jean-Pierre, quando ele gritar de dor e pedir a mim, o médico, para socorrê-lo? Deixarei que ele saiba que o quero morto? Ele vai adivinhar que o envenenei? Direi palavras reconfortantes, tentarei atenuar a angústia de sua morte? Trate de relaxar, é apenas o efeito colateral normal do analgésico, tudo acabará bem.

A injeção estava pronta.

Posso fazê-lo, cometeu Jean-Pierre. Posso matá-lo. Só não sei o que me acontecerá depois.

Ele descobriu a parte superior do braço de Ellis e, por pura força de hábito, esfregou uma mancha com álcool.

Masud chegou nesse momento.

Jean-Pierre não o ouvira se aproximar e por isso teve a impressão de que ele surgiu do nada, o que lhe provocou um sobressalto. Masud pôs a mão em seu ombro.

□ Eu lhe dei um susto, Monsieur le docteur. □ Ele ajoelhou-se junto à cabeça de Ellis. E

acrescentou, em francês, para o ferido: □ Pensei muito na proposta do

governo am ericano.

Jean-Pierre tam bém estava aj oelhado, paralisado, a seringa na m ão direita. Que proposta? O que estava acontecendo? Masud falava abertam ente, com o se Jean-Pierre fosse um dos seus com panheiros □ o que, de certa form a, era verdade □ m as Ellis... Ellis podia sugerir que conversassem em particular.

Ellis soergueu-se, apoiado num cotovelo, com bastante esforço. Jean-Pierre prendeu a respiração. Mas tudo o que Ellis disse foi: □ Continue.

Ele está exausto dem ais, pensou Jean-Pierre, sente m uita dor, não pode pensar em precauções; além do m ais, assim com o Masud, não tem m otivos para desconfiar de m im .

□ É boa □ declarou Masud. □ Mas tenho pensado com o posso cum prir a m inha parte do acordo. Mas é claro!, pensou Jean-Pierre. Os am ericanos não m andaram para cá um dos m ais im portantes agentes da CIA só para ensinar alguns guerrilheiros a explodir pontes e túneis. Ellis

está aqui para fazer um acordo. Masud continuou: □ O plano de treinar hom ens de outras regiões deve ser explicado aos diversos com andantes. O que será bastante difícil. Eles ficarão desconfiados... especialm ente se eu apresentar a proposta. Acho que você é que deve fazer isso e lhes contar o que seu governo oferece.

Jean-Pierre estava totalm ente absorto na conversa. Um plano para treinar hom ens de outras áreas! Mas qual era a ideia por trás? Ellis falou com algum a dificuldade: □ Eu teria o m aior prazer em fazer isso. Mas você precisaria reuni-los.

□ Não há problem a. □ Masud sorriu. □ Convocarei um a conferência de todos os líderes da Resistência, aqui, no Vale dos Cinco Leões, na aldeia de Darg, dentro de oito dias.

Despacharei os m ensageiros hoj e, com a inform ação de que um representante do governo dos Estados Unidos está aqui para discutir o fornecim ento de arm as.

Um a conferência! Fornecim ento de arm as! Os contornos do acordo estavam se tornando definidos para Jean-Pierre. Mas o que ele deveria fazer? □ Eles virão? □ indagou Ellis.

□ Muitos virão □ respondeu Masud. □ Nossos cam aradas dos desertos

ocidentais não vão aparecer... é muito longe e eles não nos conhecem

□ E os dois que querem os especialmente, Kam il e Azizi? Masud deu de ombros.

□ Está nas mãos de Deus.

Jean-Pierre tremava de excitação. Aquele seria o acontecimento mais importante na história da Resistência afegã. Ellis remexeu na mochila, que estava no chão, perto de sua cabeça.

□ Posso ajudá-lo a persuadir Kam il e Azizi. □ Tirou dois pacotes pequenos e abriu um.

Continha um pedaço retangular de metal amarelado. □ Ouro. Cada barra dessas vale cinco mil dólares.

Era uma fortuna: cinco mil dólares representavam mais do que o rendimento de dois anos de um afegão médio. Masud pegou a barra, apontou para uma gravação no meio e perguntou: □

O que é isto? □ O selo do Presidente dos Estados Unidos □ explicou Ellis.

Muito esperto, pensou Jean-Pierre. O tipo de coisa que impressionaria os líderes tribais e os deixaria com uma curiosidade irresistível de conhecer Ellis.

□ Isso ajudará a persuadir Kam il e Azizi? □ acrescentou Ellis.

Masud acenou com a cabeça.

□ Acho que eles virão.

Pode apostar qualquer coisa com eles virão, pensou Jean-Pierre.

E de repente ele sabia exatamente o que tinha de fazer. Masud, Kam il e Azizi, os três grandes líderes da Resistência, estariam juntos na aldeia de Darg, dentro de oito dias.

Tinha de avisar a Anatoly.

E Anatoly poderia então matar a todos.

É isso, refletiu Jean-Pierre; é esse o motivo por que tenho esperado desde que cheguei ao vale. Tenho Masud onde o quero... e também

ais dois líderes rebeldes.

Mas com o avisar a Anatoly ? Tem de haver um m eio.

□ Um a conferência de cúpula □ com entou Masud, sorrindo, orgulhoso. □ Será um bom com eço para a nova união da Resistência, não é m esm o? Ou isso ou o com eço do fim , pensou Jean-Pierre. Baixou a m ão, apontando a agulha para o chão, com prim iu o em bolo, esvaziando a seringa. Observou o veneno ser absorvido pela terra. Um novo com eço ou o princípio do fim .

Jean-Pierre aplicou um anestésico em Ellis, extraiu a bala, lim pou o ferim ento, pôs um

novo curativo e inj etou um antibiótico para evitar a infecção. Cuidou tam bém de dois guerrilheiros que haviam sofrido ferim entos m enores na escaram uça. A esta altura, j á se espalhara pela aldeia a notícia de que o doutor estava ali, e os pacientes se agrupavam no pátio.

Jean-Pierre tratou de um bebê com bronquite, três pequenas infecções e um m ula com verm es.

E, depois, alm oço. No m eio da tarde arrum ou sua m aleta e m ontou em Maggie para a viagem de volta.

Deixou Ellis para trás. Seria m uito m elhor para Ellis continuar onde estava por alguns dias, pois o ferim ento sararia m ais depressa se ficasse em repouso. Jean-Pierre sentia-se agora paradoxalm ente ansioso para que Ellis perm anecesse com boa saúde, j á que a conferência de cúpula seria cancelada se ele m orresse.

Enquanto subia pelo vale, na velha égua, Jean-Pierre vasculhava o cérebro à procura de um m eio de entrar em contato com Anatoly . Claro que podia sim plesm ente dar a volta e descer o vale até Rokha, apresentando-se aos russos. Desde que não fosse fuzilado à prim eira vista, estaria em pouco tem po na presença de Anatoly . Mas Jane saberia aonde fora e o que fizera, contaria a Ellis, que prontam ente m udaria o local e a data da conferência.

Precisava encontrar um j eito de enviar um a carta a Anatoly . Mas quem a levaria? Havia um tráfego constante de pessoas pelo vale a cam inho de Charikar, a cidade ocupada pelos russos na planície, a m ais de cem quilôm etros de distância, ou de Kabul, a capital, a cento e cinquenta quilôm etros de distância. Eram fazendeiros de Nuristan levando m anteiga e queij o, m ercadores am bulantes vendendo

panelas e outros utensílios, pastores conduzindo pequenos rebanhos de ovelhas ao mercado, famílias de nomades em penhadas em suas misteriosas atividades. Podia-se subornar qualquer um deles para levar uma carta a uma agência do correio ou simplesmente entregá-la a um soldado russo. Kabul ficava a três dias de viagem, Charikar a dois. Rokha, onde havia soldados russos, mas não tinha agência do correio, ficava apenas um dia de viagem.

Jean-Pierre estava convencido de que poderia encontrar alguém que aceitaria sua missão. Havia um perigo, é claro: a carta podia ser aberta e lida, Jean-Pierre seria descoberto, torturado e morto. Ele podia estar disposto a assumir esse risco. Mas havia outro obstáculo. Depois de receber o dinheiro, o mensageiro entregaria a carta? Não havia qualquer garantia de que ele não a "perderia" pelo caminho. Jean-Pierre talvez já mais soubesse o que acontecera. O plano era incerto demais.

Ainda não encontrara uma solução quando chegou a Banda, ao anoitecer. Jane estava no telhado da casa, aproveitando a brisa vespertina, com Chantal nos olhos. Jean-Pierre acenou para elas, entrou na casa e pôs uma alética médica no balcão ladrilhado. Foi quando a esvaziava, ao ver as pílulas de diamantina, que compreendeu que havia uma pessoa a quem poderia confiar a carta para Anatoly. Encontrou um lápis na alética. Tirou o papel de embalagem das mechas de algodão e rasgou um retângulo. Não havia papel para se escrever. Escreveu em francês: Ao Coronel Anatoly, da KGB: Parecia estranhamente melódico, mas ele não sabia de que outra forma começar. Não conhecia o nome inteiro de Anatoly e não dispunha de um endereço. E continuou: Masud convocou uma reunião dos líderes da Rebelião. Eles vão se encontrar daqui a oito dias, na quinta-feira, 27 de agosto, em Darg, a aldeia mais próxima ao sul de Banda. Provavelmente todos dormirão na mesquita naquela noite e passarão juntos a sexta-feira, que é um dia santo. A conferência foi promovida para que todos possam conversar com um agente da CIA que conheço pelo nome de Ellis Thaler e que chegou ao vale há uma semana.

Esta é a nossa grande oportunidade! Acrescentou a data e assinou "Simplex".

Não tinha um envelope, não via nenhum desde que deixara a Europa. Tentou imaginar qual seria a melhor maneira de cobrir a carta. Olhando ao redor, viu uma caixa de recipientes de plástico para distribuir pílulas. Vinham com rótulos adesivos que Jean-Pierre nunca usava, porque não conhecia a escrita persa. Enrolou a carta num

cilindro e aj eitou-a num dos recipientes.

Perguntou-se com o endereço-la. Em algum ponto da viagem , a m ensagem passaria por um soldado russo. Jean-Pierre im aginou um burocrata de óculos, m uito nervoso, num escritório frio, ou talvez um sentinela bronco, postado à frente de um a cerca de aram e farpado. Não podia haver a m enor dúvida de que a arte de transferir responsabilidade era tão desenvolvida no exército soviético quanto no francês na ocasião em que Jean-Pierre prestara serviço m ilitar.

Pensou na m aneira de fazer a coisa parecer bastante im portante para ser encam inhada a um superior. Não havia sentido em escrever "Im portante", "KGB" ou qualquer outra coisa em francês, inglês ou m esm o dari, pois o soldado não seria capaz de ler qualquer delas. Jean-Pierre, por sua vez, não sabia a escrita russa. Era irônico que a m ulher no teto, cuj a voz ele podia ouvir a entoar um acalanto, falasse russo com fluência e, se quisesse, poderia lhe ensinar a escrever qualquer coisa. Por fim , escreveu "Anatoly □ KGB", em caracteres latinos, grudou o rótulo no recipiente, colocou-o num a caixa vazia de rem édio que tinha o aviso Veneno! em quinze línguas diferentes e três sím bolos internacionais.

Am arrou a caixa com um barbante.

Agindo com rapidez, guardou tudo na m aleta m édica e substituiu as coisas que usara em Astana. Pegou um punhado de pílulas de diam orfina e m eteu-as no bolso da cam isa.

Finalm ente envolveu a caixa de Veneno! com um a toalha puída. Saiu da casa, gritando para Jane: □ Vou ao rio tom ar um banho.

□ Está bem .

Jean-Pierre atravessou depressa a aldeia, acenando com a cabeça bruscam ente para algum as pessoas, e saiu para os cam pos. Sentia o m aior otim ism o. Muitos riscos eram inerentes a seus planos, m as podia outra vez acalentar a esperança de um grande triunfo. Contornou um cam po de trevos que pertencia ao m ula e desceu um a série de terraços. A cerca de um quilôm etro e m eio da aldeia, num afloram ento rochoso na encosta, havia um a cabana solitária que fora bom bardeada. Estava escurecendo quando Jean-Pierre se aproxim ou. Foi avançando devagar, cauteloso, pelo terreno irregular, lam entando não ter trazido um lam pião.

Parou diante da pilha de escom bros que fora outrora a frente da casa. Pensou em entrar, m as foi dissuadido pelo cheiro e pela escuridão.

Lim itou-se a gritar: □ Ei! Um vulto inform e m exeu-se no chão, assustando-o. Ele deu um pulo para trás, praguej ando. O m alang levantou-se.

Jean-Pierre fitou o rosto esquelético e a barba em aranhada do louco. E recuperando o controle, disse em dari: □ Deus estej a com você, santo hom em .

□ E com você, doutor.

Jean-Pierre o encontrava num a fase coerente. Ótim o.

□ Com o está sua barriga? O hom em acalentava um a dor de estôm ago: com o sem pre, queria drogas. Jean-Pierre deu-lhe um a pílula de diam orfina, deixando que visse as outras, antes de guardá-las no bolso. O m alang tom ou a pílula e m urm urou: □ Quero m ais.

□ Pode ter m ais □ respondeu Jean-Pierre. □ Muito m ais. O hom em estendeu a m ão.

□ Mas tem de fazer um a coisa para m im □ acrescentou Jean-Pierre. O louco assentiu,

ansiosam ente.

□ Tem de ir a Charikar e entregar isto a um soldado russo. Jean-Pierre optara por Charikar, apesar de envolver m ais um dia de viagem , porque tem ia que Rokha, sendo um a cidade rebelde tem porariam ente ocupada pelos russos, pudesse estar em plena confusão, acarretando a perda da m ensagem ; Charikar, por outro lado, ficava em território russo perm anente. E optara por um soldado, em vez de um a agência do correio, porque o m alang talvez não fosse capaz de com prar um selo e despachar algum a coisa.

Observou atentam ente o rosto suj o do hom em . Estivera se perguntando se o m alang com preenderia até m esm o essas instruções sim ples. Mas a expressão de m edo à m enção de um soldado russo indicava que ele entendia perfeitam ente.

Haveria algum m eio de Jean-Pierre garantir que o m alang de fato cum priria as ordens?

Ele tam bém podia j ogar o pacote fora e voltar j urando que realizara a m issão, pois se era bastante inteligente para com preender o que devia fazer, poderia igualm ente m entir a respeito.

Jean-Pierre teve um a ideia inspirada.

□ E com pre um m aço de cigarros russos. O m alang estendeu as m ãos vazias.

□ Sem dinheiro.

Jean-Pierre sabia que ele não tinha dinheiro. Deu-lhe cem afeganes. Isso garantiria que ele fosse a Charikar. Mas haveria algum m eio de obrigá-lo a entregar o pacote? -se fizer o que estou pedindo, eu lhe darei todas as pílulas que quiser. Mas não tente m e enganar... eu saberei se o fizer, nunca m ais lhe darei as pílulas, a dor na barriga vai ficar cada vez pior, você vai inchar e depois explodir com o um a granada, m orrendo em agonia. Está m e entendendo? □ Estou.

Jean-Pierre observou-o à claridade precária. O branco dos olhos brilhava. O m alang parecia apavorado. Jean-Pierre entregou-lhe o resto das pílulas de diam orfina.

□ Tom e um a em cada m anhão, até voltar a Banda. O louco balançou a cabeça.

□ Vá agora e não tente m e enganar.O hom em virou-se e com eçou a correr pela trilha irregular, com seu j eito esquisito, parecendo um anim al.

Observando-o desaparecer na escuridão que se adensava, Jean-Pierre pensou: O futuro deste país está em suas m ãos im undas, seu pobre louco. Que Deus o acom panhe. Um a sem ana depois o m alang ainda não voltara.

Na quarta-feira, o dia anterior à conferência, Jean-Pierre estava transtornado. A cada hora dizia a si m esm o que o hom em poderia chegar na hora seguinte. Ao final de cada dia, pensava que o veria no dia seguinte.

A atividade aérea no vale aum entara, acrescentando um novo fator às preocupações de Jean-Pierre. Durante a sem ana inteira os j atos passaram uivando, indo bom bardear outras aldeias. Banda tivera sorte: apenas um a bom ba caíra ali e abrira um único e enorm e buraco no cam po de trevos de Abdullah. Mas o constante barulho e perigo deixavam todos nervosos. A tensão produziu um increm ento previsível de pacientes com sintom as de estresse na clínica de Jean-Pierre: abortos espontâneos, acidentes dom ésticos, vômitos inexplicáveis, dores de cabeça.

Eram as crianças que tinham as dores de cabeça. Na Europa, Jean-Pierre teria recom endado a psiquiatria. Ali, encam inhava-as ao m ula. Nem a psiquiatria nem o Islã seriam de grande proveito, pois o problem a das crianças era a guerra.

Ele cuidou dos pacientes da m anã de m aneira m ecânica fazendo as perguntas de rotina em dari, anunciando o diagnóstico a Jane em francês, pondo curativos em ferim entos, aplicando

inj eções e distribuindo recipientes de plástico com pílulas e vidrinhos de m edicam entos coloridos.

O m alang devia ter levado dois dias para percorrer a pé o cam inho até Charikar. Podia-se calcular um dia para que ele reunisse a coragem para abordar um soldado russo, um a noite para superar o im pacto, m ais dois dias na viagem de volta. Deveria ter chegado anteontem . O que acontecera? Perdera o pacote e preferira se m anter ao largo, trem endo de m edo? Tom ara todas as pílulas de um a vez e ficara doente? Caíra no rio e se afogara? Fora usado pelos russos para um exercício de tiro ao alvo? Jean-Pierre olhou para o relógio de pulso. Eram dez e m eia. A qualquer m om ento o m alang poderia chegar, trazendo um m aço de cigarros russos com o prova de que estivera em Charikar. Jean-Pierre especulou por um instante com o explicaria o m aço a Jane, pois ele não fum ava. Concluiu que não havia necessidade de qualquer explicação para os atos de um lunático.

Ele fazia um curativo num garoto do vale vizinho, que queim ara a m ão num a fogueira, quando ouviu lá fora o barulho de passos e saudações, indicando que alguém chegara.

Jean-Pierre contevê a ansiedade e continuou a fazer o curativo no garoto.

Olhou para trás quando ouviu Jane falar e descobriu, desapontado, que não era o m alang, m as sim dois estranhos.

Um deles disse: □ Deus estej a com você, doutor.

□ E com você tam bém . □ A fim de evitar um a troca prolongada de saudações, Jean-Pierre apressou-se em acrescentar: □ Qual é o problem a? □ Houve um terrível bom bardeio em Skabun. Muitas pessoas m orreram e há inúm eros feridos.

Jean-Pierre olhou para Jane. Ainda não podia deixar Banda sem a perm issão dela, pois Jane receava que ele desse um j eito de entrar em contato com os russos. Mas era evidente que ele não poderia ter

prom ovido aquela em ergência.

□ Devo ir? □ ele perguntou a Jane, em francês. □ Ou você vai? Jean-Pierre não queria realmente ir, pois era bem provável que teria de passar a noite inteira em Skabun. Preferia permanecer em Banda, esperando o malang.

Jane hesitou. Jean-Pierre sabia que ela estava pensando que se fosse teria de levar Chantal. Além do mais, ela sabia que não tinha condições de cuidar de ferimentos traumáticos.

□ A decisão é sua □ acrescentou Jean-Pierre.

□ Vá você.

□ Está bem . □ Skabun ficava a duas horas de viagem . Se trabalhasse depressa e não houvesse muitos feridos, pensou Jean-Pierre, poderia voltar ao anoitecer. □ Tentarei voltar ainda esta noite.

Ela se adiantou e beijou-o no rosto, murmurando: □ Obrigada.

Ele verificou a mala médica: morfina para dor, penicilina para evitar infecções, seringas e fio cirúrgico, um bom suprimento de ataduras. Pôs um gorro na cabeça e um manto nos ombros.

□ Não levarei Maggie □ ele informou a Jane. □ Skabun não é tão longe e o caminho é péssimo. Jean-Pierre tornou a beijá-la, depois virou-se para os dois mensageiros e acrescentou:

□ Vámbora.

Desceram para a aldeia, vadearam o rio, subiram a trilha íngreme e no outro lado. Jean-Pierre pensava em Jane. Se o seu plano desse certo e os russos massacassem Masud, com o que ela reagiria? Saberia que ele estivera por trás. Mas certamente não o denunciaria. Jane continuaria a

amá-lo? Jean-Pierre a queria. Desde que viviam juntos que sofria cada vez menos das profundas depressões que antes o dominavam regularmente. Pelo simples fato de amá-lo, Jane fazia com que ele se sentisse bem . E Jean-Pierre queria isso. Mas também queria ter sucesso em sua missão. Pensou: creio que quero mais o sucesso do que a felicidade, e é por isso que estou disposto a correr o risco de perdê-la para ter a oportunidade de massacar Masud. Os três homens foram andando para sudoeste, pela trilha no alto do penhasco, o estrondo do rio ressoando em seus ouvidos. Jean-Pierre perguntou: □

Quantos m ortos? □ Muitos □ respondeu um dos m ensageiros. Jean-Pierre estava acostum ado a respostas assim . Paciente, ele insistiu: □ Cinco?

Dez? Vinte? Quarenta? □ Cem .

Jean-Pierre não acreditou, pois não havia tantos habitantes em Skabun.

□ Quantos feridos? □ Duzentos.

Era absurdo. Será que o hom em não sabia?, especulou Jean-Pierre. Ou estava exagerando, com receio de que o m édico resolvesse voltar se indicasse núm eros pequenos?

Talvez, sim plesm ente, ele não fosse capaz de contar além de dez.

□ Que tipo de ferim entos? □ Buracos, cortes e gente sangrando.

Pareciam m ais ferim entos de um a batalha. Os bom bardeios produziam concussões, queim aduras e lesões decorrentes do desm oronam ento de prédios. Aquele hom em era obviam ente um a péssim a testem unha. Não havia sentido em continuar a interrogá-lo.

Três quilôm etros além de Banda eles deixaram a trilha do penhasco e seguiram para o norte, por um cam inho que Jean-Pierre não conhecia.

□ Este é o cam inho para Skabun? □ É, sim .

Devia ser um atalho que ele nunca descobrira. A direção geral era aquela m esm a.

Poucos m inutos depois eles avistaram um a das pequenas cabanas de pedra em que os viaj antes podiam descansar ou passar a noite. Para surpresa de Jean-Pierre, os m ensageiros encam inharam -se para a entrada sem porta.

□ Não tem os tem po para descansar □ declarou ele irritado. □ Há feridos à m inha espera.

E foi nesse instante que Anatoly saiu da cabana.

Jean-Pierre ficou atordoado. Não sabia se se sentia exultante porque agora poderia falar da conferência a Anatoly ou apavorado com a possibilidade de os afegãos m atarem o russo.

□ Não se preocupe □ disse Anatoly , interpretando sua expressão. □ Eles são soldados do exército regular afegão. Mandeí que fossem buscá-lo.

Era brilhante. Não houvera qualquer bom bardeio em Skabun. Tudo não passava de um estratagem a inventado por Anatoly para atrair Jean-Pierre.

□ Am anã vai acontecer um a coisa da m aior im portância...

□ Já sei, j á sei □ interrom peu-o Anatoly . □ Recebi sua m ensagem . E é por isso que estou aqui.

□ E vai pegar Masud? Anatoly sorriu som briam ente, m ostrando os dentes m anchados de tabaco.

□ Pegarem os Masud. Acalm e-se.

Jean-Pierre com preendeu que se com portava com o um a criança excitada no Natal.

Reprim iu seu enthusiasm o com algum esforço.

□ Quando o m alang não voltou, pensei...

□ Ele chegou ontem a Charikar □ explicou Anatoly . □ Só Deus sabe o que lhe aconteceu

no cam inho. Por que não usou o rádio? □ Quebrou. □ Jean-Pierre não queria explicar o problem a de Jane naquele m om ento. □ O m alang fará qualquer coisa por m im porque lhe forneço heroína, em que está viciado.

Anatoly fitou-o duro por um m om ento, um pouco de adm iração se insinuando em seus olhos, depois m urm urou: □ Fico contente que você estej a do m eu lado. Jean-Pierre sorriu.

□ Quero saber m ais. □ Anatoly passou um braço pelos om bros de Jean-Pierre, levando-o para o interior da cabana. Sentaram -se no chão de terra. Anatoly acendeu um cigarro e depois perguntou: □ Com o tom ou conhecim ento da conferência? Jean-Pierre falou sobre Ellis, o ferim ento a bala, a conversa de Masud com o am ericano quando ele estava prestes a m atá-lo, as barras de ouro, o program a de treinam ento e as arm as prom etidas.

□ É fantástico! □ com entou Anatoly . □ Onde Masud está agora? □

Não sei. Mas é bem provável que ele chegue a Darg hoj e. Ou am anã, o m ais tardar.

☐ Com o sabe? ☐ Ele convocou a reunião... com o poderia deixar de com parecer? Anatoly acenou com a cabeça.

☐ Descreva o hom em da CIA.

☐ Ele deve ter 1,80 m de altura, setenta quilos, louro, olhos azuis, trinta e quatro anos, parece um pouco m ais velho, instrução superior.

☐ Passarei as inform ações pelo com putador.

Anatoly levantou-se. Deixou a cabana e Jean-Pierre seguiu-o. Lá fora, Anatoly tirou do bolso um pequeno rádio transm issor, puxou a antena, apertou um botão e falou em russo. Depois, virou-se para Jean-Pierre e disse: ☐ Teve sucesso em sua m issão, m eu am igo. É verdade, pensou Jean-Pierre. Tive sucesso.

☐ Quando vão atacar? ☐ Am anã, é claro.

Am anã. Jean-Pierre experim entou um intenso j úbilo. Am anã.

Os outros olhavam para cim a. Ele acom panhou os olhares e viu um helicóptero baixando.

Anatoly devia tê-lo convocado pelo transm issor. O russo estava agora abandonando toda e qualquer cautela: o j ogo quase term inava, aquela era a últim a cartada, o segredo e o disfarce deviam ser substituídos pela ousadia e rapidez. O aparelho pousou, com algum a dificuldade, num pequeno trecho plano, a cem m etros de distância.

Jean-Pierre encam inhou-se para o helicóptero com os três outros hom ens. Não sabia para onde ir depois que eles partissem . Não tinha nada a fazer em Skabun, m as tam bém não podia voltar a Banda im ediatam ente sem revelar que não encontrara víctim as de bom bardeio. Concluiu que o m elhor era passar algum as horas sentado na cabana de pedra e depois voltar. Estendeu a m ão para Anatoly .

☐ Au revoir.

Anatoly não apertou sua m ão.

☐ Entre.

☐ Com o? ☐ Entre no helicóptero. Jean-Pierre ficou aturdido.

□ Por quê? □ Você vai conosco.

□ Para onde? Bagram ? Para território russo? □ Isso mesmo.

□ Mas não posso...

□ Pare por um instante e preste atenção □ disse Anatoly , paciente. □ Seu trabalho está feito. A missão no Afeganistão terminou. Alcançou seu objetivo. Vamos capturar Masud

amanhã. Você pode voltar para casa. E, agora, tornou-se um risco de segurança. Sabe o que planejamos fazer amanhã. Assim , não pode permanecer em território rebelde.

□ Mas eu não contaria a ninguém ! □ E se o torturassem ? E se torturassem sua mulher em sua presença? E se espartilhassem sua filha na presença de sua mulher? □ Mas o que acontecerá com elas se eu for embora? □ Amanhã, no ataque, vamos pegá-las e levá-las para você.

□ Não posso acreditar nisso.

Jean-Pierre sabia que Anatoly estava certo, mas a ideia de não voltar a Banda era tão inesperada que o deixava desorientado. Jane e Chantal ficariam seguras? Os russos realmente iriam buscá-las? Anatoly permitiria que os três voltassem a Paris? Quando poderiam partir? □

Entre □ repetiu Anatoly .

Os dois afegãos estavam parados nos lados de Jean-Pierre e ele compreendeu que não tinha opção: se se recusasse a embarcar, eles o levariam à força no helicóptero.

Ele entrou.

Anatoly e os afegãos embarcaram também e o helicóptero alçou voo. Ninguém fechou a porta. Enquanto o helicóptero subia, Jean-Pierre teve a sua primeira visão aérea do Vale dos Cinco Leões. O rio branco zigzagueava pela terra parda, fazendo-o lembrar da cicatriz de um antigo ferimento de faca na testa escura de Shahazai Gul, o irmão da parteira. Avistou a aldeia de Banda, com seus campos amarelos e verdes, parecendo um tapete de retalhos. Observou atentamente o topo da colina em que ficavam as cavernas, mas não percebeu sinais de ocupação: os aldeões haviam escolhido muito bem o seu esconderijo. O helicóptero subiu ainda mais e fez uma volta, ele não pôde

ais ver Banda. Procurou por outros pontos de referência.

Passei um ano de m inha vida ali, pensou ele, e agora nunca m ais tornarei a ver a aldeia.

Identificou a aldeia de Darg, com sua m esquita de dom o. Este vale foi o baluarte da Resistência, refletiu Jean-Pierre. Mas am anã será um m em orial a um a rebelião fracassada. E tudo por m inha causa.

O helicóptero virou para o sul e cruzou a m ontanha, e em poucos segundos o vale desaparecera.

Capítulo 11

Fará chorou um dia inteiro quando soube que Jane e Jean-Pierre partiriam com o próximo com boio. Sentia um profundo afeto por Jane e adorava Chantal. Jane ficou satisfeita, mas em barçada: parecia às vezes que Fará a preferia à sua própria mãe. Mas Fará dera a im pressão de aceitar a ideia de que Jane iria em bora e no dia seguinte voltara a ser com o antes, igualmente devotada, mas não mais desolada.

A própria Jane estava nervosa com a perspectiva da viagem. Do vale ao Passo Khyber o percurso era de duzentos e cinquenta quilômetros. Na vinda, a viagem levaria quatorze dias. Jane ficara com bolhas e diarreia, além das inevitáveis dores no corpo. Agora, tinha de fazer a m esma viagem carregando uma criança de dois meses.

Haveria cavalos, mas durante uma boa parte do caminho não seria seguro montá-los, pois os com bois viajavam pelas mais íngremes e estreitas trilhas nas montanhas, muitas vezes à noite.

Ela fez uma espécie de rede de algodão para pendurar em seu pescoço e carregar Chantal assim. Jean-Pierre teria de carregar os suprimentos de que precisassem durante o dia, pois cavalos e homens com o Jane aprendera na vinda avançavam em velocidades diferentes, os cavalos indo mais depressa que os homens nas subidas e mais devagar nas descidas. com isso, as pessoas ficavam separadas da bagagem por longos períodos. Decidir que suprimentos levar era o problema que a absorvia naquela tarde, enquanto Jean-Pierre estava em Skabun. Teria de haver suprimentos médicos essenciais antibióticos, ataduras, morfina que Jean-Pierre providenciaria. Precisariam levar alguma comida.

Na vinda, dispunham de rações ocidentais de muita energia, com o chocolate, envelopes de sopa e bolinhos em pacote. Partindo agora, só poderiam levar o que havia no vale: arroz, frutas secas, queijo, pão duro, além de qualquer outra coisa que pudessem comprar pelo caminho. Ainda bem que não tinham de se preocupar com a alimentação de Chantal.

Havia, no entanto, outras dificuldades com a criança. As mães ali não usavam fraldas; deixavam a parte inferior do bebê descoberta e lavavam a toalha em que ele ficava. Jane achava este arranjo muito mais saudável que o sistema ocidental, mas não servia para uma viagem. Jane fizera três fraldas de toalha e improvisara, dos sacos de polietileno dos suprimentos médicos de Jean-Pierre, uma calça de plástico para Chantal. Teria de lavar uma fralda todas as noites — com água fria, é claro — e tentar secá-la até o amanhecer. Se não secasse, haveria uma de reserva; e se as duas estivessem usadas, Chantal sofreria com assaduras. Mas nenhum a criança já mais suportaria de assaduras, pensou ela. O com boio, com toda certeza, não pararia para que uma criança fosse amamentada, dormisse ou trocasse a fralda. Assim, teria de amamentar Chantal e pô-la para dormir em um ovim ento, trocando a fralda sempre que surgisse uma oportunidade.

Sob alguns aspectos, Jane estava mais resistente do que um ano antes. A pele dos pés estava mais dura e o estômago resistente às bactérias locais mais com uns. As pernas, que tanto doeram na viagem de vinda, haviam se acostumado a andar muitos quilômetros. Mas a gravidez parecia tê-la deixado propensa a dores nas costas, e se preocupava com a perspectiva de carregar uma criança o dia inteiro. O corpo parecia já ter se recuperado do trauma do parto.

Sentia que seria capaz de fazer amor, mas não o dissera a Jean-Pierre — não sabia direito por quê.

Tirara muitas fotografias ao chegar, com a câmera Polaroid. Deixaria a câmera — era barata — mais levaria a maior parte das fotografias. Contem plou-as agora, tentando decidir quais jogaria fora. Tinha fotografias da maioria dos aldeões. Ali estavam os guerrilheiros, Moham med, Alishan, Kahmir e Matullah, fazendo poses ridículas ente heróicas e parecendo ferozes. Ali estavam as mulheres, a sensual Zahara, a velha e encarquilhada Rabia, Halima de olhos escuros, todas rindo com o colegiais. Ali estavam as crianças: as três meninas de Moham med, seu filho Mousa; os filhos de Zahara, de dois, três, quatro e cinco anos; e as quatro crianças do mula. Não podia jogar nenhum a fora: levaria todas.

Comçou a arrumar as roupas numa bolsa, enquanto Fará varria o chão e Chantal dormia no quarto ao lado. Havia descido mais cedo das cavernas, a fim de aprontar tudo. Só que não havia muita coisa para arrumar: além das fraldas de Chantal, um calção para ela e outro para Jean-Pierre, um par de meias de reserva para cada um.

Nenhum deles levaria uma muda de roupas externas. Chantal não as

tinha de qualquer forma, pois vivia de xale ou nua. Para Jane e Jean-Pierre, um a calça, um a camisa, um lenço para a cabeça e um a manta seriam suficientes para toda a viagem, a serem provavelmente queimados num hotel em Peshawar, com em orando o retorno à civilização.

O pensamento lhe daria forças para a viagem. Lembrou-se vagamente de ter pensado que o Dean's Hotel em Peshawar era primitivo, mas era difícil recordar qual era o problema.

Seria possível que tivesse se queixado que o ar-condicionado fazia muito barulho? Mas o lugar tinha chuveiro!

□ Civilização. □ Fará fitou-a, com uma expressão inquisitiva, Jane sorriu e acrescentou, em dari: □ Estou feliz porque Vou voltar para uma cidade grande.

□ Gosto da cidade grande □ disse Fará. □ Já estive uma vez em Rokha. □ Continuou a varrer, enquanto acrescentava, com um tom de inveja: □ Meu irmão foi a Jalalabad.

□ Quando ele voltará? Mas Fará estava aturdida e embaraçada, e depois de um momento Jane compreendeu o motivo: o som de assvio e passos de homem vinham do pátio. Houve uma batida na porta e Ellis Thaler indagou: □ Tem alguém em casa? □ Entre □ disse Jane.

Ele entrou, claudicando. Embora não estivesse mais interessada por ele em termos amorosos, Jane se preocupava com o seu ferimento. Ellis ficara se recuperando em Astana.

Devia ter voltado naquele dia.

□ Com o se sente, Ellis? □ Com o um idiota □ respondeu ele, com um sorriso triste. □ É

um lugar embaraçoso para se levar um tiro.

-se em barço é tudo o que sente, então já está melhor. Ele acenou com a cabeça.

□ O doutor está? □ Ele foi a Skabun. Houve um terrível bom bardeio lá e ambos chamá-lo. Alguma coisa que eu possa fazer? □ Eu só queria dizer a ele que minha convalescença terminou.

□ Jean-Pierre voltará ainda esta noite ou amanhã de manhã. □ Jane

observava Ellis atentamente: com os cabelos louros e a barba encaracolada, ele parecia um leão.

□ Por que não corta os cabelos? □ Os guerrilheiros me disseram para deixá-lo crescer e não fazer a barba.

□ Eles sempre recomendam isso. O objetivo é fazer com que os ocidentais não chamem tanta atenção. No seu caso, porém, o efeito é justamente o inverso.

□ Sem chamar atenção neste país, com os cabelos com pridos ou aparados.

□ Tem razão.

Ocorreu a Jane que aquela era a primeira vez que se encontrava ali com Ellis sem a presença de Jean-□ Pierre. E haviam retomado com a maior facilidade o jeito antigo de conversar. Era difícil lembrar com o ela ficara furiosa com ele. Ellis olhava para as coisas arrumadas, curioso.

□ O que está fazendo? □ Preparando-me para a viagem de volta.

□ E com o tenciona viajar? □ com um com boio, da mesma forma com o viemos.

□ Os russos capturaram muito território durante os últimos dias. Ainda não sabia? Jane sentiu um calafrio de apreensão.

□ Com o assim? □ Os russos desfecharam sua ofensiva de verão. E avançaram por muitos trechos pelos quais os com bois normais passam.

□ Está querendo dizer que a rota para o Paquistão foi fechada? □ A rota regular foi. Não é possível ir daqui ao Passo Khyber. Mas pode haver outros caminhos... Jane viu o sonho de voltar para casa se desvanecer.

□ Ninguém me contou nada! □ exclamou ela, furiosa.

□ Jean-Pierre não devia saber. Tenho-me encontrado muito com Masud e por isso estou melhor informado.

□ Tem razão □ murmurou Jane, sem olhar para ele.

Talvez Jean-Pierre realmente não soubesse. Ou talvez soubesse, mas não lhe contara porque não queria voltar à Europa. Qualquer que

fosse o caso, ela não aceitaria a situação.

Primeiro, precisava confirmar se Ellis estava certo. E depois procuraria meios de resolver o problema.

Foi até a arca de Jean-Pierre e tirou os mapas americanos do Afeganistão. Estavam enrolados num cilindro e presos com um elástico. Im paciente, Jane arrebentou o elástico e deixou os mapas caírem no chão. Em algum lugar, no fundo de sua mente, uma voz disse: Este devia ser o único elástico num raio de cem quilômetros.

Acalmouse-se, disse a si mesma.

Aj olhou-se no chão e começou a examinar os mapas. Eram numa escala bastante grande, e teve de juntar vários para abranger todo o território entre o vale e o Passo Khyber. Ellis olhou por cima de seu ombro e comentou: □ Esses mapas são excelentes. Onde foi que os conseguiram? □ Jean-Pierre trouxe de Paris.

□ São melhores que os de Masud.

□ Sei disso. Mohammed sempre os usa para planejar os combates. Muito bem, mostre-me até onde os russos avançaram.

Ellis aj olhou-se no tapete, ao seu lado, e traçou uma linha pelo mapa com o dedo. Jane sentiu um ímpeto de esperança.

□ Não me parece que o Passo Khyber esteja isolado. Por que não podem os ir por aqui?

Ela traçou uma rota imaginária pelo mapa, um pouco ao norte da frente russa.

□ Não sei se existe uma rota □ respondeu Ellis. □ Pode ser intransponível. Teriam de perguntar aos guerrilheiros. Mas há um outro problema: as informações de Masud têm pelo menos um ou dois dias, e os russos continuam a avançar. Um vale ou desfiladeiro pode estar aberto num dia e fechado no seguinte.

□ Mas que droga! □ Ela não seria derrotada. Inclinou-se para o mapa e examinou com

toda atenção a zona da fronteira. □ O Passo Khyber não é a única passagem.

□ Um rio corre pela fronteira, com montanhas no lado afegão. Talvez

só se possa alcançar esses outros desfiladeiros pelo sul... ou seja, através de território ocupado pelos russos.

☐ Não há sentido em especular. ☐ Jane reuniu os mapas e enrolou-os.
☐ Alguém deve saber.

☐ Tem razão. Ela se levantou.

☐ Deve haver mapas de uma saída deste maldito país. Pondo os mapas debaixo do braço, ela saiu, deixando Ellis ajoelhado no tapete.

As mulheres e crianças haviam voltado das cavernas e a aldeia ressuscitara. A fumaça das fogueiras de cozinhar flutuavam por cima dos muros dos pátios. Na frente da mesquita cinco crianças sentavam em círculo, em penhadas num jogo chamado (sem qualquer razão aparente)

"Melão". Era um jogo de contar histórias, em que o contador parava antes do final e a criança seguinte tinha de continuar. Jane avistou Mousa, o filho de Mohamed, sentado no círculo, usando no cinto a faca de aparência ameaçadora que o pai lhe dera depois do acidente com a menina. Mousa estava contando a história e Jane ouviu suas palavras: ☐ ... e o urso tentou arrancar a mão do menino com uma mordida, mas o menino pegou sua faca...

Ela seguiu para a casa de Mohamed. Talvez ele não estivesse ☐ Jane não o via há muito tempo ☐ mas vivia com os irmãos, na típica família afegã, que também eram guerrilheiros ☐

todos os jovens em condições físicas eram ☐ e assim poderiam lhe dar algum apoio.

Ela hesitou diante da casa. Pelo costume, deveria parar no pátio e falar com as mulheres, que estariam preparando a refeição noturna; depois de uma troca de cortesias, a mulher mais velha poderia entrar na casa para indagar se os homens condescenderiam em falar com Jane.

Ela ouviu a voz da mãe: "Não vire um espetáculo público!" E disse, em voz alta: ☐ Não enche, mãe! Jane entrou, ignorando as mulheres no pátio, e foi direto para a sala da frente da casa, onde os homens ficavam.

Três homens estavam ali: Kahmir Khan, o irmão de dezoito anos de Mohamed, com um rosto bonito e uma barba rala; seu cunhado Matullah; e o próprio Mohamed. Era insólito haver tantos

guerrilheiros na casa. Todos a fitaram , surpresos.

□ Deus estej a com você, Moham m ed Khan. □ Sem esperar pela resposta, Jane acrescentou: □ Quando voltou? □ Hoj e □ respondeu ele, autom aticam ente.

Ela acocorou-se com o os hom ens. Eles estavam aturdidos dem ais para dizer qualquer coisa. Jane abriu os m apas no chão. Os três hom ens se inclinaram para a frente, num reflexo, observando-os; j á estavam esquecendo que Jane violara a etiqueta.

□ Os russos avançaram até aqui... é isso m esm o? Ela traçou a linha que Ellis indicara.

Moham m ed balançou a cabeça em concordância.

□ Então a rota regular dos com boios está bloqueada.

Moham m ed tornou a acenar.

□ Qual é o m elhor cam inho para sair? Todos pareciam em dúvida e sacudiram a cabeça.

Era um a atitude norm al: diante de um a dificuldade, eles gostavam de dar a im pressão de que o problem a era m uito m ais árduo. Jane achava que se com portavam assim porque seu conhecim ento local era o único poder de que dispunham sobre estrangeiros com o ela.

Geralm ente se m ostrava tolerante, m as hoj e não estava com paciência.

□ Por que não este cam inho? □ indagou ela, traçando um a linha paralela à frente russa.

□ Perto dem ais dos russos □ respondeu Moham m ed.

□ E este? Jane indicou um a rota m ais cautelosa, acom panhando os contornos da terra.

□ Não.

□ Por que não? □ Aqui... □ Moham m ed apontou para um ponto no m apa, entre as cabeceiras de dois vales, onde Jane passara o dedo por um a cordilheira. □ Não tem sela.

Um a sela era um desfiladeiro. Jane traçou um percurso m ais ao norte.

□ E este cam inho?

□ Pior ainda.

□ Mas tem de haver outra saída! □ Jane tinha a im pressão de que eles se divertiam com a sua frustração. Resolveu dizer algum a coisa um pouco ofensiva, a fim de estim ulá-los.

□ Este país é um a casa com um a só porta, isolado do resto do m undo só porque não podem alcançar o Passo Khy ber? A expressão casa com um a só porta era um eufem ism o para latrina.

□ Claro que não □ respondeu Moham m ed, em pertigando-se. □ No verão existe a Trilha da Manteiga.

□ Mostre-m e.

O dedo de Moham m ed traçou um a rota com plexa que partia para leste do vale, passando por um a sucessão de desfiladeiros altos e leitos de rios secos, virando para o norte pelo Him alaia e cruzando a fronteira perto do desabitado Corredor Waikhan, antes de virar para sudeste, até a cidade paquistanesa de Chitral.

□ É assim que o povo de Nuristan leva sua m anteiga, iogurte e queij o para o m ercado no Paquistão. □ Ele sorriu e tocou no gorro redondo.

□ E é onde arrum am os os chapéus.

Jane recordou que aqueles gorros eram conhecidos com o chitrali.

□ Ótim o □ disse ela. □ Voltarem os para casa por esse cam inho. Moham m ed sacudiu a cabeça.

□ Não pode.

□ E por que não? Kahm ir e Matullah sorriam com um ar superior. Jane ignorou-os.

Depois de um m om ento, Moham m ed disse: □ O prim eiro problem a é a altitude. Essa rota passa acim a da linha do gelo. Isso significa que a neve nunca derrete e não há água correndo, nem m esm o no verão. O segundo é o terreno. As colinas são m uito íngrem es e as trilhas, estreitas e traiçoeiras. É difícil encontrar o cam inho. Os próprios guias locais podem se perder.

Mas o pior de todos os problem as é o povo. A região é cham ada Nuristan, m as j á foi conhecida com o Kafiristan, porque os habitantes

eram incrédulos e bebiam vinho. Agora são verdadeiros crentes, mas ainda roubam, trapaceiam e às vezes matam os viajantes. A rota não é boa para os europeus, impossível para as mulheres. Só os homens mais jovens e mais fortes podem percorrê-la... e mesmo assim muitos são mortos.

— Mandará com boios por esse caminho? — Não. Vão esperar até que a rota do sul seja reaberta. Jane estudou o rosto bonito. Compreendeu que ele não estava exagerando. Levantou-se e começou a arrumar os mapas. Sentia um desapontamento profundo. A volta estava adiada indefinidamente. A tensão da vida no vale parecia subitamente insuportável, e ela tinha vontade de chorar. Enrolou os mapas e forçou-se a ser polida.

— Passou muito tempo ausente — disse ela a Mohammed.

— Fui a Faizabad.

— Uma longa viagem. — Faizabad era uma cidade relativamente grande ao norte. A Resistência local era muito forte: o exército se apegou e os russos nunca recuperaram o controle. — Não está cansado?

Era uma pergunta formal, da mesma forma que Com o vai? no Ocidente. Mohammed deu a resposta formal: — Ainda estou vivo.

Ela enfiou o rolo de mapas debaixo do braço e saiu. As mulheres no pátio fitaram-na apreensivas quando ela passou. Jane acenou com a cabeça para Halima, a mulher de olhos escuros de Mohammed, recebendo em resposta um meio sorriso nervoso.

Os guerrilheiros andavam fazendo muitas viagens ultimamente. Mohammed fora a Faizabad, o irmão de Fará viajara a Jalalabad... Jane recordou que uma de suas pacientes, uma mulher de Dasht-i-Rewat, com entarazado que o marido fora enviado a Paghman, perto de Kabul. E

Yussuf Gul, o cunhado de Zahara, irmão de seu falecido marido, seguira para o Vale Logar, no outro lado de Kabul. Todos os quatro lugares eram baluartes rebeldes. Alguma coisa estava acontecendo.

Jane esqueceu o desapontamento por um momento, enquanto tentava imaginar o que seria. Masud enviara mensageiros a muitos outros comandantes da Resistência, talvez mesmo a todos. Seria uma coincidência que isso acontecesse logo depois da chegada de Ellis ao vale? Se não fosse, o que Ellis estaria tramando? Talvez os Estados

Unidos quisessem colaborar com Masud na organização de um a ofensiva conj unta. Se todos os rebeldes agissem em cooperação, poderiam conseguir algum a coisa, talvez m esm o capturar Kabul tem porariam ente.

Jane entrou em casa e largou os m apas na arca. Chantal ainda dorm ia. Fará preparava o j antar: pão, iogurte e m açãs. Jane perguntou: □ Por que seu irm ão foi a Jalalabad? □ Ele foi m andado □ respondeu Fará, com o ar de alguém que anuncia o óbvio.

□ Quem o m andou? □ Masud.

□ Para quê? □ Não sei.

Fará parecia espantada por Jane form ular tal pergunta: com o podia ser tão tola a ponto de pensar que um hom em contaria à irm ã o m otivo de um a viagem ? □ Ele tinha algum a coisa para fazer lá, levou um a m ensagem , ou o quê? □ Não sei □ repetiu Fará, com eçando a parecer nervosa.

□ Não im porta □ disse Jane, sorrindo.

Entre todas as m ulheres da aldeia, Fará era a que tinha m enos possibilidade de saber o que estava acontecendo. E quem era a m ais provável? Zahara, é claro.

Jane pegou um a toalha e seguiu para o rio.

Zahara não estava m ais de luto pelo m arido, em bora se m ostrasse m uito m enos exuberante do que antes.

Jane se perguntou quando ela tornaria a casar. Zahara e Ahm ed form avam o único casal que Jane conhecera que parecia ser realm ente apaixonado. Contudo, Zahara era um a m ulher extrem am ente sensual e teria dificuldade em viver sem um hom em por m uito tem po. O irm ão m ais m oço de Ahm ed, Yussuf, o cantor, m orava na m esm a casa que Zahara e ainda era solteiro, aos dezoito anos; as m ulheres da aldeia insinuavam que Yussuf poderia casar com Zahara.

Os irm ãos viviam j untos ali; as irm ãs eram sem pre separadas. Um a j ovem esposa ia viver com o m arido na casa dos pais dele. Era apenas um a das m aneiras pelas quais os hom ens do país oprim iam suas m ulheres.

Jane avançou m ais depressa pela trilha através dos cam pos. Alguns hom ens trabalhavam à pouca claridade do crepúsculo. A colheita

estava term inando. Muito em breve seria tarde demais para seguir a Trilha da Manteiga: Moham m ed explicara que era um a rota que só existia no verão.

Ela chegou à praia das m ulheres. Oito ou dez se banhavam no rio ou em poças na m argem . Zahara se encontrava no m eio da correnteza, espadanando água, com o sem pre, m as sem rir nem gracej ar.

Jane largou a toalha e entrou na água. Resolveu ser um pouco m enos direta com Zahara do que fora com Fará. Claro que não poderia enganar Zahara, m as tentaria dar a im pressão de que estava apenas com entando, não fazendo um interrogatório. Não se aproxim ou de Zahara im ediatam ente. Depois que as outras m ulheres saíram da água, ela esperou m ais um ou dois m inutos e foi se enxugar em silêncio. Só quando Zahara e algum as outras m ulheres com eçaram a voltar para a aldeia é que Jane falou.

□ Quando Yussuf vai voltar? □ perguntou ela a Zahara, em dari.

□ Hoje ou am anã. Ele foi ao Vale Logar.

□ Eu j á sabia. Ele foi sozinho? □ Foi... m as disse que pode trazer alguém para casa em sua com panhia.

□ Quem ? Zahara deu de om bros.

□ Talvez um a esposa.

Jane distraiu-se por um m om ento. Zahara se m ostrava m uito fria e indiferente. Isso significava que estava preocupada: não queria que Yussuf voltasse com um a esposa.

Parecia que eram verdadeiros os rum ores que circulavam pela aldeia. Jane esperava que sim . Afinal, Zahara precisava de um hom em .

□ Não creio que ele tenha ido buscar um a esposa □ com entou Jane.

□ Por quê? □ Algum a coisa im portante está acontecendo. Masud enviou m uitos m ensageiros. Não podem estar todos atrás de esposas.

Zahara continuou a tentar parecer indiferente, m as Jane percebeu que ela se sentia satisfeita. Haveria algum significado na possibilidade de Yussuf ter ido ao Vale Logar para buscar alguém ? A noite caía quando se aproxim aram da aldeia. Um canto baixo vinha da m esquita: o som estranho dos hom ens m ais sanguínários do m undo em oração. Sem pre fazia Jane se lem brar de Josef, um j ovem soldado russo que

sobrevivera à queda de seu helicóptero na montanha, perto de Banda. Alguns das mulheres levaram-no para a casa do comerciante □ fora no inverno, antes de transferirem a clínica para a caverna □ Jean-Pierre e Jane cuidaram dos ferimentos, enquanto se enviava uma mensagem a Masud, indagando o que fazer. Jane soubera da resposta de Masud na noite em que Alishan Karim entrara na sala da frente, onde Josef estava, encostara o cano do rifle em seu ouvido e puxara o gatilho. Foram aís ou menos naquela hora, e os homens em oração estavam no ar enquanto Jane lavava o sangue da parede e recolhia do chão os miolos do rapaz.

As mulheres percorreram o último trecho da trilha que subia do rio e pararam diante da mesquita, concluindo as conversas, antes de seguirem para suas casas. Jane olhou para a mesquita. Os homens oravam de joelhos, levados por Abdullah, o mulla. As armas, a mística habitual de rifles antigos e submetralhadoras modernas, estavam em pilhadas num canto. As orações chegavam ao fim. Enquanto os homens se levantavam, Jane constatou que havia

diversos estranhos entre eles. Ela perguntou a Zahara: □ Quem são? □ Pelos turbantes, devem ser do Vale Pich e de Jalalabad □ respondeu Zahara. □ São pushtuns... normalmente entre nossos inimigos. Por que estão aqui? Enquanto ela falava, um homem muito alto, com uma venda no olho, em ergiu da multidão. Zahara acrescentou: □ Aquele deve ser Jahan Kamil... o grande inimigo de Masud.

□ Mas lá está Masud, falando com ele □ disse Jane, para logo acrescentar, em inglês: □

Essa não! Zahara imitou-a: □ Essa não! Era o primeiro gracejo de Zahara depois da morte do marido. Um bom sinal: Zahara estava se recuperando.

Os homens começaram a deixar a mesquita e as mulheres seguiram apressadamente para suas casas, à exceção de Jane. Ela tinha a impressão que começava a compreender o que estava acontecendo e queria uma confirmação. Quando Mohammed saiu, ela se aproximou e lhe disse em francês: □ Esqueci de perguntar se sua viagem a Faizabad foi bem-sucedida.

□ Foi, sim □ respondeu ele sem parar, pois não queria que seus companheiros ou os pushtuns o vissem respondendo às perguntas de uma mulher.

Jane aconpanhou-o, em passos rápidos, enquanto ele se encam

inhava para sua casa.

□ Quer dizer que o com andante de Faizabad está aqui?

□ Está.

Jane acertara em cheio: Masud convidara todos os com andantes rebeldes para um encontro.

□ O que acha da ideia? □ indagou ela, ainda tentando descobrir mais detalhes.

Mohammed estava pensativo e abandonou sua atividade, com o sem pre fazia quando se interessava pela conversa.

□ Tudo depende do que Ellis fizer amanhã □ disse ele. -se conseguir im pressionar com o um homem de honra e ganhar o respeito de todos, acho que eles concordarão com o plano.

□ E você acha que o plano dele é bom ? □ Claro que será ótimo o se a Resistência estiver unida e receber armas dos Estados Unidos.

Então era isso! Armas americanas para os rebeldes, com a condição de que lutassem juntos contra os russos, em vez de lutarem entre si durante a metade do tempo.

Chegaram à casa de Mohammed e Jane desviou-se com um aceno de cabeça. Sentia os seios intumescidos; estava na hora de amamentar Chantal. O seio direito dava a im pressão de estar mais pesado, porque na última mamada ela com eçara pelo esquerdo e Chantal sem pre esvaziava completamente o primeiro.

Jane entrou na casa e foi para o quarto. Chantal estava nua sobre uma toalha dobrada, dentro do berço, que era na verdade uma caixa de papelão cortada ao meio. Não precisava de roupas no ar quente do verão afegão. À noite, era coberta com um lençol e mais nada. Os rebeldes e a guerra, Ellis, Mohammed e Masud, tudo recuou para segundo plano, enquanto Jane contemplava a filha. Sem pre achava que bebês eram feios, mais Chantal lhe parecia a coisa mais linda do mundo. Enquanto Jane observava, Chantal remexeu-se, abriu a boca e gritou. O seio direito de Jane vazou leite no mesmo instante, em resposta, e uma trilha quente de uma idade espalhou-se pela blusa. Ela desabotoou a blusa e pegou Chantal.

Jean-Pierre dizia que ela devia lavar os seios com desinfetante cirúrgico antes da amamentação, mais Jane nunca o fazia, porque

sabia que Chantal não apreciaria o gosto. Sentou-se num tapete, encostada na parede, e aninhou Chantal no braço direito. A menina balançava os

bracinhos roliços e sacudia a cabeça de um lado para outro, procurando freneticamente, com a boca escancarada. Jane guiou-a para o mameio. As gengivas desdentadas apertaram com força, e Chantal pôs-se a sugar. Jane estremeceu ao primeiro arranco e depois ao segundo. A terceira mamada foi mais suave. A mãe pequena e roliça levantou-se e encostou no lado do seio intumescido de Jane, com o primeiro indo-o numa carícia cega e desajeitada. Jane relaxou.

Quando entrar a filha fazia com que ela se sentisse muito mais terna e protetora. E também, para sua surpresa, era erótico. A princípio ela se sentira culpada por ficar excitada, mas logo concluiu que não podia ser uma coisa horrível se era natural, e passara a desfrutar a sensação.

Ansiava em exibir Chantal se algum dia voltassem à Europa. A mãe de Jean-Pierre certamente lhe diria que estava fazendo tudo errado e sua própria mãe haveria de querer batizar Chantal o mais depressa possível. Mas seu pai adoraria Chantal através da bruma alcoólica, e ela iria ficar orgulhosa e entusiasmada. Quem mais? O pai de Jean-Pierre já mais o rorrera... Uma voz soou no pátio: ☐ Tem alguém em casa? Era Ellis.

☐ Entre ☐ gritou Jane.

Ela não sentiu necessidade de se cobrir. Ellis não era um afegão e, além do mais, já fora seu amante. Ele entrou, viu-a amamentando a filha e teve uma reação inesperada: ☐ Devo mais retirar? Jane sacudiu a cabeça.

☐ Já viu meus peitos antes.

☐ Acho que não. Você deve tê-los mudado. Ela riu.

☐ A gravidez deixa as mulheres com peitos enormes. ☐ Ela sabia que Ellis já fora casado e tinha uma filha, em bora ele desse a impressão de que não mais via qualquer das duas. Era uma das coisas de que ele não gostava de falar. ☐ Não se lembra de quando sua mulher ficou grávida?

☐ Não acompanhei a gravidez. ☐ Ele falou no tom brusco que usava quando queria encerrar um assunto. ☐ Estava viajando.

Jane estava relaxada demais para responder no momento. E sentia pena dele. Ellis fizera a maior confusão com sua vida, em bom caso tudo fosse culpa sua; e certamente fora punido por seus pecados, inclusive por ela.

— Jean-Pierre não voltou com entou ele.

— Não.

O movimento de sugar se atenuou, enquanto o seio de Jane se esvaziava. Ela tirou gentilmente o mamilo da boca de Chantal e levantou a menina para o ombro, afagando as costas estreitas para fazê-la arrotar.

— Masud gostaria de tomar emprestados os mapas dele — explicou Ellis.

— Não há problema. Você sabe onde estão. — Chantal arrotou alto. — Boa menina...

Ela ajoelhou a filha no seio esquerdo. Faltava outra vez, depois de arrotar, Chantal recomçou a sugar.

Cedendo a um súbito impulso, Jane perguntou: — Por que não visita sua filha? Ele tirou os mapas da arca, fechou-a, e em pertigou-se.

— Eu visito... mas não com muita frequência.

Jane ficou aturdida. Vivi com ele por quase seis meses e nunca o conheci realmente, pensou ela.

— É mesmo o meu filho? — É sim.

— Deve estar...

— Treze anos.

— Puxa! Era praticamente uma garota crescida. Jane sentiu de repente a maior curiosidade. Por que nunca o interrogara a respeito de tudo aquilo? Talvez ela não estivesse interessada, antes de ter também um filho.

— Onde ela vive? Ellis hesitou.

— Não precisa dizer — acrescentou Jane, entendendo a expressão dele.

— Estava prestes a mentir.

□ Tem razão. Mas pode com prender por que tenho de m entir a respeito? Ela pensou por um instante.

□ Tem m edo de que seus inim igos possam atacá-lo por interm édio de sua filha? □ Isso m esm o.

□ É um bom m otivo.

□ Obrigado. E obrigado tam bém por isto.

Ele acenou com os m apas e saiu. Chantal adorm ecera com o m am ilo de Jane na boca.

Ela levantou a filha à altura do om bro. Chantal arrotou sem acordar. Era capaz de dorm ir em qualquer situação.

Jane gostaria que Jean-Pierre j á tivesse voltado. Tinha certeza de que ele não poderia causar qualquer m al, m as ainda assim se sentiria m ais tranquila se o m arido estivesse ali. Jean-Pierre não poderia fazer contato com os russos porque ela quebrara o rádio. Não havia outros m eios de com unicação entre Banda e o território russo. Masud podia enviar m ensageiros a pé, m as Jean-Pierre não dispunha de m ensageiros; e se m andasse alguém , toda a aldeia saberia. A única coisa que ele podia fazer era ir a pé até Rokha, e não tivera tem po para isso.

Além de estar preocupada, ela detestava dorm ir sozinha. Não se im portava na Europa, m as ali sentia-se assustada com os afegãos brutais e im previsíveis, que j ulgavam ser tão norm al um hom em espancar a m ulher quanto um a m ãe bater no filho. E Jane não era um a m ulher com um para eles: com suas posições liberadas, olhar direto e atitudes de desafio, era um sím bolo dos prazeres sexuais proibidos. Ela não seguia as convenções do com portam ento sexual, e as únicas outras m ulheres assim que eles conheciam eram as prostitutas.

Quando Jean-Pierre estava ao seu lado, ela sem pre estendia a m ão para tocá-lo um m om ento antes de cair no sono. Ele sem pre dorm ia encolhido, virado para o outro lado; m exia-se m uito no sono, m as nunca se estendia para ela. O único outro hom em com quem ela partilhara um a cam a por um período m ais prolongado fora Ellis, que tinha um com portam ento oposto: ele a tocava durante a noite inteira, abraçava-a, beij ava-a, às vezes m eio acordado, em outras profundam ente adorm ecido. Duas ou três vezes Ellis tentara fazer am or com ela, rudem ente, enquanto dorm ia; Jane ria e tentava aceitá-lo, m as depois de alguns segundos ele rolava para o lado e se punha a roncar, sem se lem brar pela m anhã do que fizera. Ellis era m uito

diferente de Jean-Pierre. Ele a tocava com um a afeição desajeitada, com o um a criança brincando com seu anim al de estim ação; Jean-Pierre a acariciava com o um violinista faria com um Stradivarius. Os dois a am am de m odos diversos, m as a traíram da m esm a m aneira.

Chantal gorgolej ou. Estava acordada. Jane aj eitou-a em seu colo, levantando a cabeça, a fim de que pudessem se fitar. Pôs-se a conversar com a filha, dizendo sílabas que não faziam qualquer sentido, m as tam bém palavras concretas. Chantal gostava. Depois de algum tem po, Jane esgotou a conversa fiada e se pôs a cantar. Estava no m eio de Papai foi a Londres de trem

quando foi interrom pida por um a voz lá fora.

□ Entre □ gritou Jane, acrescentando depois para a filha: □ Não acha que estam os recebendo visitantes a todo m om ento? Parece até que vivem os no Museu Nacional.

Ela puxou a blusa na frente, a fim de cobrir os seios. Moham m ed entrou e perguntou em dari: □ Onde está Jean-Pierre? □ Foi a Skabun. Posso aj udar em algum a coisa? □ Quando ele voltará? □ Espero que de m anhã. Quer m e explicar qual é o problem a ou pretende continuar a falar com o um guarda de Kabul? Moham m ed sorriu. Achava sensual quando ela lhe falava desrespeitosam ente, o que não era o efeito visado por Jane.

□ Alishan chegou com Masud. Ele quer m ais pílulas.

□ Ah...

Alishan Karim era o irm ão do m ulá e sofria de angina. Com o ele não estava disposto a renunciar a suas atividades com o guerrilheiro, Jean-Pierre lhe dava trinitrina para tom ar im ediatam ente antes da batalha ou outro esforço físico.

□ Vou pegar algum as pílulas.

Ela levantou-se e entregou Chantal a Moham m ed. Ele pegou a criança autom aticam ente e depois ficou em baraçado. Jane sorriu e foi para a sala na frente. Encontrou as pílulas num a prateleira por baixo do balcão. Despej ou cem cápsulas num recipiente de plástico e voltou à sala de estar. Chantal olhava fixam ente para Moham m ed, fascinada. Jane pegou a filha e entregou as pílulas.

□ Diga a Alishan para descansar m ais. Moham m ed sacudiu a cabeça.

☐ Ele não tem medo de mim. Diga você.

Jane riu. Partindo de um afegão, o gracejo era quase feminino.
Mohammed acrescentou:

☐ Por que Jean-Pierre foi a Skabun? ☐ Houve um bom bardeio lá esta manhã.

☐ Não, não houve.

☐ Claro que houve...

Jane parou de falar abruptamente. Mohammed deu de ombros.

☐ Passei o dia inteiro lá com Masud. Você deve estar enganada. Ela tentou manter o controle.

☐ É isso mesmo. Devo ter ouvido mal.

☐ Obrigado pelas pílulas.

Mohammed saiu. Jane sentou-se num banco. Não houvera bom bardeio em Skabun. Jean-Pierre fora se encontrar com Anatoly. Não sabia com o ele conseguira, mas não tinha mais qualquer dúvida.

O que ela devia fazer agora? Se Jean-Pierre tinha conhecido da reunião no dia seguinte e pudesse informar aos russos, então os russos poderiam atacar.

E poderiam liquidar toda a liderança da Resistência afegã em apenas um dia. Tinha de falar com Ellis.

Envolveu Chantal com um xale ☐ o ar estaria um pouco mais fresco agora ☐ e saiu, encaminhando-se para a mesquita. Ellis estava no pátio com os outros homens. Estudava os mapas de Jean-Pierre junto com Masud, Mohammed e o homem com a venda no olho. Alguns guerrilheiros fumavam de um narguilé, outros com calma. Ficaram espantados quando ela entrou com a criança no quadril.

☐ Ellis... ☐ Ele levantou os olhos. ☐ Preciso falar com você. Pode sair? Ele levantou-se,

os dois passaram pela arcada e pararam na frente da mesquita.

☐ O que é? ☐ perguntou Ellis.

☐ Jean-Pierre sabe dessa reunião que você promoveu com todos os

líderes da Resistência? □ Sabe. Ele estava presente, tirando a bala do m eu traseiro, quando Masud e eu falamos a respeito pela primeira vez. Por quê? Jane sentiu um aperto no coração. Sua última esperança era a de que Jean-Pierre nada soubesse. Ela olhou ao redor. Não havia ninguém por perto e além do mais estavam falando em inglês.

□ Tenho de lhe contar uma coisa, mas quero que me prometa que nada acontecerá a ele.

Ele fitou-a aturdido por um momento e depois exclamou: □ Oh, merda! Jean-Pierre trabalha para eles! Mas é claro! Com o não adivinhei? Em Paris ele deve ter levado os homens a meu apartamento! Tem informado os russos sobre os comunistas... é por isso que eles perderam tantos!

O filho da puta... □ Ele parou de falar bruscamente e depois acrescentou, em tom mais suave: □

Deve ter sido horrível para você.

□ Foi, sim .

Jane perdeu o controle, as lágrimas afloraram a seus olhos e ela começou a soluçar.

Sentia-se fraca, tola e envergonhada por chorar, mas também experimentava a sensação de que um enorme peso fora removido de seus ombros. Ellis abraçou-a e a Chantal, murmurando.

□ Pobre coitada...

□ Foi horrível □ balbuciou Jane.

□ Há quanto tempo você sabe? □ Há poucas semanas.

□ Não sabia quando se casou com ele? □ Não.

□ Nós dois fizemos isso com você.

□ É verdade.

□ Apaixonou-se pelos homens errados.

□ Tem razão.

Jane comprimou o rosto contra o peito de Ellis e chorou

incontrolavelmente por todas as mentiras e traições, tem perdido e amor desperdiçado. Chantal também chorou.

Ellis apertou Jane com mais força, afagou-lhe os cabelos, até que ela parou de tremar, com o corpo a se acalmar, e limpou o nariz em sua manga.

— Quebrei o rádio de Jean-Pierre e pensei que ele não tinha mais meios de entrar em contato com os russos. Mas hoje ele foi chamado a Skabun para cuidar dos feridos do bom bardeio... só que não houve qualquer bom bardeio em Skabun...

Mohamed saiu da mesquita. Ellis largou Jane, embaraçado, perguntando a Mohamed, em francês: — O que está acontecendo? — Eles estão discutindo. Alguns acham que é um bom plano caos ajudar a derrotar os russos. Outros perguntam por que Masud é considerado o único bom comandante e quem é Ellis Thaler para julgá-lo os líderes afegãos. Você tem de voltar e conversar mais um pouco com eles.

— Espere um pouco — disse Ellis. — Surgiu um fato novo. Jane pensou: Oh, Deus, Mohamed vai querer matar alguém quando souber.

— Houve um vazamento.

— Com o assim? — indagou Mohamed, em tom amedrontado.

Ellis hesitou, com o corpo relutante em contar tudo. Mas acabou! Murmurando: — Os russos talvez saibam da conferência...

— Quem é o traidor? — perguntou Mohamed.

— Possivelmente o doutor, mais...

Mohamed virou-se para Jane.

— Há quanto tempo você sabe?

— Vai falar comigo de maneira polida ou não quero ouvi-lo — respondeu ela, bruscamente.

— Calma, calma — interveio Ellis.

Jane não podia permitir que Mohamed a acusasse o homem acusador. E disse: — Eu não avisei você? Mande que mudasse a rota do com boio. Salvei sua vida. Não queira me acusar agora.

A ira de Moham m ed se dissipou e ele ficou um pouco envergonhado. Ellis com entou: □

Então foi por isso que a rota m udou.

Ele olhou para Jane com um a expressão em que havia algum a adm iração. Moham m ed perguntou: □ Onde ele está agora?

□ Não sabem os □ respondeu Ellis.

□ Deve ser m orto se voltar.

□ Não! □ gritou Jane.

Ellis pôs a m ão em seu om bro para contê-la e disse a Moham m ed: □ Você m ataria um hom em que salvou as vidas de tantos de seus com panheiros?

□ Ele tem de enfrentar a j ustiça □ insistiu Moham m ed.

Moham m ed falara se ele voltasse, e Jane com preendeu que sem pre presum ira que Jean-Pierre voltaria. Ele seria capaz de abandoná-la e à filha?

Ellis estava dizendo: □ Se ele é um traidor e se conseguiu entrar em contato com os russos, então lhes falou do encontro de am anã. Os russos vão atacar e tentar capturar Masud.

□ Isso é terrível □ disse Moham m ed. □ Masud deve partir im ediatam ente. A conferência terá de ser cancelada e...

□ Não necessariam ente □ interrom peu-o Ellis. □ Pense um pouco. Podem os tirar proveito da situação.

□ Com o?

□ Para dizer a verdade, quanto m ais penso a respeito, m ais a situação m e atrai. Talvez sej a a m elhor coisa que poderia nos acontecer...

Capítulo 12

Eles evacuaram a aldeia de Darg durante a m adrugada. Os hom ens de Masud foram de casa em casa, acordando gentilm ente os m oradores e avisando que a aldeia seria atacada pelos russos naquele dia, e que deviam subir o vale até Banda, levando os seus pertences m ais preciosos. Ao am anhecer havia um a fila irregular de m ulheres,

crianças, velhos e gado serpenteando pela estrada de terra que saía de Darg e corria pela beira do rio.

Darg tinha uma situação diferente de Banda. Em Banda, as casas se agrupavam na extremidade leste da planície, onde o vale se estreitava e o terreno era rochoso.

Em Darg, todas as casas se concentravam numa pequena prateleira entre a base do penhasco e a margem do rio. Havia uma ponte em frente à mesquita, e os campos ficavam no outro lado do rio.

Era um bom lugar para uma emboscada.

Masud desenvolvera o plano durante a noite, e agora Mohammed e Alishan tomavam as providências necessárias. Moviam-se com uma eficiência tranquila, Mohammed alto, bonito e gracioso, Alishan baixo e de aparência mesquinha, ambos dando instruções em voz baixa, imitando o estilo suave de seu líder.

Ellis perguntou-se, enquanto instalava suas cargas, se os russos viriam mesmo. Jean-Pierre não voltara, e assim parecia certo que ele conseguira entrar em contato com seus chefes; e era quase inconcebível que eles pudessem resistir à tentação de capturar ou matar Masud. Mas tudo era circunstancial. E se eles não aparecessem, Ellis pareceria um tolo por fazer com que Masud preparasse uma armadilha elaborada para uma vítima inexistente. Os guerrilheiros não fariam um pacto com um idiota. Mas se os russos aparecerem, pensou Ellis, se a emboscada der certo, meu prestígio e o de Masud aumentarão a tal ponto que não haverá dificuldades em selar o acordo.

Ele fazia um esforço para não pensar em Jane. Quando a abraçara e a criança, Jane lhe olhara sua camisa com as lágrimas, e toda a paixão por ela se reacendera. Era com o lançar lenha seca numa fogueira. Ellis sentia vontade de ficar ali para sempre, os ombros estreitos de Jane tremendo sob seus braços, a cabeça dela com a primida contra seu peito. Pobre Jane. Ela era tão honesta e só tivera homens traiçoeiros.

Ele estendeu o estopim pelo rio e levou a extremidade para sua posição, numa pequena casa de madeira, à beira d'água, a cerca de duzentos metros da mesquita, correnteza acima.

Prendeu um detonador no estopim, depois concluiu a montagem com um artefato de disparo simples, um cordão com uma argola para puxar.

Ellis aprovara o plano de Masud. Aprendera tudo sobre em boscada e contra-em boscada em Forte Bragg, durante um ano, entre as duas estadas na Ásia, e daria nove num a escala de dez à arm adilha preparada por Masud. O ponto que faltava era porque Masud não dispunha de um a rota de saída para suas tropas caso o com bate se tornasse adverso. Mas talvez Masud não considerasse isso um erro.

Por volta das nove horas estava tudo pronto, e os guerrilheiros com eram . Até isso era parte da em boscada: podiam todos ocupar suas posições em m inutos, até m esm o em segundos, e a aldeia vista do ar pareceria norm al, com o se os aldeões tivessem corrido para se esconder dos helicópteros, deixando para trás as tigelas, tapetes e fogeiras acesas; assim , o com andante das

forças russas não teria m otivos para desconfiar de um a arm adilha.

Ellis com eu pão, tom ou várias xícaras de chá verde, e depois acomodou-se para esperar, enquanto o sol subia pelo vale. Sem pre havia m uita espera. Podia lem brar que era tam bém assim na Ásia. Naquele tem po m uitas vezes estava alto, com m aconha ou cocaína, e a espera parecia não ter a m enor im portância, porque até gostava. Era curioso, pensou ele, com o perdera o interesse por tóxicos depois da guerra.

Ellis esperava que o ataque fosse desfechado naquela tarde ou na m adrugada do dia seguinte. Se fosse o com andante russo, ele raciocinaria que os líderes rebeldes haviam se reunido no dia anterior e partiriam no dia seguinte; o ataque deveria ser desfechado tarde o bastante para apanhar todos os retardatários, m as não tão tarde que alguns j á pudessem ter ido em bora.

As arm as pesadas chegaram no m eio da m anã, um par de Dashokas, m etralhadoras antiaéreas de,7m m , cada um a puxada por um guerrilheiro. Um burro seguia atrás, levando as caixas de balas chinesas capazes de perfurar as blindagens.

Masud anunciou que um a das arm as seria m anej ada por Yussuf, o cantor, que deveria casar com Zahara, a am iga de Jane, segundo os rum ores que circulavam pela aldeia; a outra estaria guarnecida por um guerrilheiro do Vale Pich, cham ado Abdur, que Ellis não conhecia. Ao que se dizia, Yussuf j á derrubara três helicópteros com sua Kalashnikov. Ellis se m antinha céptico quanto a isso; pilotara helicópteros na Ásia e sabia que era quase im possível abater o aparelho com um rifle. Mas Yussuf explicara, sorrindo, que o segredo era se postar acim a do alvo, disparando para baixo da encosta de um

a montanha, uma tática que não era possível no Vietnã, porque o terreno era diferente.

Yussuf dispunha hoje de uma arma muito maior e usaria a mesma técnica. As armas foram desmontadas e levadas por dois homens pelos degraus íngremes escavados na encosta do penhasco que pairava por cima da aldeia. Os burros e a união seguiram.

Ellis observou lá de baixo enquanto eles tornavam a montar as armas. No topo do penhasco havia uma prateleira com três ou quatro metros de largura, depois a encosta continuava a subir numa inclinação mais suave. Os guerrilheiros instalaram as armas com um intervalo de dez metros e camuflaram-nas. Os pilotos de helicóptero logo descobririam onde estavam as armas, mas teriam dificuldade para silenciá-las na posição em que se encontravam.

Quando tudo já estava pronto, Ellis voltou a seu posto, na pequena casa de madeira à beira do rio. Seus pensamentos voltaram aos anos 60. Com ele a década com o colegial e terminara com o soldado. Fora para Berkeley em 1967 convencido de que sabia o que o futuro lhe reservava: queria ser produtor de documentários para a televisão.

Com ele era inteligente e criativo, com ele era a Califórnia, onde qualquer um podia ser qualquer coisa desde que se empenhasse a fundo, não havia motivo que pudesse impedir para não realizar sua ambição. Fora então engolfado pela paz e poder da flor, as marchas contra a guerra, jeans boca-de-sino e LSD. Mais uma vez, pensara que sabia o que o futuro lhe reservava: iria mudar o mundo. Esse sonho também durara pouco e não demorara muito para ser engolfado de novo, desta vez pela brutalidade insensata do exército e o horror drogado do Vietnã. Sem prever que olhava para trás, podia constatar que era nas ocasiões em que se sentia confiante e assentado que a vida o atingia com grandes mudanças.

Um dia passou sem almoço. Devia ser porque os guerrilheiros não tinham comida.

Ellis achava difícil se acostumar à ideia de que ninguém podia almoçar quando não havia

comida. Ocorreu-lhe que talvez fosse por isso que quase todos os guerrilheiros fumavam muito: o tabaco arrefecia o apetite.

Fazia calor mesmo no sombrio. Sentou-se à entrada da casa, tentando aproveitar a pouca brisa que soprava. Podia ver os campos, o rio com sua ponte em arco, a aldeia com sua mesquita e o penhasco por

estado. A maioria dos guerrilheiros estava em suas posições, que lhes proporcionava abrigo do sol, além de cobertura. Quase todos se encontravam em casas próximas as do penhasco, onde os helicópteros teriam dificuldade para metralhá-los; mas, com o era inevitável, alguns se encontravam em posições mais vulneráveis, perto do rio. A fachada de pedra da mesquita tinha três entradas em arco e em cada uma sentava-se um guerrilheiro, de pernas cruzadas. Faziam Ellis pensar em sentinelas em guaritas. Ele conhecia os três: lá estava Mohamed, na arcada mais distante; seu irmão Kahmir, com a barba rala, no meio; e na mais próxima Ali Ghanim, o homem feio de espinha torta com quatorze filhos, que fora ferido com Ellis na planície. Cada um tinha um Kalashnikov nos olhos e um cigarro nos lábios.

Ellis se perguntou qual deles estaria vivo no dia seguinte.

O primeiro ensaio que ele escrevera no colégio fora sobre a expectativa da batalha em Shakespeare. Com parara dois discursos antes do combate: um inspirado, de Henry V, em que o Rei diz "Mais uma vez sob ataque, meus amigos, mais uma vez; a muralha fechem os nossos muros ingleses", e o solilóquio cínico de Falstaff sobre a honra, em Henry IV, "Pode a honra reparar uma perna? Não. Ou um braço? Não. A honra não tem competência médica? Não...

Quem a tem? Aquele que morreu na quarta-feira." O Ellis de dezenove anos recebera a nota máxima a pelo seu primeiro e último ensaio, pois depois estivera ocupado demais a argumentar que Shakespeare e todo o curso de inglês eram "irrelevantes".

Seu devaneio foi interrompido por uma sucessão de gritos. Não compreendia as palavras em dari, mas também não precisava: pela urgência do tom, sabia que sentinelas em colinas ao redor haviam avistado helicópteros distantes e avisado a Yussuf no alto do penhasco, que espalhara a notícia. Houve um fluxo de ovinos então na aldeia crestada pelo sol, enquanto os últimos os guerrilheiros corriam para seus postos, abrigavam-se, verificavam suas armas, acendiam novos cigarros. Os três homens nas arcadas da mesquita fundiram-se com o interior escuro.

Agora, a aldeia vista do ar parecia deserta, com o normalmente acontecia durante a parte mais quente do dia, quando a maioria das pessoas descansava.

Ellis prestou atenção e ouviu o barulho de caçador dos helicópteros se

aproximando.

Sentiu um aperto nas entranhas. Eram os nervos. Era assim que os vietcongues se sentiam, pensou ele, escondidos em sua selva úmida, quando ouviram o helicóptero se aproximando pelas nuvens. Você colhe o que semear, meu caro.

Afrouxou as travas de segurança no mecanismo de disparo.

Os helicópteros estavam mais perto, mas ele ainda não podia vê-los. Tentou calcular quantos eram. Não dava para determinar pelo barulho. Ellis percebeu algo pelo canto do olho e virou a cabeça para observar um guerrilheiro mergulhar no rio da margem oposta e começar a nadar em sua direção. Quando o vulto emergiu perto, Ellis constatou que era o velho Shahazai Gul, com suas cicatrizes, o irmão da parteira. Shahazai era especialista em minas. Passou correndo por Ellis e foi se abrigar numa casa.

Por algum tempo a aldeia ficou silenciosa e nada se ouvia além da pulsação assustadora das pás dos rotores. Ellis pensou: Quantos eles passaram? O primeiro apareceu, por cima do

penhasco, avançando veloz, e baixou para a aldeia. Hesitou sobre a ponte, com o um gigantesco beija-flor.

Era um Mi-24, conhecido no Ocidente com o Hind (os russos chamavam esses helicópteros de Corcundas, por causa das enormes turbinas instaladas sobre a cabine de passageiros).

O artilheiro sentava mais abaixo, na frente, com o piloto por trás e por cima, com as crianças brincando de carregar outra nas costas; e as janelas pareciam o olho multifacetado de um inseto monstruoso. O helicóptero tinha um trem de pouso de três rodas e asas curtas e grossas, com os tubos de foguetes por baixo.

Com os poucos guerreiros tribais esfarrapados conseguiam lutar contra tais máquinas?

Mais cinco Hinds surgiram, em rápida sucessão. Sobrevoaram a aldeia e a área ao redor, efetuando um reconhecimento, presumiu Ellis, das posições inimigas. Era uma precaução de rotina, pois os russos não tinham motivos para esperar uma resistência maior, já que estavam convencidos de que o ataque seria de surpresa.

Um segundo tipo de helicóptero se aproximou e Ellis reconheceu o Mi-8, conhecido com o Hip.

Maior que o Hind, mas os dois tinham velocidade, podia transportar vinte ou trinta homens, e sua finalidade era o transporte de tropas, e não o ataque. O primeiro pairou sobre a aldeia, depois baixou subitamente de lado e foi pousar na plantação de cevada. Mais cinco pousaram. Um total de cento e cinquenta homens, pensou Ellis. Assim que os Hips pousavam, os soldados pulavam e deitavam no terreno, apontando as armas para a aldeia, mas sem disparar.

Para tomar a aldeia eles teriam de atravessar o rio, e para atravessar o rio teriam de tomar a ponte. Mas não sabiam disso. Estão apenas sendo cautelosos, pois esperam que o elemento surpresa lhes permita prevalecer com a maior facilidade.

Ellis preocupou-se com a possibilidade de a aldeia parecer deserta demais. A esta altura, poucos minutos depois de o primeiro helicóptero ter aparecido, haveria normalmente algum as pessoas à vista, correndo. Prestou atenção para ouvir o primeiro tiro. Não se sentia mais assustado. Concentrava-se em coisas demais para ficar com medo. Do fundo de sua mente veio um pensamento: É sem pressa depois que com ela.

Ellis lembrou que Shahazai instalara minas na plantação de cevada. Por que nenhum a explodira? Um momento depois teve a resposta. Um dos soldados levantou-se e devia ser um oficial e gritou uma ordem. Vinte ou trinta homens se ergueram e correram para a ponte. E de repente houve uma explosão ensurdecadora, ainda mais alta que o barulho dos helicópteros, depois outra e mais outra, o chão parecendo se fragmentar sob os pés dos soldados correndo. Ellis pensou: Shahazai tem perou suas minas com TNT extra. Nuvens de terra e cevada dourada obscureceram os homens, à exceção de um, que foi lançado bem alto no ar e caiu devagar, girando como um acrobata, até bater no solo e ficar imóvel. Enquanto os ecos morriam, surgiu outro som, um tam-borilar intenso, que vinha do alto do penhasco, quando Yussuf e Abdur abriram fogo. Os russos bateram em retirada na maior confusão, enquanto os guerrilheiros na aldeia comecavam a disparar seus Kalashnikovs através do rio.

A surpresa proporcionara aos guerrilheiros uma imensa vantagem inicial, mas não duraria sem preço: o comandante russo reagruparia suas tropas. Mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, ele tinha de desobstruir o acesso à ponte.

Um dos Hips na plantação de cevada explodiu, e Ellis concluiu que devia ter sido atingido por Yussuf ou Abdur. Ficou impressionado.

A Dashoka tinha um alcance de quilômetro e meio, e os helicópteros se encontravam a metros de um quilômetro, mas era preciso ser um excelente artilheiro para destruir um aparelho àquela distância.

Os Hinds ainda estavam no ar, circulando sobre a aldeia. O comandante russo lançou-os em ação. Um deles sobrevoou o rio e metralhou o campo minado de Shahazai. Yussuf e Abdur tentaram acertá-lo, mas não conseguiram. As minas de Shahazai explodiram inofensivamente, uma depois da outra. Ellis pensou, apreensivo: Eu gostaria que as minas tivessem derrubado mais inimigos, pois cerca de vinte em cento e cinquenta homens não chegam a ser muita coisa. O

Hind subiu, perseguido por Yussuf, mas outro baixou e tornou a metralhar o campo minado.

Yussuf e Abdur despejaram uma chuva de balas em sua direção. O helicóptero subitamente deu uma guinada, e parte de uma hélice caiu. Ele mergulhou no rio. Ellis pensou: bom tiro, Yussuf!

Mas o acesso à ponte estava limpo, os russos ainda contavam com mais de cem homens e dez helicópteros. Ellis concluiu, com um calafrio de medo, que os guerrilheiros poderiam perder aquela batalha.

Os russos se animaram e a maioria □ Ellis calculou que oitenta ou mais homens □

começou a avançar para a ponte, rastejando, disparando constantemente. Eles não podem ser tão desestimulados ou indisciplinados quanto dizem os jornais americanos, pensou Ellis, a menos que esta seja uma unidade de elite. E depois percebeu que todos os soldados pareciam ter pele branca. Não havia afegãos naquela força. Era como no Vietnã, onde os vietnamitas eram sempre inimigos fora de qualquer ação mais importante.

E de repente houve um hiato. Os russos na plantação de cevada e os guerrilheiros na aldeia trocavam tiros irregulares através do rio, os primeiros atirando mais ou menos ao acaso, os segundos com tiros com a união. Ellis levantou os olhos. Os Hinds no ar estavam atacando Yussuf e Abdur no penhasco. O comandante russo identificara acertadamente as metralhadoras pesadas com o seu alvo principal.

Enquanto um Hind se lançava contra os artilheiros no penhasco, Ellis experimentou um instante de admiração pelo piloto, por voar diretamente para as armas; ele sabia quanta coragem era necessária

para isso. O aparelho desviou-se, sem que ninguém fosse atingido.

As chances eram mais ou menos iguais, pensou Ellis: era mais fácil para Yussuf ir acuradamente, porque estava parado, enquanto o helicóptero se movia; mas, por outro lado, ele era um alvo mais fácil por estar parado. Ellis recordou que nos Hinds os foguetes nas asas eram disparados pelo piloto, enquanto o artilheiro operava a metralhadora no nariz. Não seria fácil para um piloto ir com precisão naquelas circunstâncias adversas, pensou Ellis; e com os Dashokas tinham um alcance maior que a metralhadora do Hind, talvez Yussuf e Abdur contassem com uma pequena vantagem. Espero que assim seja, pensou Ellis, pelo bem de todos nós.

Outro Hind desceu para o penhasco com o um gavião se lançando sobre um coelho, mas as armas o atraquearam e o aparelho acabou explodindo em pleno ar. Ellis sentiu vontade de aclamar, o que era irônico, pois conhecia muito bem o terror e o pânico mal controlado da tripulação de um helicóptero sob fogo.

Outro Hind se aproximou. Os artilheiros estavam um pouco atrasados desta vez, mas

conseguiram atingir a cauda, o aparelho se descontrolou e foi se chocar contra o penhasco. Ellis pensou: Ainda podem os liquidar todos! Mas o som das metralhadoras mudara, e depois de um momento Ellis compreendeu que apenas um estava disparando.

O outro homem foi abatido. Ellis esquadrinhou pela poeira e divisou um gorro chitrali se movendo lá em cima. Yussuf estava vivo. Abdur foi atingido.

Os três Hinds restantes circularam e assumiram novas posições. Um deles se elevou acima da batalha: o comandante russo deve estar naquele aparelho, pensou Ellis.

Os outros dois baixaram para Yussuf num movimento de pinça. Era um movimento hábil, pensou Ellis, pois Yussuf não podia atirar nos dois ao mesmo tempo. Ellis ficou observando a aproximação. Quando Yussuf ia atirar, o outro se aproximava. Ellis notou que os russos voavam com as portas abertas, exatamente como os americanos faziam no Vietnã.

Os Hinds atacaram. Um mergulhou para Yussuf e se desviou, mas foi atingido e pegou fogo; e depois o segundo se lançou sobre o alvo, todas as armas disparando. Ellis pensou: Yussuf não tem a menor chance! O segundo Hind pareceu hesitar em pleno ar. Teria sido

atingido? Caiu subitamente, baixando sete ou oito metros. Quando o motor pára, dissera o instrutor na escola de voo, seu helicóptero vai planar com o um plano de cauda. O aparelho bateu na platibanda, a poucos metros de Yussuf, mas depois o motor tornou a pegar e, para espanto de Ellis, começou a subir de novo. É mais resistente que um Huey, pensou ele: os helicópteros melhoraram consideravelmente nos últimos dez anos. O artilheiro estivera disparando durante todo o tempo, mas agora havia parado. Ellis viu por que e sentiu um aperto no coração.

Um Dashoka despencou pela beira do penhasco, no meio da camuflagem de galhos e arbustos; foi seguida quase que imediatamente por um mais inerte e pardo Yussuf. O corpo bateu num afloramento no meio do paredão e o gorro chitrali redondo se desprendeceu. Um momento depois ele desapareceu da vista de Ellis. Quase ganhara a batalha sozinho; não haveria medalha para ele, mas sua história seria contada em torno das fogueiras de acampamento nas frias montanhas afegãs por cem anos.

Os russos haviam perdido quatro dos seis Hinds, um Hip e cerca de vinte e cinco homens; mas os guerrilheiros estavam sem as suas metralhadoras pesadas e não tinham defesa contra os dois Hinds restantes, que começaram a metralhar a aldeia. Ellis encolheu-se dentro da casa, desejando que não fosse de madeira. Era uma tática de preparação: depois de uns poucos minutos, com o alarme, os russos na plantação de cevada levantaram e correram para a ponte.

Vai ser agora, pensou Ellis; estão chegando ao fim, de um jeito ou de outro.

Os guerrilheiros na aldeia atiraram contra os soldados que avançavam, mas estavam inibidos pela cobertura aérea, e poucos russos caíram. Quase todos os russos estavam de pé agora, oitenta ou noventa homens, disparando às cegas para o outro lado do rio enquanto corriam.

Gritavam com o maior entusiasmo, encorajados pela fragilidade da defesa. Os tiros dos guerrilheiros se tornaram um pouco mais precisos quando os russos chegaram à ponte, e vários caíram, mas não o suficiente para conter o ataque.

Segundos depois o primeiro russo cruzara o rio e mergulhava em busca de cobertura entre as casas da aldeia.

Havia cerca de sessenta homens na ponte ou perto quando Ellis puxou a alça do artefato de disparo. A ponte antiga explodiu com o um

vulcão.

Ellis instalara as cargas para matar, não para uma demonstração impiedável. A explosão

espalhou fragmentos de pedra letais, com o impacto de uma metralhadora gigantesca, liquidando todos os homens na ponte e muitos que ainda se encontravam na plantação de cevada.

Ellis encolheu-se na pequena casa, enquanto os escombros choviam sobre a aldeia. Quando tudo silenciou, tornou a olhar.

Onde antes existira a ponte, havia apenas uma pilha baixa de pedras e corpos, numa misturacão. Parte da mesquita e duas casas da aldeia também haviam desmoronado. E os russos batiam em retirada.

Enquanto ele observava, os vinte ou trinta homens ainda vivos correram para as portas abertas dos Hips. Ellis não os culpava por isso. Se ficassem na plantação de cevada, sem cobertura, seriam exterminados gradativamente pelos guerrilheiros, em posições superiores na aldeia; e se tentassem atravessar o rio, seriam liquidados na água, com o peixes num barril.

Segundos depois, os três Hips alçaram voo para se juntar aos dois Hinds no ar. Sem um único tiro de despedida, os helicópteros elevaram-se acima do penhasco e desapareceram.

Enquanto o barulho dos rotores se desvanecia, Ellis ouviu outro som. Depois de um momento, compreendeu que era o som de homens aclamando. Nós ganhamos, pensou ele.

É incrível, mas ganhamos. E com eles a aclamar também.

Capítulo 13

□ E para onde foram todos os guerrilheiros? □ perguntou Jane.

□ Eles se dispersaram □ explicou Ellis. □ É a técnica de Masud. Ele desaparece nas colinas antes que os russos possam recuperar o fôlego. Talvez voltem com reforços...

podem até estar em Darg neste momento... mas não encontrarão ninguém para lutar.

Todos os guerrilheiros se foram, à exceção dos poucos que estão aqui.

Havia sete homens feridos na clínica de Jane. Nenhum deles m

orreria. Mais doze foram tratados por ferimentos menores e já haviam sido liberados. Apenas dois homens haviam morrido na batalha, mas por terrível azar um deles fora Yussuf. Zahara estaria de luto outra vez...

e novamente por causa de Jean-Pierre.

Jane sentia-se deprimida, apesar da euforia de Ellis. Tenho de parar de remoer, pensou ela. Jean e Pierre foi embora e não voltará, não há sentido lamentar. Devo pensar de maneira positiva. Devo me interessar pelas vidas das outras pessoas.

— Com o que ficou a conferência? — ela perguntou a Ellis. — Se todos os guerrilheiros foram embora...

— Todos entraram em acordo — explicou Ellis. — Estavam tão eufóricos com o sucesso da operação que se dispunham a dizer sim a qualquer coisa. De certa forma, a operação provou o que alguns duvidavam: que Masud é um líder brilhante e que, se unindo sob o seu comando, podem conquistar grandes vitórias. Também consolidou as minhas credenciais de que acho, o que ajudou muito.

— Então você conseguiu o que queria.

— É verdade. Tenho até um tratado, assinado por todos os líderes rebeldes e testemunhado pelo meu irmão.

— Deve estar orgulhoso.

Jane inclinou-se e apertou-lhe o braço, e depois retirou a mão rapidamente. Sentia-se tão contente por tê-lo ali, implorindo que ela ficasse sozinha, que experimentava algum remorso por ter ficado com raiva dele durante tanto tempo. Mas receava que pudesse de alguma forma dar a impressão errônea de que ainda gostava dele da maneira antiga, o que seria constrangedor.

Ela se virou e correu os olhos pela caverna. As ataduras e seringas estavam nas caixas, os medicamentos em sua bolsa. Os guerrilheiros feridos estavam confortáveis em tapetes ou mantas. Passariam a noite na caverna, pois era muito difícil transportá-los para a aldeia. Tinham água e pão, e dois ou três estavam em condições de levantar e fazer um chá. Mousa, o filho mais velho de Mohammed, estava acorrido na entrada da caverna, empenhado num jogo misterioso na terra com a faca que o pai lhe dera. Ficaria com os feridos e, no caso im provável de alguém precisar de cuidados médicos durante a noite, desceria correndo a encosta para chamar Jane.

Tudo estava em ordem . Ela desejou boa-noite a todos, afagou a cabeça de Mousa e saiu.

Ellis foi atrás. Jane sentiu um a insinuação de frio na brisa vespertina. Era o primeiro sinal do final do verão. Levantou os olhos para os distantes cumes das montanhas do Hindu Kush, de onde viria o inverno. Os picos nevados estavam rosados pelo reflexo do sol poente. Aquele era um país lindo, um fato muito fácil de esquecer, especialmente em dias muito entoados. Estou feliz por ter conhecido esta terra, pensou ela, em breve sinto ansiosa em voltar para casa.

Desceu a colina, com Ellis ao seu lado. Olhava para ele de vez em quando. O pôr-do-sol fazia com que o rosto dele parecesse bronzeado e rude. Era bem provável que ele quase não tivesse dormido na noite anterior. Ela comentou: □ Você parece cansado.

□ Faz muito tempo que eu não me envolvia numa guerra de verdade. A paz deixa a gente mole.

Ele falou com indiferença. Pelo menos não se regozijava com a carnificina, ao contrário dos afegãos. Ellis contara apenas que explodira a ponte em Darg, mas um dos guerrilheiros feridos relatara os detalhes a Jane, explicando como a explosão no momento preciso mudara a sorte da batalha e descrevendo a matança com exuberância.

Havia um clima de comemoração na aldeia de Banda. Homens e mulheres conversavam em grupos, com maior animação, em vez de se retirarem para seus pátios. As crianças brincavam ruidosos jogos de guerra em boscos russos imaturos, imitando os mais velhos.

Um homem cantava em algum lugar, ao ritmo de um tambor. A perspectiva de passar a noite sozinha pareceu de repente insuportável para Jane. Num súbito impulso, ela disse a Ellis: □

Vamos tomar um chá... se não se importa que eu também esteja.

□ Boa ideia.

A criança estava chorando quando entraram na casa. Com o som premente, o corpo de Jane reagiu no mesmo instante: um dos seios comçou a vazar. Ela se apressou em dizer: □

Sente-se e Fará lhe servirá um chá.

Ela correu para o outro cômodo antes que Ellis pudesse perceber a mancha embaraçosa na blusa. Desabotoou a blusa o mais depressa possível e pegou a filha. Houve o momento habitual de pânico cego, enquanto Chantal procurava o marido, depois com a filha a sugar, dolorosamente a princípio, e logo com mais delicadeza. Jane sentiu-se constrangida em voltar ao outro cômodo.

Não seja tola, disse para si mesma; você o convidou, ele aceitou, além do mais houve um tempo em que dormiam juntos quase todas as noites... Mesmo assim sentiu que corava um pouco quando passou pela porta. Ellis estudava os mapas de Jean-Pierre.

— Era uma das minhas obras mais hábeis que se podia conceber — comentou ele. — Jean-Pierre conhecia todas as rotas porque Mohammedi sempre usava os seus mapas. — Levantou os olhos, viu a expressão de Jane e tratou de acrescentar: — Mas não vamos falar sobre isso. O que você vai fazer agora? Ela se sentou na almofada, encostada na parede, sua posição preferida para amanhã. Ellis não parecia embaraçado pelo seio à mostra, e Jane com a sensação de se sentir mais à vontade.

— Tenho de esperar. Assim que a rota para o Paquistão estiver aberta e os comboios recomencem, irei para casa. E você? — A mesma coisa. Meu trabalho aqui terminou. Claro que o acordo precisará de supervisão, mas a Agência dispõe de homens no Paquistão que podem cuidar disso.

Fará trouxe o chá. Jane especulou qual seria a próxima missão de Ellis: tramocar um golpe na Nicarágua, chantagear um diplomata soviético em Washington ou assassinar um comunista africano? Ela o interrogara sobre o Vietnã, quando eram antes, e ele contara que todos esperavam que fugisse à convocação, mas era um filho da puta do contrário e por isso fizera juramento o oposto. Jane não sabia se podia acreditar, mas mesmo o que fosse verdade não explicava porque ele permanecera naquela linha de trabalho violento depois de sair do exército.

— O que vai fazer quando voltar para casa, Ellis? Continuar a matar aquilões e outros de matar

Castro? — A Agência não pode cometer assassinatos.

— Mas com este mesmo método.

— Há um elemento lunático que nos dá uma péssima reputação. Infelizmente, os presidentes americanos não podem resistir à tentação de se comprometerem em jogos de agente secreto, e isso estimula

a facção dos alucinados.

□ Por que não vira as costas a todos eles e se j unta à raça humana? □
A América está cheia de pessoas que acreditam que outros países, assim com o o seu, têm o direito de ser livres...

mas são do tipo que "viram as costas e se j untam à raça humana". É por isso que a Agência em prega muitos psicopatas e poucos cidadãos decentes e com passivos. E quando a Agência derruba um governo estrangeiro, por capricho de algum presidente, todos perguntam com o essas coisas podem acontecer. A resposta é porque eles deixaram . Meu país é um a democracia, e por isso não há ninguém a culpar, a não ser eu, quando as coisas saem erradas; e se é preciso endireitar as coisas, tenho de fazê-lo, porque é minha responsabilidade.

Jane não estava convencida.

□ Diria que a maneira de reformar a KGB é aderir ao grupo?

□ Não, porque a KGB em última análise não é controlada pelo povo. A Agência é.

□ O controle não é tão simples assim □ disse Jane. □ A CIA conta muitas coisas ao povo. Não se pode controlá-los quando não se tem meios de saber o que eles estão fazendo.

□ Mas afinal é nossa Agência e nossa responsabilidade.

□ Você poderia trabalhar para acabar com ela, em vez de se juntar a ela.

□ Mas precisam os de uma agência central de informações. Vivem os num mundo hostil e precisam os de informações sobre os nossos inimigos.

Jane suspirou.

□ Mas pense a que isso leva. Estão planejando enviar muitos e muitos maiores armas a Masud, a fim de que ele possa matar muitas pessoas e muitos depressa. É o que vocês sem pre acabam fazendo.

□ Não é apenas para que ele possa matar muitas pessoas e muitos depressa □ protestou Ellis.

□ Os afegãos lutam por sua liberdade... e lutam contra um bando de assassinos...

□ Todos estão lutando por sua liberdade □ interrompeu-o Jane. □ A OLP, os exilados cubanos, o IRA, os brancos sul-africanos e o Exército de Gales Livre.

□ Alguns estão certos, outros não.

□ E a CIA conhece a diferença? □ Deve conhecer...

□ Mas não conhece. Masud está lutando pela liberdade de quem? □ A liberdade de todos os afegãos.

□ Não diga besteira □ disse Jane com veemência. □ Ele é um m uçulm ano fundam entalista. Se algum dia tomar o poder, sua primeira providência será reprimir as m ulheres.

Nunca lhes dará o direito de voto... e quer tirar os poucos direitos que elas possuem . E

com o acha que ele vai tratar os adversários políticos, tendo em vista que seu herói político é o Aiatolá Kom eini? Os cientistas e professores terão liberdade acadêmica? Os homens e mulheres homossexuais terão liberdade sexual? O que acontecerá com os hinduístas, budistas, ateus e protestantes? □ Acha realmente que o regime de Masud seria pior que o dos russos? Jane pensou por um momento.

□ Não sei. A única coisa de que tenho certeza é que o regime de Masud será uma tirania afegã, em vez de uma tirania russa. E não vale a pena matar pessoas para trocar um ditador estrangeiro por um ditador local.

□ Os afegãos parecem pensar que vale.

□ Nunca perguntaram à maioria.

□ Creio que é óbvio. Seja como for, não faço normalmente esse tipo de trabalho. Em geral, atuo mais como um detetive.

Era um assunto pelo qual Jane se sentia curiosa há um ano.

□ Qual era exatamente a sua missão em Paris?

□ Quando espionei todos os nossos amigos? □ Ellis sorriu. □ Jean-Pierre nunca lhe contou? □ Ele disse que não sabia.

□ Talvez não soubesse mesmo. Eu estava caçando terroristas.

□ Entre nossos amigos? □ Quase sempre é onde são encontrados... no

m eio dos dissidentes, rebeldes e criminosos.

□ Rahm i Coskun era um terrorista? Jean-Pierre dissera que Rahm i fora preso por causa de Ellis.

□ Era sim . Foi o responsável pela explosão do escritório da Turkish Airlines na Avenue Felix Faure.

□ Rahm i? Com o sabe? □ Ele m e contou. E quando o preendi, ele estava planejando outro atentado a bomba.

□ Ele também lhe contou isso? □ Pediu-me para ajudá-lo com a bomba.

□ Oh Deus! O belo Rahm i, com os olhos flamejantes antes e o ódio intenso ao governo de seu pobre país... Ellis ainda não acabara.

□ Lembra de Pepe Gozzi? Jane franziu o rosto.

□ Está falando daquele corso esquisito que tinha um Rolls Royce?

□ Esse mesmo. Ele fornecia armas e explosivos para todos os loucos de Paris. Vendia a qualquer um que pudesse pagar seus preços, mas se especializava em clientes políticos.

Jane estava aturdida. Presumira que Pepe era um personagem escuro apenas por ser rico e corso, mas calculara que na pior das hipóteses ele estava envolvido em crimes corriqueiros, com o contrabando ou tráfico de tóxicos. E pensar que ele vendia armas a assassinos! Jane começava a sentir que vivera num sonho, com toda a intriga e violência do mundo real ao seu redor. Sou tão ingênua assim? Ellis continuou: □ Também peguei um russo que financiara uma porção de assassinatos e sequestros. Pepe foi interrogado e denunciou a metade dos terroristas da Europa.

□ Então era isso o que você fazia durante todo o tempo em que éramos amigos antes... □

Então ela com expressão sonhadora.

Podia recordar as festas, os concertos de rock, as manifestações, as discussões políticas em cafés, as intermináveis garrafas de *vin rouge ordinaire* nos estúdios em sótãos... Desde o momento entre os dois que ela presumira vagamente que Ellis escrevia pequenos relatórios sobre todos os radicais, informando quem era influente, quem era extremista, quem tinha dinheiro, quem contava com muitos adeptos

entre os estudantes, quem m antinha ligações com o Partido Comunista e assim por diante. Era difícil agora aceitar a ideia de que ele estava na pista de criminosos de verdade e encontrara alguns entre os seus amigos.

□ Não posso acreditar □ disse Jane, aturdida.

□ Foi um grande triunfo, se quer saber a verdade.

□ Provavelmente não deveria me contar.

□ Tem razão. Mas quando me contei para você no passado, arrependi-me profundamente...

para dizer o mínimo.

Jane sentiu-se constrangida, sem saber o que dizer. Passou Chantal para o seio esquerdo.

Percebendo o olhar de Ellis, cobriu o seio direito com a blusa. A conversa estava se tornando perigosamente pessoal, mas ela experimentava uma curiosidade intensa, queria saber mais.

Podia entender agora com o ele se justificava □ em bora não concordasse com seu raciocínio □

mas ainda especulava sobre seus motivos. Se não descobrir agora, pensou ela, talvez nunca mais tenha outra oportunidade.

□ Não entendo o que leva um homem a tomar a decisão de consumir sua vida fazendo esse tipo de coisa.

Ellis desviou os olhos.

□ Sou bom nisso, vale a pena fazer, e o pagamento é espetacular.

□ E imagino que você gostou também do plano de aposentadoria e do cardápio da cantina. Muito bem, não precisa me explicar nada, se não quiser.

Ele tornou a fitá-la nos olhos, com o se tentasse ler seus pensamentos.

□ Quero contar tudo □ disse Ellis. □ Mas você tem certeza de que quer ouvir? □ Tenho, sim. Por favor.

□ O problema está relacionado com a guerra □ com isso Ellis, levando Jane a compreender de repente que ele estava prestes a dizer

algo que já me contaria a ninguém .

□ Um a das coisas terríveis de se voar no Vietnã era o fato de ser muito difícil diferenciar os vietcongues dos civis. Sem pre que proporcionavam os apoio aéreo a tropas de solo, me inavam os um a trilha na selva ou declaravam os que um a zona estava sujeita a bombardeio, sabiam os que me atariam os meus amigos, mulheres, crianças e velhos do que guerrilheiros. Costumavam os dizer que eles ofereciam abrigo ao inimigo. Mas quem podia ter certeza? E quem se importava?

Nós os me atavam os. Eram os os terroristas então. E não estou falando de casos isolados □ em bora tenha testemunhado atrocidades terríveis □ mas sim de nossa tática regular cotidiana. Não havia justificativa, o que era o problema maior. Fizemos todas essas coisas por uma causa que descobrimos ser feita de mentiras, corrupção e fraude. Estávamos os no lado errado.

O rosto de Ellis estava contraído, com o se ele sentisse dor de uma lesão interna persistente. À luz irrequieta do lampião, sua pele era amarelada e ensombreada quando acrescentou: □ Não há desculpa... não há perdão. Gentilmente, Jane estimulou-o a falar mais.

□ Então por que ficou? Por que se ofereceu com o voluntário para um segundo período de serviço? □ Porque na época eu não percebia tudo isso tão claramente, porque lutava por meu país e não se pode deixar uma guerra no meio, porque era um bom oficial e se voltasse para casa poderia ser substituído por algum idiota e meus homens morreriam . Claro que nenhum desses motivos é bastante convincente, e por isso em determinado momento me perguntei: "O que vai fazer?" Eu queria... não compreendi isso na ocasião, mas queria fazer alguma coisa para me redimir. Nos anos 60 teriamos chamado de viagem de culpa.

□ Mas... □ Ellis parecia tão inseguro e vulnerável que Jane tinha dificuldade para lhe fazer perguntas diretas. Mas com o ele precisava falar e ela queria ouvir, acabou perguntando: □

Mas por que assumiu esse trabalho depois? □ Eu estava no serviço de informações, quase no final, e ofereceram-me a oportunidade de continuar na mesma linha de trabalho no mundo civil.

Disseram que eu poderia trabalhar com o agente secreto porque conhecia o meio. Estavam a par do meu passado radical. E achei que poderia com pensar alguma das coisas que fizera se caçasse

terroristas. E por isso me tornei um especialista em contraterrorismo. Parece sim plista quando se traduz em palavras... mas a verdade é que tenho sido bem -sucedido.

A Agência não gosta de mim porque às vezes recuso uma missão, com o na ocasião em que me ataram o Presidente do Chile, e os agentes não devem recusar missões. Mas fui responsável pela captura de pessoas perniciosas, e me orgulho disso.

Chantal estava dormindo. Jane ajeitou-a na caixa que era o seu berço e disse a Ellis: □

Creio que devo dizer uma coisa... parece que o julguei errado. Ele sorriu.

□ Graças a Deus que pensa assim .

Por um momento, Jane foi dominada pela nostalgia, ao pensar no tempo □ fora há apenas um ano e meio? □ em que ela e Ellis eram felizes e nada daquilo acontecera: não havia CIA, Jean-Pierre ou Afeganistão.

□ Não se pode apagar nada, não é mesmo o? □ informou ela. □ Tudo o que aconteceu...

suas memórias, minha raiva...

□ Não, não se pode.

Ele estava sentado no banco, fitando-a, de pé à sua frente, estudando-a atentamente.

Estendeu os braços, hesitou, depois pôs as mãos nos quadris de Jane, num gesto que poderia ser de afeição fraternal ou algo mais. E foi então que Chantal interveio: □ Hummmmm ...

Jane virou-se e contem plou-a, Ellis baixou as mãos. Chantal estava acordada, sacudindo pernas e braços no ar. Jane pegou-a no colo e ela arrotou no mesmo instante.

Jane virou-se para Ellis. Ele cruzara os braços no peito e a observava, sorrindo.

Subitamente, ela não queria que Ellis fosse embora. E disse, num impulso: □ Por que não janta comigo? Mas só tenho pão e coalhada.

□ Está bem .

Jane estendeu Chantal para ele.

□ Vou falar com Fará.

Ellis pegou a m enina, e ela saiu para o pátio. Fará estava esquentando água para o banho de Chantal. Jane verificou a tem peratura com o cotovelo e constatou que estava no ponto.

□ Providencie pão para duas pessoas, por favor □ disse ela, em dari.

Os olhos de Fará se arregalaram e Jane com preendeu que era chocante um a m ulher sozinha convidar um hom em para j antar. Ora, que se danasse tudo, pensou ela. Pegou o caldeirão com a água quente e voltou a entrar na casa.

Ellis estava sentado na alm ofada grande, por baixo do lam pião de óleo, com Chantal nos j oelhos, entoando em voz baixa um a cantiga de ninar. Suas m ãos grandes e peludas envolviam o corpo pequeno e rosado de Chantal. Ela o fitava, gorgulhando feliz, sacudindo os pés. Jane parou na porta, hipnotizada pela cena, e um pensam ento espontâneo aflorou-lhe à m ente: Ellis deveria ter sido o pai de Chantal.

Isso é verdade? perguntou a si m esm a, enquanto os contem plava. É o que realm ente desej o? Ellis term inou a cantiga, olhou para ela e sorriu, m eio em baraçado. Jane pensou: É de fato o que eu quero.

Eles subiram a encosta da m ontanha à m eia-noite, Jane na frente, Ellis seguindo-a com o saco de dorm ir debaixo do braço. Havia dado banho em Chantal, com ido o parco j antar de pão e coalhada, alim entado Chantal outra vez e a acom odado para a noite no telhado, onde estava agora profundam ente adorm ecida, ao lado de Fará, que a protegeria com a própria vida. Ellis quisera tirar Jane da casa em que ela fora a esposa de outro hom em e Jane sentira a m esm a coisa, dizendo: □ Conheço um lugar para onde podem os ir.

Agora, ela deixou a trilha e levou Ellis pelo terreno íngrem e e pedregoso até o seu refúgio, a platibanda oculta em que tom ava banho de sol nua e passava m anteiga na barriga, antes de Chantal nascer. Encontrou o lugar facilm ente, ao luar. Olhou para a aldeia lá em baixo, onde as brasas das fogueiras de cozinhar ainda ardiam nos pátios e uns poucos lam piões faiscavam nas j anelas sem vidro. Podia divisar os contornos de sua casa. Dentro de poucas horas, assim que o dia com eçasse a raiar, veria os vultos adorm ecidos de Chantal e Fará no telhado. E

ficaria contente: era a primeira vez que se afastava de Chantal à noite.

Ela virou-se. Ellis abriu o saco de dormir e estendia-o no chão, com o um a manta. Jane sentia-se constrangida e apreensiva. Já desaparecera o impulso de afeto e desejo que a dominara na casa, quando o observara enquanto um a cantiga de ninar para sua filha. Todos os seus antigos sentimentos haviam ressurgido naquele instante: a vontade de tocá-lo, seu amor pela mãe com o ele sorria quando se sentia inibido, a necessidade de sentir aquelas mãos grandes em sua pele, o desejo obsessivo de vê-lo nu. Ela perdera o interesse pelo sexo poucas semanas antes do nascimento de Chantal e não tornara a senti-lo até aquele momento. Mas o ânimo se dissipara, pouco a pouco, nas horas subsequentes, enquanto adotavam as medidas práticas desejadas para ficarem a sós, com o um casal de adolescentes tentando escapar dos pais para uma sessão de carícias.

— Venha sentar — murmurou Ellis.

Jane sentou-se ao seu lado, no saco de dormir. Os dois ficaram olhando para a aldeia quase mergulhada na escuridão total. Não estavam se tocando. Houve um momento de silêncio tenso.

— Nenhum a outra pessoa jamais esteve aqui — comentou Jane, só para dizer alguma coisa.

— Para que você usava este lugar? — Ficava deitada ao sol, sem pensar em nada. — Mas Jane disse a si mesma: Ora, pare com isso! E acrescentou: — Não, isso não é verdade. Eu costumava me masturbar.

Ellis riu, estendeu um braço para enlaçá-la e puxou-a.

— Estou contente que você ainda não tenha aprendido a memorizar suas palavras.

Jane virou o rosto. Ele beijou-a na boca, gentilmente. Ele gosta de mim por meus defeitos, pensou ela: a falta de tato, o temperamento explosivo, o jeito destemperado de falar, a determinação e obstinação.

— Você não quer me morder — murmurou ela.

— Oh, Jane, com o senti saudade... — Ele fechou os olhos, quase sussurrava ao continuar:

□ E na maior parte do tempo nem mesmo o com preendia que sentia saudade de você.

Ellis deitou-se de costas, puxando-a, de tal forma que Jane acabou se estendendo por cima. Ela beijou-o no rosto, de leve. A sensação de constrangimento se dissipava depressa. Jane pensou: Ele não tinha barba na última vez em que o beijei. Ela sentiu as mãos de Ellis se

exercerem, desabotoando sua blusa. Não usava sutiã □ não tinha nenhum bastante grande □ os seios pareciam nus demais. Enfiou a mão por dentro da camisa de Ellis, tocando os cabelos com dedos em torno do mamilo. Quase esquecera com o eram os homens. Há meses que sua vida estava ocupada pelas vozes suaves e os rostos lisos de mulheres e crianças: agora, subitamente, queria sentir um a pele áspera, coxas duras, faces barbadas. Entrelaçou os dedos na barba e abriu sua boca com a ponta da língua. As mãos de Ellis encontraram seus seios intumescidos e ela experimentou uma onda de prazer... e compreendeu então o que estava para acontecer, mas não tinha forças para impedir, pois no instante mesmo em que se desvencilhava bruscamente o leite quente esguichou dos mamilos sobre as mãos de Ellis. Jane corou de vergonha e balbuciou: □ Oh, Deus... sinto muito... que coisa repulsiva... não pude evitar... Ellis silenciou-a, encostando um dedo em seus lábios.

□ Está tudo bem □ murmurou ele, acariciando os seios, que se tornaram completamente molhados. □ É normal. Sem problema. E é sensual.

Não pode ser sensual, pensou Jane. Mas ele mudou de posição e aproximou o rosto, comendo a beijo os seios e a afagá-los ao mesmo tempo. Aos poucos, Jane relaxou e começou a apreciar a sensação. Experimentou outra pontada de prazer quando os seios tornaram a vazar, mas desta vez não se importou. Ellis murmurou "Ahn..." e a superfície áspera da língua tocou num mamilo sensível. Jane pensou: Se ele chupar, Vou acabar gozando.

Foi com o se Ellis lesse os seus pensamentos. Fechou os lábios em torno de um mamilo com prido, puxou-o para dentro da boca e chupou, enquanto segurava o outro entre o indicador e o polegar, apertando gentilmente, no mesmo ritmo. Imponente, Jane entregou-se à sensação; enquanto os seios esguichavam leite, um em sua mão, outro na boca, a sensação era tão intensa que ela estremeceu incontavelmente e gemeu "Ahn... ahn...", até que gozou e desabou por cima dele.

Por algum tempo, não havia nada em sua mente além do que podia sentir: o sopro quente de Ellis em seus seios molhados, a barba arranhando sua pele, o ar frio da noite em suas faces quentes, o saco de dormir de náilon e o chão duro por baixo. Depois de algum tempo, a voz sufocada de Ellis balbuciou: ☐ Estou sufocando.

Jane saiu de cima, indagando: ☐ Som os esquisitos?

☐ Som os.

Ela soltou um arisadinha.

☐ Você já tinha feito isso antes? Ellis hesitou por um instante.

☐ Já.

☐ Com o... ☐ Jane ainda se sentia um pouco embaraçada. ☐ Qual é o gosto? ☐ Quente e doce. Com o leite condensado. Você gozou? ☐ Não notou? ☐ Não tive certeza. Às vezes é difícil saber com as mulheres. Jane beijou-o.

☐ Gozei. Um pouco, mas intenso. Um orgasmo peitoral. ! ☐ E eu quase gozei.

☐ É molhado? Ela passou a mão pelo corpo de Ellis. Ele usava a calça e a camisa de algodão fino que parecia um pijama, o traje com um dos afegãos. Jane pôde sentir as costelas e o quadril: Ellis perdera a camada de gordura que todos os ocidentais tinham, a não ser os mais magros. A mão encontrou o pênis, ereto, dentro da calça. Ela murmurou "Ahn" e segurou-o, dizendo: ☐ É gostoso.

☐ Também deste lado.

Ela queria lhe proporcionar tanto prazer quanto Ellis lhe dera.

Sentou-se, desamarrou o cordão da calça, puxou-lhe o pênis para fora. Afagando-o gentilmente, inclinou-se e beijou a ponta. Um espírito de malícia adormeceu e ela perguntou: ☐

Quantas mulheres teve desde que nos separamos? ☐ Continue a fazer isso e eu lhe direi.

☐ Está bem. ☐ Jane recomendou a acariciar. Ele se manteve em silêncio. Depois de um minuto, ela insistiu: ☐ Muito bem, quantas? ☐ Espere um pouco, Ainda estou contando.

☐ Filho da puta! Jane deu um mordida de leve no ombro.

□ Ai! Não foram muitas... juro! □ O que você faz quando não tem uma mulher? □ Pode dar três palpites.

Ela não estava disposta a desistir.

□ Faz com a mãe? □ Ora bolas! Fico envergonhado.

□ Faz, sim! □ exclamou Jane, triunfante. □ Em que pensa quando está fazendo? □

Acreditaria na Princesa Diana? □ Não.

□ Agora estou mesmo envergonhado. Jane não podia conter a curiosidade.

□ Tem de contar a verdade.

□ Pam Ewing.

□ E quem é ela? □ Você está realmente fora do mundo. É a mulher de Bobby Ewing, em Dallas. Jane lembrou-se do seriado de televisão e da atriz, e ficou atônita.

□ Não pode estar falando sério.

□ Pediu a verdade.

□ Mas ela é toda de plástico! □ Estam os falando de fantasia.

□ Não pode fantasiar uma mulher liberada? □ Não há lugar para a política na fantasia.

□ Estou chocada. □ Jane hesitou. □ Como faz? □ O quê? □ O que você faz, com a mãe.

□ Mais ou menos o que você está fazendo agora, só que com mais força.

□ Mostre com o quê.

□ Agora não estou apenas envergonhado, mas também me mortificado.

□ Mostre, por favor. Sem precisar ver um homem fazer isso. Nunca antes tive coragem de pedir... e se você recusar, talvez eu nunca saiba.

Ela pegou a mãe de Ellis e pôs onde estava a sua. Depois de um momento, ele cometeu a mãe over a mãe, devagar. Fez vários movimentos

entos, sem m uito entusiasmo, depois suspirou, fechou os olhos, e passou a se masturbar com todo o vigor.

□ Você é tão rude! □ exclamou Jane. ? Ele parou.

□ Não posso fazer... a menos que você também faça.

□ Negócio fechado □ disse ela, ansiosamente.

Jane abaixou apressadamente a calça e a calcinha. Ajoelhou-se ao lado de Ellis e começou a se acariciar.

□ Chegue mais perto □ murmurou ele, a voz um pouco rouca. □ Não posso vê-la.

Ellis estava deitado de costas. Jane adiantou-se, de joelhos, até ficar ao lado de sua cabeça, o luar prateando seus membros e os pêlos púbicos. Ele começou a se masturbar, desta vez mais depressa, olhando atentamente para o membro de Jane, como se estivesse hipnotizado, enquanto ela se acariciava.

□ Oh, Jane...

Ela começou a desfrutar as pontadas do prazer familiares que se irradiavam das pontas

de seus dedos. Viu os quadris de Ellis começarem a subir e descer, no ritmo de seu membro. E disse:

□ Quero que você goze. Quero ver sair.

Parte de Jane estava chocada por seu comportamento, mas era sufocada pelo excitamento e desejo. Ellis gemeu. Ela fitou seu rosto. Ele estava com a boca aberta, a respiração acelerada, os olhos fixados na vagina. Ela afagou os lábios com o dedo do meio.

□ Enfie o dedo □ balbuciou ele. □ Quero ver seu dedo entrar.

Era uma coisa que Jane não fazia normalmente, mas enfiei a ponta do dedo. Entrou suave, escorregadio. Ela enfiei tudo. Ellis ofegou; e porque ele estava tão excitado pelo que ela fazia, Jane também ficou, ainda mais. Olhou para o pênis. Os quadris de Ellis se moviam mais depressa, enquanto ele fodia a própria mão. Jane mexia o dedo na vagina com crescente prazer. Subitamente, ele se arqueou, em pinando a pelve pelo ar e gemendo, esguichando um jato de sêmen em branco. Involuntariamente, Jane gritou "Oh, Deus!",

enquanto olhava, fascinada, para o pequeno buraco na ponta do pênis, de onde saiu outro j ato, um terceiro e um quarto, brilhando ao luar, caindo no peito de Ellis, no braço e nos cabelos de Jane; e depois, quando ele desabou, Jane foi sacudida por espasmos de prazer, provocados por seu dedo em rápido movimento, até que tomou bem, exausta. Estendeu-se ao lado de Ellis, sobre o saco de dormir, a cabeça em sua coxa. O pau ainda estava duro. Jane inclinou-se e beijou-o. Sentiu um vestígio de sêmen em salgado na ponta. E sentiu o rosto de Ellis se aninhar entre suas coxas em resposta.

Os dois ficaram quietos por algum tempo. Os únicos sons eram de suas respirações e do rio correndo no outro lado do vale. Jane olhou para as estrelas. Cintilavam intensamente, não havia nuvens. O ar noturno esfriava. Não demora muito para que tenham os de nós meter no saco de dormir, pensou ela. Ansiava em adormecer junto de Ellis.

☐ Som os estranhos? ☐ indagou ele.

☐ Som os.

O pênis caíra para o lado, estava estendido sobre a barriga. Ela passou as pontas dos dedos pelos pêlos vermelho-dourados. Quase esquecera com o prazer com o Ellis. Muito diferente de Jean-Pierre. Jean-Pierre gostava de muitos preparativos: óleos de banho, perfume e, luz de vela, vinho, violinos. Era um amante metódico.

Gostava que ela se lavasse antes de fazer amor e sempre ia ao banheiro depois, assim que acabava. Jamais a tocava durante a menstruação, certamente não chuparia seus peitos e engoliria o leite, com o Ellis fizera. Mas Ellis podia fazer qualquer coisa, pensou Jane, e quanto mais higiênico, melhor. Ela sorriu no escuro.

Ocorreu-lhe que nunca se convencera de que Jean-Pierre gostava de fato do sexo oral, por melhor que fosse o desempenho dele. Com Ellis, não havia a menor dúvida.

O pensamento deixou-a com vontade. Abriu as coxas, convidativa. Sentiu que Ellis a beijava, seus lábios roçando os pêlos púbicos, a língua comendo a sondar lascivamente entre as dobras dos lábios vaginais. Depois de um momento, ele deitou-a de costas, ajoelhou-se entre suas coxas, levantou as pernas de Jane por cima de seus ombros.

Ela sentiu-se totalmente nua, completamente aberta e vulnerável, mas assim extremamente acariciada. A língua de Ellis

deslocou-se numa curva longa e lenta, com o pênis na base da espinha. □ Oh, Deus, pensou Jane, estou tão brando com o ele faz isso! □ Enquanto a fenda entre as nádegas, fazendo uma pausa para penetrar fundo na vagina e depois subindo para provocar a pele sensível onde os lábios vaginais se encontravam, com o clitóris ansioso no meio.

Depois de sete ou oito longas, Jane lhe anteviu a cabeça sobre o clitóris, obrigando-o a se concentrar nisso. Ela começou a levantar e baixar os quadris, dizendo pela pressão de seus dedos nas têmporas de Ellis se devia lhe dar com mais vigor ou mais suave, mais alto ou mais baixo, à esquerda ou à direita. Sentiu a mão de Ellis em sua vagina, com o primeiro o interior útero, adivinhou o que ele ia fazer: um momento depois ele retirou a mão e em seguida enfiou devagar um dedo no orifício por seu ânus. Jane lembrou com o que ficara chocada na primeira vez em que ele fizera isso e com o logo aprendera a gostar.

Jean-Pierre já lhe faria uma coisa assim, nem em um mês de anos. Enquanto os músculos de seu corpo começaram a se contrair para o orgasmo, ocorreu-lhe que sentira saudade de Ellis mais do que já lhe admitira; o motivo de ter continuado furiosa com ele por tanto tempo fora o fato de continuar a amá-lo. Ao reconhecer isso, um terrível peso saiu de sua mente e começou a gozar, tremendo com o um a árvore num vendaval. Ellis, sabendo o que ela gostava, enfiou a língua no mais fundo possível, enquanto Jane esfregava seu sexo contra o rosto dele, freneticamente.

Parecia que se prolongaria por toda a eternidade. Cada vez que as sensações arrefeciam, ele metia o dedo ainda mais fundo no seu ânus, lambia o clitoris ou mordida os lábios vaginais, fazendo tudo recomçar; finalmente, por pura exaustão, Jane suplicou: □ Pare, pare, não tenho mais forças, vai acabar comigo e me matando...

Ellis levantou o rosto e baixou as pernas de Jane. Ele se inclinou, apoiado nas mãos, e beijou-a na boca. Tinha o cheiro de vagina na barba. Jane permaneceu deitada de costas, cansada demais para abrir os olhos, cansada demais até para retribuir o beijo. Sentiu a mão de Ellis em sua vagina, abrindo-a, e depois o pênis entrando.

E pensou: Ele ficou duro outra vez muito depressa. E um momento depois: Oh, Deus, faz tanto tempo e é tão bom! Ele começou a mexer, para dentro e para fora, devagar a princípio, depois mais depressa. Jane abriu os olhos. O rosto de Ellis estava por cima do seu, contendo plando-a.

Ele dobrou o pescoço e olhou para o lugar em que os corpos se encontravam . Arregalou os olhos, abriu a boca, enquanto observava o m em bro entrando e saindo da vagina. A cena inflam ou-o tanto que desejou que Jane também pudesse ver.

Diminuiu o ritmo e subitamente penetrou mais fundo. Jane lembrou que ele sempre fazia isso antes do orgasmo. Ellis fitou-a nos olhos e murmurou: ☐ Beij e-me enquanto eu gozo.

Ele baixou os lábios cheirando a vagina. Jane enfiou a língua em sua boca. Adorava quando ele gozava. Ellis arqueou as costas e levantou a cabeça, soltando um grito animal. Ela sentiu o sêmen inundá-la.

Quando acabou, ele baixou a cabeça para o ombro de Jane, roçando os lábios gentilmente sobre a pele nua de seu pescoço e sussurrando palavras que ela não pôde entender. Depois de um ou dois minutos, ele deixou escapar um suspiro profundo de satisfação, beijou-a na boca, depois ajoelhou-se e beijou-lhe os seios. E finalmente beijou a vagina. O corpo de Jane reagiu no mesmo instante, os quadris se erguendo para a vagina se comprimiu contra os lábios. Sabendo que ela estava ficando outra vez com tesão, Ellis começou a chupar; e, com o sempre, o pensamento de Ellis lambeu sua vagina, enquanto o sêmen ainda escorria, quase levou-a à loucura. Ela gozou imediatamente, gritando o nome dele, até que o espasmo acabou.

Ellis arriou ao seu lado. Automaticamente, os dois assumiram a posição em que sempre

ficavam depois de fazer amor: o braço de Ellis a envolvia, a cabeça de Jane repousava em seu ombro, a coxa se estendia por cima dos quadris dele. Ellis bocejou, ela riu. Eles se tocaram, letárgicos, Jane estendendo a mão para brincar com o pênis inerte, Ellis enfiando os dedos na vagina encharcada. Ela lambeu seu peito, sentiu o suor salgado na pele. Olhou para seu pescoço.

A luz iluminava as linhas e sulcos, traçando sua idade. Ele é dez anos mais velho do que eu, pensou Jane. Talvez seja por isso que sabe trepar de maneira tão maravilhosa, porque é mais velho.

☐ Por que você é um grande foda? ☐ disse ela, em voz alta. Ellis não respondeu; estava dormindo. Ela acrescentou, um instante antes de fechar os olhos: ☐ Eu amo o você, meu querido.

Dormam bem .

Depois de um ano no vale Jean-Pierre achou a cidade de Kabul

desconcertante e assustadora. Os prédios eram enormes, os carros andavam muito depressa, havia gente demais.

Tinha de tapar os ouvidos quando os imensos tanques russos passavam em comboio, ruidosamente. Tudo o que lhe agradava com o choque da novidade: prédios de apartamentos, colegiais de uniforme, lâmpadas na rua, elevadores, toalhas de mesa, o gosto do vinho. Depois de vinte e quatro horas, ele continuava nervoso. O que era irônico: afinal, era um parisiense! Recebera um quarto no alojamento dos oficiais solteiros. Prometeram-lhe que teria um apartamento assim que Jane chegasse com Chantal. Enquanto isso, ele tinha a impressão de que estava vivendo num hotel ordinário. O prédio provavelmente fora um hotel antes da chegada dos russos. Se Jane viesse agora, ela deveria chegar a qualquer momento, os três teriam de se acomodar ali da melhor forma possível pelo resto da noite. Não posso me queixar, pensou Jean-Pierre; não sou um herói... ainda.

Postou-se de pé junto à janela, contemplando Kabul à noite. Durante duas horas toda a cidade estivera sem energia, presumivelmente pela ação dos equivalentes urbanos de Masud e seus guerrilheiros, mas aos poucos minutos depois a eletricidade voltara e havia uma tênue claridade no centro da cidade, que tinha iluminação nas ruas. Os únicos sons eram os roncos dos motores, enquanto carros, caminhões e tanques do exército russo atravessavam a cidade, seguindo apressados para seus misteriosos destinos.

O que havia de tão urgente, à meia-noite, em Kabul? Jean-Pierre prestara o serviço militar e refletiu que se o exército russo era parecido com o francês, a missão a ser realizada no meio da noite, em ritmo acelerado, devia ser algo como o levar quinhentas cadeiras de um quartel para um salão no outro lado da cidade, em preparativo para um concerto que aconteceria dentro de duas semanas e provavelmente acabaria cancelado. Ele não podia sentir o cheiro do ar noturno porque a janela estava fechada e pregada. A porta não estava trancada, mas havia um sargento russo com uma pistola no fim do corredor, perto do banheiro, sentado numa cadeira de encosto reto, a expressão impassível. Jean-Pierre tinha a impressão de que o sargento o impediria se tentasse sair.

Onde estava Jane? O ataque a Darg devia ter acabado ao cair da noite. Um helicóptero levaria poucos minutos para ir de Darg a Banda, pegar Jane e Chantal. E podia seguir de Banda a Kabul em menos de uma hora. Mas talvez a força de ataque tivesse voltado a Bagram, a base aérea perto da entrada do vale. Nesse caso, Jane seguiria para Kabul pela estrada, sem dúvida acompanhada por Anatoly.

Ela ficaria tão contente em ver o m arido que perdoaria a traição, com preenderia seu ponto de vista sobre Masud, esqueceria o passado, pensou Jean-Pierre. Por um m om ento, ele se

perguntou se isso não seria apenas o seu desej o. Concluiu que não; conhecia Jane m uito bem e ela estava basicam ente sob o seu controle.

E ela saberia de tudo. Apenas um as poucas pessoas partilhariam o segredo e com preenderiam a grandeza do que ele fizera: ele estava contente porque Jane seria um a delas.

Jean-Pierre torcia para que Masud tivesse sido capturado, e não m orto. Se ele fosse capturado, os russos poderiam levá-lo a j ulgam ento, a fim de que todos os rebeldes soubessem sem qualquer som bra de dúvida que seu líder estava liquidado. A m orte era quase tão boa, desde que os russos tivessem se apoderado do corpo. Se não houvesse corpo ou apenas um cadáver irreconhecível, os propagandistas dos rebeldes em Peshawar alegariam que Masud ainda estava vivo. Claro que acabaria ficando patente que ele m orrera, m as o im pacto seria um pouco atenuado. Jean-Pierre torcia para que os russos estivessem com o corpo.

Ouviu passos no corredor. Seria Anatoly ou Jane... ou talvez os dois? Os passos pareciam m asculinos. Abriu a porta e deparou com dois enorm es soldados russos e um terceiro hom em , pequeno, num uniform e de oficial. Certam ente vinham buscá-lo para levá-lo ao lugar em que se encontravam Jane e Anatoly . Ficou desapontado. Olhou inquisitivo para o oficial, que fez um gesto com a m ão. Os dois soldados passaram pela porta, bruscam ente. Jean-Pierre recuou um passo, um protesto aflorando a seus lábios. Mas antes que pudesse falar, um dos soldados agarrou-o pela cam isa e acertou com o punho enorm e em seu rosto.

Jean-Pierre deixou escapar um uivo de dor e m edo. O outro soldado chutou-o na virilha.

A dor foi insuportável, e Jean-Pierre caiu de j oelhos, sabendo que chegara o m om ento m ais terrível de sua vida.

Os dois soldados levantaram -no, cada um segurando um braço, e o oficial entrou no quarto. Pela cortina de lágrim as, Jean-Pierre divisou um hom em ainda j ovem , baixo e corpulento, com um a deform idade que fazia um lado do rosto parecer averm elhado e inchado, o que lhe em prestava um a aparência de escárnio perm anente. Sua m

ão enluvada em punhava um cassete.

Durante os cinco minutos seguintes os dois soldados seguraram o corpo de Jean-Pierre, a se contorcer e tremer, enquanto o oficial batia com o cassete de madeira, repetidamente, em seu rosto, ombros, joelhos, canelas, barriga e virilha... sem parar terminando na virilha. Cada golpe era desfechado com cuidado, havia sempre uma pausa entre um e outro, a fim de que a agonia do anterior pudesse se desvanecer o suficiente para permitir a Jean-Pierre tremer o seguinte, um segundo antes de ser aplicado. Cada golpe o fazia gritar de dor, cada pausa o fazia gritar na expectativa do próximo. Houve finalmente uma pausa mais prolongada e Jean-Pierre se pôs a balbuciar, sem saber se eles o entenderiam : □ Oh, por favor, não me batam mais, por favor, senhor, não me bata de novo, farei qualquer coisa, tudo o que quiser, por favor, não me bata mais, não me bata...

□ Já chega! □ disse uma voz em francês.

Jean-Pierre abriu os olhos e tentou ver, através do sangue que lhe escorria pelo rosto, seu salvador que dissera Já chega. Era Anatoly .

Os dois soldados deixaram Jean-Pierre deslizar para o chão, lentamente. Ele tinha a sensação de que o corpo estava em fogo. Cada movimento era uma agonia. Cada osso parecia quebrado, os colhões esmagados, o rosto completamente inchado. Abriu a boca e o sangue correu. Engoliu e depois balbuciou, pelos lábios arrebitados: □ Por que... por que fizeram

isso? □ Você sabe por quê □ respondeu Anatoly . Jean-Pierre sacudiu a cabeça de um lado para outro, devagar, e tentou evitar o movimento orgulhoso para a loucura total.

□ Arrisquei minha vida por vocês... dei tudo... por quê? □ Preparou-nos uma armadilha □

explicou Anatoly . □ E oitenta e um homens morreram hoje e por sua causa.

O ataque deve ter fracassado, pensou Jean-Pierre, e estão me culpando por isso.

□ Não... eu não...

□ Você esperava estar a muitos quilômetros de distância quando a armadilha fosse consumada □ continuou Anatoly . □ Mas eu o surpreendi, obrigando-o a entrar no helicóptero e me acompanhar. E

agora está aqui para receber sua punição... que será bastante dolorosa e m uito prolongada.

Ele virou-se para sair.

□ Não! □ balbuciou Jean-Pierre. □ Espere! Anatoly voltou. Jean-Pierre fazia um trem endo esforço para pensar direito, apesar da dor.

□ Eu vim aqui... arrisquei a vida... dei inform ações sobre os com boios... vocês atacaram os com boios... os danos que causaram foram m uito m aiores do que a perda de oitenta hom ens...

não é lógico... não é lógico... □ Ele recorreu a todas as suas forças para pronunciar um a frase coerente. -se eu tivesse conhecim ento de algum a arm adilha, poderia ter avisado ontem e suplicado sua com paixão.

□ Então com o eles souberam que atacariam os a aldeia? □ indagou Anatoly .

□ Devem ter adivinhado...

□ Com o? Jean-Pierre vasculhou o cérebro atordoado.

□ Skabun foi bom bardeada? □ Acho que não.

Então foi isso, com prendeu Jean-Pierre; alguém descobrira que não houvera bom bardeio em Skabun.

□ Deveriam ter bom bardeado □ m urm urou ele. Anatoly assum iu um a expressão pensativa.

□ Alguém por lá é m uito bom em estabelecer ligações.

Foi Jane, pensou Jean-Pierre, odiando-a por um segundo. Anatoly acrescentou: □ Ellis Thaler possui algum a característica distintiva? Jean-Pierre sentia que estava prestes a desm aiar, m as tinha m edo de que tornassem a espancá-lo.

□ Tem sim □ m urm urou ele desesperado. □ Um a cicatriz grande nas costas, no form ato de um a cruz.

□ Então é ele! □ disse Anatoly , num quase sussurro.

□ Quem ? □ John Michael Raleigh, trinta e quatro anos, nascido em Nova Jersey , filho m ais velho de um em preiteiro. Deixou a Universidade da Califórnia em Berkeley e tornou-se capitão dos fuzileiros am ericanos. É agente da CIA desde 1972. Estado civil:

divorciado um a vez, com um a filha, o paradeiro da família é um segredo muito bem guardado.

□ Acenou com a mão, com o a descartar esses detalhes. □ Não resta a menor dúvida de que foi ele quem nos preparou a armadilha em Darghoj e. É brilhante e muito perigoso.

Se eu pudesse escolher entre todos os agentes das nações imperialistas ocidentais, preferiria capturá-lo. Nos últimos dez anos ele nos causou danos irreparáveis em pelo menos três ocasiões. No ano passado, em Paris, destruiu uma rede que exigira sete ou oito anos de trabalho paciente para ser desenvolvida. E um ano antes descobriu um agente que infiltraram os no

Serviço Secreto americano em 1965... um homem em que poderia um dia assassinar um Presidente dos Estados Unidos. E agora...agora ele está aqui.

Jean-Pierre, ao olhar no chão, os braços enlaçando o corpo todo doído, deixou a cabeça pender para a frente e fechou os olhos, em desespero: estivera muito além de sua capacidade, enfrentando alegrem ente os grandes estresses daquele jogo brutal, uma criança desprotegida na cova dos leões.

E acalentara as maiores esperanças. Trabalhando sozinho, desfecharia um golpe de que a Resistência afegã nunca mais se recuperaria. Mudaria o curso da história naquela parte do mundo. E se vingaria dos presunçosos líderes do Ocidente, enganaria e assustaria o sistema que traía e matara seu pai. Em vez de conquistar o triunfo, no entanto, fora derrotado. Tudo lhe fora arrebatado no último momento... por Ellis. Ouviu a voz de Anatoly, com o um murmúrio ao fundo: □ Podem os ter certeza de que ele conseguiu o que queria com os rebeldes. Não conhecem os detalhes, mas as linhas gerais são suficientes: um pacto de união entre os líderes dos bandidos, em troca de armas americanas. Esse tipo de coisa pode antever a rebelião por muitos anos mais. Tem os de impedir, antes que comecem.

Jean-Pierre abriu os olhos e levantou a cabeça.

□ Com o? □ Tem os de capturar esse homem antes que ele possa voltar aos Estados Unidos. Dessa maneira ninguém saberá que ele consumou o tratado, os rebeldes não receberão as armas, e todo o plano fracassará.

Jean-Pierre escutava fascinado, apesar da dor. Seria possível que ainda houvesse uma chance de desferir sua vingança? □ A captura desse

hom em quase com pensaria a perda de Masud □ continuou Anatoly , fazendo o coração de Jean-Pierre bater m ais depressa, com nova esperança. □ Não liquidariam os apenas o agente m ais perigoso do Ocidente. Pense um pouco: um genuíno hom em da CIA capturado aqui no Afeganistão... Há três anos que a m áquina de propaganda am ericana vem dizendo que os bandidos afegãos são guerrilheiros pela liberdade, travando um a heróica luta de Davi-e-Golias contra o poderio da União Soviética. E agora tem os a prova do que diziam os desde o início... que Masud e os outros não passam de lacaios do im perialism o am ericano. Podem os levar Ellis a j ulgam ento...

□ Mas os j ornaais ocidentais negariam tudo □ interveio Jean-Pierre. □ A im prensa capitalista...

□ Quem está preocupado com o Ocidente? São os países não alinhados, os hesitantes do Terceiro Mundo, as nações m uçulm anas em particular que querem os im pressionar.

Era m esm o possível, concluiu Jean-Pierre, transform ar a situação em triunfo; e ainda seria um triunfo pessoal, porque fora ele quem alertara os russos para a presença de um agente da CIA no Vale dos Cinco Leões.

□ Onde se pode encontrar Ellis esta noite? □ perguntou Anatoly .

□ Ele está com Masud □ respondeu Jean-Pierre.

Era m ais fácil falar em capturar Ellis do que fazê-lo: Jean-Pierre levava um ano inteiro para conseguir estabelecer previam ente o paradeiro de Masud.

□ Não há m otivo para que Ellis continue a acom panhar Masud □ com entou Anatoly . □

Ele tinha um a base? □ Tinha... estava hospedado na casa de um a fam ília em Banda, teorica m ente. Mas raram ente podia ser encontrado ali.

□ Mesm o assim , é o lugar óbvio para se iniciar a busca.

Tem toda razão, pensou Jean-Pierre. Se Ellis não está em Banda, alguém pode saber onde se encontra... Alguém com o Jane. Se Anatoly for a Banda à procura de Ellis, pode tam bém encontrar Jane. A dor de Jean-Pierre parecia se atenuar à m edida que ele com preendia que podia se vingar do sistem a, capturar Ellis, o hom em que o privara de seu triunfo, e ainda recuperar Jane e Chantal.

☐ Irei com você a Banda? ☐ perguntou ele. Anatoly pensou por um momento.

☐ Acho que sim . Conhece a aldeia e seus habitantes... pode ser útil tê-lo ali.

Jean-Pierre fez um esforço enorme e para se levantar, rangendo os dentes contra a agonia na virilha.

☐ Quando partim os? ☐ Agora ☐ respondeu Anatoly .

Capítulo 14

Ellis se apressava para pegar um trem e entrou em pânico, mesmo sabendo que estava sonhando. Primeiro, não conseguiu estacionar o carro ☐ estava guiando o Honda de Gill ☐ depois não foi capaz de encontrar o guichê de venda de passagens. Resolvendo em barcar no trem sem passagem , descobriu-se abrindo caminho por uma multidão com pressa no vasto saguão da Grand Central Station. A esta altura, lembrou-se de que já tivera esse sonho antes, várias vezes, até recentemente; e nunca pegava o trem . O sonho sempre o deixava com uma sensação insuportável de que toda felicidade passara por ele, em caráter permanente. Ficou agora apavorado com a perspectiva de mesmo a coisa tornar a acontecer. Empurrou as pessoas na multidão com crescente violência e finalmente alcançou o portão. Fora ali que parará, nas vezes anteriores, observando o último vagão do trem desaparecer na distância. Hoje, no entanto, o trem ainda estava na estação. Correu pela plataforma e embarcou, no exato instante em que o trem começava a andar.

Ficou tão satisfeito por pegar o trem que se sentiu quase inebriado. Foi ocupar seu lugar e não lhe pareceu absolutamente estranho que fosse num saco de dormir, junto com Jane. Além das janelas do trem o dia estava raiando sobre o Vale dos Cinco Leões.

Não houve uma divisão brusca entre o sono e a vigília. O trem foi se desvanecendo aos poucos, até que só restaram o saco de dormir, o vale, Jane e a sensação de prazer. Em algum momento, durante a curta noite, eles haviam fechado o saco e agora estavam quase colados, cada um podendo se mexer. Ele podia sentir a respiração quente de Jane em seu pescoço, os seios intumescidos espremidos contra suas costelas. Os ossos de Jane o espetavam , o quadril e o joelho, o cotovelo e o pé, mas ele gostava. Lembrou que sempre dormiam colados. Quando ambos não fosse porque a cama antiga no apartamento de Jane em Paris era pequena demais para que ficassem de outra

m aneira. Sua própria cam a era bem m aior, m as m esm o assim dorm iam nela colados. Jane sem pre alegara que ele a incom odava durante a noite, m as Ellis nunca se lem brava pela m anã.

Fazia m uito tem po que ele não dorm ia a noite inteira com um a m ulher. Tentou recordar quem fora a últim a e descobriu que fora Jane: as m ulheres que levava para o seu apartam ento em Washington nunca ficavam para o café da m anã.

Jane fora a últim a e a única pessoa com quem fizera um sexo tão desinibido. Repassou m entalm ente as coisas que haviam feito na noite anterior e com eçou a ter um a ereção. Parecia não haver lim ite para o núm ero de vezes em que podia ficar duro com ela. Houvera ocasiões em Paris em que passavam o dia inteiro na cam a, levantando apenas para buscar com ida na geladeira ou abrir um a garrafa de vinho. Ele gozava cinco ou seis vezes, e Jane perdia a conta de seus orgasm os. Nunca se j ulgara um atleta sexual, e a experiência subsequente com provara que não era, a não ser com ela. Jane libertava algum a coisa que ficava aprisionada quando estava com outras m ulheres, por m edo, culpa ou outro fator. Nenhum a outra j am ais lhe fizera aquilo, em bora um a m ulher chegasse perto: um a vietnam ita com quem tivera um a ligação breve e trágica em 1970.

Era evidente agora que ele j am ais deixara de am ar Jane. Durante o últim o ano realizara o seu trabalho, saíra com m ulheres, visitara Petal e fora ao superm ercado com o um ator representando um papel, pretendendo, pelo bem da verossim ilhança, que aquele era o seu

verdadeiro eu, m as sabendo no fundo do coração que não era verdade.

Teria lam entado eternam ente a perda de Jane se não tivesse vindo ao Afeganistão.

Parecia-lhe que m uitas vezes estivera cego aos fatos m ais im portantes a seu respeito. Não com preendera, em 1968, que queria lutar por seu país; não com preendera que não queria casar com Gill; no Vietnam , não com preendera que era contra a guerra. Cada um a dessas revelações o surpreendera e m udara sua vida. Ele achava que a auto-ilusão não era necessariam ente um a coisa ruim : não poderia sobreviver à guerra sem isso, e o que faria se nunca viesse ao Afeganistão, além de dizer a si m esm o que não queria Jane? Será que a tenho agora?, especulou ele. Jane não dissera m uito, exceto Eu am o você, m eu querido, durm a bem , no instante em que ele adorm ecia. Ellis refletiu que haviam sido as palavras m ais m aravilhosas que

j á ouvira.

☐ De que está sorrindo? Ele abriu os olhos e fitou-a.

☐ Pensei que ainda estivesse dorm indo.

☐ Estava observando você. Parecia m uito feliz.

☐ E era com o eu m e sentia.

Ellis respirou fundo o ar fresco da m anã e soergueu-se, apoiado num cotovelo, para contem plar o vale. Os cam pos estavam quase sem cor à claridade do am anhecer, e o céu era de um cinza-pérola. Ele j á ia dizer a Jane o que o deixava tão feliz quando ouviu um zum bido.

Inclinou a cabeça para escutar m elhor.

☐ O que é? ☐ perguntou Jane.

Ellis encostou um dedo nos lábios dela. E um m om ento depois Jane tam bém ouviu. Em poucos segundos o barulho aum entou, até se tornar o som inconfundível de helicópteros se aproxim ando. Ellis teve o pressentim ento de desastre im inente.

☐ Mas que m erda! ☐ exclam ou ele.

O aparelho surgiu sobre suas cabeças, saindo de trás da m ontanha. Logo todos estavam à vista, três Hinds com seus arm am entos e um enorm e Hip transportando soldados.

☐ Ponha a cabeça dentro! ☐ Ellis disse asperam ente a Jane. O saco de dorm ir era pardo, m ais ou m enos da cor do terreno em torno: se ficassem por baixo, poderiam se tornar invisíveis para quem estivesse lá em cim a. Os guerrilheiros usavam a m esm a técnica para se esconder de helicópteros e aviões: cobriam -se com as m antas cor de lam a, cham adas pattus, que todos carregavam .

Jane enfiou-se no saco de dorm ir. Havia um a aba na extrem idade aberta para conter um travesseiro, em bora não houvesse nenhum no m om ento. Se puxassem essa aba, cobririam suas cabeças. Ellis com prim iu-se contra Jane e virou-se, puxando a aba. Estavam agora praticam ente invisíveis.

Ficaram deitados de barriga para baixo, Ellis parcialm ente por cim a de Jane, olhando para a aldeia. Os helicópteros pareciam estar descendo. Jane disse: ☐ Eles vão pousar aqui! Ellis respondeu bem

devagar: □ Acho que vão...

Jane com eçou a se levantar.

□ Tenho de descer...

□ Não! □ Ellis segurou-a pelos om bros, usando o seu peso para obrigá-la a continuar deitada. □ Espere... espere m ais alguns segundos para verm os o que acontece...

□ Mas Chantal...

□ Espere! Ela desistiu da luta, m as Ellis continuou a segurá-la firm em ente. Pessoas

sonolentas sentavam -se nos telhados das casas, esfregando os olhos e contem plando aturdidas os enorm es aparelhos, aproxim ando-se com o gigantescos pássaros. Ellis localizou a casa de Jane.

Divisou Fará, de pé, enrolando-se com um lençol. Ao seu lado estava o colchão pequeno em que ficava Chantal, oculta pelas cobertas.

Os helicópteros deram um a volta, cautelosos. Eles tencionam pousar aqui, pensou Ellis, m as estão receosos, depois da em boscada em Darg.

Os aldeões estavam atordoados. Alguns saíam correndo de suas casas, enquanto outros corriam para elas. Crianças e anim ais eram reunidos e levados para o interior das casas. Várias pessoas tentaram fugir, m as um dos Hinds voou baixo sobre as trilhas que saíam da aldeia e obrigou-as a voltar.

A cena convenceu o com andante russo de que não havia em boscada ali. O Hip que transportava os soldados e um dos três Hinds efetuaram um a descida desgraciosa e pousaram num cam po. Segundos depois os soldados em ergiram do Hip, saltando de sua enorm e barriga com o insetos.

□ Não dá m ais! □ gritou Jane. □ Tenho de descer agora!

□ Ela não corre perigo. O que quer que os russos queiram , não estão atrás de crianças.

Mas podem estar procurando por você.

□ Preciso ficar com ela...

□ Pare com o pânico! □ gritou Ellis. -se você estiver lá em baixo é que ela correrá perigo.

Se você continuar aqui, sua filha estará segura. Será que não entende? Correr para ela é a pior coisa que você poderia fazer neste momento.

□ Ellis, não posso...

□ Mas tem □ Oh, Deus! □ Jane fechou os olhos. □ Aperte-me com força. Ele segurou-a com força pelos ombros.

Os soldados cercaram a pequena aldeia. Somente uma casa ficou fora de sua rede, a do mulo, a quatrocentos ou quinhentos metros das outras, na trilha que subia pela encosta da montanha. Enquanto Ellis olhava, um homem saiu correndo da casa. Estava bastante perto para que Ellis pudesse ver a barba pintada de vermelho: era Abdullah. Três crianças de tamanhos diferentes e um amulher carregando um bebê também deixaram a casa e subiram correndo em seu encalço.

Os russos viram -no quase que no mesmo instante. Ellis e Jane puxaram o saco de dormir ainda mais por cima de suas cabeças, enquanto um helicóptero no ar se afastava da aldeia e sobrevoava a trilha. Houve uma rajada de metralhadora e a poeira se levantou numa linha pontilhada aos pés de Abdullah. Ele estacou abruptamente, tropeçou, parecendo quase cômico, depois virou-se e correu de volta, acenando com as mãos e gritando para que a família voltasse.

Ao se aproximarem da casa, outra rajada de advertência da metralhadora im pediu que entrassem ; depois de um momento, toda a família desceu para a aldeia.

Podiam -se ouvir tiros intermitentes em meio ao barulho dos rotores, mas os soldados pareciam estar atirando para o ar, a fim de intimidar os aldeões. Entravam nas casas e tiravam os moradores, em trajes de dormir e roupas de baixo. O Hind que cercava o mulo e sua família com eçou agora a dar voltas pela aldeia, com o se procurasse por mais extraviados.

□ O que eles vão fazer? □ perguntou Jane, a voz trêmula.

□ Não sei.

□ É um a... represália? □ Deus nos livre.

□ O que é então? Ellis sentiu vontade de dizer Porra, com o que posso saber?, mas limitou-se a murmurar: □ Eles podem estar fazendo

outra tentativa de capturar Masud.

□ Mas ele nunca fica nas proximidades do local de uma batalha.

□ Os russos podem estar pensando que ele se tornou descuidado ou indolente... ou então que está ferido...

Ellis não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, mas sabia que fosse um massacre ao estilo de My-Lay.

Os aldeões eram conduzidos ao pátio da mesquita pelos soldados, que pareciam tratá-los rudemente, mas não brutalmente. De repente, Jane gritou: □ Fará! □ O que foi? □ O que ela está fazendo? Ellis localizou o telhado da casa de Jane. Fará estava ajoelhada ao lado do pequeno colchão de Chantal, e Ellis pôde divisar uma pequena cabeça rosada. Durante a madrugada, Chantal devia ter tomado uma mamadeira, dada por Fará. Mas embora ela ainda não estivesse com fome, o barulho dos helicópteros poderia tê-la despertado.

Ellis torceu para que isso não tivesse acontecido.

Ele viu Fará ajoelhar uma almofada ao lado da cabeça de Chantal e depois puxar um lençol sobre o rosto da criança.

□ Ela está escondendo Chantal □ murmurou Jane. □ A almofada suspende o lençol para deixar o ar entrar.

□ É uma garota esperta.

□ Eu gostaria de estar lá...

Fará amarrorotou o lençol e depois estendeu outro sobre o corpo de Chantal. Ficou parada por um instante, verificando o efeito. À distância, a criança parecia exatamente uma pilha de roupa de cama abandonada às pressas. Fará aparentemente ficou satisfeita com a ilusão, pois foi até a beira do telhado e desceu os degraus para o pátio.

□ Ela está deixando Chantal □ balbuciou Jane.

□ Sua filha está tão segura quanto seria possível nas circunstâncias...

□ Eu sei, eu sei! Fará foi em purrada para a mesquita junto com os outros. Foi uma das últimas pessoas a entrar.

□ Todos os bebês estão com as mães □ disse Jane. □ Acho que Fará devia ter levado Chantal...

□ Não devia, não. Espere um pouco e verá.

Ellis ainda não podia imaginar o que aconteceria, mas se houvesse um massacre Chantal estaria mais segura onde se encontrava agora.

Quando todos pareciam estar dentro dos muros da mesquita, os soldados começaram a revistar a aldeia, disparando para o ar. Eles não tinham escassez de munição, pensou Ellis. O

helicóptero que permanecera no ar voou baixo, esquadrinhou os arredores da aldeia, em círculos sem preces crescentes, com o seu procurando alguma coisa.

Um dos soldados entrou no pátio da casa de Jane. Ellis sentiu que ela ficava rígida e murmurou em seu ouvido: □ Tudo vai acabar bem .

O soldado desapareceu no interior da casa. Ellis e Jane ficaram olhando fixamente para a porta.

O soldado saiu poucos segundos depois e subiu correndo a escada externa.

□ Deus a guarde □ sussurrou Jane.

Ele parou no telhado, olhou para a pilha de roupa de cama, observou os telhados próximos, tornou a concentrar sua atenção no de Jane. O colchão de Fará estava perto do soldado, o de Chantal logo depois. Ele cutucou o colchão de Fará com a ponta da bota.

Subitamente, virou-se e desceu a escada depressa. Ellis voltou a respirar e olhou para Jane. Ela estava muito pálida.

□ Eu disse que tudo acabaria bem □ murmurou ele. Jane cometeu a tremor. Ellis tornou a olhar para a mesquita.

Podia ver apenas uma parte do pátio. Os aldeões pareciam sentados em fileiras, mas havia algum movimento de um lado para outro. Tentou adivinhar o que estava acontecendo.

Os russos interrogavam os aldeões sobre Masud e seu paradeiro? Havia apenas três pessoas lá em baixo que podiam saber, três guerrilheiros que eram de Banda e que não haviam partido com Masud no dia anterior: Shahazai Gul, o homem da cicatriz; Alishan Karim, o irmão de Abdullah, o mulo; e Sher Kador, o garoto das cabras. Shahazai e Alishan já estavam na casa dos quarenta anos, poderiam facilmente representar o papel de velhos assustados. Sher

Kador tinha apenas quatorze anos. Todos os três poderiam alegar plausivelmente que nada sabiam de Masud. Ainda bem que Moham med não estava ali, pois não seria fácil os russos acreditarem em sua inocência. As armas dos guerrilheiros estavam bem escondidas, em lugares onde os russos não procurariam : no telhado de uma privada, entre as folhas de uma amoreira, num buraco fundo na margem do rio.

— Olhe ali! — balbuciou Jane. — O homem que está na frente da mesquita! Ellis olhou.

— O oficial russo de quepe? — Esse mesmo. Sei quem ele é. Já o vi antes. É Anatoly, o homem que estava na cabana de pedra com Jean-Pierre.

— O contato — murmurou Ellis.

Ele observou atentamente, tentando distinguir as feições do homem ; à distância, ele parecia um tanto oriental. Com o quê seria? Arriscara-se sozinho em território rebelde para se encontrar com Jean-Pierre, o que significava que devia ser corajoso. Com toda certeza estava agora furioso por ter levado os russos a uma armadilha em Darg.

Haveria de querer atacar o mesmo depressa possível, a fim de recuperar a iniciativa.

As especulações de Ellis foram abruptamente interrompidas quando outro vulto emergiu da mesquita, um homem barbado, com uma face branca aberta no pescoço e calça escura, ao estilo ocidental.

— Santo Deus! — exclamou Ellis. — É Jean-Pierre! — Oh, não! — balbuciou Jane.

— Mas o que está acontecendo? — Pensei que nunca mesmo tornaria a vê-lo — disse Jane.

Ellis olhou para ela. O rosto de Jane exibía uma expressão estranha. Depois de um momento, ele compreendeu que era uma expressão de remorso.

Ellis voltou a se concentrar na cena na aldeia. Jean-Pierre falava com o oficial russo, gesticulando muito, apontando para a encosta da montanha.

— Ele está com uma postura esquisita — comentou Jane. — Acho que se machucou.

□ Está apontando para nós? □ Jean-Pierre não conhece este lugar... ninguém m ais conhece. Ele pode nos ver? □ Não.

□ Mas nós podem os vê-lo □ m urm urou Jane, em dúvida.

□ Acontece que ele está de pé lá em baixo, enquanto nós estam os em cim a, deitados,

espiando de baixo de um a m anta, num a encosta escura. Ele não poderia nos avistar, m esm o que soubesse onde procurar.

□ Então ele deve estar apontando para as cavernas.

□ Isso m esm o.

□ Deve estar dizendo aos russos para procurar lá.

□ Tem razão.

□ Mas isso é horrível! Com o ele pode... □ A voz de Jane se apagou e depois de um a pausa ela acrescentou: □ Mas é o que ele vem fazendo desde que chegou aqui... traindo as pessoas, entregando-as aos russos.

Ellis notou que Anatoly parecia estar falando por um walkie-talkie. Um m om ento depois um dos Hinds passou ruidosam ente por cim a das cabeças cobertas de Jane e Ellis para pousar, audível m as fora de visão, no alto da colina.

Jean-Pierre e Anatoly com eçaram a se afastar da m esquita. Jean-Pierre m ancava.

□ Ele está m esm o m achucado □ confirm ou Ellis.

□ O que terá acontecido? Ellis tinha a im pressão de que Jean-Pierre fora espancado, m as não o disse. Especulou sobre o que se passava na m ente de Jane. Lá estava seu m arido, andando com um oficial do KGB □ um coronel, Ellis calculava pelo uniform e.

Aqui estava ela, num a cam a im provisada, com outro hom em . Jane se sentia culpada?

Envergonhada? Desleal? Ou não tinha qualquer arrependim ento? Odiava Jean-Pierre ou estava apenas desapontada com o m arido? Estivera apaixonada por ele: ainda restaria algum am or? Ellis perguntou: □ Com o se sente em relação a ele? Jane lançou um olhar prolongado e firm e para Ellis e por um m om ento ele chegou a pensar que ela estava enlouquecendo. Mas a reação era apenas porque

ela estava levando a pergunta muito a sério. E, finalmente, ela murmurou: □

Triste, Jane tornou a concentrar sua atenção na aldeia. Jean-Pierre e Anatoly encaminhavam-se para sua casa, onde Chantal estava escondida, no telhado. Jane disse: □ Acho que estão à minha procura.

Sua expressão era tensa e assustada, enquanto observava atentamente os dois homens lá em baixo. Ellis tinha quase certeza de que os russos não haviam vindo até ali com tantos homens e máquinas só por causa de Jane, mas se absteve do comentário. Jean-Pierre e Anatoly atravessaram o pátio e entraram na casa. Jane sussurrou: □ Não chore, minha filha.

Era um menino ilustre que a criança ainda estivesse dormindo, pensou Ellis. Mas talvez não estivesse: talvez estivesse acordada e chorando, mas os gritos eram abafados pelo barulho dos helicópteros. Talvez o soldado não a tivesse ouvido porque havia um helicóptero diretamente por cima dele no momento. Talvez os ouvidos mais sensíveis do pai captassem sons que não atraíssem a atenção de um estranho desinteressado. Talvez... Os dois homens saíram da casa.

Pararam no pátio por um instante, conversando. Jean-Pierre aproximou-se claudicando da escada de madeira que levava ao telhado. Subiu no primeiro degrau com evidente dificuldade e tornou a descer. Houve outra troca de palavras e depois o russo subiu a escada. Ellis prendeu a respiração.

Anatoly chegou ao topo da escada e pisou no telhado. Com o soldado antes, ele olhou para as roupas de cama, observou os outros telhados, e tornou a se concentrar naquele em que estava. Com o soldado, cutucou o colchão de Fará com a ponta da bota. Depois, ajoelhou-se ao lado de Chantal.

Gentilmente, puxou o lençol.

Jane soltou um grito estrangulado, enquanto o rosto rosado de Chantal aparecia.

Se estão atrás de Jane, pensou Ellis, vão levar Chantal, pois sabem que ela se entregaria para ficar junto da filha.

Anatoly ficou olhando fixamente para a menina por vários segundos.

□ Oh, Deus, não posso mais suportar, não posso... □ balbuciou Jane. Ellis apertou-a firmemente, murmurando: □ Vão os esperar para

ver o que acontece.

Ele se esforçou para divisar a expressão no rosto da criança, mas a distância era muito grande. O russo parecia estar pensando.

E, abruptamente, deu a impressão de que tomara uma decisão.

Largou o lençol, ajoelhou-o em torno da criança, levantou-se e afastou-se. Jane desatou a chorar.

Do telhado, Anatoly falou a Jean-Pierre, sacudindo a cabeça em negação. E depois desceu para o pátio.

□ Por que ele fez isso? □ especulou Ellis, pensando em voz alta.

O movimento da cabeça indicava que Anatoly mentira para Jean-Pierre, dizendo "Não há ninguém no telhado". A dedução era de que Jean-Pierre ia querer levar a criança, mas Anatoly não. Isso significava que Jean-Pierre queria encontrar Jane, mas o russo não estava interessado nela.

Mas então no que ele estava interessado? Era óbvio. Anatoly estava atrás de Ellis.

□ Acho que estraguei tudo □ murmurou Ellis, mais para si mesmo.

Jean-Pierre queria Jane e Chantal, mas Anatoly estava à sua procura. Queria se vingar da humilhação do dia anterior; queria impedir que Ellis voltasse ao Ocidente com o tratado assinado pelos comandantes rebeldes; e queria levar Ellis a qualquer custo, a fim de provar ao mundo que a CIA estava por trás da rebelião afgã. Eu deveria ter pensado em tudo isso ontem, refletiu Ellis argumentado, mas estava inebriado pelo sucesso e preocupado apenas com Jane. Anatoly não podia saber que eu estava aqui □ poderia me encontrar em Darg, Astana ou num esconderijo nas montanhas com Masud □ deve ter sido um tiro no escuro. Mas quase dera certo. Anatoly possuía um bom instinto. Era um oponente formidável... e a batalha ainda não terminara.

Jane estava chorando. Ellis afagou-lhe os cabelos e soltou alguns murmúrios tranquilizadores, enquanto observava Jean-Pierre e Anatoly voltarem aos helicópteros, que ainda estavam parados no campo, as pás dos rotores girando.

O Hind que pousara no alto da colina, perto das cavernas, alçou voo, subindo por cima das cabeças de Jane e Ellis. Ele especulou se os sete

guerrilheiros feridos que estavam na clínica na caverna teriam sido interrogados e aprisionados.

Tudo acabou muito depressa. Os soldados saíram da mesquita rapidamente e embarcaram no Hip com a mesma presteza com que haviam saltado. Jean-Pierre e Anatoly entraram num dos Hinds. Os horrendos aparelhos decolaram um a um, subindo a um ponto mais alto que a colina, e depois seguiram para o sul a toda velocidade, em linha reta.

Ellis, sabendo o que estava na mente de Jane, disse: "Vam os esperar mais alguns segundos até que os helicópteros estejam bem longe... não estrague tudo agora."

Ela acenou com a cabeça em aquiescência, os olhos marejados de lágrimas.

Os aldeões começaram a deixar a mesquita, parecendo apavorados. O último helicóptero

afastou-se para o sul. Jane saiu do saco de dormir, vestiu a calça e desceu correndo, escorregando e tropeçando, abotoando a blusa pelo caminho. Ellis observou-a ir, sentindo que de alguma forma ela o rejeitara, sabendo que o sentimento era irracional, mas mesmo assim incapaz de ignorá-lo. Decidiu que não a seguiria, pelo menos por enquanto. Era melhor deixá-la sozinha para o reencontro com Chantal.

Ela sumiu de sua vista, além da casa do mulo. Ellis observou a aldeia. Começava a voltar ao normal. Ele podia ouvir vozes alteadas em excitação. As crianças corriam de um lado para outro, fingindo que eram helicópteros, apontando armas imaginárias, reunindo as galinhas nos pátios para serem interrogadas. Quase todos os adultos voltavam para suas casas, lentamente, parecendo intimidados.

Ellis lembrou-se dos sete guerrilheiros feridos e do garoto aneta na caverna. Resolveu verificar o que lhes acontecera. Vestiu as roupas, enrolou o saco de dormir e começou a subir pela trilha.

Pensou em Allen Winderman, com seu terno cinza e gravata listrada, comendo uma salada num restaurante de Washington e indagando: "Quais são as possibilidades de os russos pegarem nosso homem?" Mínimas respondera Ellis. Se eles não conseguem capturar Masud, por que seriam capazes de apanhar um agente secreto enviado ao encontro de Masud. Ele sabia agora a resposta: Poderiam muito bem, graças a Jean-Pierre.

□ Maldito Jean-Pierre! □ exclamou Ellis, em voz alta. Ele chegou à clareira. Não havia qualquer barulho na caverna que servia com o clínica. Ellis torcia para que não tivessem levado o menino Mousa, além dos guerrilheiros feridos □ Moham med ficaria inconsolável.

Ele entrou na caverna. O sol já se levantara e podia ver muito bem . Estavam todos ali, deitados, im óveis, em silêncio.

□ Vocês estão bem ? □ perguntou Ellis, em dari. Não houve resposta, ninguém se mexeu.

□ Oh, Deus! □ balbuciou Ellis.

Ele se ajoelhou ao lado do guerrilheiro mais próximo e tocou no rosto barbudo. O homem estava estendido numa poça de sangue. Levou um tiro na cabeça, à queimadura.

Movendo-se depressa, Ellis examinou um a um . Estavam todos mortos.

Inclusive o menino.

Capítulo 15

Jane correu pela aldeia num pânico cego, empurrando as pessoas para o lado, esbarrando nos muros, tropeçando, caindo, tornando a se levantar, soluçando, ofegando e gemendo o tempo todo. "Ela deve estar bem ", repetia para si mesma, com o coração a litania. Mas ainda assim seu cérebro insistia em indagar Por que Chantal não acordou?, O que Anatoly fez? e Minha filha estará ferida? Entrou correndo no pátio da casa do negociante, subiu a escada para o telhado de dois em dois degraus. Caiu de joelhos e puxou o lençol que cobria o pequeno colchão.

Os olhos de Chantal estavam fechados. Jane pensou: Ela está respirando? Ela está respirando? Um instante depois os olhos da menina se abriram , fitou a mãe e □ pela primeira vez

□ sorriu.

Jane pegou-a e apertou-a com força, com a sensação de que seu coração estava prestes a estourar. Chantal chorou com o aperto súbito e Jane chorou também , dominada pela alegria e alívio porque a filha ainda estava ali, viva, quente, chorando, e também porque sorria pela primeira vez.

Jane acalmou-se depois de algum tempo, e Chantal, sentindo a mudança, também ficou quieta. Jane embalou-a, afagando suas costas rítmica e ente, beijando o topo da cabeça macia e calva. Terminou-se lembrando que havia outras pessoas no mundo e se perguntou o que teria acontecido com os aldeões na mesquita, se estariam bem.

Desceu para o pátio, onde se encontrou com Fará.

Jane contou plausivelmente por um momento, a silenciosa e nervosa Fará, tão tímida, chocando-se com tanta facilidade: onde ela encontrara a coragem e presença de espírito para esconder Chantal sob um lençol amarrado, enquanto os russos pousavam os helicópteros e disparavam seus rifles a poucos metros de distância? □ Você salvou minha filha □ murmurou Jane.

Fará parecia apavorada, com o caso aquilo fosse uma acusação. Jane transferiu Chantal para o quadril esquerdo e passou o braço direito por Fará, apertando.

□ Você salvou minha filha! □ repetiu ela. □ Obrigada! Muito obrigada! Fará ficou radiante de prazer por um instante, e depois desatou a chorar. Jane acalmou-a, afagando suas costas, com o que fizera com Chantal. Assim que Fará ficou quieta, Jane indagou: □ O que aconteceu na mesquita? O que eles fizeram? Alguém foi ferido?

□ Sim □ respondeu Fará, atordoada.

Jane sorriu: não se podia apresentar a Fará três perguntas consecutivas e esperar uma resposta coerente.

□ O que aconteceu quando vocês entraram na mesquita? □ Eles perguntaram pelo americano.

□ A quem eles perguntaram? □ A todos. Mas ninguém sabia. O doutor me perguntou onde estavam você e a criança, eu respondi que não sabia. Eles pegaram então três homens: meu tio Shahazai, o meu irmão e Alishan Karim, o irmão do meu irmão. Perguntaram de novo a eles, mas não adiantava, porque os homens não sabiam para onde fora o americano. E por isso bateram neles.

□ Eles estão muito machucados? □ Apenas levaram uma surra.

□ Cuidarei deles. □ Jane recordou, preocupada, que Alishan tinha um problema cardíaco.

□ Onde eles estão agora? □ Ainda na mesquita.

□ Venha comigo.

Jane entrou na casa e Fará seguiu-a. A bolsa de enfermagem estava na sala da frente, em cima do balcão. Jane acrescentou algumas pilulas de nitroglicerina aos medicamentos regulares e tornou a sair. Enquanto se encaminhava para a mesquita, ainda segurando Chantal tensamente, ela disse a Fará: □ O que mais aconteceu? □ O doutor me perguntou onde você estava. Eu disse que não sabia. Era verdade.

□ Eles me achucaram você? □ Não. O doutor parecia muito zangado, mas eles não me bateram.

Jane se perguntou se Jean-Pierre ficara zangado por ter adivinhado que ela passara a noite com Ellis. Ocorreu-lhe que toda a aldeia devia estar pensando a mesma coisa. Especulou com o reagiriam. Podia ser a prova final de que ela era a Prostituta da Babilônia. Mesmo assim não a escoraçariam, pelo menos enquanto houvesse pessoas feridas para cuidar. Ela chegou à mesquita e entrou no pátio. A mulher de Abdullah viu-a, aproximou-se com um ar de importância e levou-a para o lugar em que o marido estava deitado. À primeira vista ele parecia bem, e Jane estava mais preocupada com o coração de Alishan.

Por isso deixou o marido □ ignorando os protestos indignados de sua esposa □ e foi examinar Alishan, que estava deitado próximo.

Ele estava muito pálido, respirava com dificuldade, uma das mãos com pressão no peito: com o Jane receara, a surra provocara um ataque de angina. Ela deu-lhe um tablete, recomendando: □ Mastigue bem, não engula inteiro.

Entregou Chantal a Fará e concluiu um exame rápido de Alishan. Ele estava bastante achucado, mas não havia ossos fraturados.

□ Com o que espancaram você? □ com os rifles □ respondeu ele, a voz rouca.

Jane balançou a cabeça. Ele tinha sorte: o único dano real fora a tensão, tão perigosa para o seu coração, mas Alishan já se recuperava desse problema. Ela passou o dia nos cortes e disse-

lhe que continuasse deitado ali por mais uma hora.

Voltou então a Abdullah. Ao vê-la se aproximar, no entanto, o marido acenou para que se afastasse, soltando um rugido irado. Jane sabia o que o enfurecera: ele se julgava com direito a tratamento prioritário

e se sentira insultado por ela ter cuidado prim eiro de Alishan. Mas ela não pediria desculpas. Já lhe dissera antes que tratava das pessoas na ordem de urgência, e não de posição. Ela virou-se Não adiantava insistir em exam inar o velho idiota. E se ele estava bastante bem para gritar com ela, tam bém haveria de sobreviver.

Ela passou para Shahazai, o velho guerreiro coberto de cicatrizes. Ele j á fora exam inado por sua irm ã Rabia, a parteira, que estava lavando os cortes. Os unguentos de ervas de Rabia não eram tão anti-sépticos quanto deveriam , m as Jane calculou que provavelm ente fariam m ais bem do que m al.

Assim , contentou-se em fazê-lo m exer os dedos das m ãos e dos pés. Ele estava bem .

Tivem os sorte, pensou Jane. Os russos vieram , m as escapam os sem ferim entos m ais graves. Graças a Deus. Talvez agora possam os esperar que nos deixem em paz por algum tem po... talvez até que a rota para o Passo Khy ber sej a reaberta...

□ O doutor é um russo? □ perguntou Rabia, abruptam ente.

□ Não. □ Pela prim eira vez, Jane se perguntou o que teria passado pela m ente de Jean-Pierre. Se ele tivesse m e encontrado, o que m e diria? □ Não, Rabia, ele não é um russo. Mas parece ter passado para o lado deles.

□ Então é um traidor.

□ Acho que sim .

Jane se perguntou agora o que estaria passando pela cabeça da velha Rabia.

□ Um a cristã pode se divorciar do m arido por ser um traidor? Na Europa, pensou Jane, ela pode se divorciar por m uito m enos.

□ Pode.

□ Então é por isso que você está agora casada com o am ericano? Jane com preendeu com o Rabia estava pensando. Passar a noite na encosta da m ontanha com Ellis confirm ara a acusação de Abdullah de que ela era um a prostituta ocidental.

Rabia, que há m uito era a m ais destacada defensora de Jane na aldeia, estava planej ando contestar a acusação com um a

interpretação alternativa, segundo a qual ela se divorciara do traidor, nos termos de estranhas leis cristãs que os Verdadeiros Crentes desconheciam, casando logo em seguida com Ellis. Que assim seja, pensou Jane, respondendo: □ É sim ... é por isso que me casei com o americano. Rabia acenou com a cabeça, satisfeita.

Jane quase sentiu que havia um fundo de verdade no epíteto do marido. Afinal, ela passara da cama de um homem para a de outro com uma rapidez indecente. Sentiu-se um pouco envergonhada, mas logo se recuperou: já me permitia que seu comportamento fosse determinado pelas expectativas de outras pessoas. Que eles pensem o que quiserem, disse a si mesma.

Não se considerava casada com Ellis. Perguntou a si mesma: Eu me sinto divorciada de Jean-Pierre?

A resposta era Não. Contudo, sentia que suas obrigações para com ele haviam acabado.

Depois do que Jean-Pierre fez, pensou, não lhe devo mais coisa alguma. Deveria ser um alívio, mas na verdade sentia-se triste.

Seus devaneios foram interrompidos. Houve um aceno à entrada da mesquita, e Jane virou-se para deparar com Ellis, que entrava carregando alguma coisa nos braços.

Quando ele chegou mais perto, Jane constatou que seu rosto era uma máscara de raiva.

Num relance, ela se lembrou que já o vira assim antes: quando um motorista de táxi negligente fizera uma súbita curva em U e derrubara um rapaz de motocicleta, ferindo-o gravemente. Ellis e Jane testemunharam o acidente e chamaram a ambulância □ ela não tinha qualquer conhecimento de medicina naquele tempo. Ellis repetira muitas vezes: "Foi tão desnecessário, tão desnecessário..." Ela reconheceu o que Ellis tinha nos braços: era um menino... e a vulgar expressão dele, o menino estava morto. Sua primeira e vergonhosa reação foi pensar: Graças a Deus que não é minha filha. Olhando mais atentamente, descobriu que era a única criança na aldeia que às vezes parecia sua: o aneta Mousa, o menino cuja vida ela salvara. Experimentou o terrível sentimento de desapontamento e perda que ocorria quando um paciente morria depois que ela e Jean-Pierre lutavam por muito tempo e com todo o empenho para salvar sua vida. Mas aquela morte era especialmente angustiante, pois Mousa se mostrara corajoso e determinado ao enfrentar sua

desvantagem física; e o pai tinha o maior orgulho dele. Por que ele?, pensou Jane, as lágrimas aflorando-lhe aos olhos. Por que ele? Os aldeões se agruparam em torno de Ellis, mas ele olhou para Jane.

□ Estão todos mortos □ informou ele, em dado, a fim de que os outros pudessem entender.

Algumas mulheres começaram a chorar, enquanto Jane indagava: □ Com o? □ Foram fuzilados

pelos russos, um a um .

□ Oh, Deus! Na noite anterior ela dissera Nenhum deles morrerá... dos ferimentos, ela queria dizer, prevendo que haveriam de melhorar, mais depressa ou mais devagar, recuperando a plena saúde e força, sob os seus cuidados. E agora... estavam todos mortos.

□ Mas por que eles mataram o menino? □ gritou ela.

□ Acho que ele os provocou. Jane franziu o rosto, aturdida. Ellis mudou o corpo de posição, mostrando a mão de Mousa.

Os dedos seguravam rigidamente o cabo da faca que o pai lhe dera. Havia sangue na lâmina.

Um gemido profundo soou de repente, e Halim abriu caminho pela multidão. Pegou o corpo do filho dos braços de Ellis e arrojou no chão, o menino morto nos braços, gritando seu nome. As mulheres se agruparam ao seu redor. Jane afastou-se.

Fazendo sinal a Fará para segui-la com Chantal, ela deixou a esquita e voltou para casa, andando devagar. Poucos minutos antes ela pensara que a aldeia tivera sorte em escapar praticamente incólume. Agora, sabia que havia sete homens e um menino mortos. Não restavam lágrimas a Jane, pois já chorara demais; sentia-se apenas fraca com a angústia. Entrou na casa e sentou-se para descansar Chantal.

□ Com o você tem sido paciente, minha querida □ murmurou ela, enquanto ajoelhava a filha no seio.

Ellis entrou um ou dois minutos depois. Inclinou-se e beijou-a. Fitou-a em silêncio por um momento e depois murmurou: □ Você parece zangada comigo. Jane compreendeu que estava mesmo.

□ Os homens são sanguinários □ disse ela, amargurada. □ É evidente

que aquele menino tentou atacar soldados russos armados com sua faca de caça... quem lhe ensinou a ser tão temerário? Quem lhe disse que sua função na vida era matar russos? Quando ele avançou para o homem com o Kalashnikov, quem era o seu modelo? Não a mãe, mas sim o pai. Foi por culpa de Mohammed que ele morreu... de Mohammed e sua. Ellis ficou atônito.

□ Por que minha? Jane sabia que estava sendo muito dura, mas não podia se conter.

□ Eles espancaram Abdullah, Alishan e Shahazai, numa tentativa de obrigá-los a revelar onde você estava. Queriam você. Era esse o objetivo da incursão.

□ Sei disso. Mas por que é culpa minha que tenham atirado no menino? □ Aconteceu porque você está aqui, um lugar a que não pertence.

□ É possível. Seja com o for, tenho a solução para esse problema. Estou indo em bora.

Minha presença acarreta violência e morte, com o você se apressou em ressaltar.

Se eu ficar, não só posso ser apanhado... tivemos os nossos sorte hoje e... com o tão bom o meu frágil plano para unir as tribos contra o inimigo com um fracassará. Na verdade, é pior do que isso. Os russos me submeteriam a um julgamento público para tirar o máximo o efeito de propaganda. Veja com o a CIA tenta explorar os problemas internos de um país do Terceiro Mundo. Esse tipo de coisa.

□ Você é mesmo muito importante, hein? □ Parecia estranho que os acontecimentos ali no Vale, entre aquele pequeno grupo de pessoas, pudessem ter tão grandes consequências globais. □ Mas não pode ir em bora. A rota para o Passo Khyber está bloqueada.

□ Há outro caminho: a Trilha da Manteiga.

□ Oh, Ellis, é muito árdua... e perigosa. □ Jane pensou na escalada dos desfiladeiros muito altos, sob ventos intensos. Ele poderia se perder e congelar até a morte na neve ou ser assaltado e assassinado pelos bárbaros nuristanis. □ Por favor, não faça isso.

□ Pode estar certa de que eu aceitaria qualquer outra opção, se a tivesse.

Ela o perderia outra vez, ficaria sozinha. A perspectiva deixou-a desesperada. O que era surpreendente. Só passara um a noite com ele. O que esperava? Não sabia direito. Certamente mais do que aquela separação abrupta.

□ Não pensei que tornaria a perdê-lo tão cedo.

Jane passou Chantal para o outro seio. Ele ajoelhou-se à sua frente, pegou-lhe a mão.

□ Você ainda não pensou bem na situação, Jane. Não lhe passou pela cabeça que Jean-Pierre a quer de volta? Jane refletiu por um momento. Ellis tinha razão. Jean-Pierre estaria agora se sentindo humilhado e fragilizado, seus ferimentos só curariam se a tivesse de volta, em sua cama, sob seu poder.

□ Mas o que ele faria comigo? □ Vai querer que você e Chantal vivam o resto de suas vidas em alguma cidadezinha mineira da Sibéria, enquanto ele espiona na Europa e as visita a cada dois ou três anos, para umas férias entre suas missões.

□ O que ele poderia fazer se eu recusasse? □ Poderia obrigá-la. Ou poderia matá-la.

Jane lembrou de Jean-Pierre a esmurrá-la. E sentiu-se um pouco nauseada.

□ Os russos o ajudarão a me encontrar?

□ Claro.

□ Mas por quê? Qual o motivo para se importarem comigo? □ Primeiro, porque devem isso a Jean-Pierre. Segundo, por que acham que você o manterá feliz.

Terceiro, porque você sabe demais. Conhece Jean-Pierre muito bem e já viu Anatoly : pode fornecer boas descrições dos dois para o computador da CIA, se conseguir voltar à Europa.

O que significava que haveria mais mortes, pensou Jane; os russos atacariam as aldeias, interrogariam pessoas, espancariam e torturariam , a fim de descobrir onde ela estava.

□ Aquele oficial russo... Anatoly é seu nome. Ele viu Chantal. □ Jane apertou a filha com mais força, ao recordar aqueles terríveis segundos. □ Pensei que ia pegá-la.

Não entendi sua atitude. Se ele a tivesse levado, eu teria m e entregado só para ficar j unto de m inha filha.

Ellis balançou a cabeça.

☐ Isso tam bém m e espantou na ocasião. Mas sou m ais im portante para eles do que você.

Tenho a im pressão de que ele chegou à conclusão de que pode querer eventualm ente capturá-la, m as enquanto isso tem outro uso para você.

☐ Que outro uso? O que podem querer que eu faça? ☐ Retardar-m e.

☐ Obrigando-o a ficar aqui? ☐ Não. Indo com igo.

Assim que Ellis acabou de falar, Jane com preendeu que ele estava certo. Um sentim ento de perdição a envolveu, com o um a m ortalha. Tinha de ir tam bém , levando sua filha; não havia alternativa. Se m orrerm os, então m orrerem os, pensou ela, fatalista. Que assim sej a.

☐ Creio que tenho um a chance m aior de escapar daqui com você do que escapar da Sibéria sozinha ☐ m urm urou ela.

Ellis assentiu.

☐ É j ustam ente o que eu estava querendo dizer.

☐ Vou com eçar a arrum ar as coisas. ☐ Não havia tem po a perder. ☐ É m elhor sairm os daqui am anã de m anã, bem cedo.

Ellis sacudiu a cabeça.

☐ Quero sair daqui dentro de um a hora.

Jane entrou em pânico. Vinha planej ando partir, m as não tão de repente; agora, sentia que não havia tem po para pensar. Desatou a correr pela pequena casa, j ogando roupas, alim entos e suprim entos m édicos, de m aneira indiscrim inada, em diversas bolsas, apavorada com a possibilidade de esquecer algum a coisa essencial, m as agitada dem ais para pensar direito.

Ellis percebeu o seu ânim o e deteve-a. Segurou-a pelos om bros, beij ou sua testa e disse calm am ente: ☐ Quero que m e responda um a coisa. Por acaso sabe qual é a m ontanha m ais alta da Grã-Bretanha? Jane se perguntou se ele não teria enlouquecido, m as respondeu assim m esm o:

□ O Ben Nevis. Fica na Escócia.

□ Qual é a sua altura? □ Mais de m il e duzentos m etros.

□ Alguns dos desfiladeiros que vam os escalar têm cerca de cinco m il m etros... ou sej a, quatro vezes m ais que a m ais alta m ontanha da Grã-Bretanha. Em bora a distância sej a de apenas duzentos e cinquenta quilôm etros, levarem os pelo m enos duas sem anas. Portanto, pare, pense, planej e. Se levar m ais de um a hora para arrum ar as coisas, é um a pena... é m elhor partir de qualquer m aneira, m esm o sem os antibióticos. Jane balançou a cabeça, respirou fundo e recom eçou.

Tinha dois alforj es que podiam servir com o m ochilas. Pôs roupas em um : fraldas de Chantal, um a m uda de roupas de baixo para todos, o casaco acolchoado que Ellis com prara em Nova York, a capa de chuva forrada com pêlo e capuz que ela trouxera de Paris. Usou o outro alforj e para guardar alim entos e suprim entos m édicos. Não havia nenhum pacote de bolinhos, m as Jane descobrira um substituto local, um bolo feito de nozes e am oras secas, quase indigesto, m as que oferecia um a energia concentrada.

Tam bém dispunham de m uito arroz e um pedaço de queij o duro. A única lem brança que Jane levou foi a sua coleção de fotografias Polaroid dos aldeões. Tam bém separaram os sacos de dorm ir, um a panela e a m ochila m ilitar de Ellis, que continha alguns explosivos e equipam ento de detonação □ a única arm a. Ellis prendeu toda a bagagem em Maggie, a égua unidirecional.

A partida apressada foi chorosa. Jane foi abraçada por Zahara, a velha Rabia, a parteira, e até m esm o Halim a, a m ulher de Moham m ed. A nota desagradável veio de Abdullah, que passou pouco antes de eles partirem e cuspiu no chão, tangendo a fam ília para longe; m as poucos m inutos depois sua esposa voltou, parecendo assustada, m as determ inada, e colocou na m ão de Jane um presente para Chantal: um a boneca de trapo prim itiva, com xale e véu em m iniatura.

Jane abraçou e beij ou Fará, que estava inconsolável. A garota estava com treze anos, e m uito em breve teria um m arido para adorar.

Casaria dentro de um ou dois anos e iria m orar na casa dos pais do m arido. Teria oito ou dez filhos, dos quais talvez apenas a m etade sobreviveria além dos cinco anos. As filhas casariam e sairiam de casa. Os filhos que não m orressem na guerra casariam e trariam suas esposas para a casa. Algum dia, quando a fam ília se tornasse m uito

grande, os filhos, noras e netos com eçariam a sair, a fim de iniciar suas próprias fam ílias am pliadas. Fará se tornaria então um a parteira, com o a avó, Rabia. Espero que ela se lem bre de algum as das lições que lhe ensinei, pensou Jane.

Ellis foi abraçado por Alishan e Shahazai, e depois partiram aos gritos de "Deus os acom panhe!" As crianças da aldeia seguiram j unto com eles até a curva do rio.

Jane parou ali por um m om ento e olhou para trás, contem plando o pequeno am ontoado de casas pardas que fora o seu lar durante um ano. Sabia que nunca m ais retornaria, m as tinha o pressentim ento de que, se sobrevivesse, contaria histórias de Banda a seus netos.

Foram avançando rapidam ente pela m argem do rio. Jane descobriu-se a aguçar os ouvidos, esperando a qualquer instante ouvir o barulho de helicópteros. Quando os russos com eçariam a procurá-los? Mandariam alguns helicópteros para vasculhar a região m ais ou m enos ao acaso ou levariam tem po para organizar um a busca realm ente m eticulosa? Jane não sabia o que seria pior.

Levaram m enos de um a hora para chegar a Dasht-i-Rewat, "A Planície com um Forte", um a aldeia aprazível em que os chalés com seus pátios ensom breados pontilhavam a m argem norte do rio. Era ali que term inava a estrada das carroças, o cam inho de terra esburacado e sinuoso, ora-você-vê-ora-você-não-vê, que passava por um a estrada no Vale dos Cinco Leões.

Qualquer veículo de rodas bastante resistente para enfrentar a estrada tinha de parar ali, proporcionando à aldeia alguns negócios no com ércio de cavalos. O forte m encionado no nom e ficava no alto de um vale transversal e era agora um a prisão, controlada pelos guerrilheiros, com alguns soldados do governo capturados, uns poucos russos e um ou outro ladrão. Jane a visitara um a vez, a fim de tratar de um pobre nômade do deserto ocidental que fora recrutado para o exército regular, contraíra pneum onia no frio inverno de Kabul e desertara. Ele estava sendo

"reeducado", antes de receber perm issão para se j untar aos guerrilheiros.

Já era m eio-dia, m as nenhum dos dois queria parar e com er. Esperavam chegar a Saniz, a quinze quilôm etros de distância, na cabeceira do vale, ao cair da noite. Quinze quilôm etros podiam não ser m uita coisa em terreno plano, m as naquela paisagem o percurso

poderia exigir várias horas.

O último trecho da estrada serpenteava entre as casas na margem norte. A margem sul era um penhasco de sessenta metros de altura. Ellis puxava a égua e Jane carregava Chantal, na tipóia que ela idealizara e que lhe permitia alimantar a filha sem ter que parar. A aldeia terminava num moinho de água perto da entrada do vale lateral chamado Riwat, onde ficava a prisão. Depois de passarem por esse ponto, não puderam mais andar tão depressa. O terreno começou a subir, mais ou menos suave a princípio, depois cada vez mais íngreme. Continuaram, sob o sol quente. Jane cobriu a cabeça com o pattu. Chantal estava protegida do sol pela tipóia.

Ellis usava o gorro chitrali, um presente de Mohammedi.

Ao chegarem ao cumo do desfiladeiro, Jane notou, com alguma satisfação, que não estava sequer respirando fundo. Nunca estivera em tão boa forma física em toda a sua vida e provavelmente nunca mais tornaria a ficar assim. Observou que Ellis não só ofegava, mas também estava suando. Ele estava em boa forma, mas não calejado por caminhar muitas horas, com o que acontecia com ela. Jane sentiu-se um tanto presunçosa, até lembrar que ele sofrerá dois ferimentos de bala apenas nove dias antes.

Além do desfiladeiro o caminho seguia pela encosta da montanha, muito acima do Rio dos Cinco Leões. Ali, excepcionalmente, o rio era vagaroso. Onde era profundo e sereno, a água aparecia de um verde intenso, a cor das esmeraldas que eram encontradas por todo o Dasht-i-Rewat e levadas ao Paquistão para serem vendidas. Jane ficou apavorada quando seus ouvidos

supersensíveis captaram o som de aparelhos aéreos distantes: não havia onde se esconder no penhasco nu, e ela ficou invadida por um súbito desejo de pular no rio, trinta metros abaixo. Mas era apenas uma esquadrilha de jatos, muito alto para que pudessem perceber qualquer pessoa no solo.

Mesmo assim, desse momento em diante Jane passou a esquadrihar o terreno constantemente, à procura de árvores, muitas e depressões em que pudessem se esconder.

Um demônio interior lhe dizia: Você não precisa fazer isso, pode voltar, pode se entregar, reunir-se a seu marido. Mas, de certa forma, isso parecia uma questão acadêmica, um mero problema técnico.

O caminho continuava a subir, só que agora com mais suavidade, o

que lhes permitiu seguir mais depressa. Eram atrasados, a cada dois ou três quilômetros, pelos afluentes que desciam velozes de vales laterais para se juntarem ao rio principal, a trilha descendo para uma ponte de troncos ou um vau. Ellis tinha de puxar a relutante Maggie para a água, com Jane gritando e atirando-lhe pedras por trás.

Um canal de irrigação corria por toda a extensão da garganta, na encosta do penhasco, muito acima da água. O objetivo era ampliar a área cultivável na planície.

Jane especulou há quantos anos o vale dispusera de tempo, homens e paz suficiente para realizar um projeto de engenharia tão extraordinário: talvez centenas de anos.

A garganta se estreitou e o rio lá em baixo estava agora coalhado de blocos de granito.

Havia cavernas nos penhascos de calcário: Jane registrou-as com o possíveis esconderijos. A paisagem tornou-se desolada, um vento frio soprou pelo vale, fazendo Jane estremecer por um momento, apesar do sol. O terreno rochoso e os penhascos íngremes eram apropriados aos pássaros: havia dezenas de pegas asiáticas.

A garganta finalmente desembocou em outra planície. Jane avistou a leste uma serra, com as montanhas brancas de Nuristan assomando por cima. Oh, Deus, é para lá que estão indo!, pensou Jane, sentindo medo. Havia um pequeno agrupamento de casas pobres na planície, e Ellis comentou: □ Acho que é aqui. Bem-vinda a Saniz.

Entraram na planície, procurando por uma mesquita ou uma cabana de pedra para viajar antes. Ao se aproximarem da primeira casa, um homem saiu e Jane reconheceu o rosto bonito de Mohammed. Ele ficou tão espantado quanto ela. Mas a surpresa de Jane logo foi substituída pelo horror, quando pensou que teria que lhe contar que o filho fora morto. Ellis deu-lhe tempo para pôr os pensamentos em ordem, ao perguntar, em dari: □ Por que você está aqui?

□ Vim com Masud □ explicou Mohammed. Jane compreendeu que aquele devia ser um dos esconderijos dos guerrilheiros, enquanto Mohammed acrescentava: □ E por que vocês estão aqui? □ Estão indo para o Paquistão.

□ Por este caminho? □ O rosto de Mohammed tornou-se grave. □ O que aconteceu? Jane sabia que devia assumir o fardo de contar a ele, já que o conhecia há mais tempo.

□ Trazem os m ás notícias, m eu am igo Moham m ed. Os russos estiveram em Banda.

Mataram sete hom ens e um a criança...

Ele adivinhou nesse instante o que estava para ouvir e a expressão de angústia em seu rosto deixou Jane com vontade de chorar. Ela arrem atou: □ Mousa foi a criança. Moham m ed controlou-se, rigidam ente.

□ Com o m eu filho m orreu?

□ Foi Ellis quem o encontrou □ disse Jane.

Ellis inform ou, fazendo um esforço para encontrar em dari as palavras de que precisava:

□ Ele m orreu... com a faca na m ão e sangue na faca. Os olhos de Moham m ed se arregalaram .

□ Quero saber de tudo.

Jane se encarregou de explicar, porque falava m elhor a língua.

□ Os russos chegaram ao am anhecer. Procuravam a Ellis e a m im . Estávam os na encosta da m ontanha, e por isso não nos encontraram . Espancaram Alishan, Shahazai e Abdullah, m as não os m ataram . E depois descobriram a caverna. Os sete guerrilheiros feridos estavam lá, assim com o Mousa de prontidão para correr até a aldeia se eles precisassem de algum a coisa durante a noite. Depois que os russos partiram , Ellis foi até a caverna. Todos os hom ens foram m ortos, e Mousa tam bém ...

□ Com o? □ interrom peu Moham m ed. □ Com o o m ataram ? Jane olhou para Ellis, que disse "Kalashnikov", usando um a palavra que não precisava de tradução. Ele apontou para o seu coração, a fim de indicar onde a bala acertara. Jane acrescentou: □ Ele deve ter tentado defender os feridos, pois havia sangue na ponta de sua faca.

Moham m ed estufou o peito de orgulho, m esm o enquanto as lágrim as lhe afloravam aos olhos.

□ Ele os atacou... hom ens crescidos, arm ados com rifles... ele os atacou com sua faca! A faca que o pai lhe deu! O garoto de um a só m ão está agora no paraíso dos guerreiros.

Morrer num a guerra santa era a m aior honra possível para um m

uçulm ano, lem brou-se Jane. O pequeno Mousa provavelm ente se tornaria um santo m enor. Ela se sentiu contente por Moham m ed contar com esse conforto, m as não pôde deixar de pensar ceticam ente: É assim que os hom ens belicosos aliviam suas consciências... falando em glória.

Ellis abraçou Moham m ed solenem ente, sem dizer nada.

Jane lem brou de repente de suas fotografias. Tinha várias de Mousa. Os afegãos adoravam fotos, e Moham m ed ficaria na m aior alegria em ter um a do filho. Ela abriu um dos alforj es no lom bo de Maggie e vasculhou entre os suprim entos m édicos até encontrar a caixa de papelão com as Polaroides.

Selecionou um a foto de Mousa, tirou-a e tornou a guardar a caixa no alforj e. Entregou a foto a Moham m ed.

Jane nunca vira um hom em afegão tão com ovido. Moham m ed não foi capaz de falar.

Por um m om ento, parecia que ele ia chorar. Virou-se, tentando se controlar. Quando tornou a ficar de frente, o rosto estava com posto, m as m olhado de lágrim as. □ Venham com igo □ disse ele.

Os dois seguiram -no pela pequena aldeia até a beira do rio, onde um grupo de quinze ou vinte guerrilheiros estava acorado em torno da fogueira de cozinhar. Moham m ed adiantou-se e, sem qualquer preâmbulo, com eçou a contar a história da m orte de Mousa, com lágrim as e m uitos gestos.

Jane virou-se. Já testem unhara sofrim ento dem ais. Ela olhou ao redor, ansiosam ente, especulando: Para onde correrem os, se os russos aparecerem ? Não havia nada além dos cam pos, o rio e as poucas casas. Mas Masud parecia pensar que era um lugar seguro. Talvez a aldeia fosse pequena dem ais para atrair a atenção do exército.

Ela não tinha m ais energia para se preocupar. Sentou-se no chão, encostada num a árvore,

grata pela oportunidade de descansar as pernas. Com eçou a alim entar a filha.

Ellis tirou a carga de Maggie e am arrou-a. A égua pôs-se a pastar na vegetação exuberante à beira do rio. Foi um dia com prido, pensou Jane; e tam bém terrível. Quase não dorm i na noite passada. Sorriu

secretam ente ao pensar na noite anterior.

Ellis pegou os m apas de Jean-Pierre e sentou-se ao lado de Jane, a fim de estudá-los, à claridade que se desvanecia rapidam ente. Jane olhou por cim a de seu om bro.

A rota planej ada continuava a subir pelo Vale dos Cinco Leões até um a aldeia cham ada Cornar, onde virariam para sudeste, seguindo por um vale lateral que levava ao Nuristan. Esse vale era cham ado tam bém de Cornar, assim com o o prim eiro desfiladeiro alto por que teriam de passar.

□ Quatro m il e quinhentos m etros □ disse Ellis, apontando para o local no m apa. □ É lá que vam os sentir frio.

Jane estrem eceu.

Depois que Chantal m am ou, Jane m udou a fralda e foi lavar a fralda suj a no rio. Ao voltar, encontrou Ellis conversando com Masud. Acocorou-se ao lado deles.

□ Você tom ou a decisão certa □ Masud estava dizendo.

□ Tem m esm o de sair do Afeganistão, com o nosso tratado no bolso. Tudo estará perdido se os russos pegarem você.

Ellis assentiu em concordância. Jane pensou: Nunca antes vi Ellis assim □ ele trata Masud com toda deferência. Masud acrescentou: □ Mas é um a viagem de extrem a dificuldade. A m aior parte da trilha está acim a da linha do gelo. Às vezes é m uito difícil encontrar o cam inho na neve, e quem se perde lá por cim a acaba m orrendo.

Jane se perguntou para onde aquela conversa estava levando. Parecia-lhe de m au agouro que Masud estivesse se dirigindo diretam ente a Ellis, e não a ela.

□ Posso aj udar □ explicou Masud. □ Mas, com o você, quero fazer um trato.

□ Continue □ disse Ellis.

□ Eu lhe darei Moham m ed com o guia, a fim de levá-lo ao Nuristan e depois ao Paquistão.

O coração de Jane bateu m ais forte. Moham m ed com o guia! Faria um m undo de diferença para a viagem .

□ E o que tenho de fazer em troca? □ perguntou Ellis.

□ Você vai sozinho. A mãe e a filha do doutor ficam aqui. Era angustiante para Jane que teria de concordar com a proposta. Seria uma tempestade se os dois tentassem efetuar a jornada sozinhos, pois provavelmente os dois morreriam. Assim, ela podia pelo menos salvar a vida de Ellis. E Jane disse a ele: □ Você tem de aceitar.

Ellis sorriu para ela e disse a Masud: □ Isso é impossível.

Masud levantou-se, visivelmente ofendido, e voltou ao círculo de guerrilheiros. Jane murmurou: □ Oh, Ellis, acha que foi sensato? □ Não. □ Ele pegou a mão de Jane. □ Mas não vou largar você tão facilmente. Ela apertou-lhe a mão.

□ Eu... eu não fiz promessas a você.

□ Sei disso. Quando voltarmos à civilização, você estará livre para fazer o que bem quiser... viver com Jean-Pierre, se for isso o que preferir e se conseguir encontrá-lo.

Eu me contentarei com as duas próximas semanas, se for tudo o que me estiver

reservado. De qualquer modo, talvez não vivamos tanto tempo.

Ele tinha razão. Por que se angustiar com o futuro, pensou Jane, quando provavelmente nem teriam um futuro? Masud voltou, sorrindo novamente.

□ Não sou um bom negociador □ disse ele. □ Eu lhes darei Moham e assim mesmo.

Capítulo 16

Partiram meia hora antes do amanhecer. Um a um, os helicópteros levantaram voo da pista de concreto e desapareceram no céu noturno, além do alcance dos refletores.

O Hind que levava Jean-Pierre e Anatoly elevou-se pelo ar com o um pássaro desgracioso e juntou-se ao comboio. Não demorou muito para que as luzes da base aérea se perdessem de vista, e mais uma vez Jean-Pierre e Anatoly voavam por cima das montanhas a caminho do Vale dos Cinco Leões.

Anatoly realizara um milagre. Em menos de vinte e quatro horas me

ontara um a operação que era provavelm ente a m aior da história da guerra no Afeganistão □ e ele estava no seu com ando.

Passara a m aior parte do dia anterior em contato pelo telefone com Moscou. Tivera de sacudir a sonolenta burocracia do exército soviético, explicando prim eiro a seus superiores na KGB e depois a um a série de líderes m ilitares com o era im portante a captura de Ellis Thaler.

Jean-Pierre escutara, sem com preender as palavras, m as adm irando a com binação precisa de autoridade, calm a e urgência no tom de voz de Anatoly .

A autorização form al fora concedida ao final da tarde, e depois Anatoly enfrentara o desafio de pô-la em prática. A fim de obter o núm ero de helicópteros que desej ava, ele suplicara favores, cobrara antigas dívidas e espalhara am eaças e prom essas, de Jalalabad a Moscou.

Quando um general em Kabul se recusara a liberar os aparelhos sem um a ordem por escrito, Anatoly ligara para a KGB em Moscou e persuadira um velho am igo a dar um a olhada na ficha pessoal do general, a quem cham ara em seguida, am eaçando cortar o seu suprim ento de pornografia infantil da Alem anha.

Os soviéticos tinham seiscentos helicópteros no Afeganistão: por volta das três horas da m adrugada, quinhentos estavam na pista em Bagram , sob o com ando de Anatoly .

Jean-Pierre e Anatoly passaram a últim a hora debruçados sobre os m apas, decidindo para onde cada helicóptero iria e dando as ordens necessárias a diversos oficiais.

As instruções foram precisas, graças à atenção com pulsiva que Anatoly dispensava aos detalhes e ao profundo conhecim ento que Jean-Pierre tinha da região.

Em bora Ellis e Jane não estivessem na aldeia no dia anterior quando Jean-Pierre e Anatoly foram procurá-los, era quase certo de que haviam tom ado conhecim ento do ataque e estariam agora escondidos. Não seriam achados em Banda. Podiam estar instalados num a m esquita em outra aldeia □ os visitantes de estadia breve norm alm ente dorm iam nas m esquitas

□ ou então, se achavam que as aldeias eram inseguras, podiam estar num a das pequenas cabanas de pedra para viaj antes que

pontilhavam os caminhos.

Podiam estar em qualquer lugar do vale ou em alguns dos muitos vales laterais. Anatoly cobria todas as possibilidades.

Helicópteros pousariam em cada aldeia do Vale dos Cinco Leões e em cada povoado nos vales laterais. Os pilotos sobrevoariam todas as trilhas e caminhos. Os soldados em pares de mil

tinham instruções para revistar todas as casas, procurar sob as árvores maiores, dentro das cavernas. Anatoly estava determinado a não fracassar novamente. Hoje eles encontrariam Ellis de qualquer maneira. E Jane também.

O interior do Hind era apertado e vazio. Na cabine de passageiros só havia um banco,

preso na fuselagem, em frente à porta. Jean-Pierre partilhou-o com Anatoly.

Podiam ver a cabine de voo. O assento do piloto ficava a dois metros de meio metro de altura, com um degrau ao lado para o acesso. O investimento todo fora para o armamento, a velocidade e a manipulação do aparelho, nenhum para o conforto.

Jean-Pierre remémora os fatos enquanto seguiam para o norte. Ellis fingia ser seu amigo, enquanto trabalhava o tempo todo para os americanos. Usando essa amizade, arruinara o plano para capturar Masud, destruindo assim um ano de trabalho árduo. E ainda por cima, pensou Jean-Pierre, seduziu minha mulher.

Sua mente funcionava em círculos, sem pre voltando à questão da sedução. Esquadrinhou a escuridão, observando as luzes dos outros helicópteros. Imaginou os dois dias antes na noite anterior, deitados sobre um cobertor, à luz das estrelas, em algum campo, divertindo-se com os corpos um do outro, sussurrando palavras de carinho.

Especulou se Ellis seria bom de cama. Perguntara a Jane qual dos dois era o melhor antes, mas ela respondera que não havia melhor, apenas que eram diferentes.

Teria dito a mesma coisa a Ellis? Ou murmuraria Você é o melhor, querido? Jean-Pierre estava com medo de odiá-la também. Com ela podia voltar para um homem que era nove anos mais velho, um americano estúpido e agente da CIA? Jean-Pierre olhou para Anatoly. O russo se mantinha imóvel, expressão impassível, com o um a

estátua de pedra de um m andarim chinês.

Pouco dormi durante as últimas quarenta e oito horas, mas não parecia cansado, apenas obstinado. Em seus encontros durante aquele ano Anatoly se me mostrou descontraindo e afável, mas agora estava tenso, sem demonstrar qualquer emoção, e incansável, exigindo impecavelmente de si mesmo e dos outros. Um homem com uma serena obsessão.

Eles puderam ver os outros helicópteros quando amanheceu. Era uma visão impressionante: parecia uma vasta nuvem de abelhas gigantescas, enxameando sobre as montanhas.

O barulho devia ser ensurdecedor para quem estava no solo.

Com eles se dividiram em grupos menores ao se aproximarem do Vale dos Cinco Leões. Jean-Pierre e Anatoly estavam com o grupo que seguiria para Cornar, a aldeia mais setentrional do vale. Acompanharam o rio durante a última etapa da viagem. A manhã que clareava depressa revelava fileiras de feixes nos trigais: o bom bardeio não acabara de todo com a atividade agrícola na parte superior do vale.

O sol incidia em seus olhos ao descerem para Cornar. A aldeia era um simples agrupamento de casas no alto de um penhasco, fazendo Jean-Pierre lembrar as aldeias do sul da França com uma pontada de saudade. Não seria maravilhoso voltar para casa e ouvir o francês falado direito, com um pão fresco e uma comida saborosa, entrar num táxi e ir ao cinema?!

Mudou de posição no banco duro. Naquele momento já seria maravilhoso o mesmo fato de sair do helicóptero. Sentia-se mais ou menos dolorido desde que fora espancado.

Mas pior do que a dor era a memória da humilhação, a maneira com que gritara e chorara, e suplicara por misericórdia: cada vez que pensava a respeito, estremecia e desejava se esconder em qualquer buraco. Queria vingança por isso. Sentia que nunca poderia dormir direito enquanto não acertasse a conta.

E só havia uma maneira de satisfazê-lo. Queria ver Ellis espancado da mesma maneira, pelos mesmos soldados brutais, até chorar, gritar, suplicar por misericórdia. Mas com um

refinamento extra: Jane estaria assistindo.

No meio da tarde eles se defrontaram outra vez com o fracasso. Havião revistado a aldeia de Cornar, todos os povoados ao redor, todos os vales laterais na área, todas as casas de fazenda isoladas, na terra quase árida ao norte da aldeia. Anatoly se manteve em constante contato pelo rádio com os com andantes dos outros grupos de busca. Também havião revistado meticulosamente seus respectivos setores do Vale dos Cinco Leões. Encontraram depósitos de armas em algumas cavernas e casas; travaram combates com diversos grupos de homens, presumivelmente guerrilheiros, mais intensos nas colinas em torno de Saniz, mas as escaramuças só se destacaram pelas baixas russas acima do normal, em decorrência da nova eficiência dos rebeldes com explosivos; verificaram os rostos de todas as mulheres veladas e examinaram a pele de cada bebê; apesar de tudo isso, no entanto, não havião encontrado o enorme sinal de Ellis, Jane ou Chantal.

Jean-Pierre e Anatoly foram acabar num posto de venda de cavalos, numa colina por cima de Cornar. O lugar não tinha nome. Havia umas poucas casas de pedra e uma campina poeirenta, onde muitos atungos desnutridos pastavam na relva escassa. O único habitante homem parecia ser o guardião dos cavalos, um velho descalço, usando uma isolação com pride, com um enorme capuz para afugentar as moscas. Havia também duas mulheres ainda jovens e um punhado de crianças assustadas. Era evidente que os jovens eram guerrilheiros e estavam longe, com Masud, em algum lugar. Não demoraram muito tempo para revistar o povoado. Ao terminarem, Anatoly sentou-se na terra, encostado num muro de pedra, com expressão pensativa. Jean-Pierre sentou-se ao seu lado.

No outro lado das colinas eles podiam ver o pico branco distante do Mesmer, elevando-se a cerca de seis metros, que nos velhos tempos atraía tantos montanhistas da Europa. Anatoly disse: □ Vejase consegue arrumar um chá.

Jean-Pierre olhou ao redor e viu o velho de capuz espreitando ali perto.

□ Faça um chá □ gritou ele, em dari.

O homem afastou-se apressadamente. Um momento depois Jean-Pierre ouviu-o gritar para as mulheres e anunciou para Anatoly, em francês: □ O chá está vindo.

Os homens de Anatoly, percebendo que ficariam ali por algum tempo, desligaram os motores dos helicópteros e sentaram-se na terra ao

redor, esperando pacientemente.

Anatoly olhava para a distância. O cansaço transparecia em seu rosto.

□ Nós estamos com um problema □ informou ele. Jean-Pierre achou agourenta a maneira com a qual ele dissera isso.

Depois de uma pausa, Anatoly continuou: □ Em nossa profissão, é sensato atenuar a importância de uma missão até que se tenha certeza do sucesso, quando então se começa a exagerá-la. Não pude seguir o padrão neste caso. A fim de garantir o uso de duzentos helicópteros e mil homens, tive de persuadir meus superiores da enorme importância de capturar Ellis Thaler. Precisei deixar bem claro os perigos a que nos expõem se ele escapar. E consegui.

A raiva que eles sentirão de mim por não capturá-lo será agora ainda maior. E o meu futuro, com o qual não podia deixar de ser, está ligado ao meu. Jean-Pierre não pensara antes dessa maneira.

□ O que eles vão fazer? □ Minha carreira vai acabar. Continuarei com o mesmo salário, mas as perderei todos os privilégios. Não haverá mais uísque escocês, Rive Gaúche para minha mulher, férias para a família no Mar Negro, jeans e discos dos Rolling Stones para meus

filhos. Mas eu poderia viver sem essas coisas. Não poderia suportar, no entanto, o tédio do tipo de trabalho que dão aos fracassados na minha profissão. Eu seria enviado para uma cidade pequena no Extremo Oriente, onde não haveria realmente qualquer trabalho de segurança para realizar.

Sei com os nossos homens passam seu tempo e justificam sua existência em tais lugares. É preciso se insinuar com pessoas ligeiramente descontentes, conquistar sua confiança, encorajá-las a fazer comentários críticos ao governo e ao Partido, e depois prendê-las por subversão. Um desperdício de tempo...

Ele pareceu perceber que estava divagando e parou de falar.

□ E eu? □ indagou Jean-Pierre. □ O que vai acontecer comigo?

□ Você se tornará um homem insignificante. Nunca mais trabalhará para nós. Poderão deixá-lo ficar em Moscou, porém é mais provável que o mandem de volta.

□ Se Ellis escapar, nunca poderei voltar à França... eles me matariam

□ Você não cometeu nenhum crime na França.

□ Nem meu pai, mas assim o mataram.

□ Talvez você possa ir para algum país neutro... com o Nicarágua ou Egito.

□ Merda!

□ Mas não vamos os perder a esperança □ disse Anatoly, um pouco mais animado. □ As pessoas não podem desaparecer em pleno ar. Nossos fugitivos têm de estar em algum lugar.

□ Se não conseguirmos encontrá-los com os homens, então não creio que possamos descobri-los com dez homens □ disse Jean-Pierre, sombriamente.

□ Não terem os homens, muito menos dez homens □ respondeu Anatoly, □ Aqui por diante tem de usar o cérebro e um mínimo de recursos. Todo nosso crédito foi consumido.

Vamos tentar um método diferente. Pense: alguém deve tê-los ajudado a se esconderem.

O que significa que alguém sabe onde eles estão.

Jean-Pierre refletiu por um momento.

-se eles tiveram ajuda, então foi provavelmente dos guerrilheiros... as pessoas menos prováveis de nos contarem qualquer coisa.

□ Outros podem saber.

□ É possível. Mas eles nos fariam ? □ Nossos fugitivos devem ter alguns inimigos □

insistiu Anatoly . Jean-Pierre sacudiu a cabeça.

□ Ellis não está aqui há tempo suficiente para fazer inimigos, e Jane é uma heroína... eles a tratam como Joana d'Arc. Ninguém a detesta... ei! Lembrou-se de repente que isso não era verdade.

□ O que é? □ O meu.

□ Ahn...

□ Por algum motivo, ela o irritou de maneira irracional. Em parte foi porque as curas de Jane eram mais eficazes do que as suas, mas não apenas isso, porque as minhas também eram e o meu nunca me detestou particularmente.

□ Ele provavelmente é a mulher de prostituta ocidental.

□ Como adivinhou? □ Eles sempre fazem isso. Onde vive esse meu?

□ Abdullah vive em Banda, numa casa a cerca de meio quilômetro da aldeia.

□ E ele falará? □ Tenho a impressão de que ele odeia Jane bastante para entregá-la a nós □ respondeu Jean-Pierre pensativo. □ Mas ele não pode ser visto fazendo isso. Não podemos

simplesmente pousar na aldeia e pegá-lo... todos saberiam e ele se meteria de boca fechada. Eu teria de encontrá-lo em segredo...

Jean-Pierre especulou em que perigo poderia se meter se continuasse a pensar nessa linha. Depois, lembrou-se da humilhação que sofreria: a vingança valia qualquer risco. E

acrescentou: -se me deixar perto da aldeia, posso ir para a casa dele e me esconder ali, esperando sua volta.

□ E se ele não voltar durante o dia inteiro? □ Nesse caso, o jeito é continuar esperando.

□ Precisamos dar um jeito para que ele volte logo. □ Anatoly franziu o rosto. □ Vamos reunir todos os aldeões na minha esquita, como fizemos antes... e depois deixá-los sair. Abdullah quase certamente voltará para sua casa.

□ Mas estará sozinho? □ Hum ... Podem os deixar que as mulheres saiam prim eiro, com ordens para irem para suas casas. E quando os homens forem soltos vão querer verificar com o estão suas mulheres. Alguém m ora perto de Abdullah? □ Não.

□ Então ele deve seguir pela trilha sozinho. Você sai de trás de um a m oita...

□ E ele m e corta a garganta de orelha a orelha.

□ Abdullah anda armado? □ Já conheceu um afegão que não andasse pelo m enos com um a faca? Anatoly deu de om bros.

□ Você pode levar m inha pistola.

Jean-Pierre ficou satisfeito e um pouco surpreso por m erecer tanta confiança, em bora não soubesse usar um a arm a de fogo.

□ Acho que pode servir com o am eaça □ disse ele ansiosam ente. □ E precisarei de algum as roupas nativas, para o caso de ser visto por outra pessoa além de Abdullah.

O que eu faria se encontrasse alguém que m e conhece? Quero um lenço para cobrir o rosto ou qualquer outra coisa...

□ Isso é fácil. □ Anatoly gritou algum a coisa em russo e três dos soldados se levantaram de um pulo. Desapareceram entre as casas e voltaram alguns m om entos depois com o velho negociante de cavalos. □ Pode levar as roupas dele.

□ Ótim o. O capuz esconderá m eu rosto. □ Jean-Pierre acrescentou para o velho, em dari: □ Tire as roupas.

O velho com eçou a protestar, pois a nudez era vergonhosa para os afegãos. Anatoly gritou um a ordem brusca em russo, e os soldados derrubaram o hom em no chão e tiraram -lhe o cam isolão. Todos riram ruidosam ente ao verem suas pernas m agras se proj etando das esfarrapadas roupas de baixo. Os soldados largaram -no e o velho se afastou correndo, as m ãos cobrindo os órgãos genitais, o que provocou risadas ainda m aiores.

Jean-Pierre estava nervoso dem ais para achar graça. Tirou a cam isa e a calça de estilo europeu e vestiu o cam isolão com capuz do velho.

□ Você está cheirando a m ij o de cavalo □ com entou Anatoly .

□ E por dentro o cheiro é ainda pior □ inform ou Jean-Pierre. Em barcaram no helicóptero. Anatoly pegou os fones do piloto e falou pelo m icrofone longam ente, em russo.

Jean-Pierre sentia-se apreensivo com o que estava prestes a fazer. O que aconteceria se três guerrilheiros surgissem do alto da m ontanha e o surpreendessem am eaçando Abdullah com a pistola? Ele era conhecido praticam ente por todas as pessoas no Vale dos Cinco Leões. A notícia de que visitara Banda com os russos devia ter se espalhado depressa. Não podia haver a m enor

dúvida de que a m aioria das pessoas j á sabia que ele era um espião. Devia ser agora o Inim igo Público Núm ero Um . Os guerrilheiros iriam esquartej á-lo.

Talvez estej am os querendo ser espertos dem ais, pensou ele. Talvez fosse m elhor sim plesm ente pousar, pegar Abdullah e espancá-lo até arrancar a verdade.

Não, j á tentam os isso ontem e não deu certo. Esta é a m elhor m aneira.

Anatoly devolveu os fones ao piloto, que os aj ustou e com eçou a esquentar o helicóptero.

Enquanto esperava, Anatoly pegou sua arm a e m ostrou-a a Jean-Pierre.

□ Esta é um a Makarov 9m m □ disse ele, por cim a do barulho dos rotores. Puxando um a tranca na coronha, ele tirou o pente. Continha oito balas. Anatoly tornou a pôr o pente no lugar e apontou para a trava de segurança no lado esquerdo da pistola. □ Esta é a trava de segurança.

Quando o ponto verm elho está coberto, a trava se encontra em posição segura. □ Segurando a arm a com a m ão esquerda, usou a direita para puxar o cursor por cim a da coronha.

□ É assim que a pistola é engatilhada. □ Ele soltou e o cursor voltou à posição. □ Depois de atirar, dê um puxão no gatilho para tornar a engatilhar.

Anatoly entregou a arm a a Jean-Pierre, quê pensou: Ele confia realm ente em m im . Por um m om ento, um ardor de prazer dissipou o calafrio de m edo.

Os helicópteros partiram . Seguiram o Rio dos Cinco Leões para sudoeste, descendo pelo vale. Jean e Pierre pensou que ele e Anatoly formavam uma boa dupla. Anatoly lembrou-se do pai: um homem inteligente, determinado e corajoso, com um plano inabalável em promover o comunismo mundial. Se tivessem o sucesso aqui, refletiu Jean-Pierre, provavelmente poderiam os trabalhar juntos de novo, em algum outro campo de batalha. A perspectiva deixou-o extremamente satisfeito.

Em Dasht-i-Rewat, onde começava a parte inferior do Vale dos Cinco Leões, o helicóptero virou para sudoeste, seguindo o afluente Rewat correnteza acima, na direção das colinas, a fim de se aproximar da Banda por trás da montanha. Anatoly tornou a usar os fones e o microfone, e depois gritou no ouvido de Jean-Pierre: "Já estão todos na mesquita. Quanto tempo a mulher do mula levará para chegar em casa?" Cinco ou dez minutos" gritou Jean-Pierre em resposta.

"Onde você quer ficar? Jean-Pierre pensou por um instante.

"Todos os aldeões já estão na mesquita?

"Já.

"Verificaram as cavernas? Anatoly voltou a usar o rádio e perguntou. Virou-se em seguida para Jean-Pierre e informou: "As cavernas foram revistadas.

"Ótimo. Deixe-me e lá.

"Quanto tempo você levará para chegar a seu esconderijo?" "Dê-me e dez minutos, depois solte as mulheres e crianças, espere mais dez minutos e solte os homens.

"Está bem .

O helicóptero desceu para a sombra da montanha. A tarde chegava ao fim , mas ainda restava cerca de uma hora antes do anoitecer. Pousaram por trás da crista, a poucos metros das cavernas. Anatoly disse a Jean-Pierre: "Espere um pouco. Vam os verificar as cavernas outra vez.

Pela porta aberta, Jean-Pierre viu outro Hind pousar. Seis homens saltaram e correram sobre a crista.

"Com o entrarei em contato com você para descer e me pegar depois?" indagou Jean-Pierre.

□ Esperarem os por você aqui.

□ O que farão se alguns aldeões subirem para cá antes da minha volta?

□ Atirarem os neles.

Era outra coisa que Anatoly tinha em comum com o pai de Jean-Pierre: os dois eram im placáveis. O grupo de reconhecimento então voltou e um dos homens acenou para informar que estava tudo vazio.

□ Vá agora □ disse Anatoly .

Jean-Pierre saltou do helicóptero, ainda em punhando a pistola de Anatoly . Afastou-se apressadamente das pás em movimento, com a cabeça abaixada. Olhou para trás ao chegar à crista: os dois helicópteros ainda estavam pousados.

Jean-Pierre atravessou o terreno na frente de sua antiga clínica na caverna e contemplou a aldeia lá em baixo. Podia divisar o pátio da mesquita, mas não identificava qualquer dos vultos que se encontravam ali. Era bem possível que um deles pudesse levantar os olhos no momento errado e avistá-lo □ a vista dos afegãos podia ser melhor que a sua □ e por isso puxou o capuz para esconder o rosto.

O coração bateu mais depressa ao se afastar da segurança dos helicópteros russos.

Desceu a encosta, passando pela casa do mullah. O vale parecia estranhamente quieto, apesar do barulho proveniente do rio e do sussurro distante dos helicópteros. Jean-Pierre compreendeu que a diferença estava nas vozes das crianças.

Virou uma curva no caminho e constatou que estava fora da vista da casa do mullah. Havia alguns arbustos à beira da trilha. Foi se agachar atrás. Estava bem escondido, mas podia divisar toda a trilha. Acomodou-se para esperar.

Refletiu sobre o que diria a Abdullah. O mullah odiava as mulheres, de uma forma até histérica; poderia aproveitar esse elemento.

Uma súbita explosão de vozes altas lá em baixo, na aldeia, revelou que Anatoly dera ordens para que as mulheres e crianças fossem soltas e deixassem a mesquita. Os aldeões especularam sobre o objetivo da manobra, mas acabariam atribuindo à notória loucura dos exércitos em qualquer lugar.

Poucos minutos depois a mulher do mula subiu pela trilha, carregando o bebê e seguida pelos três filhos mais velhos.

Jean-Pierre ficou tenso: estaria o mulo bem escondido? As crianças sairiam da trilha e se embrenhariam entre as matas? Seria um a humilhação — ser descoberto por crianças. Lembrou-se da arma que tinha na mão e se perguntou: Terei coragem de atirar em crianças? A família passou, virando a curva na trilha, a caminho de sua casa.

Pouco depois, os helicópteros russos começaram a decolar do trigal: isso significava que os homens haviam sido soltos. E não demorou muito para que Abdullah subisse a encosta, ofegante, um vulto atarracado, de turbante e um casaco inglês listrado. Devia haver um vasto comércio de roupas usadas entre a Europa e o Oriente, concluiu Jean-Pierre, pois muitas pessoas ali usavam roupas que indubitavelmente haviam sido feitas em Paris e Londres e depois descartadas, talvez por terem saído de moda, muito antes de se tornarem gastas. É agora, pensou Jean-Pierre, enquanto o vulto cômico se aproximava de sua posição; este palhaço num paletó de

corretor londrino pode possuir a chave do meu futuro. Levantou-se e saiu das matas. O mula estremeceu e soltou um grito de choque. Olhou para Jean-Pierre e reconheceu-o.

— Você! — gritou ele, em francês.

O mula baixou a mão para o cinto. Jean-Pierre mostrou-lhe a pistola. Abdullah ficou apavorado.

— Não tenha medo — disse Jean-Pierre, em francês. O tremor na voz traía seu nervosismo e ele fez um esforço para controlá-lo. — Ninguém sabe que estou aqui. Sua mulher e seus filhos passaram sem me ver. Estão sãos e salvos. Abdullah ainda estava desconfiado.

— O que você quer? — Minha mulher é uma adúltera. — Em bora estivesse deliberadamente atizando os preconceitos do mula, a raiva de Jean-Pierre não era inteiramente simulada. — Pegou minha filha e me deixou. Foi em bora com o americano, com uma prostituta.

— Sei disso.

Jean-Pierre percebeu que o mula começava a ser dominado por uma indignação virtuosa.

— Estou procurando por ela, a fim de trazê-la de volta e castigá-la.

Abdullah acenou com a cabeça, entusiasmando com a ideia, o rancor se insinuando em seus olhos: gostava da punição de adúlteras.

□ Mas o casal depravado se escondeu. □ Jean-Pierre falava devagar, com extremo cuidado: àquela altura, cada nuance contava. □ Você é um homem de Deus. Diga-me onde eles estão. Ninguém jamais saberá com o que eu descobri, a não ser você, eu e Deus.

□ Eles foram embora □ respondeu Abdullah, a saliva molhando a barba pintada de vermelho.

□ Para onde? Jean-Pierre prendeu a respiração enquanto aguardava a resposta.

□ Deixaram este vale.

□ Mas para onde eles foram ? □ Paquistão.

Paquistão? Mas do que o velho idiota estava falando? □ As rotas estão fechadas! □ gritou Jean-Pierre, exasperado.

□ Menos a Trilha da Manteiga.

□ Mon Dieu □ sussurrou Jean-Pierre, em sua língua nativa. □ A Trilha da Manteiga! Ele estava im pressionado pela coragem dos dois e ao mesmo tempo amargamente desapontado, pois agora seria impossível encontrá-los.

□ Levaram a criança? □ Levaram .

□ Então nunca mais tornarei a ver minha filha! □ Todos vão me orrear em Nuristan □

comentou Abdullah, com evidente satisfação. □ Um homem ocidental com uma criança pequena nunca sobreviverá àqueles desfiladeiros altos, e o americano me orrerá tentando salvá-la.

Assim Deus castiga aqueles que escapam à justiça dos homens.

Jean-Pierre compreendeu que deveria voltar ao helicóptero o mais depressa possível. E

disse ao homem: □ Siga agora para sua casa.

□ O tratado me orrerá com eles, pois Ellis tem o papel □ acrescentou Abdullah. □ O que é uma boa coisa. Bem que precisam os americanos, os americanos, mas é perigoso fazer pactos com infiéis.

□ Vá logo! □ insistiu Jean-Pierre. □ E se não quer que sua família me veja, obrigue todos a ficarem dentro de casa por alguns minutos.

Abdullah pareceu por um momento indignado por receber ordens, mas depois concluiu que estava do lado errado da pistola para protestar, e tratou de se afastar, apressado.

Jean-Pierre especulou se todos morreriam no Nuristan, com o Abdullah previra, exultante.

Não era o que ele queria. Não lhe proporcionaria vingança ou satisfação. Queria a filha de volta.

Queria Jane viva e sob o seu poder.

Queria que Ellis sofresse dor e humilhação.

Deu algum tempo para Abdullah chegar em casa, depois puxou o capuz por cima da cabeça e subiu pela trilha, desconsolado. Virou o rosto para o outro lado ao passar pela casa, para o caso de alguma criança estar espiando. Anatoly o aguardava na frente das cavernas. Estendeu a mão para receber de volta a pistola e perguntou: □ Então? Jean-Pierre devolveu a arma.

□ Eles nos escaparam. Deixaram o Vale dos Cinco Leões.

□ Não podem ter escapado □ protestou Anatoly, irritado. □ Para onde foram? □ Para o Nuristan. □ Jean-Pierre apontou na direção dos helicópteros. □ Não é melhor irmos em busca?

Não podem os conversar no helicóptero.

□ Mas se os aldeões aparecerem,...

□ Que se danem os aldeões! Pare de se preocupar com o derrotado! O que eles foram fazer no Nuristan? □ Estão seguindo para o Paquistão por uma rota conhecida com o Trilha da Manteiga.

-se conhecerem a rota, podem os encontrá-los.

□ Não creio. A rota tem muitas variações.

□ Voarem sobre todas.

□ Não se pode acompanhar os caminhinhos pelo ar. Mal se consegue segui-los em terra sem um guia nativo.

□ Podem os usar m apas...

□ Que m apas? □ disse Jean-Pierre. □ Já estudei os m apas de vocês e não são m elhores que os m apas am ericanos que eu trouxe, os m ais com pletos disponíveis... e não m ostram as trilhas e desfiladeiros. Não sabe que há regiões do m undo que nunca foram m apeadas direito?

Você está agora num a delas.

□ Sei disso... ou j á se esqueceu que trabalho no serviço de inform ações? □ Anatoly baixou a voz para acrescentar: □ Você desanim a com m uita facilidade, m eu am igo.

Pense um pouco. Se Ellis pode encontrar um guia nativo para m ostrar-lhe a rota, então eu tam bém posso.

Seria possível, especulou Jean-Pierre.

□ Mas existe m ais de um cam inho.

□ Vam os supor que haj a dez variações. Precisam os de dez guias nativos para levar dez grupos de busca.

O entusiasmo de Jean-Pierre cresceu depressa ao com preender que ainda poderia recuperar Jane e Chantal e assistir à captura de Ellis.

□ Talvez a situação não sej a tão ruim assim □ declarou ele, com algum entusiasmo. □ E

podem os fazer perguntas pelo cam inho. Depois que deixarm os este fim de m undo, talvez as pessoas não sej am tão fechadas. Os nuristanis não são com o esta gente.

□ Muito bom □ disse Anatoly , bruscamente. □ Está escurecendo. Tem os m uito para fazer esta noite. Com eçam os am anã de m anã bem cedo. Vam os em bora.

Capítulo 17

Jane despertou assustada. Não sabia onde estava, com quem estava, se os russos a haviam capturado. Por um instante, olhou fixamente para o teto de varas trançadas, pensando: Isto é um a prisão? Depois sentou-se, bruscamente, o coração disparado. Viu Ellis em seu saco de dormir, a boca aberta, e lembrou-se: Estão os fora do vale.

Escapam os. Os russos não sabem onde estão os e não podem nos encontrar. Tornou a se deitar e ficou esperando que o coração voltasse

ao ritmo o normal.

Não estavam seguindo a rota que Ellis planejara inicialmente. Em vez de irem para o norte, até Cornar, depois para leste, pelo Vale Cornar, até o Nuristan, haviam voltado para o sul de Saniz e depois foram para leste, pelo Vale Aryu. Moharnm sugerira esse caminho porque assim sairiam muito mais depressa do Vale dos Cinco Leões, e Ellis concordara.

Haviam partido antes do amanhecer e subido durante o dia inteiro, Ellis e Jane se revezando para carregar Chantal, Moharnm empurrando Maggie. Pararam ao meio-dia na aldeia de cabanas de barro de Aryu, com um prado de um velho desconfiado, que tinha um cachorro que não parava de latir. A aldeia de Aryu fora o limite da civilização: depois, não havia coisa alguma por quilômetros e quilômetros, a não ser o rio coalhado de rochas e enormes montanhas nuas, cor de marfim, nos dois lados, até chegarem àquele lugar, ao final da tarde, exaustos.

Jane tornou a sentar-se. Chantal estava deitada ao seu lado, a respiração regular, em anando calor, com o um saco de água quente.

Ellis estava em seu próprio saco de dormir. Poderiam ter unido os dois sacos para fazer apenas um, mas Jane receara que Ellis pudesse rolar sobre Chantal durante a noite. Assim, dormiam separados, contentando-se em ficar bem perto, estendendo os braços para se tocarem de vez em quando. Moharnm estava no cômodo vizinho.

Jane levantou-se com todo cuidado, tentando não incomodar Chantal. Ao vestir o short e a calça, sentiu pontadas de dor nas costas e nas pernas: estava acostumada a andar, mas não o dia inteiro, subindo sem parar, num terreno tão árido.

Calçou as botas, sem amarrar os cordões, e saiu. Piscou os olhos diante da claridade fria e intensa das montanhas. Estava numa campina alta, um vasto campo verde, com um riacho serpenteando de um lado a outro. Num lado da campina a montanha se erguia íngreme. Ali, na base da encosta, havia um punhado de casas primitivas e alguns cercados de gado. As casas estavam vazias, e o gado desaparecera: aquela era uma pastagem de verão, os vaqueiros haviam partido para os alojamentos de inverno.

Ainda era verão no Vale dos Cinco Leões, mas naquela altitude o outono chegava em setembro. Jane encaminhou-se para o riacho. Ficava bastante longe das casas, e ela podia tirar as roupas sem receio

de ofender Moham m ed. Entrou na água. Estava m uito fria.

Saiu quase que no m esm o instante, os dentes batendo de form a incontrolável.

□ Ora é m elhor esquecer! □ exclam ou ela, em voz alta.

E decidiu que ficaria suj a até voltar à civilização. Tornou a se vestir □ só havia um a toalha e estava reservada para Chantal □ e voltou correndo para a casa, recolhendo alguns gravetos no cam inho. Aj eitou-os sobre os rem anescentes da fogueira da noite anterior e soprou

as brasas até a lenha pegar. Estendeu as m ãos enregeladas sobre as cham as, até sentir que voltavam ao norm al.

Pôs no fogo um a panela com água para lavar Chantal. Enquanto esperava que esquentasse, os outros acordaram , um a um : prim eiro Moham m ed, que saiu para se lavar; depois Ellis, que se queixou de estar com o corpo todo dolorido; e finalm ente Chantal, que exigiu ser alim entada e foi logo atendida.

Jane sentia-se estranham ente eufórica. Deveria estar preocupada, pensou ela, por levar um a criança de dois m eses a um dos lugares m ais inóspitos do m undo; m as, de algum a form a, a ansiedade fora sufocada pela felicidade. Por que estou feliz?, perguntou a si m esm a.

A resposta saiu do fundo de sua m ente: Porque estou com Ellis.

Chantal tam bém parecia feliz, com o se estivesse absorvendo o contentam ento j unto com o leite m aternos. Não conseguiram com prar com ida na noite anterior, porque os vaqueiros haviam partido e não havia m ais ninguém ali para vendê-la. Mas ainda dispunham de algum arroz e sal, que cozinham □ não sem dificuldade, porque naquela altitude a água levava um a eternidade para ferver. Agora, para a prim eira refeição do dia, só restava um pouco de arroz frio. O que arrefeceu um pouco o ânim o de Jane.

Com eu enquanto Chantal m am ava, depois lavou-a e trocou-a. A fralda de reserva, lavada no riacho no dia anterior, secara j unto ao fogo, durante a noite. Jane a pôs em Chantal e levou a suj a para o riacho. Depois de lavada, prenderia na bagagem , esperando que o vento e o calor do corpo da égua a secassem . O que diria sua m ãe ao saber que a neta usaria um a única fralda durante o dia inteiro? Ficaria horrorizada. Mas não im portava...

Ellis e Moham m ed carregaram a égua e a viraram na direção correta. Aquele dia seria m ais árduo do que o anterior. Teriam de atravessar a cordilheira que há séculos m antinha o Nuristan m ais ou m enos isolado do resto do m undo. Subiram pelo Passo Ary u, a m ais de quatro m il m etros de altura. Teriam de enfrentar a neve e o gelo durante boa parte do percurso.

Esperavam alcançar Linar, um a aldeia no Nuristan: ficava a apenas quinze quilôm etros de distância, m as só chegariam lá ao final da tarde.

O sol era intenso quando partiram , m as o ar estava frio. Jane usava m eias grossas e luvas e tinha um suéter oleado por baixo do casaco forrado de pele. Carregava Chantal na tipóia entre o suéter e o casaco, os botões de cim a do casaco desabotoados para deixar o ar entrar.

Saíram da cam pina, acom panhando o Rio Ary u correnteza acim a. Logo a paisagem voltou a ser árida e inóspita. Os penhascos frios não tinham qualquer vegetação. Em determ inado m om ento, Jane avistou, à distância, um punhado de tendas de nôm ades, num a encosta desolada: não sabia se devia ficar contente ou assustada pela presença de outros seres hum anos nas proxim idades. A única outra coisa viva que viu foi um abutre planando no vento forte.

Não havia qualquer trilha visível. Jane estava satisfeita porque Moham m ed os acom panhava. A princípio ele seguiu o rio, m as sua confiança não dim inuiu quando o Ary u se estreitou e foi aos poucos sum indo, e seguiu em frente sem qualquer hesitação. Jane perguntou com o ele conhecia o cam inho, e Moham m ed explicou que o percurso era indicado por pilhas de pedras, a intervalos. Ela não as notara até que Moham m ed as apontara.

Não dem orou m uito para que houvesse um a fina cam ada de neve no solo. Jane sentiu o frio nos pés, apesar das m eias grossas e das botas.

Espantosa m ente, Chantal dorm iu a m aior parte do tem po. A cada duas horas eles

paravam para descansar por alguns m inutos, e Jane aproveitava a oportunidade para am am até-

la, estrem ecendo ao expor os seios sensíveis ao ar gelado. Com entou para Ellis que achava que Chantal estava se com portando m uito bem , e ele m urm urou: □ É incrível. Incrível...

Pararam ao mesmo dia, à vista do Passo Aryu, para um descanso bem recebido de mesma hora. Jane já se sentia cansada, as costas doíam. Também estava faminta e devorou o bolo de nozes e as oras que haviam reservado para o almoço.

O acesso ao Passo era assustador. Observando a íngrem e escalada, Jane desanimou.

Acho que ficarei sentada aqui por mais algum tempo, pensou; mas estava frio, e ela cometeu a tremedeira. Ellis notou e levantou-se.

— Vamos embora antes de acabarmos os congelados — disse ele, jovialmente.

Jane pensou: Eu gostaria que você não se molestasse tão animado. Ela levantou-se também, tendo de recorrer a toda a sua força de vontade.

Ellis disse: — Deixe-me e carregue Chantal.

Jane entregou-lhe a criança, agradecida. Mohammed foi na frente, puxando a rédea de Maggie. Exausta, Jane forçou-se a acompanhá-los. Ellis seguiu na retaguarda.

A encosta era íngreme, e o solo, escorregadio com a neve. Depois de alguns minutos Jane estava mais cansada do que antes de pararem para descansar. Enquanto caminhava em frente, ofegante, toda doída, lembrou-se do que dissera a Ellis: Imagino que tenho uma chance maior de escapar daqui com você do que escapar da Sibéria sozinha.

Talvez nem isso eu consiga, pensou ela agora. Não sabia que seria assim. E, no instante seguinte, se controlou. Claro que sabia, disse ela a si mesma; e sabe que vai ficar ainda pior, antes de melhorar. Pare com isso, criatura patética. Nesse momento ela escorregou numa pedra gelada e caiu de lado. Ellis, que vinha logo atrás, segurou-a pelo braço, ajudando-a a recuperar o equilíbrio.

Jane compreendeu que ele a vigiava com toda atenção, e experimentou um profundo impulso de amor. Ellis a tratava com um carinho que Jean-Pierre nunca tivera para com ela.

Jean-Pierre teria seguido na frente, presumindo que ela o chamaria se precisasse de alguma ajuda; e se Jane se queixasse dessa atitude, perguntaria se ela queria ou não ser tratada com o igual.

Estavam quase no cume. Jane inclinou-se para a frente, a fim de

avançar m elhor, pensando: Só m ais um pouco, só m ais um pouco. Sentia-se tonta. À sua frente, Maggie escorregou em algum as pedras soltas e subiu galopando os últim os m etros, obrigando Moham m ed a correr ao seu lado. Jane foi atrás, contando os passos. Alcançou finalm ente um terreno plano. E parou. Sentia a cabeça girar. O braço de Ellis envolveu-a, e ela fechou os olhos, encostando-se nele.

□ Daqui por diante será só descida o dia inteiro □ m urm urou ele.

Jane abriu os olhos. Nunca poderia im aginar um a paisagem tão brutal: não tinha nada além de neve, vento, m ontanhas e solidão, interm inavelm ente. Ela balbuciou: □ Mas que fim de m undo...

Contem plaram a paisagem por um m om ento, e depois Ellis exortou-a: □ Tem os de continuar.

E continuaram . A descida era m ais íngrem e. Moham m ed, que puxara Maggie pela rédea durante toda a subida, estava agora agarrado em sua cauda para fazê-la de freio e im pedir que a

égua resvalasse pela encosta escorregadia. Era difícil distinguir as pilhas de pedras de m arco entre as incontáveis pedras soltas cobertas pela neve, m as Moham m ed foi descendo sem a m enor hesitação. Jane pensou que deveria se oferecer para levar Chantal, a fim de dar um descanso a Ellis, m as sabia que não teria condições de carregá-la.

À m edida que desciam , a neve foi se tornando m ais rala e depois desapareceu por com pleto, e a trilha tornou-se visível outra vez. Jane ouvia a todo instante um assovio estranho e acabou encontrando forças para perguntar a Moham m ed o que era. Em resposta, ele usou um a palavra dari que ela não conhecia. Moham m ed não conhecia a equivalente francesa. Afinal, ele apontou e Jane viu um anim al pequeno, parecido com um esquilo, que fugia quando se aproxim avam dele: um a m arm ota. Depois, ela avistou várias outras e perguntou-se o que encontrariam para com er lá em cim a. Não dem orou m uito para que estivessem andando ao longo de outro córrego, agora descendo. A paisagem interm inável de rocha cinza e branca era entrem eada de um pouco de relva resistente e alguns arbustos, nas m argens do córrego; m as o vento subia pela garganta e penetrava pelas roupas de Jane com o agulhas de gelo. Assim com o a subida fora se tornando inexoravelm ente pior, tam bém a descida foi ficando m ais e m ais fácil: a trilha era cada vez m ais suave, o ar m ais quente, a paisagem m ais aprazível. Jane ainda se sentia exausta, m as não m ais estava oprim ida e angustiada. Depois de dois ou três quilôm etros eles alcançaram a prim eira aldeia no Nuristan. Os hom ens usavam

suéteres grossas, sem mangas, numa surpreendente padronagem preta e branca, e falavam numa língua própria, que Moham med mal conseguia entender. Mesmo assim, conseguiu comprar um pouco de pão com o dinheiro afegão de Ellis. Jane ficou tentada a suplicar a Ellis que parassem ali para passar a noite, pois estava desesperadamente cansada; mas ainda restavam várias horas de claridade e haviam com binado que tentariam chegar a Lina naquele dia. Por isso, ela mandou a língua e forçou as pernas doloridas a continuarem.

Para seu imenso alívio, os restantes sete ou oito quilômetros do percurso foram mais fáceis, e eles chegaram a Lina muito antes do anoitecer. Jane arriou no chão, por baixo de uma enorme amoreira, e ali permaneceu sentada em silêncio por algum tempo. Moham med acendeu uma fogueira e começou a preparar um chá.

De alguma forma, Moham med conseguiu informar aos aldeões que Jane era uma enfermeira ocidental. Mais tarde, enquanto ela amamentava e trocava a fralda de Chantal, um pequeno grupo de pacientes se reuniu, esperando a uma distância respeitosa. Jane recorreu às suas últimas reservas de energia para examinar-las. Havia as habituais feridas infeccionadas, parasitas intestinais e problemas de bronquite, porém muitos crianças desnutridas do que no Vale dos Cinco Leões, presumivelmente porque a guerra não afetara tanto aquele lugar remoto e inóspito.

Em decorrência do tratamento médico inesperado, Moham med conseguiu arrumar uma galinha, que cozinhou numa panela. Jane preferia dormir logo, mas fez um esforço para esperar que a galinha ficasse pronta, comendo-a vorazmente. A carne estava fibrosa e sem gosto, mas ela sentia mais fome e que em qualquer outra ocasião anterior de sua vida.

Ellis e Jane ganharam um quarto numa das casas da aldeia. Havia um colchão para eles e um tosco berço de madeira para Chantal.

Eles juntaram os sacos de dormir e fizeram amor com uma ternura cansada. Jane gostou do calor e de se deitar quase tanto quanto do sexo. Depois, Ellis adormeceu quase que no mesmo

instante. Jane permaneceu acordada por mais alguns minutos. Os músculos pareciam doer mais agora que estava relaxando. Pensou em deitar numa cama de verdade, num quarto normal, os lampiões da rua brilhando através das cortinas, portas de carro batendo lá fora, um banheiro com vaso sanitário e água quente, uma loja na esquina em que se podiam comprar algodão, fraldas descartáveis e um cheiroso

xam pu infantil. Escapam os dos russos, pensou ela, enquanto resvalava para o sono; talvez consigam os voltar para casa.

Jane acordou ao m esm o tem po que Ellis, sentindo a sua súbita tensão. Ele ficou rígido a seu lado por um m om ento, sem respirar, prestando atenção a dois cachorros latindo. Depois, saiu depressa da cam a.

O quarto estava m ergulhado na m ais total escuridão. Jane ouviu o som de um fósforo riscado e depois um a vela foi acesa no canto. Ela olhou para Chantal: a criança dorm ia serenam ente.

□ O que é? □ perguntou a Ellis.

□ Não sei □ sussurrou ele.

Ellis vestiu a calça, pôs as botas e o casaco e saiu. Jane tam bém se vestiu e saiu atrás. No quarto ao lado, o luar entrando pela porta aberta ilum inava quatro crianças num a cam a, todos os olhos arregalados, espiando por cim a do cobertor partilhado. Os pais dorm iam em outro quarto.

Ellis estava na porta da casa, esquadrinhando a escuridão lá fora.

Jane postou-se ao seu lado. Divisou no alto da colina, ao luar, um vulto solitário correndo na direção deles.

□ Os cachorros ouviram a aproxim ação □ m urm urou Ellis.

□ Mas quem será? E de repente havia outro vulto j unto com eles. Jane teve um sobressalto, antes de reconhecer Moham m ed. A lâmina de um a faca faiscava em sua m ão.

O vulto se aproxim ou. O j eito de andar parecia fam iliar a Jane. Moham m ed soltou um grunhido súbito e baixou a faca, m urm urando: □ Ali Ghanim .

Jane reconheceu agora o andar característico de Ali, que corria daquele j eito porque tinha as costas um pouco tortas.

□ Mas por quê? □ sussurrou ela.

Moham m ed adiantou-se e acenou. Ali o viu, acenou em resposta e correu para a casa em que os três estavam . Ele e Moham m ed se abraçaram . Jane esperou im paciente que Ali recuperasse o fôlego. Ele disse finalm ente: □ Os russos estão atrás de vocês.

Jane sentiu um aperto no coração. Pensara que haviam escapado. O que acontecera de errado? Ali respirou fundo por mais alguns segundos e depois acrescentou: □ Masud me mandou avisar. No dia em que vocês partiram os russos vasculharam todo o Vale dos Cinco Leões, com centenas de helicópteros e milhares de soldados. Não conseguiram descobri-los e hoje mandaram expedições por todos os vales que levam ao Nuristan.

□ O que ele está dizendo? □ indagou Ellis.

Jane levantou a mão para fazer Ali esperar um pouco, enquanto traduzia para Ellis, que não conseguia acompanhar a fala rápida e ofegante do afegão. Ellis perguntou: □ Com o que souberam que vinham os para o Nuristan? Poderiam os estar escondidos em qualquer lugar do vale.

Jane perguntou a Ali, que não sabia responder. Ela indagou em seguida: □ Há algum a expedição de busca neste vale? □ Há sim . Alcancei-os pouco antes do Passo Aryu. Eles devem

ter chegado à última aldeia ao cair da noite.

□ Oh não! □ Jane experimentou profundo desespero. Traduziu para Ellis e depois acrescentou: □ Com o que podem se deslocar tão mais depressa do que nós? Ellis deu de ombros.

Depois de uma pausa, ela própria respondeu à indagação: □ Porque eles não são retardados por uma mulher com uma criança de colo. Oh, merda! Ellis respondeu: -se eles partirem pela manhã, bem cedo, vão nos alcançar amanhã.

□ O que podem os fazer? □ Partir agora.

Jane sentia um cansaço extremo e foi dormindo por um ressentimento irracional contra Ellis.

□ Não podem os nos esconder em algum lugar? □ perguntou ela, irritada.

□ Onde? □ disse Ellis. □ Só há uma estrada aqui. Os russos dispõem de homens suficientes para revistar todas as casas... afinal, não são muitas. Além disso, os habitantes locais não estão necessariamente do nosso lado.

Podem facilmente informar aos russos onde estão os escondidos. Nossa única esperança é nos mantermos à frente dos perseguidores.

Jane olhou para o relógio. Eram duas horas da manhã. Sentia-se disposta a desistir.

— Vou carregar a égua — disse Ellis. — Alim ente Chantal. — Passando a falar em dari, ele acrescentou para Moham med: — Quer preparar um chá? E arrum e algum a coisa para Ali com er.

Jane voltou para o interior da casa, terminou de se vestir e chamou Chantal. Enquanto o fazia, Ellis trouxe chá verde doce numa tigela de barro. Ela tomou tudo, agradecida.

Enquanto Chantal chamava, Jane se perguntou o quanto Jean-Pierre estaria envolvido naquela perseguição implacável. Sabia que ele ajudaria na incursão à Banda, pois o vira lá. E seu conhecimento da região teria sido valioso quando os russos revistaram todo o Vale dos Cinco Leões. Jean-Pierre devia saber que estavam agora caçando sua mulher e a filha com os cachorros atrás de ratos. Com o ele tinha coragem de ajudar os russos? Seu amor devia ter se transformado em ódio pelo ressentimento e ciúme.

Chantal já chamava bastante. Com o que devia ser agradável, pensou Jane, não saber nada de paixão, ciúme ou traição, não ter outros sentimentos além de quente ou frio, saciada ou faminta.

— Aproveite enquanto pode, minha querida — murmurou ela. Apressando-se, Jane abotoou a blusa e pôs a suéter por cima da cabeça. Ajudou a tipóia no pescoço, deixou Chantal bem confortável lá dentro, vestiu o capote e saiu. Ellis e Moham med estudavam o mapa à luz de uma lanterna.

Ellis mostrou a Jane o percurso escolhido.

— Vamos seguir o Linar até o ponto em que deságua no Rio Nuristan. Seguimos o Nuristan para o norte, correnteza acima. Depois, entramos por um dos vales transversais...

Moham med não pode dizer com certeza qual deles, até chegarem lá... e seguimos para o Passo Kantiwar. Eu gostaria de sair do Vale Nuristan hoje... o que tornará mais difícil os russos nos seguirem, pois não saberão por onde saímos.

— A distância é muito grande? — indagou Jane.

— São apenas vinte e cinco quilômetros... mas se vai ser fácil ou difícil, dependerá do terreno. Jane acenou com a cabeça e disse: — Vamos em bora.

Ela ficou orgulhosa por parecer mais animada do que na verdade se sentia. Eles partiram

ao luar. Moham med foi avançando num ritmo rápido, açoitando im placavelmente a égua com uma tira de couro quando ela tentava empacar. Jane tinha um pouco de dor de cabeça e uma sensação de vazio e náusea no estômago. Não chegava a sentir sono, mas uma grande tensão e um cansaço nervoso.

A trilha à noite era assustadora. Às vezes andavam pela relva escassa à beira do rio, o que não representava qualquer dificuldade, mas depois a trilha subia pela encosta da montanha, onde o solo estava coberto pela neve. Jane sentia-se então apavorada com a possibilidade de escorregar e cair para a morte, por dezenas de metros, com a filha nos braços.

Às vezes havia uma opção: a trilha se bifurcava, um caminho subindo, o outro descendo.

Com o não conhecerem o percurso, deixavam que Moham med adivinhasse o certo.

Na primeira vez ele escolheu o caminho de baixo e era o certo: chegaram a uma pequena praia, vadearam um ou dois palmos de água, evitando um desvio com orgulho. Na segunda vez, no entanto, também seguiram a margem do rio e se arrependeram: depois de cerca de um quilômetro e meio, a trilha terminava num paredão rochoso, e a única maneira de contorná-lo era a nado. Exaustos, voltaram à bifurcação e subiram pela trilha no penhasco.

Na vez seguinte tornaram a descer para a margem do rio. A trilha levou-os a uma platibanda que corria pela encosta do penhasco, cerca de trinta metros acima do rio.

A égua ficou nervosa, provavelmente porque a trilha era muito estreita. Jane também se sentiu apavorada. A luz das estrelas não era suficiente para iluminar o rio lá em baixo, e por isso a garganta parecia um abismo negro ao seu lado. Maggie parava a todo instante, e Moham med tinha de puxar a rédea para fazê-la seguir em frente.

Quando a trilha formou uma curva cega numa projeção rochosa, Maggie recusou-se a continuar e se tornou arisca. Jane recuou, cautelosa, com receio de que a égua pudesse acertar-lhe um coice. Chantal começou a chorar, talvez por sentir a tensão do momento ou porque não voltara a dormir depois da madrugada das duas horas da madrugada.

Ellis entregou Chantal a Jane e adiantou-se para aj udar Moham m ed com a égua.

Ellis ofereceu-se para pegar a rédea, m as Moham m ed recusou bruscamente: a tensão com eçava a dom iná-lo. Ellis contentou-se em em purrar Maggie por trás, soltando gritos de exortação para fazê-la seguir em frente.

Jane com eçava a pensar que era quase engraçado quando Maggie em pinou. Moham m ed largou a rédea e cam baleou, tropeçando. A égua recuou para cim a de Ellis e o derrubou.

Felizmente Ellis caiu para a esquerda, contra a parede do penhasco. Maggie continuou a recuar, para cim a de Jane, que se encontrava no lado errado da trilha, os pés na beira. Ela segurou um dos alforjes presos nos arreios, desesperada, pensando que poderia ser em purrada para o precipício.

□ Sua égua estúpida! □ berrou ela.

Chantal, espremida entre Jane e Maggie, também gritou. Jane foi arrastada por alguns metros, com medo de largar o alforje. Depois, resolvendo assumir o risco, largou o alforje e, estendeu a mão direita e agarrou a rédea. Firmando-se, foi se postar ao lado da cabeça da égua, deu um puxão na rédea e gritou: □ Pare! Para seu espanto, Maggie parou. Jane virou-se. Ellis e Moham m ed estavam se levantando.

□ Vocês estão bem ? □ ela perguntou, em francês.

□ Mais ou menos □ respondeu Ellis.

□ Perdi a lanterna □ informou Moham m ed. Ellis comentou, em inglês: □ Só espero que os russos tenham os mesmos problemas. Jane compreendeu que eles não haviam percebido com o a égua quase a em purrar para o precipício. Decidiu não contar. Entregou a rédea a Ellis e disse: □ Vam os em frente. Podem os cuidar dos ferimentos depois. □ Ela passou por Ellis e acrescentou para Moham m ed: □ Siga na frente.

Moham m ed reanimou-se depois de alguns minutos sem Maggie. Jane especulou se realmente precisavam da égua, mas concluiu que sim : havia bagagem demais para carregarem , e tudo era essencial... era até provável que deveriam ter trazido mais com eles.

Passaram apressados por um povoado silencioso e adormecido,

apenas um punhado de casas, ao lado de um a cachoeira. Um cachorro latiu histérico num a das casas, até que alguém o silenciou com um grito. E logo estavam outra vez num a região deserta.

O céu com eçou a passar de preto a cinza, e as estrelas sumiram : o dia estava raiando.

Jane se perguntou o que os russos estariam fazendo. Talvez os oficiais estivessem agora acordando os homens, gritando e chutando os que dormiam para sair dos sacos de dormir. Um cozinheiro faria o café, enquanto o comandante estudava o mapa.

Ou talvez tivessem se levantado mais cedo, há um a ou duas horas, enquanto ainda estava escuro, partindo em poucos minutos, marchando em fila indiana, à beira do Rio Linar; talvez já tivessem passado pela aldeia de Linar; talvez seguissem pelos caminhos certos em todas as bifurcações e se encontrassem agora apenas a dois ou três quilômetros atrás.

Jane andou um pouco mais depressa.

A platibanda se esgueirava pela encosta do penhasco e descia para a margem do rio. Não havia sinais de atividade agrícola, mas as encostas da montanha, nos dois lados, tinham uma vegetação intensa. Quando a claridade aumentou, Jane identificou as árvores com os carvalhos.

Apontou-os para Ellis, indagando: □ Por que não podem os nos esconder naquele bosque? □

Com o último recurso, podem os. Mas os russos logo descobririam que param os, interrogando os aldeões e sendo informados de que não passam os. Voltariam e iniciariam uma busca metódica.

Jane balançou a cabeça, resignada. Estava apenas procurando um pretexto para parar.

Pouco antes do nascer do sol eles contornaram uma curva e pararam no mesmo instante: um desmoronamento encheria a garganta com terra e pedras soltas, bloqueando-a por completo.

Jane sentiu vontade de chorar. Haviam percorrido cerca de quatro quilômetros pela margem do rio e pela platibanda estreita, e voltar agora representaria oito quilômetros extras, inclusive a passagem que tanto assustara Maggie. Os três ficaram imóveis por um momento, olhando para o bloqueio.

□ Podem os escalar? □ indagou Jane.

□ A égua não pode □ respondeu Ellis.

Jane ficou furiosa com ele por enunciar o óbvio.

□ Um de nós pode voltar com Maggie □ disse ela im paciente. □ Os outros dois podem descansar um pouco, enquanto esperam que a égua chegue aqui pelo outro lado.

□ Não creio que sej a sensato nos separarm os.

Jane ressentiu-se com o tom de decisão final em sua voz.

□ Não presum a que os outros devam fazer o que você acha que é sensato □ disse ela bruscamente. Ellis olhou-a aturdido.

□ Está bem , está bem . Mas tam bém acho que esse m onte de terra e pedra pode se deslocar se alguém tentar escalá-lo. Mais do que isso, devo dizer que não Vou tentar, não im porta o que vocês dois possam decidir.

□ Então não quer sequer discutir o assunto! Furiosa, Jane virou-se e com eçou a voltar pela trilha, deixando aos hom ens a decisão de segui-la ou não. Por que será, pensou ela, que os hom ens assum em um a pose de m ando, de quem sabe de tudo, sem pre que há um problem a físico ou m ecânico? Ellis não era desprovido de defeitos, refletiu ela. Pode ser um hom em rude: apesar de toda a sua conversa de ser um especialista em antiterrorism o, ainda trabalhava para a CIA, provavelm ente o m aior grupo de terroristas do m undo. Era inegável que havia um a parte de Ellis que gostava do perigo, da violência e do em buste. Não escolha um m achista rom ântico, refletiu ela, se quer um hom em que a respeite.

Um a coisa se podia dizer a favor de Jean-Pierre: ele nunca tratava as m ulheres com condescendência. Podia negligenciar, enganar ou ignorar, m as j am ais era condescendente.

Talvez por ser m ais j ovem .

Ela passou pelo lugar onde Maggie em pinara. Não esperou pelos hom ens: os dois podiam cuidar sozinhos da égua desta vez.

Chantal estava choram ingando, m as Jane a deixou esperando. Continuou até o ponto em que parecia haver um a trilha para o topo do penhasco. Sentou-se ali, proclam ando unilateralm ente um

descanso. Ellis e Moham m ed alcançaram -na um ou dois m inutos depois.

Moham m ed pegou um pedaço de bolo de nozes e am oras e distribuiu-o. Ellis não falou com Jane.

Depois da pausa, eles subiram para o alto da colina. Em ergiram para o sol lá em cim a e Jane com eçou a se sentir um pouco m enos zangada. Não dem orou m uito para que Ellis passasse um braço em torno de seu corpo e m urm urasse: □ Peço desculpas por ter assum ido o com ando.

□ Obrigada □ respondeu Jane, ainda tensa.

□ Mas não acha que talvez você tenha reagido de m aneira um pouco exagerada? □ Não duvido que foi isso m esm o. Desculpe.

□ Foi m esm o. Deixe-m e carregar Chantal.

Jane entregou-lhe a criança. Ao se aliviar do peso, descobriu que suas costas doíam .

Chantal nunca parecera pesada, m as o fardo se fazia sentir num a distância longa.

Era a m esm a coisa que carregar um a sacola de com pras por quinze quilôm etros. O ar foi se tornando m ais am eno enquanto o sol subia pelo céu.

Jane abriu o capote e Ellis tirou o seu. Moham m ed conservou o capote m ilitar russo, com a típica indiferença afegã a tudo que não fosse a m udança de tem po m ais intensa.

Perto do m eio-dia saíram da garganta estreita do Linar, entrando no largo Vale do Nuristan. Ali o cam inho estava outra vez bem definido, quase tão bom quanto a trilha de carroça que corria pelo Vale dos Cinco Leões. Viraram para o norte, seguindo correnteza acim a, encosta acim a.

Jane sentia-se cada vez m ais cansada e desanim ada. Depois de se levantar às duas da m adrugada, andara por dez horas □ m as só haviam percorrido sete ou oito quilôm etros.

Ellis queria percorrer m ais dezesseis quilôm etros naquele dia. Era o terceiro dia consecutivo de m archa, e Jane sabia que não poderia continuar até o anoitecer.

Até m esm o Ellis exhibia um a expressão m al-hum orada que Jane sabia ser um sinal de cansaço. Só Moham m ed parecia incansável.

No Vale Linar não haviam encontrado ninguém fora das aldeias, m as ali havia uns poucos viaj antes, quase todos usando túnicas e turbantes brancos. Os nuristanis olhavam curiosos para os dois ocidentais pálidos e exaustos, m as cum prim entavam Moham m ed com um respeito cauteloso, sem dúvida por causa do Kalashnikov pendurado em seu om bro.

Enquanto subiam pela m argem do Rio Nuristan, foram alcançados por um j ovem de barba preta, olhos brilhantes, com dez peixes frescos espetados num a vara. Ele falou com Moham m ed num a m istura de línguas, em que Jane reconheceu algum dari e algum as palavras francesas. Entenderam -se o bastante para que Moham m ed com prasse três peixes.

Ellis contou o dinheiro e disse a Jane: □ Quinhentos afeganis por peixe... quanto dá isso?

□ Quinhentos afeganis dão cinquenta francos franceses... cinco libras.

□ Ou sej a, dez dólares. Um peixe m uito caro.

Jane desej ou que ele parasse de falar: j á tinha a m aior dificuldade para pôr um pé na frente do outro, e Ellis ainda reclam ava do preço do peixe.

O j ovem , que se cham ava Halam , disse que pegara os peixes no Lago Mundol, m ais abaixo no vale, em bora provavelm ente os tivesse com prado, pois não parecia um pescador.

Dim inuiu seu ritm o para acom panhá-los, falando sem parar e aparentem ente sem se preocupar se eles entendiam ou não.

Com o o Vale dos Cinco Leões, o Nuristan era um a garganta rochosa que se alargava a intervalos de poucos quilôm etros, com pequenas planícies cultivadas e plantações em terraços. A diferença m ais destacada era a floresta de carvalho que cobria as encostas da m ontanha, com o lã no lom bo de um a ovelha, e que Jane achava que poderia servir de esconderij o, quando tudo o m ais falhasse.

Andavam m ais depressa agora. Não havia desvios inesperados na m ontanha, pelo que Jane sentia-se grata. Em determ inado ponto a estrada estava bloqueada por um deslizam ento, m as Ellis e Jane conseguiram escalá-lo e Moham m ed vadeou o rio com a égua,

voltando à m esm a m argem alguns m etros adiante. Pouco depois, quando um a proj eção rochosa entrava pelo rio, o cam inho passava pelo paredão do penhasco num a ponte de cavaletes bastante frágil.

Maggie recusou-se a enfrentá-la, e Moham m ed m ais um a vez resolveu o problem a levando-a pela outra m argem .

A esta altura, Jane estava prestes a desfalecer. Quando Moham m ed voltou, ela m urm urou: □ Preciso parar e descansar um pouco.

□ Estam os quase em Gadwal □ inform ou Moham m ed.

□ A que distância fica? Moham m ed conferenciou com Halam em dari e francês, antes de responder: □ A m eia hora.

Parecia um a eternidade para Jane. Claro que posso andar por m ais m eia hora, disse a si m esm a. Tentou pensar em outra coisa que não a dor nas costas e a vontade de deitar.

Ela avistou a aldeia quando viraram a curva seguinte.

Era um a visão surpreendente, além de bem -vinda: as casas de m adeira subiam pela encosta íngrem e da m ontanha com o crianças subindo nas costas um as das outras, dando a im pressão de que se a casa na base desm oronasse toda a aldeia despencaria m orro abaixo na água. Ao se aproxim arem da prim eira casa, Jane parou e sentou, à beira do rio. Todos os m úsculos de seu corpo doíam , e ela m al teve forças para receber Chantal de Ellis, que sentou-se a seu lado com um a prontidão que sugeria que ele tam bém estava exausto. Um rosto curioso

espionou da casa, e no m esm o instante Halam se pôs a falar com a m ulher, presum ivelm ente dizendo o que sabia a respeito de Jane e Ellis. Moham m ed am arrou Maggie num lugar em que ela podia pastar a relva da beira do rio e depois foi se acocorar ao lado de Ellis.

□ Precisam os com prar pão e chá □ disse ele.

Já tem os um a boa dianteira, pois partim os de m adrugada. Passarem os a noite aqui e seguirem os viagem am anhã bem cedo. Lem bre-se de que nada term ina antes da hora.

Tudo pode acontecer. Alguém em Moscou pode chegar à conclusão de que Anatoly ficou m aluco e ordenar que a busca sej a suspensa.

□ Não diga bobagem □ m urm urou Jane, em inglês. Mas, secretam

ente, ela se sentia contente, contra toda a razão, por Ellis se recusar a prosseguir sozinho.

□ Tenho um a sugestão alternativa □ disse Moham m ed. □ Posso voltar e desviar os russos.

Jane sentiu o coração disparar. Seria possível? Ellis perguntou: □ Com o? □ Vou m e oferecer com o guia e intérprete e os levarei m ais para o sul do Vale do Nuristan, para longe de vocês, na direção do Lago Mundol.

Jane pensou num obstáculo e sentiu novo aperto no coração, enquanto com entava: □ Mas eles j á devem ter um guia.

□ Pode ser um hom em de bem do Vale dos Cinco Leões que foi forçado a aj udar os russos contra a sua vontade. Nesse caso, conversarei com ele e acertarei tudo.

□ E se ele não quiser aj udar? Moham m ed pensou por um m om ento.

□ Então ele não é um hom em de bem que foi obrigado a aj udá-los, m as sim um traidor que colabora de bom grado com o inim igo por ganho pessoal. Nesse caso, eu o m atarei.

□ Não quero que ninguém sej a m orto por m inha causa □ Jane apressou-se em dizer.

□ Não é por sua causa □ declarou Ellis, a voz áspera. □ É por m im ... porque m e recusei a seguir sozinho.

Jane ficou calada. Ellis estava pensando em problem as práticos, e depois de um a pausa disse a Moham m ed: □ Você não está vestido com o um nuristani.

□ Trocarei de roupa com Halam .

□ Não fala direito a língua local.

□ Há m uitas línguas no Nuristan. Fingirei que venho de um distrito em que se usa um a língua diferente. De qualquer form a, os russos não falam nenhum a das línguas e nunca vão saber.

□ O que fará com seu rifle?

Moham m ed pensou por um m om ento.

□ Pode m e dar sua bolsa?

□ É m uito pequena.

□ Meu Kalashnikov é do tipo que tem a coronha dobrável.

□ Claro que pode ficar com a bolsa.

Jane se perguntou se não atrairia suspeitas, m as concluiu que não: as bolsas dos afegãos eram tão estranhas e variadas quanto as roupas. De qualquer m odo, Moham m ed acabaria despertando suspeitas, m ais cedo ou m ais tarde. Ela indagou: □ O que acontecerá quando os russos finalm ente com prenderem que estão no cam inho errado? □ Antes que isso aconteça, fugirei durante a noite, deixando-os no m eio do nada.

□ É m uito perigoso □ m urm urou Jane.

Moham m ed tentou parecer heroicam ente despreocupado. Com o a m aioria dos guerrilheiros, ele era de fato coraj oso, m as tam bém tinha um a vaidade ridícula. Ellis com entou: -

se calcular o m om ento errado e desconfiarem de você antes de deixá-los, pode estar certo de que vão torturá-lo para descobrir o cam inho que seguim os.

□ Jam ais conseguirão m e capturar vivo □ declarou Moham m ed. Jane acreditou nele. E

Ellis acrescentou: □ Mas fiquem os sem guia.

□ Arrum arei outro.

Moham m ed virou-se para Halam e iniciou um a conversa rápida em várias línguas. Jane calculou que Moham m ed propunha que Halam ficasse com o guia. Ela não gostava de Halam □

era m ercenário dem ais para m erecer confiança total □ m as era obviam ente um viaj ante, e por isso um a escolha natural. Era bem provável que a grande m aioria dos habitantes locais j am ais tivesse deixado seu próprio vale.

□ Ele diz que conhece o cam inho □ inform ou Moham m ed, voltando a falar em francês.

Jane sentia um a pontada de ansiedade pelas palavras. Ele diz. Moham m ed acrescentou: □

Levará vocês até Kantiwar e ali arrumará outro guia para conduzi-los pela passagem seguinte. E

continuarão assim até o Paquistão. Ele cobrará cinco mil afeganis.

□ Parece um preço justo □ com entou Ellis. □ Mas quantos outros guias terem os de contratar a esse preço, até chegarem os a Chitral?

□ Talvez cinco ou seis.

Ellis sacudiu a cabeça.

□ Não tem os trinta mil afeganis. E ainda precisam os com prar com ida.

□ Poderão arrumar com ida cuidando dos pacientes pelo caminho □ sugeriu Moham med.

□ E o caminho é mais fácil depois que chegarem ao Paquistão. Talvez não precisem de guias no final.

Ellis ainda hesitava e perguntou a Jane: □ O que você acha?

□ Há uma alternativa. Você pode me deixar aqui. .

□ Não. Essa alternativa não existe. Seguirem os juntos.

Capítulo 18

Durante todo o primeiro dia os grupos de busca não encontraram qualquer sinal de Ellis e Jane. Jean-Pierre e Anatoly sentaram em cadeiras duras de madeira, numa sala espartana, sem janelas, na base aérea de Bagram, estudando as informações que chegavam pelo rádio. Os grupos de busca haviam partido outra vez antes do amanhecer. Eram seis no total, um para cada um dos cinco vales laterais principais que seguiam para leste, a partir do Cinco Leões, e o sexto para seguir o Rio dos Cinco Leões para o norte, até sua nascente e além dela. Cada grupo incluía pelo menos um oficial do exército regular afegão que falava dari. Pousaram helicópteros em seis aldeias diferentes do Vale dos Cinco Leões, e naquela hora depois todos com unicaram que haviam arrumado guias locais.

□ Foi bem rápido □ com entou Jean-Pierre, depois que o sexto transmitiu a informação. □

Com o conseguiram? □ Muito simples □ explicou Anatoly. □ Eles pedem a alguém para servir de guia. O homem recusa. É fuzilado.

Pedem a outro. Não dem ora m uito para se conseguir um voluntário.

Um dos grupos tentou seguir a sua trilha designada pelo ar, m as a experiência fracassou.

As trilhas j á eram bastante difíceis de se acom panhar por terra; por ar era im possível. Além disso, nenhum dos guias j am ais estivera antes num helicóptero, e eles ficaram desorientados.

Assim , todos os grupos seguiram a pé, alguns requisitando cavalos para transportar a bagagem .

Jean-Pierre não esperava m ais notícias pela m anã, pois os fugitivos tinham um dia inteiro de vantagem . Contudo, os soldados se deslocariam m ais depressa do que Jane, ainda m ais porque ela estava carregando Chantal.

Jean-Pierre sentia um a pontada de culpa cada vez que pensava em Chantal. A raiva pela m ulher não se estendia à filha, m as ele tinha certeza de que a criança estava sofrendo: viaj ando durante o dia inteiro, atravessando desfiladeiros acim a da linha da neve, açoitada pelos ventos gelados...

Ele se concentrou, com o vinha acontecendo agora com frequência, no que ocorreria se Jane m orresse e Chantal sobrevivesse. Im aginou Ellis capturado, sozinho; o corpo de Jane encontrado dois ou três quilôm etros antes, m orta pelo frio, a criança em seus braços, ainda m ilagrosam ente viva. Eu voltaria a Paris com o um personagem trágico, rom ântico, pensou Jean-Pierre; um viúvo com um a filha pequena, um veterano da guerra no Afeganistão... Viraria um a celebridade! E sou perfeitam ente capaz de criar um a filha. Nosso relacionam ento seria m ais profundo à m edida que ela crescesse. Teria de contratar um a babá, é claro, m as cuidaria para que ela não ocupasse o lugar da m ãe no afeto de Chantal. De j eito nenhum . Eu seria pai e m ãe.

Quanto m ais pensava a respeito, m ais indignado ficava por Jane estar arriscando a vida de Chantal. Ela perdera todos os direitos de m ãe ao levar a filha num a aventura tão louca. Ele refletiu que, com essa alegação, provavelm ente conseguiria obter a custódia legal de Chantal num tribunal europeu.

Enquanto a tarde passava, Anatoly ia se tornando entediado e Jean-Pierre, tenso. Am bos estavam irritadiços. Anatoly m antinha longas conversas em russo com outros oficiais que entravam na pequena sala sem j anelas, e o m atraquear interm inável afetava os nervos de Jean-

Pierre. A princípio Anatoly traduzira todos os relatórios que os grupos de busca enviavam pelo rádio, mas agora se limitava a dizer "Nada". Jean-Pierre plotava as rotas dos grupos em mapas, indicando as localizações com alfinetes de cabeça vermelha. Ao final da tarde, porém, eles seguiam trilhas por leitos secos de rios que não constavam dos mapas; e se os relatórios pelo rádio indicavam o paradeiro, Anatoly não repassava as informações. Os diversos grupos acabam por cair da noite sem terem encontrado qualquer sinal dos fugitivos. Havia recebido instruções para interrogar os moradores das aldeias pelo caminho. Os aldeões afirmavam não terem visto qualquer estrangeiro. O que não era de surpreender, pois eles ainda se encontravam nos desfiladeiros dos Cinco Leões que levavam ao Nuristan. As pessoas a quem interrogavam, de um modo geral, eram leais a Masud: ajudar os russos em qualquer coisa era um ato de traição. No dia seguinte, quando os grupos de busca entrassem no Nuristan, encontrariam pessoas mais cooperativas.

Mesmo assim, Jean-Pierre sentia-se desanimado quando deixou o escritório, ao cair da noite, junto com Anatoly, atravessando a pista de concreto até a cantina. Comiam um jantar horrível, de salsicha em lata e purê de batata reidratado. Depois, Anatoly foi beber vodka com outros oficiais, deixando Jean-Pierre aos cuidados de um sargento que só falava russo. Jogaram uma partida de xadrez, mas a desolação de Jean-Pierre e o sargento era bem demais.

Jean-Pierre foi deitar cedo e ficou acordado num colchão militar duro, imaginando Jane e Ellis na cama, juntos.

Na manhã seguinte foi despertado por Anatoly, o rosto oriental exibindo um sorriso, sem qualquer sinal da irritação anterior. Jean-Pierre sentiu-se com o um garoto levado que fora perdoado, apesar de não saber o que fizera de errado. Tomaram juntos um mingau na cantina.

Anatoly já mantinha contato com todos os grupos de busca, que haviam levantado acampamento e partido ao amanhecer.

Hoje vamos descobrir sua mulher, meu amigo garantiu Anatoly jovialmente.

Jean-Pierre sentiu um impulso renovado de otimismo. Anatoly tornou a entrar em contato pelo rádio com os grupos assim que chegaram à sala. Pediu-lhes que descrevessem o que pudessem ver ao redor, e Jean-Pierre aproveitou as descrições de riachos, lagos, depressões e ravinas para calcular onde se encontravam. Pareciam

estar se deslocando devagar dem ais em term os de quilôm etros por hora, m as subiam por um terreno difícil, e os m esm os fatores retardariam Ellis e Jane.

Cada grupo dispunha de um guia; ao chegarem a um ponto em que a trilha se bifurcava, am bos os cam inhos levando ao Nuristan, recrutavam um guia adicional da aldeia m ais próxim a e se dividiam em dois grupos. Por volta do m eio-dia o m apa de Jean-Pierre estava coberto de pontos verm elhos, com o um caso de saram po.

No m eio da tarde houve um a distração inesperada: um general de óculos, num a viagem de inspeção de cinco dias pelo Afeganistão, pousou em Bagram e resolveu descobrir com o Anatoly estava gastando o dinheiro dos contribuintes russos. Jean-Pierre soube disso por um as poucas palavras de Anatoly , segundos antes de o general entrar na sala, seguido por nervosos oficiais, com o filhotes acom panhando a m am ãe pata.

Jean-Pierre ficou fascinado pela m aneira m agistral com o Anatoly envolveu o visitante.

Ele se levantou de um pulo, parecendo dinâm ico m as tranquilo; apertou a m ão do general e ofereceu-lhe um a cadeira; gritou um a série de ordens pela porta aberta; falou depressa, m as

com deferência, com o general por cerca de um m inuto; pediu licença e falou pelo rádio; traduziu, para Jean-Pierre, a m ensagem transm itida do Nuristan; e apresentou o general a Jean-Pierre, em francês.

O general com eçou a fazer perguntas e Anatoly apontou para os alfinetes verm elhos no m apa de Jean□ Pierre, enquanto respondia. E foi no m eio de tudo isso que um dos grupos de busca cham ou espontaneam ente, a voz em russo do operador parecendo m uito excitada. Anatoly pediu que o general se calasse no m eio de um a frase para escutar.

Jean-Pierre ficou sentado na beirada da cadeira, aguardando ansiosam ente pela tradução.

A voz parou de falar. Anatoly fez um a pergunta e obteve um a resposta.

□ O que eles encontraram ? □ indagou Jean-Pierre, incapaz de se m anter em silêncio por m ais tem po. Anatoly ignorou-o por um m om ento, falando prim eiro ao general. Depois virou-se para Jean-Pierre e inform ou: □ Encontraram dois am ericanos num a aldeia cham ada

Atati, no Vale do Nuristan.

□ Sensacional! □ exclamou Jean-Pierre. □ São eles! □ Acho que sim .

Jean-Pierre não podia entender a falta de entusiasmo de Anatoly .

□ Mas claro que são! Seus homens não conhecem a diferença entre um americano e um inglês? □ Provavelmente não. Mas dizem que não há crianças.

□ Nenhum a criança? Jean-Pierre franziu o rosto. Como era possível? Jane teria deixado Chantal no Vale dos Cinco Leões para ser criada por Rabia, Zahara ou Fará?

Parecia impossível.

Teria escondido a criança com uma família daquela aldeia, Atati, pouco antes de ser capturada pelo grupo de busca? Isso também parecia improvável: o instinto de Jane seria o de ficar com a filha nos momentos de perigo. Chantal estaria morta? Ele concluiu que era provavelmente um equívoco: algum erro de comunicação, interferência atmosférica no contato pelo rádio, ou mesmo um oficial obtuso que não percebera a criança.

□ Não vamos conjecturar □ disse ele a Anatoly . □ É melhor ir até lá para verificar pessoalmente.

□ Quero que você vá com o helicóptero.

□ Está certo. □ Jean-Pierre ficou surpreso com a posição de Anatoly .

□ Quer dizer que você não vai? □ Isso mesmo.

□ E por que não? □ Sou necessário aqui.

Anatoly lançou um olhar rápido para o general.

□ Entendo...

Sem dúvida havia um jogo de poder na burocracia militar; Anatoly receava deixar a base enquanto o general permanecesse ali, pois algum rival poderia caluniá-lo pelas costas.

Anatoly pegou o telefone na mesa e deu uma série de ordens em russo. Enquanto ele ainda falava, um ordenança entrou na sala e fez sinal a Jean-Pierre. Anatoly pôs a mão sobre o bocal e disse: □ Eles vão lhe arrumar um capote bem grosso, pois já é inverno no Nuristan. À

bientôt.

Jean-Pierre saiu com o ordenança. Atravessaram a pista de concreto. Dois helicópteros esperavam, os rotores girando: um Hind com foguetes por baixo das asas curtas e um Hip maior, com vigias ao longo da fuselagem. Jean-Pierre se perguntou para que serviria o Hip, e só depois de um instante compreendeu que seria para trazer de volta o grupo de busca. Pouco antes de

alcançarem os aparelhos um soldado se aproximou correndo com um capote militar e entregou-o a Jean-Pierre. Ele pendurou-o no braço e embarcou no Hind.

Decolaram no mesmo instante. Jean-Pierre sentia uma expectativa febril. Sentou no banco da cabine de passageiros, junto com a equipe de soldados. Seguiram para nordeste.

Ao se afastarem da base, o piloto fez um sinal para Jean-Pierre, que se adiantou e subiu no degrau para o assento, a fim de poder ouvir direito.

— Serei o seu intérprete — disse o homem, num francês hesitante.

— Obrigado. Você sabe para onde estamos indo?

— Sei sim, senhor. Tem as coordenadas e posso manter contato pelo rádio com o líder do grupo de busca.

— Ótimo.

Jean-Pierre ficou surpreso por ser tratado com tanta deferência. Parecia que adquirira um posto honorário por sua associação com um coronel da KGB.

Perguntou-se, enquanto voltava ao banco, com o que reagiria ao vê-lo. Ficaria aliviada?

Assim iria uma atitude de desafio? Ou apenas se mostraria exausta? Ellis estaria furioso e humilhado, com o qual não podia deixar de ser. Com o que devo me comportar?, pensou Jean-Pierre.

Quero que eles fiquem desesperados, mas preciso manter a dignidade.

O que devo dizer? Tentou visualizar a cena. Ellis e Jane estariam no pátio de algum armazém ou sentados no chão de terra de uma

cabana de pedra, vigiados por soldados com Kalashnikovs.

Provavelmente estariam com frio e fome e, angustiados. Jean-Pierre se adiantaria com seu capote militar, confiante e autoritário, seguido por deferentes oficiais subalternos.

Lançaria para os dois um olhar penetrante e prolongado, e depois diria...

O que diria? Voltam os a nos encontrar parecia exageradamente melodramático.

Pensaram realmente que conseguiriam escapar de nós? era retórico demais. Vocês nunca tiveram qualquer chance parecia melhor, mas ainda era um anticlímax.

A temperatura baixou depressa enquanto seguiam para as montanhas. Jean-Pierre pôs o capote e ficou de pé junto à porta aberta, olhando para fora. Lá em baixo estendia-se um vale parecido com o Cinco Leões, com um rio no meio, correndo à sombra das montanhas. Jean

Pierre adiantou-se e foi perguntar no ouvido do piloto: "Onde estamos?"

"Este lugar é conhecido com o Vale Sakardara. Mais para o norte, o nome muda para Vale Nuristan. Vai nos levar até Atati."

"Quanto tempo mais?" "Vinte minutos."

Parecia uma eternidade. Controlando a impaciência com enorme esforço, Jean-Pierre voltou a sentar-se no banco, junto com os soldados. Eles estavam imóveis e silenciosos, observando-o. Pareciam ter medo dele. Talvez pensassem que era um agente da KGB. Pois eu sou mesmo da KGB, pensou Jean-Pierre de repente.

Imaginou o que os soldados estariam pensando. Nas namoradas e esposas que os aguardavam? O lar daqueles homens seria também o seu, dali por diante. Teria um apartamento em Moscou. Perguntou-se se ainda podia ter uma vida conjugal feliz com Jane. Queria que ela e Chantal ficassem em seu apartamento, enquanto ele, com aqueles soldados, lutava a boa luta em terras estrangeiras, ansioso pelas licenças, quando voltaria para casa e tornaria a deitar com a mulher, e descobriria com o a filha crescera durante sua ausência. Traí Jane e ela me traiu,

refletiu Jean-Pierre; talvez possam os perdoar um ao outro, quando me nos não se a por Chantal.

O que acontecera com Chantal? Ele estava prestes a descobrir. O helicóptero com eçou a baixar. Estavam quase chegando. Jean-Pierre levantou-se para olhar outra vez pela porta.

Desciam para um a cam pina onde um afluente se juntava ao rio principal. Era um lugar bonito, com umas poucas casas subindo pela encosta, sobrepondo-se ao melhor estilo nuristani.

Jean-Pierre lembrou-se de ter visto fotografias de aldeias assim em livros ilustrados sobre o Himalaia. O helicóptero pousou.

Jean-Pierre saltou. No outro lado da campina, alguns soldados russos e o grupo de busca, com toda certeza, saíram da mata baixa das casas da aldeia. Jean-Pierre esperou impaciente pelo piloto, seu intérprete. O homem finalmente desembarcou e Jean-Pierre gritou-lhe, enquanto com eçava a atravessar o campo: "Vá logo!"

Teve de se conter para não desatar a correr. Ellis e Jane deviam estar na casa de onde os soldados haviam saído, pensou ele, encaminhando-se para lá o mais depressa que podia sem correr. Com eçou a sentir-se furioso: a raiva há tanto reprimida fervilhava dentro dele. Que se dane a dignidade, pensou ele; direi a esse casal abominável o que acho deles.

Quando ele chegou perto, o oficial à frente do grupo de busca com eçou a falar.

Ignorando-o, Jean-Pierre virou-se para o piloto e disse: "Pergunte onde eles estão."

O piloto perguntou, e o oficial apontou para a casa da aldeia. Sem mais demora, Jean-Pierre passou pelos soldados.

Sua ira estava a ponto de explodir quando entrou na tosca construção da aldeia.

Diversos outros soldados estavam de pé num canto. Fitaram-no e depois se afastaram para lhe dar passagem.

No canto, duas pessoas estavam amarradas a um banco.

Jean-Pierre fitou-as, aturdido. Sua boca se abriu, o sangue fugiu-lhe do rosto. Ali estavam um garoto magro e de aparência anêmica, com

dezoito ou dezenove anos, cabelos sujos, bigode de pontas caídas, e um a loura de peitos grandes, com flores nos cabelos.

O garoto olhou para Jean-Pierre com uma expressão aliviada e disse em inglês: ☐ Ei, cara, vai nos ajudar? Estam os numa merda de fazer gosto.

Jean-Pierre teve a sensação de que ia explodir. Era apenas um casal de hippies no caminho de Katmandu, uma espécie de turismo que não me aterrorizava de todo, apesar da guerra. Que desapontamento! Por que eles tinham de estar ali no momento em que o mundo inteiro procurava por um casal ocidental fugitivo? Jean-Pierre não estava disposto a ajudar um par de degenerados viciados em tóxicos. Virou-se e saiu. O piloto entrava naquele instante. Viu a expressão de Jean-Pierre e perguntou: ☐ Qual é o problema? ☐ É o casal errado. Venha comigo.

O homem seguiu Jean-Pierre.

☐ O casal errado? Quer dizer que não são americanos? ☐ São americanos, mas não as pessoas que estão procurando.

☐ O que vai fazer agora? ☐ Vou falar com Anatoly, e preciso que você entre em contato com ele pelo rádio.

Atravessaram o campo e subiram no helicóptero. Jean-Pierre sentou-se no banco do artilheiro e pôs os headphones. Ficou batendo com o pé, impaciente, no chão de metal, enquanto o piloto falava pelo rádio em russo, ininteligível. Por fim, ouviu a voz de Anatoly, parecendo muito distante, pontuada pela estática.

☐ Jean-Pierre, meu amigo, aqui é Anatoly. Onde você está? ☐ Em Atati. Os dois americanos que eles capturaram não são Ellis e Jane. Repito, não são Ellis e Jane. Não passam de uma dupla de garotos tolos procurando o nirvana.

Câmbio.

☐ Isso não me surpreende, Jean-Pierre.

☐ Com o assim? ☐ interrompeu Jean-Pierre, esquecendo que a comunicação era por um só canal.

☐ ... recebem as diversas informações de que Ellis e Jane foram vistos no Vale Línar. O

grupo de busca ali ainda não efetuou contato com eles, mas está na pista, e bem perto. Câmbio.

A raiva de Jean-Pierre para com os hippies se dissipou, e um pouco de sua ansiedade voltou.

□ Vale Lina... onde fica? Câmbio.

□ Perto do lugar em que você se encontra agora. Segue para o Vale Nuristan a cerca de trinta quilômetros ao sul de Atati. Câmbio. Bem perto! □ Tem certeza? Câmbio.

□ O grupo de busca obteve diversas informações nas aldeias pelo caminho. As descrições com binam com Ellis e Jane. E falaram num a criança. Câmbio.

Então eram eles! □ Podem os calcular onde eles estão agora? Câmbio.

□ Ainda não. Estou indo ao encontro do grupo de busca. Saberei de mais detalhes quando chegar lá. Câmbio.

□ Quer dizer que não está em Bagram ? O que aconteceu com seu... ahn... visitante?

Câmbio.

□ Ele foi embora □ respondeu Anatoly em tom brusco. □ Estou no ar neste momento e prestes a me encontrar com o grupo numa aldeia chamada Mundol. Fica no Vale Nuristan, abaixo do ponto em que o Rio Lina deságua no Nuristan, perto de um lago grande, também chamado Mundol. Encontre-se comigo lá. Passarem os a noite em Mundol e com andarem os pessoalmente a busca pela manhã. Câmbio.

□ Estarei lá! □ exclamou Jean-Pierre exultante. Lembrou-se de uma coisa. □ O que vão os fazer com os hippies! Câmbio.

□ Terão de ser levados a Kabul para interrogatório. Alguns as pessoas ali vão lembrar-lhes da realidade do mundo material. Deixe-me falar com o piloto. Câmbio.

□ Até Mundol. Câmbio.

Anatoly começou a falar em russo com o piloto, e Jean-Pierre tirou os fones. Perguntou-se por que Anatoly queria perder tempo interrogando um casal de hippies inofensivos.

Era evidente que aqueles dois não podiam ser espões. E de repente lhe ocorreu que a única pessoa que realmente sabia se aqueles dois eram ou não Ellis e Jane era ele próprio. Talvez fosse possível que em breve ambos fossem prováveis que Ellis e Jane o tivessem persuadido a deixá-

los partir, convencendo-o a dizer a Anatoly que o grupo de busca capturara apenas um casal de hippies. Aquele russo era um filho da puta desconfiado.

Jean-Pierre esperou um paciente que ele encerrasse a conversa com o piloto. Parecia que o grupo de busca em Mundol estava próximo da presa. Talvez Ellis e Jane fossem capturados amanhã. Na verdade, a tentativa de fuga estava mais ou menos condenada ao fracasso desde o início; mais isso evitava que Jean-Pierre se preocupasse, e ele continuaria na agonia do suspense até que os dois estivessem com as mãos e pés atados e trancafiados numa cela russa. O piloto tirou

os headphones e anunciou: "Vam os levar você a Mundol neste helicóptero. O Hip seguirá com os outros de volta à base.

"Está certo.

Poucos minutos depois eles estavam no ar, deixando os outros se retardarem o tempo necessário. Estava quase escuro, e Jean-Pierre imaginou se seria difícil encontrar a aldeia de Mundol.

A noite caiu depressa enquanto eles seguiam o rio, correnteza abaixo. A paisagem lá em baixo desapareceu na escuridão. O piloto falava constantemente pelo rádio, e Jean-Pierre calculou que estava sendo orientado por pessoas no solo, em Mundol. Dez ou quinze minutos mais tarde luzes fortes apareceram lá em baixo. Cerca de um quilômetro além a lua se refletia numa enorme massa de água. O helicóptero desceu.

Pousou num campo, perto de outro helicóptero. Um soldado à espera conduziu Jean-Pierre pela relva até a aldeia na encosta de uma colina. As silhuetas das casas estavam recortadas contra o luar. Jean-Pierre seguiu o soldado para uma das casas. Ali, sentado numa cadeira dobrável, com um enorme capote de pele de lobo, estava Anatoly. Na maior excitação.

"Jean-Pierre, meu amigo francês, estamos próximos do sucesso!" gritou ele, bem alto.

Era estranho ver um homem de rosto oriental demonstrar tanta

exuberância e jovialidade. □

Tom e um café... está misturado com vodka.

Jean-Pierre aceitou um copo de papel de um anfitrião que parecia estar servindo Anatoly . Sentou-se em outra cadeira dobrável, com o anfitrião de Anatoly . Pareciam militares.

Se os russos estavam carregando tanto equipamento □ cadeiras dobráveis, café, copos de papel, vodka □ talvez não fossem capazes, no final das contas, de se deslocarem mais depressa do que Ellis e Jane. Anatoly leu seus pensamentos e comentou, com um sorriso: □ Trouxe alguns pequenos luxos no meu helicóptero. A KGB tem a sua dignidade.

Jean-Pierre não conseguiu interpretar sua expressão e não sabia se ele estava gracejando ou não. Mudou de assunto.

□ Quais são as últimas notícias?

□ Não resta mais qualquer dúvida de que nossos fugitivos passaram hoje e pelas aldeias de Bosaydur e Linar. E em algum instante desta tarde o grupo de busca perdeu o guia, que desapareceu por completo. Provavelmente decidiu voltar para casa. □ Anatoly franziu o rosto, com o semblante incomodado por esse pequeno problema, e depois continuou: □ Felizmente encontraram logo outro guia.

□ Em empregando a sua persuasiva técnica de recrutamento, é claro □ comentou Jean-Pierre.

□ Desta vez não, por mais estranho que possa parecer. Pelo que me disseram , este foi um voluntário genuíno. Está aqui, em algum lugar da aldeia.

□ É mais fácil encontrar voluntários no Nuristan □ disse Jean-Pierre.

□ Eles quase não estão envolvidos na guerra... e diz-se que são totalmente desprovidos de escrúpulos.

□ Esse novo guia afirma ter visto os fugitivos hoje, antes de se juntar ao grupo de busca.

Passaram por ele no ponto em que o Linar deságua no Nuristan. Ele os viu virarem para o sul, seguindo por este caminho.

□ Isso é ótimo.

□ Esta noite, quando o grupo de busca chegou a Mundol, nosso homem interrogou alguns

aldeões e descobriu que dois estrangeiros com uma criança passaram por aqui esta tarde, seguindo para o sul.

□ Então não resta mais qualquer dúvida □ informou Jean-Pierre com evidente satisfação.

□ Absolutamente nenhum a □ concordou Anatoly . □ Nós os pegamos amanhã, com toda certeza. Jean-Pierre acordou num colchão inflável □ outro luxo da KGB □ sobre o chão de terra da casa. O fogo apagara durante a noite, e fazia frio. A cama de Anatoly , no outro lado do quarto pequeno e escuro, estava vazia. Jean-Pierre não sabia onde os donos da casa haviam passado a noite. Depois de providenciarem comida e servirem-na, Anatoly os mandara embora.

Ele tratava todo o Afeganistão -como se fosse seu reino pessoal. E talvez fosse mesmo. Jean-Pierre sentou-se e esfregou os olhos, e só depois viu Anatoly de pé na porta, fitando-o com uma expressão especulativa.

□ Bom dia □ disse Jean-Pierre.

□ Já esteve alguma vez aqui antes? □ indagou Anatoly , sem qualquer preâmbulo.

O cérebro de Jean-Pierre ainda estava um pouco enevoado pelo sono.

□ Onde?

□ No Nuristan □ respondeu Anatoly , impaciente.

□ Não.

□ Estranho...

Jean-Pierre achava irritante aquele estilo de conversa enigmática ainda tão cedo.

□ Por quê? □ perguntou ele, o tom um pouco impertinente. □ O que há de tão estranho?

□ Conversei com o novo guia há poucos minutos.

□ Com quem ele se chama?

□ Moham m ed, Muham m ad, Mahom et, Mahm oud... um desses nom es que um m ilhão de outros hom ens tem .

□ Que língua usou com um nuristani?

□ Francês, russo, dari e inglês... a m istura de sem pre. Ele perguntou quem chegou no segundo helicóptero ontem à noite. Respondi: um francês que pode identificar os fugitivos, ou algo parecido. Ele perguntou seu nom e e eu inform ei. Queria que continuasse a falar até descobrir por que ele estava tão interessado. Mas o hom em não fez m ais perguntas. Parecia que ele conhecia você.

□ É im possível.

□ Tam bém acho.

□ Por que não pergunta diretam ente a ele? Não era próprio de Anatoly se m ostrar tão hesitante, pensou Jean-Pierre.

□ Não há sentido em fazer um a pergunta a um hom em enquanto não se verificou se ele tem algum m otivo para m entir.

E dizendo isso, Anatoly saiu. Jean-Pierre levantou-se. Dorm ira de cam isa e cueca. Pôs a calça e as botas, depois aj eitou o capote sobre os om bros e deixou a casa.

Descobriu-se num a tosca varanda de m adeira, com vista para o vale inteiro. Lá em baixo, o rio ziguezagueava pelos cam pos, largo e preguiçoso. A algum a distância para o sul ele entrava num vale com prido e estreito, m argeado por m ontanhas. O sol ainda não surgira. Um a neblina sobre a água ocultava a outra extrem idade do lago. Era um a paisagem aprazível. Jean-Pierre

lem brou que aquela era a área m ais fértil e populosa do Nuristan: quase todo o resto era despovoado e inóspito.

Jean-Pierre notou com satisfação que os russos haviam escavado um a latrina de cam panha. O hábito afegão de usar os rios de onde tiravam a água para beber era o m otivo pelo qual todos tinham verm es. Os russos vão endireitar este país depois que assum irem o controle total, refletiu Jean-Pierre.

Ele desceu para a cam pina, usou a latrina, lavou-se no rio e foi tom ar um café com um grupo de soldados reunidos em torno de um a fogeira.

O grupo de busca estava pronto para partir. Anatoly decidira na noite anterior que orientaria a expedição dali, mantendo contato permanente com os homens pelo rádio.

Os helicópteros ficariam de prontidão para levá-lo e a Jean-Pierre assim que o grupo localizasse a presa. Enquanto Jean-Pierre tomava o café, Anatoly atravessou o campo, vindo da aldeia.

— Viu aquele homem aldoito guia? — perguntou ele bruscamente.

— Não.

— Ele parece ter desaparecido.

Jean-Pierre franziu as sobrancelhas.

— Da mesma forma que o anterior.

— Essa gente é insuportável. Terei de perguntar aos aldeões. Venha comigo para traduzir.

— Não falo a língua deles.

— Talvez eles compreendam o seu dári.

Jean-Pierre voltou à aldeia junto com Anatoly. Ao subirem pela trilha de terra estreita entre as frágeis casas, alguém chamou Anatoly em russo. Eles pararam e olharam para um lado.

Dez ou doze homens, alguns nuzistanis de branco e alguns russos de uniforme, estavam reunidos numa varanda, olhando alguma coisa no chão. Recuaram para dar passagem a Anatoly e Jean-Pierre. No chão estava um homem morto.

Os aldeões falaram em tom indignado, apontando para o corpo. A garganta do homem fora cortada: o ferimento era profundo, e a cabeça pendia inerte. O sangue já coagulava, o que indicava que ele devia ter sido morto no dia anterior.

— Esse homem é Mohammed, o guia? — indagou Jean-Pierre.

— Não. — Anatoly interrogou um soldado e depois informou a Jean-Pierre: — Este é o guia anterior, o que havia desaparecido.

Jean-Pierre falou aos aldeões, bem devagar, em dári: — O que está acontecendo? Depois de uma pausa, um velho encarquilhado, o olho direito quase fechado, respondeu na mesma língua, em tom de

acusação: □ Ele foi assassinado! Jean-Pierre com eçou a interrogá-lo e pouco a pouco descobriu a história. O morto era um aldeão do Vale Línar recrutado pelos russos para servir de guia. O corpo, escondido às pressas entre arbustos, fora encontrado pelo cachorro de um pastor de cabras. A família do homem achava que ele fora assassinado pelos russos e trouxera o corpo até ali naquela manhã, numa dramática tentativa de descobrir por quê. Jean-Pierre explicou tudo a Anatoly e arrematou: □ Eles estão indignados porque acham que seus homens são os culpados.

□ Indignados? □ repetiu Anatoly . □ Eles não sabem que está havendo uma guerra?

Pessoas são mortas todos os dias... é inevitável.

□ É evidente que eles não testem nenhuma multa ação por aqui. Foram vocês que o mataram ? □ Vou descobrir.

Anatoly falou com os soldados. Vários responderam ao mesmo tempo, com veemência:

□ Não fomos nós que matamos esse homem . Anatoly traduziu para Jean-Pierre, que disse: □

Então quem terá sido? Os moradores locais poderiam estar assassinando nossos guias por colaborarem com o inimigo? □ Claro que não □ respondeu Anatoly . -se eles odiassem os colaboracionistas não estariam fazendo tanto rebulição para descobrir quem matou este homem .

Diga a eles que somos os inocentes... trate de acalmá-los. Jean-Pierre dirigiu-se ao velho de um olho só: □ Os estrangeiros não mataram este homem . Querem saber quem assassinou seu guia.

O velho traduziu para os outros, e os aldeões reagiram com consternação. Anatoly tinha uma expressão pensativa.

□ O desaparecido Mohamad não poderia ter matado este homem para ficar com o emprego de guia?

□ Estão pagando muito? □ perguntou Jean-Pierre.

□ Acho que não. □ Anatoly perguntou a um sargento e traduziu a resposta: □ Quinhentos afegãos por dia.

□ É um bom salário para um afegão, mas não o suficiente para se m

atar um hom em ...

em bora se diga que um nuristani é capaz de assassinar qualquer um pelas sandálias, se forem novas.

□ Pergunte a eles se sabem onde está Moham m ed. Jean-Pierre perguntou. □ Houve algum a discussão? □ Quase todos os aldeões sacudiram a cabeça, m as um hom em alteou a voz acim a dos outros e apontou insistentem ente para o norte. O velho acabou com unicando a Jean-Pierre: □ Ele deixou a aldeia esta m anã bem cedo. Abdul viu quando ele seguiu para o norte.

□ Ele partiu antes ou depois de o corpo ser trazido para cá? □ Antes.

Jean-Pierre traduziu para Anatoly e acrescentou: □ Por que será que ele foi em bora? □

O hom em está se com portando com o se fosse culpado de algum a coisa.

□ Ele deve ter partido logo depois de conversar com você esta m anã. Parece até que foi em bora porque eu cheguei.

Anatoly balançou a cabeça, pensativo.

□ Qualquer que sej a a explicação, acho que ele sabe de algum a coisa que nós ignoram os.

É m elhor irm os atrás dele. Não há problem a se perderm os algum tem po. Podem os nos dar a esse luxo.

□ Há quanto tem po conversou com ele? Anatoly olhou para o relógio.

□ Há pouco m ais de um a hora.

□ Então ele não pode estar m uito longe.

□ Tem razão.

Anatoly virou-se e deu um a série de ordens. Os soldados entraram em ação no m esm o instante. Dois deles pegaram o velho caolho e o levaram para o cam po. Outro correu para os helicópteros. Anatoly pegou Jean-Pierre pelo braço e foram atrás dos soldados.

□ Levarem os o velho caolho para o caso de precisarm os de um intérprete □ explicou Anatoly .

Os dois helicópteros já estavam ligados quando eles chegaram ao campo. Anatoly e Jean-Pierre embarcaram num deles. O velho caolho estava lá dentro, parecendo ao mesmo tempo

tempo em oco e apavorado. Ele contará a história deste dia pelo resto de sua vida, pensou Jean-Pierre.

Poucos minutos depois eles estavam no ar. Anatoly e Jean-Pierre ficaram de pé junto à porta aberta, olhando para baixo. Uma trilha perfeita e visível levava da aldeia para o topo da colina e desaparecia entre as árvores. Anatoly falou pelo rádio do piloto e depois informou a Jean-Pierre: □ Mande alguns soldados vasculharem o bosque, para o caso de ele ter decidido se esconder ali.

O fugitivo quase que certamente fora muito além daquele ponto, pensou Jean-Pierre, mas Anatoly estava sendo cauteloso □ com o sempre.

Voaram seguindo o rio por cerca de um quilômetro e meio e chegaram à entrada do Linar. Teria Moham medido e continuado a subir pelo vale, para o coração frio do Nuristan, ou virado para leste, pelo Vale Linar, seguindo para o Cinco Leões? □ De onde Moham mediu veio? □

perguntou Jean-Pierre ao velho caolho.

□ Não sei. Mas ele era um tajik.

Isso significava que era mais provável que ele fosse do Vale Linar que do Nuristan. Jean-Pierre explicou isso a Anatoly, que ordenou ao piloto que virasse para a esquerda e seguisse o Linar.

Ali estava um exemplo convincente do motivo pelo qual a busca a Ellis e Jane não podia ser conduzida de helicóptero, refletiu Jean-Pierre. Moham medido tinha apenas uma hora de dianteira e era possível que já tivessem perdido sua pista. Quando os fugitivos dispunham de um dia inteiro de vantagem, com o Ellis e Jane, havia muito mais percursos alternativos e lugares para se esconder.

Se havia uma trilha pelo Vale Linar, ela não era visível do ar. O piloto do helicóptero limitou-se a acompanhar o rio. As encostas eram desprovidas de vegetação, mas ainda não estavam cobertas pela neve; se o fugitivo estivesse por ali, não teria onde se esconder. Eles o avistaram alguns minutos depois.

A túnica e o turbante branco sobressaíam claramente no terreno

pardo. Ele avançava sozinho pelo topo do penhasco com o ritmo o firme e incansável dos viajantes antes afegãos, seus pertences numa sacola pendurada ao ombro. Quando ouviu o barulho dos helicópteros, ele parou, observou-os por um instante e depois continuou a andar.

— É ele? — indagou Jean-Pierre.

— Acho que sim — respondeu Anatoly. — Vam os descobrir daqui a pouco.

Ele pegou os fones do piloto e comunicou-se com o outro helicóptero. O aparelho se adiantou, passando por cima do homem no chão, e pousou cerca de cem metros à sua frente. O

homem continuou a seguir despreocupadamente em sua direção.

— Por que não pousam os tam-bém? — perguntou Jean-Pierre a Anatoly. — Apenas por precaução.

A porta lateral do outro helicóptero foi aberta, e seis soldados desembarcaram. O homem de branco continuou a avançar, tirando a bolsa do ombro. Era com orgulho, com o um a mim o militar, e a visão dela despertou algum alarme na mente de Jean-Pierre. Antes que ele pudesse definir o que era, Moham med levantou a bolsa e apontou-a para os soldados. Jean-Pierre compreendeu nesse instante e abriu a boca para gritar uma advertência inútil.

Era com o tentar gritar num sonho ou correr debaixo d'água: os acontecimentos se

sucediam devagar, mas ele se movia ainda mais devagar. Antes que as palavras pudessem sair, ele viu a ponta de uma metralhadora emergir da bolsa.

O som dos tiros foi abafado pelo barulho dos helicópteros, o que deu a impressão terrível de que tudo ocorreu em silêncio total. Um dos soldados russos comprimou a barriga com as mãos e tombou para a frente; outro levantou os braços e caiu para trás; o rosto de um terceiro explodiu em sangue e carne. Os outros três levantaram suas armas. Um morreu antes de poder puxar o gatilho, mas os outros dois descarregaram uma saraivada de balas. Enquanto Anatoly gritava

"Niet! Niet! Niet! Niet!" pelo rádio, o corpo de Moham med foi levantado do chão e arremessado para trás, caindo depois no chão, uma mancha informe de sangue.

Anatoly ainda gritava pelo rádio, furioso. O helicóptero desceu depressa. Jean-Pierre descobriu-se a trem er de excitam ento. A visão do com bate deixara-o inebriado com o se tivesse tom ado cocaína, fazendo-o sentir-se com o se estivesse com vontade de rir, trepar, correr ou dançar. Um pensam ento aflorou-lhe à m ente: Eu queria antes curar as pessoas.

O helicóptero pousou. Anatoly tirou os headphones, com entando com irritação: □ Agora nunca saberem os por que aquele guia teve a garganta cortada.

Ele saltou e Jean-Pierre o seguiu. Encam inharam -se para o afegão m orto. A frente do corpo era um a m assa de carne dilacerada e ensanguentada. A m aior parte do rosto desaparecera, m as Anatoly declarou: □ Tenho certeza de que era m esm o o guia. O corpo é o m esm o, a cor da pele tam bém , e posso reconhecer a bolsa. □ Abaixou-se e pegou a m etralhadora, com todo cuidado.

□ Mas por que ele estava carregando um a m etralhadora? Um pedaço de papel caiu da bolsa e flutuou para o chão. Jean-Pierre pegou-o e deu um a olhada. Era um a fotografia do m enino Mousa.

□ Oh, Deus! □ exclam ou ele. □ Creio que estou entendendo tudo agora.

□ Com o assim ? □ indagou Anatoly . □ Entendendo o quê?

□ O m orto é do Vale dos Cinco Leões. Um dos principais lugares-tenentes de Masud. Esta é a fotografia de seu filho Mousa. Foi tirada por Jane. Tam bém reconheço a bolsa em que ele escondia a arm a: pertencia a Ellis.

□ E daí? □ disse Anatoly , im paciente. □ O que pode deduzir disso?

O cérebro de Jean-Pierre trabalhava acelerado, encaixando as peças m ais depressa do que ele era capaz de explicá-las.

□ Moham m ed m atou seu guia para tom ar o lugar dele. Você não tinha condições de saber que ele não era o que alegava. Os nuristanis, é claro, sabiam que Moham m ed não era um deles, m as não se im portaram , prim eiro porque não sabiam que ele fingia ser um habitante local, e segundo porque m esm o que soubessem não poderiam contar a você, porque ele tam bém servia com o seu intérprete. Na verdade, só havia um a pessoa capaz de desm ascará-lo...

□ Você □ concluiu Anatoly . □ Porque o conhecia.

□ Ele estava consciente desse perigo e se m antinha atento. Foi por isso que perguntou esta m anã quem chegara ontem , depois do anoitecer. Você lhe disse m eu nom e. E ele partiu im ediatam ente. □ Jean-Pierre franziu o rosto: havia algum a coisa que não estava m uito clara. □

Mas por que ele perm aneceu em terreno aberto? Poderia ter se escondido nos bosques ou num a caverna. Levariam os m uito m ais tem po para descobri-lo. Parece que ele não esperava ser perseguido.

□ Por que deveria? □ disse Anatoly . □ Quando o prim eiro guia desapareceu, não m andam os ninguém a sua procura... sim plesm ente arrum am os outro guia e seguim os em frente. Não houve investigação, não houve busca. Mas desta vez foi diferente... o que saiu errado para Moham m ed é que os habitantes locais encontraram o cadáver e nos acusaram de assassinato. O que nos levou a suspeitar dele. Mesm o assim , chegam os a cogitar de esquecê-lo e seguir adiante. Ele teve m uito azar.

□ Ele não sabia que estava lidando com um hom em tão cauteloso □ com entou Jean-Pierre. □ A próxim a pergunta: qual o m otivo para tudo isso? Por que ele se deu ao trabalho de substituir o guia anterior? □ Podem os presum ir que ele queria nos levar pela direção errada. Que tudo o que ele disse era m entira. Ele não viu Ellis e Jane ontem à tarde à entrada do Vale Linar.

Eles não seguiram para o sul pelo Nuristan. Os m oradores de Mundol não confirm aram que dois estrangeiros com um a criança passaram por lá ontem , seguindo para o sul...

Moham m ed sequer lhes perguntou. Ele sabia onde estavam os fugitivos...

□ E nos levou em direção oposta! □ Jean-Pierre sentia-se outra vez exultante. □ O guia anterior não desapareceu pouco depois de o grupo de busca deixar a aldeia de Linar? □ Isso m esm o. Portanto, podem os presum ir que as inform ações até esse ponto são verdadeiras... e que Ellis e Jane passaram de fato por aquela aldeia. Depois, Moham m ed assum iu e nos levou para o sul.

□ Porque Ellis e Jane foram para o norte! □ exclam ou Jean-Pierre, triunfante. Anatoly balançou a cabeça, com expressão som bria.

□ Moham m ed ganhou para eles um dia, no m áxim o □ com entou

ele, pensativo. □ E por isso sacrificou a sua vida. Será que valeu a pena? Jean-Pierre tornou a olhar para a fotografia Polaroid de Mousa. O vento frio sacudiu-a em sua mão.

□ Quer saber de uma coisa? □ murmurou ele. □ Acho que Mohammed responderia que sim, que valeu a pena.

Capítulo 19

Eles deixaram Gadwal na escuridão profunda antes do amanhecer, esperando se anteciparem aos russos ao partirem tão cedo. Ellis sabia com o que era difícil, até mesmo para o oficial mais competente, pôr em movimento um grupo de soldados antes do amanhecer: o cozinheiro tinha de preparar a comida, o intendente precisava providenciar o recolhimento de todo o equipamento, o operador de rádio precisava entrar em contato com o quartel-general, os homens deviam comer e todas essas coisas levavam tempo. A vantagem que Ellis tinha sobre o comandante russo era o fato de só precisar carregar a égua, enquanto Jane também levava Chantal, e depois sacudir Halam até acordá-lo.

Tinham pela frente uma longa e lenta subida pelo Vale Nuristan, por treze ou quatorze quilômetros, e depois a subida por um vale lateral. A primeira etapa, no Nuristan, não deveria ser muito difícil, refletiu Ellis, mesmo no escuro, pois havia uma estrada mais ou menos definida. Se Jane conseguisse resistir, chegariam ao vale lateral durante a tarde e o percorreriam por alguns quilômetros até o cair da noite. Seria muito mais difícil encontrá-los depois que deixassem o Vale Nuristan, pois os russos não saberiam onde procurar.

Halam seguia na frente, usando as roupas de Mohammed, inclusive o gorro chitrali. Jane andava atrás, carregando Chantal, e Ellis ia na retaguarda, puxando Maggie.

A égua estava agora levando uma bagagem mais pesada: Mohammed levava a mochila e Ellis não encontrara nada apropriado para substituí-la. Foi obrigado a deixar em Gadwal a maior parte de seu equipamento explosivo. Mas levava um pouco de TNT, um pedaço de Primacord, alguns detonadores e o artefato de disparo, guardados nos amplos bolsos do casaco que trouxera de Nova York.

Jane estava animada e vigorosa. O repouso desde a tarde anterior renovara as suas reservas de energia. Era uma mulher extraordinariamente resistente, e Ellis sentia-se orgulhoso dela, embora ao pensar a respeito não entendesse por que ele tinha o direito de

sentir orgulho pela força de Jane.

Halam levava um a lanterna de vela que proj etava três grotescas som bras nas paredes do penhasco. Ele parecia descontente. No dia anterior se desm anchara em sorrisos, aparentem ente satisfeito por participar daquela aventura bizarra; m as naquela m anã se m ostrava taciturno, com expressão som bria. Ellis atribuía o m au hum or a terem saído m uito cedo.

A trilha se esgueirava pela encosta do penhasco, contornando prom ontórios que se proj etavam pela água; às vezes descia até a beira d'água, em outras ocasiões subia ao topo do penhasco. Pouco depois de um quilôm etro a trilha sim plesm ente desapareceu: havia um penhasco à esquerda e o rio à direita. Halam disse que a trilha fora destruída num a tem pestade e teriam de esperar até o am anhecer para encontrar um cam inho.

Ellis não estava disposto a perder tem po. Tirou as botas e a calça, e entrou na água gelada. No ponto m ais profundo a água ficava em sua cintura, e ele alcançou a outra m argem sem o m enor problem a. Voltou e levou Maggie para o outro lado, e veio buscar Jane e Chantal.

Halam foi o últim o a passar, m as o recato im pediu-o de se despir, m esm o no escuro. Por isso, viu-se depois obrigado a andar com a calça encharcada, o que agravava ainda m ais o seu hum or.

Passaram por um a aldeia no escuro, seguidos por algum tem po por um a dupla de cachorros sarnentos, que latiam a um a distância segura. Pouco depois a m anã raiou no céu a

leste e Halam apagou a vela.

Tiveram de vadear o rio várias outras vezes, em lugares onde a trilha desaparecera ou estava bloqueada por algum desm oronam ento. Halam acabou desistindo e enrolou a calça larga até a altura dos j oelhos. Num a dessas travessias encontraram um viaj ante que vinha em direção oposta, um hom em pequeno e esquelético, levando um a ovelha, que carregou nos braços ao atravessar o rio. Halam teve um a longa conversa com ele em algum a língua nuristani, e Ellis desconfiou, pela m aneira com o acenavam os braços, que falavam sobre os cam inhos através das m ontanhas. Depois que o viaj ante se afastou, Ellis disse a Halam , em dari: □ Não revele às pessoas para onde estam os indo.

Halam fingiu não entender. Jane repetiu o que Ellis dissera. Ela falava

com mais fluência e usou gestos e acenos de cabeça enfáticos, com os homens afegãos costumavam fazer.

□ Os russos interrogarão todos os viajantes antes □ explicou ela.

Halam pareceu entender, mas fez de novo a mesma coisa quando se encontraram com o viajante seguinte, um jovem de aparência perigosa, carregando um velho rifle Lee-Enfield.

Durante a conversa, Ellis teve a impressão de ouvir Halam dizer "Kantiwar", o nome do desfiladeiro para o qual seguiam; e um momento depois o viajante repetiu a palavra. Ellis ficou furioso: Halam estava brincando com suas vidas. Mas o mal estava feito e ele reprimiu o impulso para interferir, esperando pacientemente até retomarem a marcha. E assim que o jovem com o rifle sumiu de vista, Ellis disse: □ Avisei a você que não contasse a ninguém para onde estão indo. Desta vez Halam não simulou incompreensão, protestando indignado: □ Eu não falei nada!

□ Falou sim □ insistiu Ellis com veemência. □ Daqui por diante você não vai mais falar com outros viajantes.

Halam não disse nada. Jane acrescentou: □ Você não vai mais falar com outros viajantes, está entendendo?

□ Estou □ murmurou Halam, relutante.

Ellis sentia que era importante mantê-lo calado. Podia imaginar por que Halam queria discutir as rotas com outras pessoas; talvez soubessem de fatores com o desmoronamento, nevascas ou inundações nas montanhas, bloqueando um vale e tornando preferível outro acesso.

Halam não se conscientizará de que Ellis e Jane estavam fugindo dos russos. A existência de rotas alternativas era o único fator favorável aos fugitivos, pois os russos teriam de verificar todos os percursos possíveis. Certamente se empenhariam em eliminar algumas das possibilidades interrogando pessoas, especialmente viajantes. Quanto menos informações pudessem obter dessa maneira, mais difícil e prolongada seria a busca, e maiores as chances de Ellis e Jane escaparem.

Pouco depois encontraram um mula de túnica branca, com a barba pintada de vermelho.

Para frustração de Ellis, Halam puxou conversa imediatamente, da

esm a form a com o fizera com os dois viaj antes anteriores.

Ellis hesitou apenas por um momento. Aproximou-se de Halam , agarrou-o num abraço doloroso e levou-o para longe.

Halam ainda se debateu por um instante, mas depois desistiu, porque doía. Gritou alguma coisa, mas o mulo apenas olhava, boquiaberto, sem fazer nada. Olhando para trás, Ellis verificou que Jane pegara a rédea de Maggie e os seguia. Depois de uma centena de metros Ellis soltou Halam e disse: -se os russos me descobrirem , vão me matar. É por isso que você não deve falar

com ninguém . Halam não disse nada, mas antendo uma expressão sombria. Depois de andarem mais um pouco, Jane comentou: □ Tenho a impressão que ele vai querer se vingar por isso.

□ Tem razão. Mas eu precisava calá-lo de alguma forma.

□ Acho apenas que poderia haver um meio melhor de controlá-lo.

Ellis reprimiu um acesso de irritação. Sentiu vontade de dizer Então por que não fez alguma coisa, sua espertinha?, mas aquele não era um momento conveniente para discutirem .

Halam passou pelo viajante seguinte com um sorriso cumprimental, e Ellis pensou: Pelo menos minha técnica foi eficaz.

A princípio o progresso foi muito mais lento do que Ellis previra. O caminho sinuoso, o terreno irregular, a constante subida e os desvios seguidos significaram que no meio da manhã haviam percorrido apenas sete ou oito quilômetros em linha reta, pelo que ele calculou. Depois, no entanto, o caminho tornou-se mais fácil, passando pelos bosques muito acima do rio.

Ainda havia uma aldeia ou povoado a intervalos aproximados de um quilômetro e meio, mas agora, em vez de casas de madeira desengonçadas empilhadas nas encostas, com cadeiras desmontáveis formando uma pilha casual, as habitações tinham o formato de caixas, feitas da mesma pedra dos penhascos em cujos lados se empoleiravam de maneira precária, com os ninhos de gaivotas.

Ao meio-dia eles pararam numa aldeia e Halam deu um jeito para que fossem convidados a tomar chá numa casa. Era um prédio de dois andares, o térreo aparentemente usado com o depósito, igual às casas medievais inglesas de que Ellis se lembrava das aulas de história na nona série. Jane deu à mulher um vidro pequeno de m

edicam ento rosa para os parasitas intestinais dos filhos, recebendo em troca um pão cozido em panela e um delicioso queijo de leite de cabra. Sentaram em tapete no chão de terra, em torno da fogueira aberta, com as vigas de choupó e as ripas de salgueiro do teto visíveis por cima. Não havia chaminé, e a fumaça da fogueira subia pelos caibros e acabava passando pelo telhado; era por isso, presumiu Ellis, que as casas não tinham forro.

Ele gostaria de deixar Jane descansar depois de comê-lo, mas não podia correr o risco, pois não sabia quão perto os russos se encontravam. Ela parecia cansada, mas bem. E partir imediatamente proporcionava a vantagem adicional de não pedir que Halam puxasse conversa com os aldeões.

Contudo, Ellis observou Jane atentamente, enquanto continuavam a subir pelo vale. Pediu-lhe que levasse a égua e ele pegou Chantal, calculando que carregar a criança era mais cansativo.

A cada vez que chegavam a um vale lateral, seguindo para leste, Halam parava, estudava-o com cuidado, depois sacudia a cabeça e seguia em frente. Era evidente que ele não conhecia o caminho com certeza absoluta, embaraçasse com veemência quando Jane o interpelou. Era exasperante, especialmente porque Ellis estava impaciente em deixar logo o Vale Nuristan; mas consolou-se com o pensamento de que se Halam não sabia direito que vale seguir, os russos também não saberiam qual o caminho tomado pelos fugitivos.

Ele já começava a se perguntar se não teriam passado do ponto certo quando Halam tornou a parar, no ponto em que um regato impetuoso desaguiava no Rio Nuristan, e anunciou que o caminho levava por aquele vale. Ele parecia disposto a fazer uma pausa para descanso, com o que se relutasse em deixar o terreno familiar, mas Ellis exigiu que continuassem.

Não demorou muito para que subissem por uma floresta de bétulas prateadas, o vale principal a perder-se de vista por trás. À frente podiam divisar a cordilheira que teriam de atravessar, um imenso paredão coberto de neve, ocupando um quarto do céu. Ellis não pôde deixar de pensar: Mesmo que consigam os escapar dos russos, com o poderem os escalar isso?

Jane tropeçou umas poucas vezes e praguejou, o que Ellis encarou com um sinal de que ela estava se cansando depressa, embaraço não se queixasse.

Ao crepúsculo saíram da floresta para uma paisagem nua, desolada e desabitada. Ellis concluiu que não poderiam encontrar abrigo num território assim, e por isso sugeriu que passassem a noite numa cabana de pedra que haviam encontrado cerca de meia hora antes. Jane e Halam concordaram, e eles voltaram.

Ellis insistiu para que Halam fizesse a fogueira dentro da cabana e não fora, a fim de que as chamas não fossem avistadas do ar e não houvesse uma coluna de fumaça denunciadora. A cautela foi justificada pouco depois, quando ouviram o zumbido de um helicóptero passando por cima. Isso significava, pensou Ellis, que os russos não estavam muito longe; naquela região, no entanto, uma curta distância para um helicóptero poderia representar uma jornada impossível a pé. Os russos podiam estar no outro lado de uma montanha intransponível, ou apenas um ou dois quilômetros a baixo na trilha. Era uma sorte que a paisagem fosse tão desolada e a trilha muito difícil de ser distinguida do alto para que a busca por helicóptero se tornasse viável.

Ellis deu um pouco de cereal à égua. Jane também entou e trocou a fralda de Chantal, e adormeceu quase que no mesmo instante em que acabou. Ellis acordou-a para que entrasse no saco de dormir, depois desceu para o regato com a fralda de Chantal, lavou-a e veio pô-la junto ao fogo para secar. Deitou-se ao lado de Jane por algum tempo, contendo seu rosto à luz bruxuleante da fogueira, enquanto Halam roncava no outro lado da cabana. Ela parecia totalmente esgotada, o rosto encovado e tenso, os cabelos sujos, as faces manchadas de terra. O

sono era irrequieto, Jane estremecia e fazia caretas, a boca se mexia num discurso silencioso.

Ellis se perguntou por quanto tempo ela poderia continuar. Era o ritmo que estava esgotando. Se pudessem avançar mais devagar, ela aguentaria bem. Se os russos desistissem ou fossem chamados para alguma grande batalha em outra parte daquele horrível país...

Ficou pensando sobre o helicóptero que ouvira. Talvez estivesse numa missão que nada tinha a ver com Ellis. Parecia muito provável. Se era parte de um grupo de busca, então a tentativa de Mohammed de desviar os russos tivera um sucesso bastante limitado.

Ellis permitiu-se pensar no que aconteceria se fossem capturados. Ele seria levado a algum lugar espetacular, em que os russos provariam aos cépticos países não-alinhados que os rebeldes afegãos

não passavam de fantoches da CIA. O acordo entre Masud, Kam il e Azizi estaria liquidado. Não haveria armamentos americanos para os rebeldes.

Desanimada, a Resistência enfraqueceria e poderia não resistir por outro verão.

Depois do julgamento, Ellis seria interrogado pela KGB. Faria uma demonstração inicial de resistir à tortura, depois fingiria desmoronar e contaria tudo; mas só diria mentiras. Claro que eles estavam preparados para isso e o torturariam mais um pouco; e desta vez ele encenaria um colapso mais convincente, contaria uma mentira de fato e ficção que seria difícil conferir.

Esperava assim sobreviver. Se isso acontecesse, seria enviado para a Sibéria.

Depois de alguns anos poderia ser trocado por um espião soviético preso nos Estados Unidos. Se não, morreria nos campos.

Lamentaria acima de tudo a separação de Jane. Encontrara-a, perdera-a, tornara a encontrá-la — um golpe de sorte que o deixava tonto ao pensar a respeito. Perdê-la pela segunda vez seria insuportável, absolutamente insuportável. Continuou a contemplá-la por longo tempo, fazendo um esforço para não dormir, com receio de que ela não mais estivesse ali quando acordasse.

Jane sonhou que estava no Hotel George V, em Peshawar, Paquistão. O George V era em Paris, claro, mas no sonho ela não percebia a contradição. Ligou para a copa e pediu um filé ao ponto, purê de batata e uma garrafa de Chateau Ausone 1971. Sentia uma fome tremenda, mas não podia lembrar por que esperara tanto para pedir a comida. Resolveu tomar um banho enquanto preparavam seu jantar. O banheiro era quente, acarpetado. Ela abriu a água na banheira e despejou alguns saís de banho, e o banheiro se encheu com o vapor perfumado. Não podia entender como se deixara ficar tão suja: era uma mulher que a tivessem deixado entrar no hotel! Já estava prestes a entrar na água quente quando ouviu alguém gritar seu nome. Devia ser o garçom, pensou; o que era irritante — teria agora de comer ainda suja ou deixar que a comida esfriasse. Sentiu-se tentada a deitar na água quente e ignorar a voz — de qualquer forma, era uma grosseria o homem chamá-la de "Jane", quando deveria tratá-la por "Madame" — mas ela era muito insistente e parecia-lhe familiar. Não era o garçom, mas sim Ellis, que a sacudia pelo ombro; e com um trágico senso de desapontamento, Jane compreendeu

que o George V era um sonho, e na verdade se encontrava numa fria cabana de pedra no Nuristan, a um milhã de quilômetros de um banho quente.

Ela abriu os olhos e deparou com o rosto de Ellis, que estava dizendo:
☐ Você tem de acordar.

Jane sentia-se quase paralisada pela letargia.

☐ Já é de manhã? ☐ Não. De madrugada.

☐ Que horas são? ☐ Um a e meia.

☐ Mas que merda! ☐ Jane sentia-se irritada com ele por ter perturbado seu sono e indagou, irritada: ☐ Por que me acordou? ☐ Halam foi em bora.

☐ Foi em bora? ☐ Ela ainda estava sonolenta e confusa. ☐ Para onde? Por quê? Vai voltar?

☐ Ele não me disse. Despertei para descobrir que ele sumiu.

☐ Acha que ele nos abandonou? ☐ Acho.

☐ Oh, Deus! Com o encontrarem os caminho sem um guia? Jane tinha um pavor de pesadelo de se perder na neve com Chantal nos braços.

☐ Creio que a situação podia ser bem pior.

☐ Com o assim? ☐ Você disse que ele iria querer nos castigar por eu o ter humilhado na presença daquele milhã. Talvez nos abandonar seja a vingança suficiente. É o que espero. Mas presumo o que ele voltou pelo caminho por que viemos. Pode encontrar os russos. E não creio que eles precisem de muito tempo para persuadi-lo a revelar onde nos deixou exatamente.

☐ É demais ☐ me urtiu Jane, dominada por um sentimento de desgraça. Parecia que alguma divindade maligna estava conspirando contra eles. ☐ Estou muito cansada. Ficarei deitada aqui, dormindo, até que os russos cheguem e me capturem.

Chantal estava se mexendo em silêncio, deslocando a cabeça de um lado para o outro.

Com efeito então a chorar. Jane sentou e pegou-a.

□ Ainda podem os escapar se partirm os agora □ disse Ellis. □ Carregarei a égua enquanto

você am am enta Chantal.

□ Está bem .

Jane levou a filha ao seio. Ellis observou por um instante, sorrindo, depois saiu para a noite. Jane refletiu que poderiam escapar facilmente se não estivessem com Chantal. Com o Ellis se sentiria a respeito? Afinal, ela era filha de outro homem. Mas ele parecia não se importar.

Encarava Chantal com o parte de Jane. Ou escondia algum ressentimento? Ele gostaria de ser um pai para Chantal? Jane contem plou o rostinho, e os enormes olhos azuis a contem plaram de volta.

Quem poderia deixar de amar aquela garotinha desam parada? E de repente sentiu-se completamente indecisa em relação a tudo.

Não sabia o quanto amava Ellis; não sabia o que sentia por Jean-Pierre, o marido que a estava caçando; não podia imaginar qual era o seu dever para com a filha.

Tinha pavor da neve, das montanhas e dos russos, estava cansada, tensa e com frio há tempos demais. Automaticamente, trocou a fralda de Chantal, usando a seca que estava ao lado da fogueira. Não se lembrou de tê-la trocado na noite anterior. Tinha a impressão de que pegara no sono logo depois de amamentar a filha. Franziu o rosto, duvidando de sua memória, e depois recordou que Ellis a despertara por um instante para que se ajeitasse no saco de dormir. Ele devia ter levado a fralda suja para o regato, lavado, torcido, e pendurado num graveto ao lado do fogo para secar. Jane começou a chorar.

Sentia-se um pouco tola, mas não podia parar, e continuou a aprontar Chantal com as lágrimas escorrendo pelas faces. Ellis entrou quando ela ajeitava a filha na tipóia.

□ A droga da égua também não queria acordar. □ Ele reparou no rosto de Jane e perguntou: □ O que foi? □ Não sei por que deixei você um dia. É o melhor homem que já conheci e nunca deixei de amá-lo. Por favor, perdoe-me.

Ele abraçou-a e a Chantal.

□ Basta que nunca m ais faça isso.

Eles ficaram assim por algum tem po, até que Jane disse: □ Estou pronta.

□ Pois então vam os em bora.

Saíram e com eçaram a subir a encosta, pela vegetação cada vez m ais escassa. Halam levava a lanterna, m as a lua ainda estava no céu e podiam ver o cam inho claram ente.

O ar estava tão frio que doía o respirar. Jane preocupava-se com Chantal. A m enina estava m ais um a vez dentro do casaco forrado de pele de Jane, e ela esperava que seu corpo aquecesse o ar que a filha respirava. Poderia fazer m al a um a criança pequena respirar um ar tão frio? Jane não tinha a m enor ideia.

À frente ficava o Passo Kantiwar, a quatro m il e quinhentos m etros, m uito m ais alto que o desfiladeiro anterior, o Ary u. Jane sabia que sentiria ainda m ais frio, estaria m ais cansada do que em qualquer outra ocasião anterior de sua vida, e talvez m ais am edrontada tam bém ; apesar disso tudo, porém , estava anim ada. Sentia que resolvera algum a coisa no fundo de si m esm a. Se eu viver, pensou ela, será em com panhia de Ellis. E um dia desses lhe direi que foi porque ele lavou um a fralda suj a. Logo saíram das árvores e com eçaram a percorrer um platô que parecia um a paisagem lunar, com blocos de rocha e crateras, e m anchas irregulares de neve. Seguiram um a linha de im ensas pedras achatadas, com o as pegadas de um gigante. Ainda estavam subindo, em bora no m om ento o terreno fosse m enos íngrem e. A tem peratura foi caindo, as m anchas brancas aum entando, até que o solo ficou parecendo um tabuleiro de xadrez.

A energia nervosa m anteve Jane em m ovim ento durante a prim eira hora, m as depois, à m edida que se acostum ou à m archa interm inável, o cansaço voltou a dom iná-la. Queria perguntar Falta m uito? e Quando vam os chegar?, com o fazia quando era criança, no banco traseiro do carro do pai, durante as longas viagens pela Rodésia.

Em algum ponto da encosta eles cruzaram a linha do gelo. Jane tom ou conhecim ento do novo perigo quando a égua escorregou, resfolegou de m edo, quase caiu, e recuperou o equilíbrio.

Reparou então que o luar se refletia nos blocos de rocha com o se eles fossem vitrificados: pareciam diam antes, frios, duros, faiscantes. As botas de Jane tinham um a aderência m aior que os cascos de Maggie, m as m esm o assim , pouco depois, ela tam bém escorregou, e quase

caiu.

Desse momento em diante experimentou o pavor de cair e esmagar Chantal. Passou a avançar com extremo cuidado, os nervos tão tensos que poderiam romper.

Depois de pouco mais de duas horas chegaram ao outro lado do platô e se descobriram diante de uma trilha íngrem e por uma encosta coberta de neve. Ellis seguiu na frente, puxando Maggie. Jane foi atrás, a uma distância segura, com receio de que a égua pudesse escorregar para trás. Subiram em ziguezague.

A trilha não era muito bem definida. Presumiam que passava por onde o terreno era mais baixo que as áreas próximas. Jane ansiava por um sinal mais definido de que estavam no caminho certo: os restos de uma fogueira, a carcaça de uma galinha, até mesmo uma caixa de fósforos vazia, qualquer coisa que indicasse que outros seres humanos já haviam passado por ali.

Começou a pensar, de maneira obsessiva, que estavam completamente perdidos, vagueando pelo interminável; e assim continuariam por dias e dias, até ficarem sem comida, energia e força de vontade, deitando-se então na neve, todos os três, para congelarem até a morte.

Sentia uma dor insuportável nas costas. Com muita relutância, entregou Chantal a Ellis e pegou a rédea da égua, transferindo o esforço para outros músculos. Agora a mal-dita égua tropeçava a todo instante. Em determinado momento, escorregou numa rocha coberta de gelo e caiu. Jane teve de puxá-la implacavelmente pela rédea para fazer com que se levantasse.

Quando Maggie finalmente ficou de pé, ela viu uma mancha escura na neve, no lugar onde o corpo estivera: sangue. Examinando a égua, Jane encontrou um talho no jarrete esquerdo.

O ferimento não parecia grave, e ela obrigou Maggie a continuar a andar.

Agora que estava na frente, ela tinha de decidir para que lado seguia a trilha; o pesadelo de se perder de forma irreversível tornava cada hesitação angustiante.

Havia ocasiões em que o caminho parecia se bifurcar, e ela tinha de decidir se seguiam pela esquerda ou pela direita. Em outros trechos, o terreno era mais ou menos uniforme, e ela seguia o seu instinto, até

que um arremedo de trilha reaparecia. Houve uma ocasião em que afundou num monte de neve e teve de ser retirada por Ellis, com a ajuda da égua.

A trilha acabou levando-a a uma platibanda que subia pela encosta da montanha.

Estavam muito alto: olhar para trás, através do platô lá em baixo, deixava-a tonta. Será que ainda estavam muito longe do desfiladeiro?

A platibanda era íngrem e, coberta de gelo, apenas alguns palmos de largura, com um precipício ao lado. Jane avançava com extremo cuidado, mas assim mesmo tropeçou várias vezes e chegou a cair de joelhos, machucando-os. O corpo todo estava tão dolorido que ela notou as novas dores. Maggie escorregava constantemente, até que Jane não mais se deu o

trabalho de virar ao ouvir os cascos deslizarem, limitando-se a puxar a rédea com mais força.

Gostaria de reajustar a carga, a fim de que as bolsas pesadas ficassem mais à frente, o que proporcionaria melhor estabilidade a Maggie na subida; mas não havia espaço suficiente na platibanda e ela receava não poder recomendar-se parasse.

A platibanda se estreitava e contornava uma projeção na encosta. Jane passou pelo ponto mais estreito com passos cautelosos. Apesar da cautela, no entanto □ ou talvez porque estivesse tão nervosa □ acabou escorregando. Por um momento angustiante pensou que cairia pela beira; mas caiu de joelhos e firmou-se com as mãos. Pelo canto do olho podia divisar, dezenas de metros abaixo, as encostas nevadas. Com esforço a tremor, mas controlou-se com um grande esforço.

Levantou devagar e virou-se. Largara a rédea, que agora pendia sobre o precipício. A égua estava parada, observando-a, as pernas rígidas e trêmulas, obviamente apavorada.

Quando Jane estendeu a mão para pegar a rédea, Maggie deu um passo para trás, em pânico.

□ Pare! □ gritou Jane. Controlando-se, acrescentou, em tom mais suave: □ Não faça isso. Venha comigo. Tudo vai acabar bem .

Ellis gritou do outro lado da projeção: □ O que aconteceu? □ Fique quieto □ respondeu Jane, suavemente. □ Maggie está -apavorada.

Não chegue perto.

Ela estava terrivelmente consciente de que Ellis carregava Chantal. Continuou a murmurar palavras tranquilizadoras para a égua, enquanto avançava, devagar. Maggie não desviava os olhos dela, a respiração saindo com o fumaça pelas narinas trêmulas. Jane estava prestes a pegar a rédea.

Maggie sacudiu a cabeça, recuou, escorregou, perdeu o equilíbrio. Quando Maggie empurrou a cabeça para trás, Jane pegou a rédea. Mas as pernas da égua não aguentaram e ela caiu para a direita. A rédea escapuliu da mão de Jane e, para seu horror indescritível, viu Maggie deslizar lentamente para o precipício e cair, relinchando de terror. Ellis apareceu.

— Pare! — gritou ele.

Jane compreendeu então que estava gritando. Fechou a boca bruscamente. Ellis ajoelhou-se e espiou pela beira, ainda segurando Chantal contra o peito, por baixo do casaco. Jane controlou sua histeria e foi se ajoelhar ao lado.

Esperava avistar o corpo da égua na neve, dezenas de metros abaixo. Mas Maggie caíra numa prateleira apenas dois ou três metros abaixo, estava estendida de lado, as patas no vazio.

— Ainda está viva! — gritou Jane. — Graças a Deus! — E nossos suprimidos estão intactos

— comentou Ellis, sem qualquer sentimento.

— Mas como podem os trazer Maggie aqui para cima? Ellis fitou-a, sem dizer nada. Jane compreendeu que não poderiam trazer a égua de volta à trilha.

— Mas não podem os deixá-la aqui para morrer no frio! — lamentou muito — murmurou Ellis.

— Oh, Deus, é demais! Ellis abriu o casaco e tirou Chantal. Jane pegou a filha e a acomodou dentro de seu casaco.

— Pegarei primeiro a comida — disse Ellis. Estendeu-se de barriga na beira e esticou os pés. A neve solta espalhou-se sobre a égua. Ellis baixou devagar, os pés procurando por apoio.

Quando tocaram num ponto firme, ele tirou os cotovelos da beira e

virou-se com extrem o

cuidado.

Jane observava-o, paralisada. Entre a garupa da égua e a encosta do penhasco não havia espaço suficiente para que os pés de Ellis ficassem lado a lado: ele tinha de m anter um pé atrás do outro, com o um a figura de pintura em parede do antigo Egito. Ele dobrou os j oelhos, abaixou lentam ente para um a posição agachada, e estendeu a m ão para a teia de tiras de couro que seguravam a bolsa de lona das rações de em ergência. Nesse m om ento a égua resolveu se levantar.

Dobrou as pernas dianteiras e deu um j eito de m etê-las por baixo do corpo; depois, com o contorcer fam iliar, parecido com um a cobra, de um cavalo levantando, ergueu a frente do corpo e tentou virar as pernas traseiras na prateleira. Quase conseguiu.

Mas as patas traseiras escorregaram , ela perdeu o equilíbrio, e a parte de trás do corpo caiu de lado. Ellis agarrou o saco com a com ida. Pouco a pouco, a égua foi deslizando, escoiceando e se debatendo. Jane estava apavorada com a possibilidade de Ellis ser atingido.

Inexoravelm ente, Maggie foi escorregando pela beira. Ellis puxou o saco, não m ais tentando salvar a égua, m as esperando arrebentar as tiras de couro e ficar com a com ida. Estava tão determ inado que Jane tem eu que pudesse deixar Maggie arrastá-lo para o precipício. A égua deslizou m ais depressa, aproxim ando Ellis da beira. No últim o segundo ele largou o saco com um grito de frustração.

Maggie fez um barulho que parecia um grito e caiu no vazio, rolando repetidas vezes, e levando consigo toda a com ida, os suprim entos m édicos, o saco de dorm ir e a fralda de reserva de Chantal. Jane desatou a chorar.

Poucos m inutos depois Ellis subiu para a platibanda. Abraçou-a e ficou aj oelhado ao seu lado por algum tem po, enquanto Jane chorava, pela égua, os suprim entos, suas pernas doloridas, seus pés gelados. Depois levantou-se puxando-a gentilm ente.

☐ Não podem os parar.

☐ Mas com o vam os continuar? ☐ indagou Jane. ☐ Não tem os nada para com er, não podem os ferver água, não tem os sacos de dorm ir nem rem édios...

☐ Tem os um ao outro.

Ela o abraçou, m uito tensa, lem brando de com o ele estivera perto da beira. Se sobreviverm os, pensou Jane, se conseguirm os escapar aos russos e voltarm os à Europa, j uro que nunca m ais o deixarei ficar longe de m inha vista.

□ Você vai na frente □ disse Ellis, desvencilhando-se do abraço. □ Quero poder vê-la.

Ele em purrou-a delicadam ente, e, com o um autôm ato, Jane recom eçou a subir pela encosta. Pouco a pouco, seu desespero voltou. Resolveu que seu obj etivo seria sim plesm ente continuar a andar até cair m orta. Depois de algum tem po, Chantal com eçou a chorar. Jane ignorou-a e ela acabou parando.

Mais tarde □ podiam ter sido m inutos ou horas, pois ela perdera a noção do tem po □

quando Jane virava um a curva, Ellis alcançou-a e deteve-a, pondo a m ão em seu braço.

□ Olhe □ disse ele, apontando para a frente.

A trilha descia para um vasto círculo de colinas, m argeado por m ontanhas de picos brancos. A princípio, Jane não com preendeu por que Ellis dissera Olhe, m as depois percebeu; a trilha estava descendo.

□ Este é o ponto m ais alto? □ perguntou ela, apaticam ente.

□ É, sim . Estam os no Passo Kantiwar. Já passam os pela parte m ais difícil desta etapa. O

percurso será em descida durante os dois próxim os dias, e a tem peratura vai esquentar.

Jane sentou-se num a pedra gelada. Consegui, pensou ela. Consegui.

Enquanto os dois contem plavam as colinas pretas, o céu além dos picos das m ontanhas passou de cinza a rosado. O dia estava nascendo. Enquanto a luz se insinuava lentam ente pelo céu, um pouco de esperança voltou ao coração de Jane. Para baixo, pensou ela. Vai ficar m ais quente. Talvez possam os escapar.

Chantal voltou a chorar. Seu suprim ento de com ida não desaparecera com Maggie. Jane am am entou□ a, sentada na pedra gelada, no teto do m undo, enquanto Ellis derretia neve nas m ãos para que ela bebesse.

A descida para o Vale Kantiwar era um a encosta relativam ente suave, m as m uito gelada a princípio. Mas não era tão angustiante, agora que não tinham de se preocupar com a égua. Ellis, que não escorregara um a só vez durante a subida, carregava Chantal.

À frente, o céu da m anã tornou-se verm elho, com o se o m undo além das m ontanhas estivesse em fogo. Os pés de Jane ainda se encontravam entorpecidos pelo frio, m as o nariz descongelara. E de repente ela descobriu que sentia um a trem enda fom e. Teriam de continuar andando até encontrarem pessoas. E tudo o que tinham agora para trocar era o TNT nos bolsos de Ellis. Depois disso, teriam de contar com a tradicional hospitalidade afegã.

E tam bém estavam sem qualquer coisa onde se deitar. Teriam de dorm ir com os casacos e botas. Mas Jane tinha a sensação de que poderiam resolver todos os problem as.

Até m esm o encontrar a trilha era fácil agora, pois as paredes do vale, nos dois lados, proporcionavam um a orientação perm anente e lim itavam a distância pela qual poderiam se desviar. Não dem orou m uito para que encontrassem um pequeno regato correndo ao lado do cam inho: estavam de novo abaixo da linha do gelo. O terreno era bastante suave, e se ainda tivessem a égua, poderiam até m ontá-la.

Depois de m ais duas horas, pararam para descansar à entrada de um a garganta. Jane tirou Chantal de Ellis. À frente, a descida tornava-se irregular e íngrem e, m as as pedras não eram escorregadias, porque estavam abaixo da linha do gelo. A garganta era bastante estreita e podia m uito bem estar bloqueada.

□ Espero que não haj a desm oronam entos lá em baixo □ com entou Jane.

Ellis olhava para o outro lado, vale acim a. Teve um súbito sobressalto e exclam ou: □

Santo Deus! □ O que houve? Jane virou-se e acom panhou seu olhar, sentindo um aperto no coração. Lá atrás, cerca de um quilôm etro e m eio acim a, havia m eia dúzia de hom ens de uniform e e um cavalo: o grupo de busca. Depois de tudo isso, pensou Jane, depois de tudo o que passam os, eles acabaram nos alcançando. Sentiu-se desesperada dem ais até para chorar. Ellis segurou-a pelo braço e disse: □ Vam os em bora, depressa! Ele com eçou a descer pela garganta, puxando-a. Jane balbuciou, cansada: □ De que adianta? Eles vão nos alcançar, com toda certeza.

□ Ainda nos resta um a chance.

Enquanto andavam , Ellis observava atentamente as íngremes encostas rochosas da garganta.

□ Qual? □ Um desmoronamento.

□ Eles encontrarão uma passagem ou darão a volta.

□ Não se fiquem todos soterrados.

Ele parou num ponto em que o fundo da garganta tinha apenas alguns palmos de largura e uma parede muito íngrem e alta, murmurando: □ Aqui está perfeito.

Tirou dos bolsos um bloco de TNT, um rolo de fio escrito Prim acord, um pequeno objeto de metal mais ou menos do tamanho de uma Tampa de caneta-tinteiro e algo que parecia uma seringa de metal, só que a ponta tinha uma argola de puxar, em vez de um embolo. Pôs tudo no chão.

Jane observava-o aturdida. Não se atrevia a acalentar qualquer esperança.

Ele fixou o pequeno objeto de metal numa extremidade do Prim acord, prendendo-o com os dentes; depois, fixou o objeto de metal na extremidade afilada da seringa. Entregou toda a montagem a Jane.

□ Vou explicar o que você tem de fazer □ disse ele. □ Desça pela garganta, esticando o fio. Tente escondê-lo. Não tem importância se estendê-lo pelo regato... essa coisa queima até debaixo d'água. Quando chegar à extremidade do fio, puxe as travas de segurança, assim . □ Ellis mostrou com o puxar os pinos que penetravam pela seringa. □ E depois fique olhando para mim .

Espere até que eu acene com os braços por cima da cabeça, assim .

Ele mostrou com o braço e arrematou: □ E depois puxe a argola. Se tudo der certo, podemos matar todos os russos. E agora vá! Jane seguiu as ordens com o um robô, sem pensar. Desceu pela garganta, estendendo o fio. A princípio escondeu-o por trás de arbustos baixos, depois estendeu-o pelo leito do regato. Chantal dormia na tipóia, balançando gentilmente enquanto Jane andava.

Depois de um minuto ela olhou para trás. Ellis estava ajustando o TNT numa fenda na rocha. Jane sem acreditar que os explosivos

podiam explodir espontaneamente se manipulados com brusquidão: era evidente que se tratava de um equívoco.

Ela continuou a andar, até que o fio em sua mão estava esticado. Tornou a virar-se. Ellis estava agora escalando a parede da garganta, à procura da melhor posição para observar os russos se aproximarem da armadilha.

Ela sentou-se ao lado do regato. O corpinho de Chantal repousava em seu colo. A tipóia estava frouxa, aliviando a pressão do peso das costas de Jane. As palavras de Ellis martelavam -

lhe com insistência na mente: Se tudo der certo, podem os matar todos os russos. Mas daria morte? Todos matariam?

E o que fariam depois os outros russos? A cabeça de Jane comecou a desanuiar e ela refletiu sobre a provável sequência de acontecimentos. Dentro de uma ou duas horas alguém notaria que o grupo não fazia contato há algum tempo e tentaria chamá-lo pelo rádio.

Descobrimos ser impossível, presumiram que o grupo se encontrava numa garganta profunda ou que seu rádio estava com defeito. Depois de mais duas horas sem contato, mandariam um helicóptero procurar pelo grupo, presumindo que o oficial no comando teria o bom senso de acender uma fogueira ou fazer qualquer outra coisa que tornasse a sua posição visível do ar.

Depois que isso falhasse, os homens no quartel-general comecariam a se preocupar. Em algum momento enviariam outro grupo de busca para procurar o que desaparecera. O novo grupo teria de percorrer o mesmo terreno. Não poderiam concluir a viagem naquele dia, e seria impossível procurar direito à noite. Quando encontrassem os corpos, Ellis e Jane já teriam pelo menos um dia e meio de vantagem, talvez mais. Poderia ser suficiente, pensou Jane: a esta altura, ela e Ellis já teriam passado por tantas bifurcações, vales laterais e rotas alternativas que encontrar a pista

poderia ser impossível. Mas tenho minhas dúvidas, pensou ela, cansada. Talvez este seja o fim.

Gostaria que os soldados se apressassem. Não posso mais aguentar a expectativa. Estou com tanto medo! Ela podia ver Ellis claramente, engatinhando pelo topo do penhasco. Podia ver também o grupo de busca, que descia pelo vale. Mesmo à distância, eles pareciam sujos, e os ombros vergados e os pés arrastando mostravam que estavam cansados e desanimados. Ainda não a tinham avistado, pois ela se

confundia com a paisagem .

Ellis agachou-se por trás de um afloramento na rocha e observou pelo lado os soldados que se aproximavam . Ele era visível para Jane, mas os russos não podiam vê-lo.

E ele tinha uma visão livre do lugar em que pusera os explosivos.

Os soldados chegaram à entrada da garganta e começaram a descer. Um deles, de bigode, montava o cavalo: devia ser o oficial. Outro usava um gorro chitrali. Aquele é Halam , o traidor, pensou Jane. Depois do que Jean-Pierre fizera, a traição lhe parecia um crime imperdoável. Havia outros cinco homens, todos com os cabelos curtos, quepes militares, rostos jovens e raspados. Dois homens e cinco garotos, pensou Jane.

Ela olhou para Ellis. Ele daria o sinal a qualquer momento agora. Jane sentiu o pescoço com o estalar da tensão de observá-lo.

Os soldados ainda não a tinham avistado: concentravam-se em encontrar o caminho pelo terreno rochoso. Ellis finalmente virou-se para ela e sacudiu os braços por cima da cabeça, num movimento lento, determinado.

Jane tornou a olhar para os soldados. Um deles estendeu a mão e pegou a rédea do cavalo, a fim de ajudá-lo a transpor o terreno irregular, Jane segurava o artefato com a mão esquerda, o indicador da mão direita enganchado na argola. Um puxão acenderia o estopim e detonaria o TNT, fazendo o penhasco desabar sobre os seus perseguidores.

Cinco garotos, pensou ela. Ingressaram no exército porque são pobres ou tolos, talvez as duas coisas, ou então porque foram recrutados. Serviam num país frio e inóspito, onde o povo os odiava. Marchavam por um terreno montanhoso e gelado. E seriam enterrados sob um desmoronamento, as cabeças esmagadas, os pulmões sufocados pela terra, as costas quebradas, sangrando até a morte, cruzação e terror. Cinco cartas a serem escritas a pais orgulhosos e mães preocupadas: o pesar de informar, morreu em ação, a luta histórica contra as forças da reação, ato de heroísmo, condecoração póstuma, as mães profundas condolências. As mães profundas condolências. O desdém da mãe por essas palavras sonoras, enquanto recordava com o coração à luz em dor e medo, alimentara o filho nos momentos difíceis e fáceis, ensinara-o a andar, a lavar as mãos e a escrever o nome, mandara-o para a escola; com o que observara crescer e crescer, até ficar

quase tão alto quanto ela, depois ainda mais alto, até ficar preparado para ganhar o próprio sustento e casar com uma moça saudável, iniciar sua família, dar-lhe netos. O

desespero da mãe ao compreender que tudo isso, as coisas que fizera, o sofrimento, trabalho e preocupação, tudo fora por nada: aquele menino ilustre, seu filho homem, fora destruído por homens arrogantes, numa guerra estúpida e inútil. O senso de perda. O senso de perda.

Jane ouviu Ellis gritar. Levantou os olhos. Ele estava de pé, sem se importar agora que o vissem, acenando vigorosamente com os braços e berrando: "Agora! Agora!" com todo cuidado, ela largou o artefato de disparo no chão, ao lado do regato.

Os soldados avistaram os dois. Dois homens com eles a subir pela encosta da garganta, a caminho do lugar onde Ellis estava. Os outros cercaram Jane, apontando os rifles para ela e a

criança, parecendo aturdidos e embaraçados. Ela os ignorou e ficou olhando para Ellis.

Ele desceu pelo lado da garganta. Os homens que subiam em seu encalço pararam e esperaram para ver o que ele faria. Ellis chegou ao fundo e avançou devagar na direção de Jane, parando à sua frente.

"Por quê?" disse ele. "Por que não o fez? Porque eles são tão jovens, pensou Jane; porque são jovens e inocentes, não querem me matar. Porque seria assassinato. Mas, acima de tudo..."

"Porque eles têm mães" murmurou ela.

Jean-Pierre abriu os olhos. O vulto corpulento de Anatoly estava agachado ao lado da cama de cama panha. Por trás de Anatoly, os raios de sol entravam pela abertura da barraca.

Jean-Pierre experimentou um momento de pânico, sem saber por que dormira até tão tarde ou o que perdera; e depois, num relance, recordou os acontecimentos da noite.

Ele e Anatoly estavam acampados no acesso ao Passo Kantiwar. Havia sido despertados por volta das duas e meia da madrugada pelo capitão que comandava o grupo de busca, que por sua vez fora despertado pelo soldado de sentinela. Um jovem afegão chamado Halam aparecera no acampamento, explicara o capitão. Usando um misto de inglês, francês e russo, Halam informara que era o guia dos americanos fugitivos, mas os abandonara por ter sido insultado.

Ao ser perguntado onde estavam os "am ericanos", ele se oferecera para levar os russos à cabana de pedra onde os dois fugitivos dormiam naquele momento, sem suspeitarem de nada.

Jean-Pierre quisera entrar imediatamente no helicóptero e seguir para o local. Anatoly se mostrou mais controlado.

□ Tem os um ditado na Mongólia: não fique de pau duro até que a puta abra as pernas.

Halam pode estar entendido. E se diz a verdade, ainda assim pode não encontrar a cabana de pedra, especialmente à noite, e do ar. E mesmo o que ele encontre, é possível que Ellis e Jane já tenham partido.

□ O que acha então que devem os fazer? □ Vam os enviar um a expedição... um capitão, cinco soldados e um cavalo, acompanhados por esse Halam. Podem partir agora. E nós descansarem os até eles encontrarem os fugitivos.

A cautela de Anatoly se justificara. O grupo informou pelo rádio, às três e meia da madrugada, que a cabana estava vazia. Mas a fogueira ainda estava acesa, o que significava que Halam provavelmente estava dizendo a verdade.

Anatoly e Jean-Pierre concluíram que Ellis e Jane haviam acordado durante a noite, descoberto que o guia desaparecera e resolvido fugir. Anatoly ordenara que o grupo avançado fosse atrás deles, confiando em Halam para indicar o percurso mais provável.

A esta altura Jean-Pierre fora deitar e mergulhara num sono pesado, sendo esse o motivo pelo qual não acordara ao amanhecer. Agora, ele fitou com olhos remelentos o vulto de Anatoly e perguntou: □ Que horas são? □ Oito. E já os capturam os.

O coração de Jean-Pierre disparou... e no instante seguinte ele lembrou que já se sentira assim antes e acabara decepcionado.

□ Tem certeza? □ Podem os ir verificar assim que você vestir as calças.

Tudo aconteceu muito depressa. Um helicóptero de reabastecimento chegou no momento em que eles estavam prontos para partir e Anatoly achou que era mais sensato esperar alguns

minutos, enquanto os tanques eram enchidos. Jean-Pierre foi obrigado a conter sua intensa impaciência por mais algum tempo.

Partiram poucos minutos depois. Jean-Pierre contemplava a paisagem pela porta aberta.

Enquanto subiam pelas montanhas, ele compreendeu que era o território mais desolado e inóspito que já conhecera no Afeganistão. Jane teria mesmo atravessado aquela paisagem lunar, coberta de gelo, brutal, com uma criança nos braços? Ela deve mesmo odiar muito, pensou Jean-Pierre, para enfrentar tudo isso a fim de escapar de mim. Descobrirá agora que foi tudo em vão. Ela é minha para sempre.

Mas Jane teria sido mesmo capturada? Ficou apavorado com a possibilidade de outro desapontamento. Quando pousasse, descobriria que os russos haviam capturado outro casal de hippies, dois montanhistas fanáticos ou mesmo um par de nômades que pareciam vagamente europeus? Anatoly apontou para o Passo Kantiwar ao sobrevoarem e gritou no ouvido de Jean-Pierre, por cima do barulho dos motores e do vento: □ Parece que eles perderam o cavalo.

Jean-Pierre avistou os contornos de um cavalo morto na neve abaixo da passagem.

Perguntou-se se seria Maggie. Até que esperava que fosse aquela égua teimosa.

Desceram para o Vale Kantiwar, esquadrinhando o terreno à procura do grupo avançado.

Acabaram avistando fumaça: alguém acendera um fogo para orientá-los. Desceram num trecho plano, perto da entrada de uma garganta. Jean-Pierre observou atentamente enquanto baixavam: avistou três ou quatro homens em uniformes russos, mas não viu Jane.

O helicóptero pousou. O coração de Jean-Pierre começava a sair pela boca. Ele pulou para o solo, sentindo-se nauseado de tanta tensão. Anatoly pulou ao seu lado. O capitão levou-os para longe dos helicópteros, garganta abaixo. E lá estavam eles.

Jean-Pierre sentiu-se como alguém que foi torturado e agora tem o torturador sob o seu poder. Jane estava sentada no chão, ao lado de um regato, com Chantal no colo.

Ellis estava de pé atrás dela. Os dois pareciam exaustos, derrotados, desmoralizados.

Jean-Pierre parou e ordenou a Jane: □ Venha até aqui.

Ela levantou-se e adiantou-se. Jean-Pierre reparou que ela carregava Chantal num a espécie de tipóia pendurada do pescoço, o que lhe deixava as m ãos livres. Ellis fez m enção de segui-la, e Jean-Pierre disse: □ Você não.

Ellis parou. Jane postou-se diante de Jean-Pierre e fitou-o. Ele levantou a m ão direita e esbofeteou-a com toda força. Foi o golpe m ais gratificante que j á aplicara em toda a sua vida.

Jane cam baleou para trás e Jean-Pierre pensou que ela cairia; m as ela conseguiu m anter o equilíbrio e fitou-o fixam ente, com um a expressão de desafio, as lágrim as escorrendo pelo rosto.

Por cim a do om bro de Jane, Jean-Pierre viu Ellis dar um passo súbito para a frente e depois se conter. Jean-Pierre ficou um pouco desapontado: se Ellis tentasse fazer algum a coisa, os soldados o cercariam e espancariam . Não im porta: ele receberá a surra que m erece m uito em breve.

Jean-Pierre levantou a m ão para esbofetear Jane outra vez. Ela se encolheu e cobriu Chantal com os braços, num gesto protetor. Jean-Pierre m udou de ideia.

□ Haverá bastante tem po para isso depois □ disse ele, baixando a m ão. □ Bastante tem po.

Ele virou-se e voltou ao helicóptero. Jane olhou para Chantal. A m enina parecia fitá-la tam bém , desperta, m as não com fom e. Jane abraçou-a, com o se fosse a filha que precisasse de conforto. De certa form a, sentia-se contente por Jean-Pierre tê-la agredido, em bora o rosto ainda

ardesse com a dor e a hum ilhação. O golpe fora com o a sentença inapelável num divórcio: significava que o casam ento estava encerrado, finalm ente, oficialm ente, definitivam ente, e ela não tinha m ais qualquer responsabilidade.

Se ele chorasse, pedisse perdão ou suplicasse que ela não o odiasse pelo que fizera, Jane teria se sentido culpada. Mas a bofetada acabara com tudo isso. Não lhe restava m ais nenhum sentim ento por Jean-Pierre, nenhum am or, respeito ou m esm o com paixão. Era irônico, pensou ela, que se sentisse com pletam ente livre de Jean-Pierre no instante m esm o em que ele a capturava.

Até aquele momento, um capitão estivera no comando, o que mantinha no cavalo. Mas agora quem assumiu o controle foi Anatoly, o contato de aparência oriental de Jean-Pierre.

Enquanto ele dava ordens, Jane descobriu que entendia suas palavras. Há mais de um ano que não ouvia alguém falar em russo, e a princípio soou com o um a algaravia ininteligível, mas passou a compreender cada palavra depois que os ouvidos entraram em sintonia. No momento ele dizia a um soldado que prendesse as mãos de Ellis.

O soldado, aparentemente preparado para isso, tirou do bolso um par de algemas. Ellis estendeu as mãos à frente, cooperativo, e o soldado algemou-o.

Ellis parecia intimado e abatido. Vendo-o algemado, derrotado, Jane experimentou um ímpeto de compaixão e desespero, e lágrimas as afloraram a seus olhos.

O soldado indagou se deveria também algemar Jane.

— Não — respondeu Anatoly. — Ela está com a criança. Os dois foram conduzidos ao helicóptero. Ellis murmurou: — Sinto muito. Por Jean-Pierre. Eu não podia alcançá-lo... Jane sacudiu a cabeça para indicar que não havia necessidade de desculpa, mas não foi capaz de falar.

A submissão total de Ellis deixava-a furiosa, não com ele, mas com todos os outros, por levarem-na àquela situação: Jean-Pierre, Anatoly, Halam e todos os russos.

Quase desejou ter detonado o explosivo.

Ellis embarcou no helicóptero, depois estendeu a mão para ajudá-la a subir. Jane segurou Chantal com o braço esquerdo, a fim de manter a tipóia firme, e deu-lhe a mão direita. Ele puxou-a. No momento em que ela estava mais perto, Ellis murmurou; — Assim que decolarmos, dê um tapa em Jean-Pierre. Jane ficou chocada demais para reagir, o que provavelmente foi uma sorte. Ninguém mais parecia ter ouvido Ellis e de qualquer forma nenhum dos outros entendia muito o inglês. Ela concentrou-se em tentar parecer normal.

A cabine de passageiros era pequena e despojada, com um teto baixo que obrigava os homens a se inclinarem. Não havia mais nada além de um banco preso na fuselagem, em frente à porta. Jane sentou-se, agradecida. Podia ver a carlinga. O assento do piloto ficava a cerca de um metro do chão, com um degrau ao lado para o acesso.

O piloto ainda estava ali — a tripulação não desembarcava — os rotores girando. O barulho era muito alto.

Ellis agachou-se no chão, ao lado de Jane, entre o banco e o assento do piloto.

Anatoly embarcou, acompanhado por um soldado. Falou com o soldado, apontando para Ellis. Jane não pôde ouvir, mas era evidente, pela reação do soldado, que fora uma ordem para vigiar Ellis: o soldado tirou o rifle do ombro e empunhou-o com as duas mãos. Jean-Pierre embarcou por último. Ficou de pé junto à porta aberta, olhando para fora, enquanto o helicóptero

alçava voo. Jane entrou em pânico. Ellis podia lhe dizer para esbofetear Jean-Pierre no ombro enquanto em que decolassem, mas como se poderia fazer? Jean-Pierre estava agora virado para o outro lado, junto à porta aberta; se ela tentasse agredi-lo, talvez perdesse o equilíbrio e caísse do helicóptero. Ela olhou para Ellis, esperando por uma orientação. Havia uma expressão tensa no rosto dele, mas ele não a fitou.

O helicóptero subiu por dois ou três metros, e parou por um momento, depois fez uma volta, adquirindo velocidade e recomeçando a subir.

Jean-Pierre virou-se, avançou pela cabine, verificou que não tinha onde se sentar. Hesitou por um instante. Jane sabia que devia se levantar e esbofeteá-lo — embaraçada não tivesse a menor ideia do motivo para isso — mas estava paralisada no banco, imobilizada pelo pânico. Foi nesse instante que Jean-Pierre sacudiu o polegar em sua direção, indicando que ela deveria se levantar.

E Jane explodiu.

Estava exausta e angustiada, dolorida, faminta, desesperada, e Jean-Pierre queria que se levantasse, ficasse de pé com a filha nos braços, a fim de que ele pudesse se sentar. O aceno desdenhoso com o polegar parecia resumir toda a sua crueldade, maldade e traição, deixando-a enfurecida. Ela se levantou, com Chantal balançando de seu pescoço, e avançou para Jean-Pierre, gritando: — Filho da puta! Filho da puta! Suas palavras se perderam no barulho dos rotores e do vento, mas a expressão provavelmente chocou Jean-Pierre, porque ele deu um passo para trás, surpreso.

— Odeio você! — berrou Jane.

E ela correu para Jean-Pierre, as mãos estendidas, em purrando-o pela porta aberta.

Os russos haviam cometido um erro. Bem pequeno, mas era tudo de que Ellis dispunha, e ele estava disposto a tirar o máximo de proveito. O erro fora alguém arrastar suas mãos na frente, e não nas costas.

Ele torcera para que não o incomodassem e fora por isso que não fizera coisa alguma, com um esforço sobre-humano, quando Jean-Pierre agredira Jane. Houvera uma possibilidade de que não o alguém assim: afinal, estava desarmado e em inferioridade numérica. Mas Anatoly, ao que tudo indicava, era um homem cauteloso.

Mas, felizmente, não fora Anatoly quem lhe pusera as algemas, e sim um soldado. Os soldados sabiam que era mais fácil lidar com um prisioneiro que estivesse com as mãos inquietadas na frente. Assim, havia uma possibilidade de que ele caísse e poderia entrar e sair de caminhões e helicópteros sem precisar de ajuda. Quando Ellis estendera as mãos à frente, submisso, o soldado não hesitara.

Sem ajuda, Ellis não poderia dominar três homens, especialmente quando pelo menos um deles estava armado. Suas chances numa luta direta eram inexistentes. Sua única esperança era derrubar o helicóptero.

Houve um instante em que o tempo pareceu parar, com Jane de pé junto à porta aberta, imóvel, a filha balançando de seu pescoço, olhando com uma expressão horrorizada, enquanto Jean-Pierre caía pelo espaço. Ellis pensou: Estão os apenas quatro ou cinco metros de altura, o filho da puta deve sobreviver, o que é uma pena. E no instante seguinte Anatoly levantou-se de um pulo e agarrou os braços de Jane por trás, imobilizando-a. Agora, Anatoly e Jane estavam entre Ellis e o soldado, no outro lado da cabine.

Ellis virou-se, levantou-se para o degrau ao lado do assento do piloto, passou os braços

alguém pelos cabelos do homem e puxou a corrente para a carne da garganta, com toda força.

O piloto não entrou em pânico.

Mantendo os pés nos pedais e a mão esquerda na alavanca de comando, ele levantou a mão direita e agarrou os pulsos de Ellis.

Ellis experimentou um momento de pavor. Era a sua última chance

e só dispunha de um ou dois segundos. O soldado na cabine teria receio a princípio de usar o rifle, com medo de acertar o piloto; e Anatoly, se estivesse armado, partilharia o temor; mas dentro de um momento um dos dois compreenderia que nada tinham a perder, já que se não atirassem em Ellis o aparelho cairia de qualquer maneira, e então assumiriam o risco.

Os ombros de Ellis foram agarrados por trás. Um vislumbre de uma mancha cinza-escura revelou-lhe que era Anatoly. Na frente do helicóptero o artilheiro virou-se, viu o que estava acontecendo e começou a se levantar.

Ellis sacudiu freneticamente a corrente. A dor foi demais para o piloto, que ergueu também a outra mão e levantou-se do assento.

Assim que as mãos e os pés do piloto deixaram os controles, o helicóptero começou a balançar ao vento. Ellis estava preparado para isso e manteve o equilíbrio, encostando-se no assento do piloto; mas Anatoly, às suas costas, perdeu o equilíbrio e largou-o.

Ellis arrancou o piloto do assento e jogou-o no chão, depois se inclinou e empurrou para baixo a alavanca de comando.

O helicóptero caiu com o um a pedra.

Ellis virou-se, preparando-se para o impacto.

O piloto estava no chão da cabine, a seus pés, as mãos na garganta. Anatoly caiu no meio da cabine. Jane estava agachada num canto, os braços envolvendo Chantal, num gesto protetor. O soldado também caiu, mas recuperara o equilíbrio e estava agora apoiado num joelho, levantando a arma na direção de Ellis.

Eno instante em que ele puxava o gatilho as rodas do helicóptero bateram no chão.

O impacto fez Ellis cair de joelhos, mas ele estava preparado e não se desequilibrou. O

soldado cambaleou para o lado, os tiros passando pela fuselagem, a um metro da cabeça de Ellis, e depois tombou para a frente, largando a arma e estendendo as mãos para amortecer a queda.

Ellis inclinou-se, pegou o Kalashnikov, segurando-o no meio do peito desajeitado com as mãos algemadas. Foi um momento de pura alegria.

Estava reagindo. Fugira, fora capturado e humilhado, sofrerá frio, fome e em edo, ficara im potente enquanto Jane era esbofeteada; mas agora, finalmente, tinha uma oportunidade de fincar pé e lutar.

Pôs o dedo no gatilho. As mãos estavam algemadas muito perto para que segurasse o Kalashnikov na posição normal, mas conseguiu sustentar o cano de forma anticonvencional, usando a mão esquerda para pegar o pente curvo que se projetava logo à frente da guarda do gatilho.

O motor do helicóptero deu um estalo e os rotores começaram a girar mais devagar. Ellis olhou para a frente do aparelho e viu o artilheiro saindo pela porta lateral do piloto. Precisava controlar a situação o mais depressa possível, antes que os russos lá fora entrassem em ação.

Ele aproximou-se de Anatoly, que estava estendido no chão, perto da porta; encostou o cano do rifle em seu peito. O soldado fitava-o com expressão apavorada.

□ Saia □ ordenou Ellis, com um aceno de cabeça.

O soldado com preendeu e pulou pela porta. O piloto ainda estava caído, dando a impressão de que tinha dificuldade para respirar. Ellis chutou-o para atrair sua atenção e ordenou que saísse também. O homem fez um grande esforço para ficar de pé, ainda segurando a garganta, e saiu pelo mesmo caminho. Ellis acrescentou para Jane: □ Diga a esse sujeito para sair do helicóptero e parar bem perto, de costas para mim. E depressa! Jane gritou uma porção de palavras em russo para Anatoly. O homem levantou-se, lançou um olhar de intenso ódio para Ellis e depois saiu do helicóptero, devagar.

Ellis encostou o cano do rifle na nuca de Anatoly e disse a Jane: □ Mande ele ordenar aos outros para ficarem quietos. Jane tornou a falar e Anatoly gritou uma ordem. Ellis olhou ao redor. O piloto, o artilheiro e o soldado que estivera no helicóptero se mantinham nas proximidades. Um pouco além estava Jean-Pierre, sentado no chão, segurando o tornozelo: ele deve ter caído bem, pensou Ellis, não sofreu qualquer ferimento grave. Mais além estavam três soldados, o capitão, o cavalo e Halam. Ellis disse a Jane: □ Mande Anatoly desabotoar o casaco, tirar a pistola bem devagar e entregá-la a você.

Jane traduziu. Ellis comprimou o cano do rifle com mais força na nuca de Anatoly, enquanto o russo tirava a arma do coldre e a estendia para trás.

Jane pegou-a. Ellis perguntou: □ É um a Makarov? Ótimo. Tem um a trava de segurança no lado esquerdo. Em purre até cobrir o ponto verm elho. Para disparar, puxe para trás o cursor e depois aperte o gatilho. Entendido?

□ Entendido.

Jane estava pálida e trêm ula, m as a boca se contraía num a expressão de determ inação.

Ellis acrescentou: □ Diga a ele para m andar os soldados trazerem suas arm as até aqui, um a um , e j ogá-las no helicóptero.

Jane traduziu e Anatoly deu a ordem .

□ Aponte a pistola para cada um no m om ento em que se aproxim ar
□ disse Ellis para Jane. Um a um , os soldados se adiantaram e se desfizeram de suas arm as.

□ Cinco garotos □ m urm urou Jane.

□ Com o? □ Havia o capitão, Halam e cinco garotos. Só estou vendo quatro agora.

□ Diga a Anatoly que tem de descobrir o outro, se quer viver.

Jane gritou para Anatoly , e Ellis ficou surpreso com a veem ência de sua voz. Anatoly parecia apavorado ao dar a ordem . Um m om ento depois o quinto soldado contornou a traseira do helicóptero e entregou o seu rifle, com o os outros.

□ Muito bom □ m urm urou Ellis a Jane. □ Ele poderia estragar tudo. E agora faça todos deitarem . No m inuto seguinte todos estavam deitados no chão, os rostos virados para baixo.

□ Você tem de arrebentar as algem as com um tiro □ disse Ellis a Jane.

Ele baixou o rifle e estendeu os braços para a porta. Jane puxou o cursor da pistola e encostou o cano na corrente. Postaram -se de tal m aneira a que a bala passasse pela porta aberta.

□ Só espero que m eus pulsos não fiquem quebrados □ m urm urou Ellis. Jane fechou os olhos e puxou o gatilho. Ellis berrou: □ Puta m erda! Os pulsos doíam dem ais no com eço. Logo ele percebeu que não estavam quebrados □ m as a corrente estava. Ele pegou o rifle e

declarou:

□ Quero agora o rádio deles.

Por ordem de Anatoly , o capitão com eçou a desamarrar uma caixa grande do bom do

cavalo. Ellis perguntou-se se o helicóptero tornaria a voar. O trem de pouso estava avariado e podia haver muitos outros danos por baixo; mas o motor e os principais cabos de controle ficavam em cima. Lembrou que na batalha de Darg fizera um Hind com o aquele despenhar por oito ou nove metros e depois tornar a decolar.

Se o outro voara, aquele também tinha de voar, pensou Ellis. Caso contrário... Ele não sabia o que poderia fazer em caso contrário.

O capitão trouxe o rádio, colocou-o no helicóptero e afastou-se em seguida.

Ellis permitiu-se um momento de alívio. com o rádio em seu poder, os russos não poderiam fazer contato com a base. Isso significava que não receberiam reforços nem poderiam alertar ninguém para o que acontecera. Se conseguisse levantar voo com o helicóptero, estaria a salvo da perseguição.

□ Mantenha sua pistola apontada para Anatoly □ disse ele rapidamente a Jane. □ Vou descobrir se posso levar esta coisa para o ar.

Jane descobriu que a arma era surpreendentemente pesada. Apontando para Anatoly , manteve o braço estendido por algum tempo, mas logo teve de baixá-lo para descansar.

Ela afagou as costas de Chantal com a mão esquerda. Chantal chorara de forma intermitente durante os últimos minutos, mas agora parara.

O motor do helicóptero virou, engasgou, hesitou. Oh, por favor, pegue logo, rezou Jane.

Por favor! O motor pegou, as pás começaram a girar.

Jean-Pierre levantou os olhos.

Não se atreva, pensou Jane. Não se mexa! Jean-Pierre empergou-se no chão, fitou-a e levantou-se com evidente dificuldade. Jane apontou a pistola para ele.

Jean-Pierre com eçou a avançar.

□ Não m e obrigue a atirar em você! □ gritou ela.

Mas a voz foi abafada pelo crescente rugido do helicóptero. Anatoly devia ter visto Jean-Pierre, pois rolou no chão e sentou. Jane apontou-lhe a pistola. Ele levantou as m ãos, em rendição. Jane virou a arm a para Jean-Pierre, que continuava a se adiantar. Ela sentiu o helicóptero estrem ecer e tentar alçar voo.

Jean-Pierre estava perto agora. Jane podia ver seu rosto claram ente. As m ãos estavam estendidas, num gesto de apelo, m as havia um brilho de loucura nos olhos. Ele perdeu o j uízo, pensou Jane; m as talvez j á tivesse acontecido há m uito tem po.

□ Juro que atiro! □ gritou Jane, m esm o sabendo que ele não podia ouvi-la. □ Juro que atiro!

O helicóptero elevou-se do solo. Jean-Pierre desatou a correr.

Enquanto o aparelho subia, Jean-Pierre pulou e caiu no convés. Jane torceu para que ele tornasse a cair, m as Jean-Pierre conseguiu se firm ar. Fitou-a com ódio nos olhos, contraiu-se para atacá-la.

Jane fechou os olhos e puxou o gatilho.

A arm a explodiu e se sacudiu em sua m ão.

Ela tornou a abrir os olhos. Jean-Pierre ainda estava ali, com um a expressão de espanto.

Um a m ancha escura espalhava-se pelo peito do casaco. Em pânico, Jane puxou o gatilho outra vez e m ais outra e m ais outra. Errou os dois prim eiros tiros, m as o terceiro aparentemente atingiu-o no om bro. Jean-Pierre virou e depois caiu pela porta aberta. E sum iu.

Eu o m atei, pensou Jane.

A princípio, sentiu um a exultação incontrolável. Ele tentara capturá-la, queria transform á-la em escrava. Caçara-a com o a um anim al. Além de traí-la, tam bém a agredira.

E agora ela o m atara.

E, depois, foi dom inada pelo desespero. Sentou-se no chão, soluçando. Chantal tam bém se pôs a chorar e Jane em balou-a, enquanto choravam j untas.

Ela não soube por quanto tempo ficou assim. Acabou se levantando e se adiantou para ficar ao lado do assento do piloto.

□ Você está bem? □ gritou Ellis.

Ela acenou com a cabeça e tentou exibir um sorriso. Ellis também sorriu, apontou para um monitor e gritou: □ Olhe só! Os tanques estão cheios!

Jane beijou-o no rosto. Um dia lhe contaria que atirara em Jean-Pierre, mas não agora.

□ Falta muito para a fronteira?

□ Menos de uma hora. E eles não podem enviar ninguém em nosso encalço porque trouxeram o rádio. Jane olhou pelo pára-brisa. Podia ver à frente as montanhas de picos nevados que deveria escalar. Acho que eu não conseguiria, disse para si mesma. Acho que teria me deitado na neve e morrido. Ellis tinha uma expressão ansiosa.

□ Em que está pensando? □ perguntou ela.

□ Em com o que gostaria de comer um sanduíche de rosbife, alface, salada e maçã, com um pão de trigo integral.

Jane sorriu. Chantal remexeu-se e gritou. Ellis tirou um das mãos dos controles e acariciou sua face rosada, murmurando: □ Ela está com fome.

□ Vou cuidar dela lá atrás.

Jane voltou à cabine de passageiros e sentou-se no banco. Desabotoou o casaco e a blusa, e amamentou a filha enquanto o helicóptero voava para o sol nascente.

*** Parte Três ***

Capítulo 20

Jane sentia-se satisfeita ao descer pelo caminho da casa numa comunidade suburbana e sentar no banco de passageiro do carro de Ellis. Fora uma tarde perfeita. As pizzas estavam ótimas, e Petal adorava Flashdance. Ellis se mostrou muito tenso ao apresentar a filha à namorada, mas Petal ficara encantada com Chantal, que estava com seis meses, e tudo fora fácil. Ellis sentia-se tão bem que sugerira, quando foram levar Petal em casa, que Jane entrasse para conhecer Gill. E Gill

os convidara a entrar e brincara com Chantal. Assim, Jane conhecera sua ex-esposa, assim com o a filha, num a só tarde.

□ Ellis □ Jane não se acostumara ao fato de que seu verdadeiro nome era John e decidira chamá-lo sem prede Ellis □ pôs Chantal no banco de trás e foi sentar-se ao volante, ao lado de Jane.

□ O que achou? □ perguntou ele, enquanto partiam.

□ Você não me disse que ela era linda □ comentou Jane.

□ Petal é linda?

□ Eu estava falando de Gill □ explicou Jane, rindo.

□ Tem razão, ela é mesmo linda.

□ São ótimas as pessoas e não merecem estar envolvidas com alguém com o você.

Ela estava rindo, mas Ellis acenou com a cabeça, uma expressão sombria. Jane inclinou-se e pôs a mão em sua coxa.

□ Eu não estava falando sério.

□ Mas é verdade.

Eles seguiram em silêncio por algum tempo. Já se haviam passado seis meses desde que haviam escapado do Afeganistão. De vez em quando Jane desatava a chorar, sem qualquer motivo aparente, porém não tinha mais pesadelos em que atirava em Jean-Pierre repetidamente.

Só ela e Ellis sabiam o que acontecera □ Ellis até mentira a seus superiores sobre a maneira com o Jean-Pierre morrera □ e Jane decidira que contaria a Chantal que o pai morrera na guerra no Afeganistão: só isso.

Em vez de voltar direto para a cidade, Ellis seguiu por uma série de ruas secundárias e acabou estacionando junto a um terreno baldio, à beira d'água.

□ O que vêm os fazer aqui? □ indagou Jane. □ Nos beijar?

□ Se você quiser. Mas preciso conversar com você.

□ Muito bem.

☐ Foi um dia maravilhoso.

☐ Foi mesmo.

☐ Petal esteve mais descontraída comigo hoje e do que em qualquer outra ocasião anterior.

☐ Por quê?

☐ Tenho uma teoria. Foi por sua causa e de Chantal. Agora que sou parte de uma família, não represento mais uma ameaça para o seu lar e sua estabilidade. Acho que é isso.

☐ Creio que faz sentido. É sobre isso que você queria falar?

☐ Não. ☐ Ellis hesitou. ☐ Estou deixando a Agência.

Jane balançou a cabeça.

☐ Fico contente ☐ declarou ela, com veemência.

Jane esperava por algo assim. Ellis se empenhava em acertar suas contas e dívidas.

☐ A missão afegã está basicamente concluída ☐ continuou ele. ☐ O programa de treinamento de Masud está em andamento e eles já receberam a primeira remessa. Masud está tão forte que até já negociou uma trégua de inverno com os russos.

☐ Isso é ótimo. Sou a favor de qualquer coisa que leve a um cessar-fogo.

☐ Quando eu estava em Washington e você em Londres, ofereceram-me outro cargo. É

uma coisa que quero fazer e ainda por cima pagam bem.

☐ O que é?

☐ Trabalhar numa nova força-tarefa presidencial contra o crime organizado.

Jane sentiu uma pontada de medo no coração.

☐ É perigoso?

☐ Não para mim. Estou muito velho agora para atuar com o agente

secreto. Meu trabalho será o de orientar os agentes secretos.

Jane percebeu que ele não estava sendo absolutam ente sincero.

☐ Quero que m e conte toda a verdade.

☐ Está bem . É m uito m enos perigoso do que o trabalho que eu vinha fazendo. Mas não é tão seguro quanto ser professor de j ardim de infância.

Ela sorriu. Sabia para onde a conversa estava levando e isso a deixava feliz.

Ellis acrescentou: ☐ E tam bém ficarei baseado aqui em Nova York.

Isso a pegou de surpresa.

☐ É m esm o?

☐ Por que está tão espantada?

☐ Porque m e candidatei a um em prego na ONU. Aqui em Nova York.

☐ Você não m e disse que ia fazer isso! ☐ protestou Ellis, parecendo m agoadado.

☐ E você não m e falou sobre os seus planos ☐ declarou ela, indignada.

☐ Estou contando agora.

☐ E eu estou contando a você agora.

☐ Mas... você m e deixaria?

☐ Por que tem os que viver onde você trabalha? Por que não podem os viver onde eu trabalho?

☐ Nos m eses em que estivem os separados, esqueci com pletam ente com o você é teim osa.

☐ Tem razão.

Houve um instante de silêncio. Depois Ellis m urm urou: ☐ Sej a com o for, nós dois vam os viver em Nova York...

☐ Poderiam os partilhar as despesas de casa?

☐ Acho que sim ☐ respondeu ele, hesitante.

Então Jane arrependeu-se de perder a calma. Ellis não era realmente desatencioso, apenas um tolo. Ela quase o perdera no Afeganistão e agora não podia ficar zangada com ele por muito tempo, porque sempre se lembraria de como ficara assustada com a possibilidade de se separarem para sempre e de como se sentira contente por terem permanecido juntos e sobrevivido.

— Está certo — disse ela, a voz mais suave. — Vamos os partilhar as despesas de casa.

— Para ser franco... eu estava pensando em tornar a coisa oficial. Se você quiser.

Era justamente o que Jane estava esperando, mas ela repetiu, com o que se não entendesse: —

Oficial?

— Isso mesmo — balbuciou ele, contrafeito. — Pensei que podíamos os casar. Se você quiser.

Jane riu de satisfação.

— Ajá da maneira certa, Ellis! Peça-me e eu me caso com você!

Ele pegou sua mão.

— Jane, minha querida, eu amo você. Quer se casar comigo?

— Quero! Quero! O mais depressa possível! Amanhã! Hoje!

— Obrigado.

Ela se inclinou e beijou-o.

— Também amo você.

Ficaram sentados em silêncio, de mãos dadas, contendo o pôr-do-sol. Era estranho, pensou Jane, mas o Afeganistão parecia irreal agora, com o um pesadelo, nítido, porém não mais assustador. Ela se lembrou brava muito bem das pessoas — Abdullah e sua mulher, Rabia a parteira, o belo Mohamed, a sensual Zahara e a leal Fara — mas as bombas e os helicópteros, o medo e o sofrimento estavam se desvanecendo de sua memória. Sentia que aquela era a aventura real: casar e criar Chantal, tornar o mundo um lugar melhor para a filha viver.

□ Vam os em bora? □ disse Ellis.

□ Vam os. □ Jane apertou-lhe a mão mais uma vez e depois soltou-a. □ Tem os muito que fazer.

Ele ligou o carro e seguiu para a cidade.



Bibliografia

Os livros sobre o Afeganistão relacionados a seguir são de autores que visitaram o país depois da invasão soviética em 1979: Chaliand, Gerard: Report from Afghanistan. New York, Penguin, 1982.

Fullerton, John: The Soviet Occupation of Afghanistan. Londres, Methuen, 1984. Gall, Sandy : Behind Russian Lines. Londres, Sidgwick & Jackson, 1983.

Martin, Mike: Afghanistan: Inside a Rebel Stronghold. Poole, Blandford Press, 1984. Ryan, Nigel: A Hitch or Two in Afghanistan. Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1983. Van Dyk, Jere: In Afghanistan. New York, Coward-McCann, 1983.

O livro padrão de referência ao Afeganistão é: Dupree, Louis: Afghanistan. Princeton, Princeton University Press, 1980. Sobre as mulheres e crianças, recomendamos as seguintes obras: Bailleau Lajoie, Simone: Conditions de Femmes en Afghanistan. Paris, Editions Sociales, 1980.

Hunte, Pamela Anne: The Sociocultural Context of Perinatal Death in Afghanistan. Ann Arbor, University Microfilms International, 1984.

Van Oudenhoven, Nico J.A.: Common Afghan Street Games. Lisse,

Swets & Zeitlinger, 1979.

O livro de viagem clássico sobre o Vale Panisher e o Nuristan é:
Newby , Eric: A Short Walk in the Hindu Kush. Londres, Seeker &
Warburg, 1958.

Document Outline

- [Rosto](#)
- [Sinopse](#)
- [O autor](#)
- [Nota](#)
- [*** Parte Um ***](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
- [*** Parte Dois ***](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)
 - [Capítulo 12](#)
 - [Capítulo 13](#)
 - [Capítulo 14](#)
 - [Capítulo 15](#)
 - [Capítulo 16](#)
 - [Capítulo 17](#)
 - [Capítulo 18](#)
 - [Capítulo 19](#)
- [*** Parte Três ***](#)
 - [Capítulo 20](#)
 - [Bibliografia](#)